



Universidade Católica Portuguesa Centro Regional de Braga

DIÁRIO GRÁFICO: COLEÇÃO DE MOMENTOS NA CONSTRUÇÃO DO PROCESSO CRIATIVO

Relatório de Estágio apresentado à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em **Ensino de
Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e
no Secundário.**

Ana Maria Pereira Alves



FACULDADE DE FILOSOFIA
JULHO 2014



Universidade Católica Portuguesa Centro Regional de Braga

DIÁRIO GRÁFICO: COLEÇÃO DE MOMENTOS NA CONSTRUÇÃO DO PROCESSO CRIATIVO

Local do Estágio: Didáxis – Cooperativa de
Ensino – Riba de Ave

Relatório de Estágio apresentado à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em **Ensino de
Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico
e no Secundário.**

Ana Maria Pereira Alves

Sob a Orientação da Prof.^a Doutora **Maria Helena
Cardoso Palhinha**



FACULDADE DE FILOSOFIA
JULHO 2014

Agradecimentos

Este trabalho representa a conclusão de uma etapa muito importante e necessária na minha vida. Para que fosse possível concretizá-la, o apoio de algumas pessoas foi elementar em diversas situações.

Aos meus pais que viveram comigo este momento, sempre me ensinaram e ajudaram a seguir em frente, contornando os obstáculos que foram surgindo nesta caminhada para poder construir o futuro com empenho e responsabilidade.

No lugar de maior destaque está o meu filho Tiago, ao qual dedico este trabalho, por ser o meu grande pilar emocional e afetivo. Perdi grandes momentos da sua infância causados pela minha ausência, as minhas desculpas pela falta de atenção, tolerância e afeto. Irei compensá-lo, usufruir mais da sua companhia e ajudá-lo a explorar o seu desenho e a sua criatividade.

Ao meu marido Pedro, pela preciosa ajuda e dedicação nos momentos que mais necessitei, sem ele teria sido ainda mais difícil.

À família do Pedro pelo apoio prestado, simplificando sempre as minhas tarefas para que pudesse dedicar mais tempo ao curso.

Os meus sinceros agradecimentos aos que contribuíram e me fortaleceram nesta investigação. Aos professores do Mestrado que me forneceram conhecimentos indispensáveis à realização do presente trabalho. À Didáxis Cooperativa de Ensino pela oportunidade. À Professora Orientadora Cristina Anjo, pela orientação e profissionalismo. Aos alunos, que contribuíram para que este estudo fosse possível.

À minha Orientadora, Doutora Helena Palhinha, pela disponibilidade sempre manifestada, pela orientação e competência científica, pelas correções, sugestões e comentários oportunos.

Ao amigo, José Cardoso, que gentil e prontamente fez a leitura do relatório, pelos valiosos esclarecimentos e trocas de impressões.

Obrigada a todos!

Resumo

Neste relatório da prática pedagógica supervisionada abordaremos a relevância dos fatores que promovem ou inibem o processo da criatividade do aluno, procurando-se implementar estratégias propostas por diversos autores, como Amabile, Alencar, Sternberg e Lubart, de modo a estimular a prática do desenho.

O enquadramento teórico que subjaz ao trabalho desenvolvido durante o estágio teve sempre presente a importância do desenho como um elemento indispensável em toda a linguagem plástica. Como tal, a sua utilização através do Diário Gráfico coloca este suporte como um instrumento pedagógico e campo de experimentação ilimitado, que inspira diversas significações de registo gráfico, ao mesmo tempo que exercita, amplia e cruza os conteúdos da disciplina e os de outras áreas.

A prática do desenho expressivo em Diário Gráfico, cujos temas foram fornecidos sob a forma de textos, e cujos materiais e técnicas foram trabalhados em contexto de sala de aula, permitiu-nos observar uma transformação gradual do processo criativo do aluno, contribuindo para desenvolver a perceção e a expressão gráfica, e tornar os alunos mais reflexivos e críticos, atitudes necessárias para a formação da singularidade e vivência de cada um.

Palavras-chave: Diário Gráfico, desenho, criatividade, processo criativo.

Abstract

The Supervised Teaching Practice Report deals with elements that bear relevance to identifying factors that encourage or inhibit students' creative processes, by implementing effective strategies, as proposed by authors like Amabile, Alencar, Sternber e Lubart, as a means to stimulate drawing practice.

The theoretical framework, based on the work carried out during the internship, takes into consideration the fundamental importance of the practice of drawing as an intrinsic component of all plastic language.

Therefore, the use of the sketchbook proves to be an important pedagogical tool which provides students with a record of their unlimited experimentation and is a constant source of inspiration, always open to various interpretations and simultaneously encouraging the practice of sketching, which broadens and crosses its content with other teaching subjects.

The practice of expressive drawing in a sketchbook, based on topics depicted in text form, and whose techniques were carried out in the classroom context, revealed the students' gradual creative process, contributed to the development of their individual perception and graphic expression, building a critical and reflexive conscience which are the essential tools in shaping the uniqueness of their own life experiences.

Key words: Sketchbook, drawing, creativity, creative process

Abreviaturas

DG - Diário Gráfico

EV - Educação Visual

PEI - Programa Educativo Individual

PNL - Plano Nacional de Leitura

MIP - Modelo de Intervenção Pedagógico

TTCT - Torrance Test of Creative Thinking

Índice

1. Introdução.....	10
1.1 Questões de partida	12
Parte I – Enquadramento teórico.....	13
2. As Artes na Educação.....	13
2.1 Panorama educativo	13
2.2 A importância das Artes na Educação.....	16
2.3 A disciplina de Educação Visual no 3º ciclo.....	20
3. A Criatividade no Ensino	22
3.1 A dimensão da Criatividade	22
3.2 Fatores que influenciam o potencial criativo	24
3.3 Etapas do processo criativo	27
3.4 Criatividade como estratégia de ensino.....	29
3.5 Técnicas de estímulo à criatividade	32
4. Desenho em Diário Gráfico.....	35
4.1 As capacidades do Desenho	35
4.2 O Desenho e a fase da adolescência.....	38
4.3 Diário Gráfico – definições e dimensões	41
4.4 Diário Gráfico como estímulo do Desenho.....	45
4.5 O Desenho Expressivo	49
4.6 Criatividade, imaginação, fantasia e suas relações	53
4.7 Ilustração: desenho e texto em Diário Gráfico.....	55
4.8 A pertinência da Cultura Visual para o Diário Gráfico.....	57
Parte II – Trabalho de Campo	59
5. Intervenção Pedagógica.....	59
5.1 Objetivos da intervenção pedagógica.....	59
5.2 Caracterização da escola	60

5.3	Caracterização do grupo/turma	61
5.4	Modelo de Intervenção Pedagógico	64
5.4.1	Intervenção pedagógica desenvolvimento das Unidades de Trabalho	69
5.4.2	Atividades complementares	74
5.4.2.1.	O projeto Diário Gráfico versus Plano Nacional de Leitura	74
5.4.2.2.	O Blogue.....	77
5.4.2.3.	Visita de estudo à Fundação Cupertino de Miranda.....	78
5.4.2.4.	Workshop de Ilustração	79
6.	Tratamento e Análise de dados.....	80
6.1	Metodologia de Investigação	80
6.2	Instrumentos e procedimentos de recolha de dados	80
6.3	Análise e tratamento de dados: critérios	81
6.3.1	Pré e pós-teste: Desenho expressivo - critérios técnicos	83
6.3.2	Pré e pós-teste: Criatividade - critérios cognitivos e emocionais	85
6.3.3	Questionário.....	88
6.4	Interpretação dos resultados	95
7.	Conclusões.....	100
8.	Bibliografia referenciada	101
9.	Webgrafia referenciada.....	106
	ANEXOS.....	108
1.	Anexo I - Ficha biográfica do aluno	109
2.	Anexo II - Questionário - Diário Gráfico	109
3.	Anexo III - Tabela do Teste de TTCT de Torrance.....	109
4.	Anexo IV - Planificação – Projeto Diário Gráfico - Plano Nacional de Leitura.....	109
5.	Anexo V - Apresentação visual em power point – Diário Gráfico	109
6.	Anexo VI - Texto para ilustração - pré-teste e pós-teste	109
7.	Anexo VII - Ilustrações no âmbito do pré e pós-teste	109

8. Anexo VIII - Ilustrações – Mapa mental: Diário Gráfico	109
9. Anexo IX - Unidades temáticas - Dinamização das aulas e respetivos trabalhos práticos	109
10. Anexo X - Planificações das aulas – 1 a 14 (1º, 2º e 3º períodos)	109
11. Anexo XI – Frases dos alunos sobre o Diário Gráfico.....	109

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Modelos de desenvolvimento da criatividade.....	65
Tabela 2 - Operacionalização dos modelos com a dinamização das aulas.....	67
Tabela 3 - Unidade de trabalho - Desenho de Observação.....	70
Tabela 4 - Unidade de trabalho - Educação Artística e Plástica.....	71
Tabela 5 - Unidade de trabalho - Arte Postal.....	72
Tabela 6 - Unidade de trabalho - Geometria no Plano.....	73
Tabela 7 - Unidade de trabalho - Geometria no Espaço.....	73
Tabela 8 - Desenho Expressivo - critérios técnicos.....	84
Tabela 9 - Criatividade - critérios cognitivos.....	86
Tabela 10 - Criatividade - critérios emocionais	87

1. Introdução

Este relatório de estágio, apresentado e redigido no âmbito do Mestrado em Ensino das Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, pretende expor e refletir os dados alcançados no decorrer do estágio pedagógico. Este estudo teve como finalidade proporcionar aos alunos aprendizagens úteis ao desenvolvimento da prática do desenho expressivo e criativo em suporte de Diário Gráfico. Procurou-se investigar questões ligadas à educação artística, criatividade, imaginação, desenho expressivo e de ilustração, de modo a entender a importância da sua operacionalização com o Diário Gráfico.

Durante a observação das aulas da turma 8 do 9º ano de escolaridade, na disciplina de Educação Visual, na Didáxis – Cooperativa de Ensino – Riba de Ave, e após a caracterização da turma (com base na ficha biográfica de cada aluno, Anexo I), verificamos que esta apresentava ofertas formativas de carácter artístico ao nível do 3º ciclo como a Música, Teatro, Dança, Educação Tecnológica e Educação Visual. Saliente-se que poucos alunos optaram pela disciplina de Educação Visual no decurso do 3º ciclo.

A atualização do currículo em vigor vem, por seu lado, “reforçar as áreas disciplinares fundamentais” (Revisão da Estrutura Curricular, 2012, p.2), nomeadamente a de Educação Visual, aumentando os seus tempos letivos, e considerando a disciplina de carácter obrigatório, conforme se pode atestar no documento de revisão da estrutura curricular. Na minha observação da turma verifiquei, no entanto, que a maioria dos alunos tem demonstrado algumas limitações e dificuldades nas exigências da temática proposta, desenho de observação, causado pelo “afastamento” da frequência da disciplina.

Neste sentido, achamos pertinente promover a prática do desenho em Diário Gráfico, pois tornava-se necessário desenvolver alguns conceitos sobre a temática do desenho de observação e ilustração. Sendo o Plano Nacional de Leitura uma premissa que a escola Didáxis validou, e atendendo a que, através da dualidade escrita/desenho, o aluno poderia desenvolver todo o tipo de aptidões que o tornariam um “ser mais completo”, a pertinência da utilização de um Diário Gráfico, enquanto mais-valia de uma consciencialização da realidade perante registos gráficos de experiências vividas, poderia ser um instrumento vantajoso na prática do desenho.

Esta pesquisa fundamenta-se não só na compreensão de novas orientações e conceções aliadas ao processo de ensino aprendizagem, como também valoriza a própria disciplina de Educação Visual como uma área lúdico-expressiva indispensável à formação integral do aluno, tão importante como outra área do currículo.

Assim, para dar sequência e cumprimento aos objetivos desta investigação, este relatório organiza-se em duas partes. Na primeira parte do trabalho surge a fundamentação teórica que orienta este estudo, e na segunda parte expomos o nosso trabalho de campo, a metodologia utilizada, a análise e interpretação dos resultados.

A primeira parte divide-se em três capítulos. O segundo capítulo integra o contexto do panorama educativo e o contributo das artes na educação, enquanto fundamentais para o desempenho do aluno na disciplina de Educação Visual no 3º Ciclo. Assumindo que o construto da criatividade assume um papel dominante nas artes, e é cada vez mais indispensável à nossa existência, procurou-se compreender, no terceiro capítulo, o processo de criatividade, as condições que influenciam o potencial criativo e a sequência das etapas do processo criativo do aluno. Considerando a relevância destes conceitos no ensino, serão abordadas algumas estratégias que ajudam a desenvolver a criatividade do aluno concebidas por Sternberg e Williams que na prática letiva fomos adotando nas diversas situações.

Num ambiente de sala de aula em que o professor se adapta e desenvolve materiais para as diversas situações, ações e experiências reais, isto é, numa aprendizagem conjunta, o professor assume-se “como facilitador, (...) consciente das mudanças repentinas no modo de pensar dos alunos e os encoraja a confiarem nas suas aptidões. Isto requer adaptação, flexibilidade, experimentação (...) autonomia e domínio das várias formas pedagógicas e culturais de conhecimento, controlo dos processos educacionais e liberdade para organizar e negociar” (Woods, 1999, p.129). Na formação do aluno, apenas a transmissão de conhecimentos não é suficiente, devendo ser facultados recursos para promover o potencial criativo e preparando-os para novos desafios e diferentes situações. Deste modo, apresentamos técnicas de criatividade utilizadas em contexto de sala de aula, como o brainstorming, o mapa mental e o pensamento lateral ou divergente.

No capítulo quatro, descrevemos os conceitos que nos ajudam a definir a ação do aluno através do desenho em Diário Gráfico, ancoradas pela criatividade e imaginação, e procuramos evidenciar a importância que o desenho possui na formação intelectual do indivíduo, baseado em estudos de educadores e psicólogos. Pretendemos abordar aspetos relacionados com a prática do desenho, de modo a salientar singularidades dessa linguagem e a sua interação com o desenvolvimento do potencial criativo do aluno. Ao longo do enquadramento teórico, analisamos as diversas contingências do Diário Gráfico, objeto central deste estudo, no qual serão problematizadas questões, determinados os conceitos, terminologias, finalidades e evidenciada a relevância deste suporte na evolução do desenho expressivo e criativo do aluno.

Na segunda parte, referente ao trabalho de campo, e num quinto capítulo, expomos os objetivos da intervenção, traçamos o modelo de intervenção pedagógico utilizado e baseado nas propostas dos modelos de desenvolvimento da criatividade de Sternberg e Lubart, Amabile e Alencar, expondo o motivo da sua seleção, os recursos utilizados ao nível da dinamização das aulas assim como as atividades extra sala de aula.

No sexto capítulo apresentamos a metodologia de investigação e os instrumentos utilizados para a recolha de dados, seguindo-se a análise e interpretação dos resultados obtidos no pré e pós-teste, e no questionário.

Finalmente, concluímos com uma reflexão final alusiva à utilização do Diário Gráfico no contexto da disciplina e a importância de promover o potencial criativo como suporte na orientação e construção do desenvolvimento e identidade do aluno.

1.1 Questões de partida

As questões delineadas como ponto de partida foram as seguintes:

- Em que medida a introdução do Diário Gráfico pode contribuir para a mudança de atitude em relação à valorização da disciplina de Educação Visual?
- Qual a importância do Diário Gráfico para a turma?
- Como motivar a turma para desenvolver a criatividade?
- Como intervir com o suporte do Diário Gráfico?
- Que influência tem a utilização do Diário Gráfico na expressividade do desenho?
- Perante os resultados obtidos, houve evolução no processo criativo dos alunos?

A procura de respostas materializou-se, ao longo dos três períodos letivos, na construção de várias etapas construídas com base nas unidades temáticas propostas na planificação anual da turma.

Parte I – Enquadramento teórico

2. As Artes na Educação

2.1 Panorama educativo

Vive-se um tempo de mudanças sócio-históricas¹ e culturais que alteram a configuração do panorama educativo a ritmos acelerados, o que nos obriga a uma requalificação do seu papel e o dos seus agentes.

Essas mudanças têm sido olhadas com ceticismo, e “a sociedade parece que deixou de acreditar na educação como promessa de um futuro melhor” (Esteve, 1999, p.95). A desilusão e a renúncia que os professores têm manifestado perante a sua profissão foram evoluindo para uma insegurança em relação às políticas educativas, e tem levado ao "mal-estar docente" (Esteve, 1999, p. 96)

“Ensinar hoje é muito diferente do que era há vinte anos” (Esteve, 1999, p.98).

José Esteve (1999) traça um conjunto de problemas que, na sua perspetiva, têm afetado os professores. Nesta análise enumera indicadores que resumem as recentes mudanças na área da educação nos últimos 20 anos, reportando-se ao contexto social da profissão docente, e incidindo na atuação do professor em contexto sala de aula e no trabalho escolar. Destacam-se de entre as indicadas, as seguintes: o aumento das exigências e responsabilidades em relação ao professor; o desenvolvimento das fontes de educação, que obriga o professor a alterar o seu papel de transmissor de conhecimentos; a rutura do consenso social sobre a educação; o vivermos atualmente numa sociedade pluralista cujos modelos de educação e valores de referência são divergentes e contraditórios; o aumento das contradições no exercício da docência, derivadas de diversos modelos educativos; a modificação do apoio da sociedade ao sistema educativo, uma vez que, como exemplifica o autor, há vinte anos os pais apoiavam o sistema de ensino e os professores perante a aprendizagem, atualmente defendem incondicionalmente os alunos; menor valorização social do professor; a mudança de conteúdos curriculares que se apresentem úteis para a sociedade; escassez de recursos materiais e deficientes condições de trabalho que constituem entraves a práticas inovadoras; mudanças na relação professor aluno e, por último, a fragmentação do trabalho do professor levando-o à

¹ De entre as quais podemos salientar o alargamento da escolaridade obrigatória, a democratização do ensino – escola para todos, o insucesso escolar, a diversificação curricular - a valorização da individualidade, e mais recentemente, a crise económica.

incapacidade de cumprir as várias funções a que está submetido, levando ao problema da qualidade de ensino (pp. 99-108).

Neste domínio, Nóvoa (1999) argumenta que os valores que sustentaram a génese da profissão docente caíram em desuso, “fruto da evolução social e da transformação dos sistemas educativos” (p.28). Hoje, os grandes ideais da educação necessitam de ser repensados para conduzir e nortear a ação pedagógica e a docência.

Na opinião de Herbert Read (2010), “o que está errado no nosso sistema educacional é precisamente o nosso hábito de estabelecer territórios separados e fronteiras invioláveis” (2010, p.24). Alterar esse hábito pressupõe a necessidade de flexibilizar e articular conteúdos e práticas letivas, inovando nos recursos e estratégias de ação educativa. Neste desafio, são os professores o principal motor da mudança. Na verdade, eles podem mudar as práticas pedagógicas, interrogando-se, para que se tornem promotores de renovação e inovação curricular, permitindo-lhes saber gerir e adaptar o contexto onde se inserem, contribuindo, assim, para o desenvolvimento intelectual, afetivo e para a aquisição de aptidões, que influenciam outras dimensões da personalidade do aluno, tais como atitudes, valores, motivação e, naturalmente, as suas ambições.

O que se pretende é que haja formação de cidadãos ativos, autónomos e interventivos para desenvolver uma sociedade mais democrática e mais reflexiva. O processo educativo deve ser pertinente e responder às situações e exigências da sociedade em permanente mutação, mas, como “(...) não há uma Educação do abstracto: o que de facto há, sempre, é uma história pessoal, é um processo individual, de transformação do indivíduo em pessoa, resultante de motivações intrínsecas e da acção directa e indirecta dos outros” (Boavida & Amado, 2008, p.156), é necessário que a ação educativa seja adaptável a diferentes contextos e singulares indivíduos para que neles exerça uma transformação consistente. É através da ação exercida nos e pelos indivíduos, que se transforma e reformula a sociedade.

Na Lei de Bases do Sistema Educativo nº 49/2005 de 30 de Agosto, no seu artigo 2º, alíneas 4 e 5, é mencionado que o sistema educativo deve responder às necessidades resultantes da realidade social, e contribuir para desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos, abertos ao diálogo e à troca de ideias, incentivando a formação para a autonomia e responsabilidade com espírito crítico e criativo, empenhando-se na sua transformação progressiva.

Perante este artigo, a educação tem como objetivo principal preparar os alunos para uma sociedade mais exigente, sendo subjacente que desenvolver a liberdade de pensamento, a

imaginação e a criatividade é fundamental na construção da sua individualidade enquanto indivíduo, pessoa e membro da sociedade.

É de salientar também o contributo do relatório para a UNESCO sobre a Educação para o século XXI, da autoria de Jacques Delors, intitulado *Educação: Um tesouro a Descobrir* (1997), no qual se ressalta uma educação estruturada com base em quatro aprendizagens fundamentais, consideradas como os «quatro pilares da Educação»:

“*aprender a conhecer*, isto é adquirir os instrumentos da compreensão; *aprender a fazer*, para poder agir sobre o meio envolvente; *aprender a viver juntos*, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente *aprender a ser*, via essencial que integra os três precedentes” (Delors, 1997, pp. 89-90).

Concordamos com estes ideais para a educação e sabemos que o desafio dos professores é enorme. Mas o que é essencial encarar neste processo é que, embora a sociedade necessite da educação e da ação dos professores para atingir os seus objetivos, as responsabilidades educacionais da família na contemporaneidade são essenciais para a formação de valores e para o desempenho dos alunos. Nóvoa (1999) diz que “os professores têm de reencontrar novos valores, que não reneguem as reminiscências mais positivas (e utópicas) do idealismo escolar, mas que permitam atribuir um sentido à acção presente” (p.29). Nesta perspetiva, Jacques Delors (1997) menciona que esta tarefa deve ser “não só dos responsáveis pelas políticas educativas e dos professores mas de todos os atores da vida coletiva” (p.188), para que o caminho seja feito na mesma direção, na edificação uma educação de qualidade.

Os diversos problemas educacionais associados à desordem, à irreverência e à falta de limites no cumprimento de regras de conduta são também da responsabilidade da família. Contudo, a expectativa da escola em fornecer e sustentar a instrução é em diversas situações equívoca. Por outro lado, é urgente encorajar o desempenho da docência neste cenário de desmotivação e desconforto com as políticas educativas, “é preciso mais empenho em manter a motivação dos professores em situações difíceis e, para conservar no ensino os bons professores [é necessário] oferecer-lhes condições de trabalho satisfatórias” (Delors, 1997, p. 160).

No prefácio redigido pelo primeiro-ministro Passos Coelho à obra de Santana Castilho, *O ensino passado a limpo*, o próprio reconhece que os últimos anos trouxeram uma “burocratização insuportável em torno de todo o processo educativo, descaracterizando as missões dos diversos intervenientes, sobretudo notório no caso dos professores” (*apud* Castilho 2011, p.9). Acrescenta ainda, que é urgente simplificar os procedimentos administrativos e apostar nos “objetivos de qualificação e exigência do Ensino, valorizando os agentes que melhor podem responder por esses objetivos” (*ibidem*).

Neste sentido, ressaltamos que uma das medidas propostas por Castilho (2011), que consideramos essencial face à burocracia inimaginável e inútil, seria “devolver aos professores espaço e tempo para reflexão sobre a prática profissional e autoformação” (p. 90), promovendo assim a qualidade e paz no ensino.

2.2 A importância das Artes na Educação

“A arte é o melhor guia para um sistema de educação que tem algo que ver com as variedades naturais de temperamento da personalidade” (Read, 2010, p.200).

As políticas educativas da atualidade levam-nos a questionar o lugar atribuído às artes, assim como o objetivo da educação na evolução do aluno. Herbert Read (2010) considera que a integração de todas as componentes é importante e útil ao indivíduo, afirmando que a “arte é a representação e a ciência a explicação - da mesma realidade” (p.24), reconhecendo, no entanto, que os seus valores e metodologias são, distintos. A este propósito, Elliot Eisner (2008), teórico de grande relevo na área das artes, critica o atual sistema de ensino por este considerar as artes na última posição na educação, dando maior credibilidade às ciências, afirmando que,

“a ciência era considerada fiável, o processo artístico não. A ciência era cognitiva, as artes eram emocionais. A ciência era ensinável, as artes requeriam talento. A ciência podia provar-se, as artes eram questões de preferência. A ciência era útil e as artes ornamentais”(p. 7).

Apesar da importância já fundamentada, por diversos autores, do ensino das artes e do reconhecimento do seu contributo para a formação do indivíduo, persiste ainda no panorama contemporâneo da educação, uma incredulidade do valor das artes, que se deseja alterada. Procurando ser entendida por modos de expressão, cria artistas completos, pela inclusão de “todas as faculdades, de pensamento, lógica, memória, sensibilidade e intelecto” (Read 2010, p.24). Acrescenta-se ainda, que este percurso não linear do processo criativo em artes é propício ao desenvolvimento de capacidades de adaptação a diferentes contextos, sendo estimulativo de flexibilidade cognitiva.

Eisner (2008), no seu artigo, *O que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação?* retrata que a educação pode aprender com as artes de diversas formas. Defende a necessidade de ampliar as perspetivas educacionais no circuito de valores que permitam aprimorar a prática pedagógica. Revela que o pensar e o sentir, enraizados no artístico, são relevantes para tudo o que fazemos de forma inseparável. “As artes ensinam os alunos a agir e a julgar na ausência de regras, a confiar nos sentimentos, a prestar atenção a nuances, a agir e a

apreciar as consequências das escolhas, a revê-las e, depois, fazer outras escolhas” (p.9) tornando-os inteligentes qualitativamente.

Segundo este autor, a educação pode aprender das artes a formular objetivos. Os fins podem seguir os meios, mas a ação do indivíduo pode mudá-los, através de novos caminhos a serem seguidos (p.11). A flexibilidade conduz a incertezas e surpresas que são parte integrante do processo. Considera também que o que a educação pode retirar das artes é a relação inextrincável entre forma e conteúdo. A forma como se transmite algo faz parte do conteúdo e define o seu significado, os valores e a cultura. “Muda o ritmo de um verso de poesia e mudará o significado do poema” (p.12).

Outro ponto de vista do autor sobre os modos de pensar as artes é que nem tudo o que é conhecível pode ser articulado de forma proposicional, devemos conhecer através da arte os limites da nossa linguagem. Dewey, citado por Eisner defende que “enquanto a ciência declara significado, as artes expressam significado” (2008, p.12), o significado está para além do afirmado.

Uma das ideias que Eisner (2008) também explora pertence à relação entre o pensamento e o material com que se trabalha na prática da educação. Explorar possibilidades de forma a concretizar os objetivos pode estimular as capacidades imaginativas e originar diversas formas de experiência, potenciando novas aprendizagens. Neste modo de pensamento, a inquietação de Eisner incide na alteração de perspectiva que os objetivos educacionais devem tomar, assim como na mudança de atividades realizadas pelos alunos. O autor descreve que a educação pode aprender com as artes os modos de pensar e o talento artístico que as escolas deviam promover, estimulando o desenvolvimento dos alunos, proporcionando-lhes satisfações estéticas através do desafio que o trabalho em si apresenta (pp.14-16).

Também as autoras Filomena Matos e Helena Ferraz, na análise ao Roteiro de Educação Artística (2006) apontam que as artes têm um papel importante para a aprendizagem das diferentes disciplinas, quer para melhorar a compreensão dos seus conteúdos através das artes visuais ou da música, quer para contribuir na adaptação a distintos estilos de aprendizagem (s.d., p.28).

David Best (1996) também nos oferece o seu contributo sobre o valor das artes na educação, recomendando que o ensino das artes deve ser lecionado nas escolas, pois trás vantagens para o desenvolvimento da formação dos jovens. Defende e apoia os fundamentos das artes, com objetividade e sensibilidade, e prova que o subjetivismo é insustentável, pois considera que, a experiência artística é “totalmente cognitiva e racional” (p.7) como qualquer área e envolve “aprendizagem e compreensão”(ibidem).

Todas as formas de arte têm origem numa delicada sensibilidade do ser humano em confluência com a capacidade, natural e adquirida, de a transmitir aos outros através de diferentes meios e formas tangíveis ou não. Esta capacidade de expressar sentimentos e emoções é uma forma de nos conhecermos, e toda a forma de arte se afirma como um grande contributo para o autoconhecimento, pessoal e da humanidade, “porque é o potencial das artes que aprofunda, alarga e sensibiliza a nossa compreensão e sensibilidade sobre uma variedade imensa de problemas da vida em geral” (Best, 1996, p.234).

Para acrescentar a relevância que as artes têm na educação, a Lei de Bases do Sistema Educativo nº 49/2005 de 30 de Agosto, destaca a importância da cultura, do ensino artístico e da criatividade no ensino. No artigo 7º, alíneas a), b) e c) são, então, mencionados como alguns objetivos do ensino básico:

“a) Assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses que lhes garanta a descoberta e o desenvolvimento dos seus interesses e aptidões, capacidade de raciocínio, memória e espírito crítico, criatividade, sentido moral e sensibilidade estética, promovendo a realização individual em harmonia com os valores da solidariedade social; b) Assegurar que nesta formação sejam equilibradamente inter-relacionados o saber e o saber fazer, a teoria e a prática, a cultura escolar e a cultura do quotidiano; c) Proporcionar o desenvolvimento físico e motor, valorizar as actividades manuais e promover a educação artística, de modo a sensibilizar para as diversas formas de expressão estética, detectando e estimulando aptidões nesses domínios”.

Porcher (1982), identicamente, refere que a prática de actividades artísticas é favorável à formação e desenvolvimento global da personalidade e das capacidades intelectuais do aluno, assim como o contacto precoce e regular com as artes são recursos pedagógicos fundamentais (pp. 29, 30). É neste sentido, que desejamos que o aluno tenha uma aprendizagem consciente e significativa, resultante da sucessão de interrogações e respostas com as quais se vai debatendo, através da experimentação de diferentes materiais e novas formas do fazer artístico, contribuindo para a sua evolução global.

Sousa (2003a) faz referência à Educação Artística argumentando que não se deve ensinar conhecimentos, conceitos ou regras, mas sim proporcionar ao aluno vivências práticas, adquirindo conquistas, fazendo com que ele construa a sua própria aprendizagem desenvolvendo aptidões e formando os seus valores. Para isso, é necessário que a escola/professor propicie um clima favorável à espontaneidade criativa, com liberdade, sem inibições ou constrangimentos, conduzindo o aluno à sua autoeducação. Deve o professor evitar fazer julgamentos sobre o que está certo ou errado, sendo a sua tarefa principal estimular o trabalho, as experiências e as vivências do aluno espoletando deste modo a procura de soluções espontâneas, originais e criativas, incentivando a capacidade de invenção e criatividade (p.145).

A educação pela arte é uma educação do sensível, cuja estimulação e enriquecimento racional influenciam o pensar, o sentir e o agir das crianças e adolescentes. Os conhecimentos adquiridos, as vivências simbólicas e emocionais, os sentimentos proporcionados através da educação pela arte permitem colocar em ação a espontaneidade da criação e da expressividade em todas as áreas artísticas (Sousa, 2003a, pp.82,83).

“As actividades, o material empregue e as obras criadas pelas crianças não têm, em Educação Artística, um fim em si, apenas sendo considerados como meios de: proporcionar à criança possibilidades de se expressar e de desenvolver as suas capacidades criativas, [e] estabelecer relações afectivas” (Sousa 2003a, p.148).

Neste contexto, o Currículo Nacional do Ensino Básico (2001) refere que “as artes são elementos indispensáveis no desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural do aluno. São formas de saber que articulam a imaginação, razão e emoção” (p. 149). É nesta combinação que Ana Mãe Barbosa, uma referência da arte na educação, evidencia que a arte é cognição por incluir a colaboração dos afetos e dos sentidos. Defende também que “através da Arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada” (Barbosa, 2010, p.2).

Fazendo ainda referência às competências gerais definidas na educação artística, estas afirmam que devem permitir a singularidade e a personalidade de forma autónoma e crítica através do processo criativo de cada um, promovendo as suas formas de expressão espontânea (Currículo do Ensino Básico, 2001, p.150).

Torna-se imperativo referir que na educação de hoje, reflexo das solicitações de uma sociedade tão exigente e mutante, necessita-se de respostas imaginativas e fomentar o juízo crítico perante a ausência de regras, trabalhando a flexibilidade, e reforçando a importância do processo (enquanto objetivo em si) e não do produto. É através do modo como o ambiente nas escolas é projetado, da arte e das formas de pensar que a criatividade deve ser incentivada para simplificar a aprendizagem e preparar os alunos para enfrentar melhor o mundo. Urge que se promovam objetivos comuns em prol de um ensino aprendizagem criativo potenciando sinergias entre a arte e a educação.

Deste modo, podemos dizer que “no seu melhor, a educação é o processo de aprender a tornar-se arquiteto da nossa própria educação” (Eisner 2008, p.14).

2.3 A disciplina de Educação Visual no 3º ciclo

Integrada na área de Educação Artística, como disciplina obrigatória no 9º ano de escolaridade, permanece a Educação Visual considerada como “fundamental para a EDUCAÇÃO global do cidadão” (Ajustamento do Programa de Educação Visual 3º Ciclo, s/d, p.2). O programa desta disciplina, foca várias finalidades para o seu desenvolvimento, a saber: desenvolver a perceção, a sensibilidade, a criatividade, a capacidade de expressão, a capacidade de utilizar meios de expressão visual, o sentido crítico, a capacidade de comunicação, o sentido social, a capacidade de intervenção (Programa de Educação Visual, 1991, p.227).

O currículo do ensino básico e a articulação do programa da disciplina são de gestão flexível e não pressupõem uma sequência de conteúdos. As dinâmicas pedagógicas implementadas pelo professor e pela escola devem ter em conta as características da turma, orientando atividades que permitam a aprendizagem de conteúdos facilitadores de códigos visuais e estéticos e aquisição de competências.

Se analisarmos as competências que o aluno deve adquirir à disciplina de Educação Visual, segundo o Currículo Nacional do Ensino Básico no decurso do 3º ciclo do ensino básico, verificamos que as atividades criativas, resultantes da apreciação artística e visitas a museus, estão contempladas através da articulação dos três eixos estruturantes – a fruição-contemplação, produção-criação e reflexão-interpretação (p.157). Para a operacionalização destes eixos, enumeram-se os domínios das competências específicas da comunicação visual e dos elementos da forma, desenvolvendo assim os domínios afetivo, cognitivo e social (Currículo Nacional do Ensino Básico, 2001, p.157). Enquadra-se nesta estrutura a proposta triangular que Ana Mae Barbosa defende, as ações de conhecer, apreciar a obra de arte e fazer arte, um equilíbrio centrado no aluno e no ensino da arte como princípio para desenvolver a sensibilidade estética e a criatividade no aluno (Barbosa, *apud* Ferraz, s.d., p.23).

Nesta disciplina as áreas dominantes que o Currículo Nacional do Ensino Básico salienta são o desenho, as explorações plásticas bidimensionais e tridimensionais e as tecnologias da imagem. Relativamente aos meios de expressão plástica, é sugerido que os exercícios a serem implementados se baseiem na exploração e domínio de materiais e instrumentos adequados às suas necessidades, assim como na análise de temáticas ligadas à cultura artística portuguesa, nomeadamente no estudo de obras do séc. XX² (2001, p.162).

² Para responder a esta necessidade, elegemos o Museu da Fundação Cupertino de Miranda em V.N. de Famalicão como experiência, que permitiu desenvolver experimentações em torno da arte, estimulando o pensamento crítico nos alunos.

Se, por um lado, é necessária a realização das práticas direcionadas para a apreciação estética, por outro, a abordagem do desenho como área dominante deverá explorar a capacidade expressiva através de materiais e instrumentos de expressão visual, tendo em conta a aplicação prática e possibilitando variadas abordagens estético-pedagógicas. Deverão ser utilizados diferentes suportes e materiais riscadores de registos rápidos e de observação, tais como, o lápis, a esferográfica e a caneta, e devem ser visualizados trabalhos de artistas plásticos, ilustrações científicas e desenhos de viagem que recorram a este género de registos gráficos. O desenho, como exercício fundamental de toda a linguagem plástica, deve ser abordado como uma atitude expressiva que “deixa perceber modos de ver, sentir e ser”, estimulando o aluno a “experimentar, comunicar sensações, emoções, interpretações através de instrumentos e dos meios que melhor se adequem à [sua] capacidade expressiva” (Currículo Nacional do Ensino Básico, 2001, p.162). O desenho deverá ser também utilizado como instrumento para construção rigorosa das formas e como sintetização de informação contribuindo para a estruturação de ideias e pensamentos e utopias (Currículo Nacional do Ensino Básico, 2001, pp.162,163).

Verifica-se, contudo, que existe um paradoxo entre o que o programa da disciplina de Educação Visual e o Currículo Nacional do Ensino Básico sugerem e a sua aplicação prática. Apesar dos princípios definidos nos normativos, o que se verifica é que a carga horária distribuída na Matriz Curricular, publicada no Decreto-Lei n.º 139/2012 de 5 de julho e no Diário da República, 1.ª série - N.º 129 - 5 de julho de 2012, é simplesmente insuficiente e simbólica, o que revela uma falta de investimento na área da educação artística dos nossos alunos. Não existe tempo suficiente para que os alunos desfrutem e dominem conceitos, materiais, técnicas e instrumentos para exercitar a sua expressividade e desenvolver a sensibilidade artística e a criatividade. Consequentemente, os alunos vão perdendo destreza manual, aptidões para a representação gráfica, para a fruição da arte e conhecimento do património cultural onde se inserem. É precisamente na disciplina de Educação Visual que começam a nascer futuros arquitetos, designers, artistas plásticos, engenheiros, ilustradores, e que a reorganização curricular tem vindo a demolir constantemente.

3. A Criatividade no Ensino

3.1 A dimensão da Criatividade

“La creatividad es la palabra clave de la nueva cultura” (Quintás,1999, p.456).

A dimensão da criatividade tem conquistado cada vez mais terreno em várias vertentes, não se limitando apenas às artes. Os resultados das investigações de Paul Guilford³ em 1950 e de outros que se seguiram, contribuíram para acabar com o mítico conceito de criatividade (Tschimmel, 2010, p.78). O interesse pelo construto resultou em diversas definições, que evoluíram e que são largamente divulgadas.

Segundo a autora Maron da Cunha (1977), o termo criatividade está ligado ao ato de criar, disposição para criar, criatividade como função inventiva da imaginação criadora, que existe em todos os indivíduos das várias idades (p.26). Para Lopez Quintás (1999), é a capacidade de dar origem a uma nova realidade, implica abertura do sujeito criador a várias realidades (pp.21,22). No entender de Fayga Ostrower (1977), criar é formar, é dar forma a algo novo. O ato criador inclui a capacidade de compreender, e esta abrange a capacidade de relacionar, ordenar, configurar e significar (p.2).

Kneller (1994), em alguns conceitos que apresenta sobre a criatividade, diz-nos que em todas as definições do termo estará incluído um elemento essencial de *novidade*. Criar é descobrir e exprimir uma ideia, que seja nova para quem cria. A criatividade parece envolver capacidades mentais na resolução de problemas, de produzir ideias relevantes e inusitadas, de ver além do imediato, e que diferem de pessoa para pessoa. As capacidades como a fluência, originalidade e flexibilidade estão relacionadas com a criatividade (pp.15-26).

A este propósito, Torrance e Alencar consideram as mesmas capacidades mentais responsáveis pelo processo criativo. A *fluência* refere-se à quantidade de ideias diferentes sobre o mesmo assunto, a *flexibilidade*, segundo estes autores, é a capacidade de pensar em diferentes estratégias ou conceber diferentes grupos de respostas, e a *originalidade* refere-se a respostas raras, únicas, diferentes e incomuns (*apud* Martins, 2000, p.16).

Considerada na apreciação de Torrance como infinita e indefinível (Torrance 1988 *apud* Bahia & Nogueira 2006, p.1), a criatividade é um conceito complexo, difícil de definir (David & Morais, 2012, p.1), a sua avaliação é limitada e reducionista, assim como os instrumentos de

³ Guilford o mais influente no campo da criatividade, em meados do séc. passado propôs a "Produção Divergente" distinguindo múltiplas aptidões intelectuais (Miranda & Almeida, 2008, p. 282).

análise das suas dimensões. No entanto, é urgente e importante para a compreendermos e analisarmos de forma segura (Bahia & Nogueira, 2006, p. 2).

Nas últimas três décadas, os estudos que se têm realizado sobre a criatividade são diversos. Eunice Alencar (2007) tem desenvolvido estudos sobre a importância de promover a criatividade no contexto educacional, por serem ainda constantes as ideias incorretas por parte de professores e alunos acerca da concepção de criatividade, por julgarem que o talento natural para ser criativo é uma habilidade que poucos indivíduos possuem (p.47). Considera esta autora, que as escolas desconhecem ainda que todo o ser humano é naturalmente criativo, e que o potencial para criar e se expandir depende do ambiente e do fortalecimento de atitudes, comportamentos e outros atributos pessoais que predisponham a pessoa a pensar de forma flexível e imaginativa (p.48).

Ken Robinson (2010) refere, no seu livro *O Elemento*, que todos temos capacidades criativas, que devem ser desenvolvidas. Quando alguém não sabe ler ou escrever, não dizemos que não consegue, apenas que não aprendeu, acontece assim com a criatividade. Podemos ser criativos em todas as áreas que envolvem inteligência, matemática, ciências, engenharia, sendo que, no entanto, as artes requerem um nível maior de criatividade (p.65).

Apesar dos alunos dizerem sistematicamente que não são criativos, será que não podem “aprender a pensar melhor e a ter ideias melhores?” (Torrance 1974, p.1). Este autor diz-nos que talvez o mais importante seja criar condições e exercícios para estimular o pensamento criativo. No entanto, a falta de habilidades através da prática também prejudica o processo criativo. O processo de pensamento criativo abrange fatores emocionais, irracionais e subconscientes. Uma parte da tarefa de ensinar o pensamento criativo é ensinar as pessoas a usar e a entender fatores emocionais e irracionais aplicando-os em soluções alternativas. Encontrar soluções criativas para os problemas poderá garantir “um aumento de probabilidade da criatividade se manifestar” (Torrance, 1974, p.3).

A criatividade não pode ser ensinada mas vai ganhando consistência e enriquecendo conforme as referências e vivências de cada pessoa. Não faz sentido referir que o ato criativo vem do nada, mas sim “a capacidade de fazer eclodir novas significações a partir do realinhamento dos elementos que se tem disponíveis” (Carvalho & Castro 2007, p.34). Na opinião de Sara Bahia (2008), a “criatividade estimula-se” (p.234) é necessário educá-la e ajudá-la a libertar-se (*ibidem*).

Segundo Ken Robinson (2010), recorrendo a todas as áreas da nossa mente e a tudo o que envolve a dinâmica da inteligência, podemos ser criativos de variadas formas. “A criatividade é um passo além da imaginação (...)”, que envolve um processo prático de produzir

algo de novo e original (p.76). Contudo, tudo começa num indício, implica vários processos e técnicas para desenvolver o pensamento criativo que podemos aprender. A capacidade de gerar novas ideias, imaginar diferentes possibilidades e alternativas, avaliar a melhor opção, é necessária para encontrar a solução para um problema. São processos que interagem (Robinson, 2010, pp.76-78).

Todo o trabalho criativo implica recursos e meios variados para desenvolver ideias. O meio de expressão, como forma de estímulo à imaginação, é indispensável para libertar as energias criativas, permitindo pensar de diferentes formas. “Para desenvolver as capacidades criativas temos também de desenvolver as competências práticas nos meios que queremos utilizar” (Robinson, 2010, p.80).

Sabemos que as escolas sofrem influências sociais e culturais, e que o desenvolvimento de capacidades criativas devem assentar nas mudanças de atitude elevando conceitos como a intuição, o desbloquear, o despertar, o risco, a paixão e, principalmente, a fuga aos estereótipos que se vão adquirindo através de modelos que são o entrave aos processos criativos. É neste sentido que os professores devem promover e orientar os alunos para a criatividade expressiva, inventiva e inovadora, relevando o domínio pessoal e social através da formação da personalidade e autonomia.

“A criatividade exige treino e prática. Exige exercício” (Carvalho & Castro 2007, p.78). Para que isso aconteça, é necessário integrar a criatividade na formação de professores de todos os níveis de ensino, pois “a criatividade não aparece ao acaso, apesar da espontaneidade ser uma das formas da sua expressão. A criatividade exige tempo, esforço, treino e uma grande margem para a singularidade de cada um” (Carvalho & Castro 2007, p.75). Constatar esta evidência é estimular a criatividade nos contextos educativos.

3.2 Fatores que influenciam o potencial criativo

“A criatividade assume-se como a capacidade de descoberta, de invenção, de instauração do novo e do diferente. É este o potencial criativo que o pensamento e a actividade artística (...) perseguem” (Carvalho & Castro 2007, p.54).

Como já evidenciámos anteriormente à luz dos diversos autores, todos os indivíduos têm potencial criador, no entanto, as condições ambientais, sociais, históricas e culturais exercem influência no desenvolvimento da criatividade, estando relacionadas com os valores cultivados na família e na escola (Miranda & Almeida, 2008, pp.284-285; Santos, 2006, p.41).

Eunice Alencar em 1986 referiu, também, com base em autores como Guilford e Torrance, entre outros, que era necessário promover condições adequadas ao desenvolvimento

da criatividade. Essas condições ajustam-se à sociedade e às condições psicológicas, aos traços de personalidade, valores da família e aos objetivos da escola. Todos estes fatores poderão dificultar ou favorecer o potencial criativo de cada um (p.14), tudo depende das motivações intrínsecas, interesse e curiosidade pela atividade, e das motivações extrínsecas, aspetos ambientais e sociais, os quais têm grande impacto sobre a motivação intrínseca, desencorajando ou inibindo a imaginação, e interferindo no processo criativo do aluno. Tal como Torrance nos diz, as características pessoais fazem com que o processo criativo aconteça, e se a “motivação extrínseca *pode* estar presente em tal processo, a intrínseca *terá* de estar” (Torrance 1983, *apud* Morais 2012, p.6), cada indivíduo deve estar emocionalmente envolvido.

Na opinião de Morais (2012), os traços da personalidade “autonomia, autoconfiança, abertura à experiência, curiosidade, sentido de humor, tolerância à ambiguidade, tomada de risco, sensibilidade estética, paixão pelo que faz, atração pela complexidade e persistência” (p.7), são características associadas à criatividade, que devem ser fomentadas na educação através de atribuição de tarefas que as promovam (p. 10). Acrescentamos também, segundo Alencar (1986), que os traços associados ao potencial criador como a “espontaneidade, a independência, curiosidade, iniciativa, forem cultivados e reforçados” (p.14), quer na sociedade quer na escola, a probabilidade em ser criativo será maior, portanto, não serão só as forças do indivíduo que condicionam a sua criatividade.

Neste âmbito, interessa-nos ainda referir algumas características que impedem a expressão da criatividade. Eunice de Alencar, autora de um instrumento sobre barreiras à criatividade, indica que existem fatores que inibem a criatividade dificultando ao aluno de aproveitar o seu potencial criativo, tais como: “a inibição/timidez, a falta de tempo/oportunidade, repressão social e falta de motivação” (*apud* Oliveira 2010b, 496). Similarmente, Santos (2006) evidencia obstáculos à criatividade para além da resistência pessoal à mudança. Entre os principais destaca os obstáculos seguintes: na infância - a vigilância cerrada, a avaliação, as recompensas físicas, a competição, a determinação de escolhas e a pressão; e na idade adulta - os bloqueios de ordem perceptiva, emocional, cultural, ambientais e institucionais (pp.35-38).

Denise Fleith no instrumento para a avaliação do clima para a criatividade em sala de aula, refere que este tem um papel fundamental para estimular o potencial criativo. Devem ser criadas condições que favoreçam a criatividade, tais como “oferecer oportunidades de escolha, desenvolver a habilidade de pensar em termos de possibilidades, aceitar diferentes ideias, focalizar os interesses do aluno e encorajar a sua autoestima” (*apud* Oliveira, 2010b, p.496). Alencar e Martinez salientam também, que é “indubitável que o ambiente tenha um papel fundamental tanto para a emergência como para a repressão da criatividade” (1998, p.2).

Alencar & Fleith (2003) citam Rogers, Maslow e Rollo May, pelas suas investigações relacionadas com a origem e condições propícias à expressão da criatividade, referindo a “auto-realização como força mobilizadora da criatividade” (p.1). No entanto, consideram que não basta essa motivação interna, mas sim um ambiente de liberdade de escolha e a “estimulação do potencial para criar” (*ibidem*).

A força das barreiras à criatividade faz-nos tomar consciência que é obrigatório ultrapassar e libertar os obstáculos para novas ideias surgirem. Para isso, é necessário ter uma atitude positiva, decidir ser criativo e acreditar nas suas possibilidades criativas, o que implica coragem para sair de soluções estereotipadas (Santos, 2006, p.39). Para desencadear e facilitar o processo da criatividade, esta autora acrescenta que é necessário autoconhecimento para ultrapassar inibições, e disciplina utilizando uma metodologia orientada, vontade - sem a qual a concentração não será possível, e um espírito positivo que deseje a mudança (*ibidem*).

Assim sendo, é importante salientar que o potencial criador surge como um fator de realização em constante transformação, é dentro do agir que a percepção surge como uma princípio básico da criação, resolve situações e antecipa-se mentalmente (Ostrower, 1977, p.3). Este autor destaca que os processos de criação que integrem toda a experiência da pessoa sucedem no âmbito da intuição. São intuitivos mas tornam-se conscientes porque são expressos através da forma. A própria consciência vai-se formando num desenvolvimento dinâmico, agindo e transformando o indivíduo. Os processos de criação, sendo intuitivos, interligam-se através da sensibilidade. Esta não é peculiar a alguns privilegiados, mas sim a todos os seres humanos, embora em diferentes graus e áreas, pois todos nascem com potencial de sensibilidade. A sensibilidade “é uma porta de entrada de sensações” (Ostrower, 1977, p.4) que nos ligam ao mundo. Para Kneller (1994), a criatividade é uma forma saudável e também desenvolvida de intuição (p.34).

A título de curiosidade, é importante diferenciar que o “potencial criador é um fenómeno de ordem mais geral, menos específico do que os processos de criação através dos quais o potencial se realiza” (Ostrower 1977, p.10). O processo de criar integra um princípio dialético, no qual se solidificam possibilidades e realidades e discriminam outras que existiam identicamente, pois “no formar, todo construir é um destruir” (p.10). Em cada etapa “o delimitar participa do ampliar (...), nascem possibilidades de diversificação. Cada posição que se toma representa assim um ponto de partida, num processo de transformação que está sempre recriando o impulso que o criou” (Ostrower 1977, p.10).

Acrescentamos que:

“O potencial criador elabora-se nos múltiplos níveis do ser sensível-cultural-consciente do homem, e se faz presente nos múltiplos caminhos em que o homem procura captar e configurar as realidades da vida. Os caminhos podem cristalizar-se e as vivências podem integrar-se em formas de comunicação, em ordenações concluídas, mas a criatividade como potência se refaz sempre. A produtividade do homem, em vez de se esgotar, liberando-se, se amplia” (Ostrower 1977, p.10).

São vários os autores que têm aprofundado o campo conceitual da criatividade, e criado vários modelos de atuação que apontam fatores de estímulo ou inibição. Apresentamos três modelos que foram adaptados por nós como modelo de intervenção pedagógico, que explicaremos com mais precisão em que consistem no ponto 5.4.

A Teoria do Investimento em Criatividade de Sternberg e Lubart restringe alguns atributos que contribuem para a expressão criativa, dando especial destaque à inteligência, estilos intelectuais, personalidade, motivação e contexto ambiental (Alencar & Fleith, 2003, p. 2).

O Modelo Componencial de Criatividade, desenvolvido por Amabile, consiste em três componentes essenciais para o trabalho criativo: habilidades de domínio, processos criativos e a motivação intrínseca (Alencar & Fleith, 2003, p.4).

O Modelo para o desenvolvimento da Criatividade, desenvolvido por Alencar, que contempla diversos aspectos, tais como: habilidades de pensamento criativo, atributos de personalidade, domínio de técnicas e bagagem de conhecimento, clima psicológico e redução de bloqueios (Alencar, 2007, p. 46).

3.3 Etapas do processo criativo

Aznar (2009) advoga que a criatividade está sempre ligada ao processo criativo, a expressão *créativité* refere-se à capacidade de inventar novas soluções, respostas a problemas (p.29). Trata-se de uma capacidade que permite ser trabalhada e, naturalmente, desenvolvida.

Parte dos conceitos referentes ao termo criatividade remetem-nos para originalidade, novidade, inovação⁴ e utilidade. O processo criativo constrói os seus alicerces na capacidade que cada indivíduo vai desenvolvendo na procura de soluções, na coragem de correr riscos e vencer obstáculos.

⁴ O termo inovação é, por vezes, confundido com o conceito de criatividade. Solange Whechsler diz-nos que inovação “é entendida como fazer algo novo ou renovar algo” e que vem sempre associada a ciência e tecnologia. A criatividade “tem sido entendida apenas como geração de ideias novas” (Whechsler, s.d.p.4).

Segundo Tschimmel (2010), o processo criativo⁵, conhecido como a capacidade humana para a evolução, caracteriza-se pela interação entre o caos e a ordem possibilitando a criação de algo novo, interação essa que consiste em pensamento divergente e convergente (p.196).

Na tentativa de compreender como ocorrem e funcionam as várias etapas essenciais do processo criativo, procurámos abordar alguns investigadores que apresentam de forma similar esse processo.

Kneller (1994) apresenta várias fases do processo criativo, amplamente conhecidas, como *preparação, incubação, iluminação e verificação*, distinguidas anteriormente por Graham Wallas e aceites por investigadores que lhe sucederam. Contudo, Kneller acrescenta mais uma fase, a *primeira apreensão* (p.62).

Na *primeira apreensão*, o criador tem de ter o seu primeiro *insight* – “a apreensão de uma ideia a ser realizada ou de um problema a ser resolvido” (p.63). Por *preparação* entende que deve ser um meio para atingir o lançamento da obra de criação como um fim, passando pela investigação das potencialidades da ideia germinal, de forma a esclarecer o problema e armazenando as ideias. Segue-se a fase da *incubação*, que pode ser longa ou curta, na qual o inconsciente entra em ação através das conexões que constituem a essência da criação num período de gestação. Desta conjunção provém a fase da *iluminação*, momento em que o processo de criação chega a um clímax surgindo a solução para o problema, sendo o momento de maior satisfação. Por último, a *verificação* da atividade para avaliar a solução. A *inspiração* é condição necessária à criação, e o intelecto e a apreciação terminam a obra que a imaginação iniciou (Kneller, 1994, pp. 66-73).

Kolb e Miltner (2004) fundamentaram-se em diversos investigadores que procuraram compreender os processos que originam a criação do produto criativo, determinando quatro fases: a fase da *preparação*, determinada pela vontade de mudar algo, de resolver um problema através do pensamento consciente. Segue-se o *amadurecimento* do problema, que ocorre ao nível do inconsciente, onde a informação é assimilada, organizada e concebida uma imagem mental. Na fase da *inspiração decisiva*, o inesperado e a clareza surgem originando a imagem coerente. Por fim, a *confirmação* e a *execução* da ideia, esta deverá ser repensada e posta em prática (pp.9,10).

⁵ As primeiras considerações sobre os processos de pensamento criativo foram apresentadas pelo investigador Henri Poincaré. Revela este autor que na maior parte das vezes a “abertura” para a solução acontece de forma inesperada, quando a pessoa não se debate com o problema (Tschimmel, 2010, pp.196-197).

Santos (2006) considera quatro momentos distintos ao processo que conduz à criatividade: *preparação, incubação, devaneio e a iluminação* (p.31).

Na primeira etapa, *preparação*, é definido o problema ou o ponto de partida, partindo do princípio que é sempre possível melhorar. É uma fase de frustração e angústia, porque criar implica perturbar, desafiar velhas ideias e indicar novas perspectivas (p.31). Por *incubação*, a autora entende que é uma fase em que se pode “dormir sobre o problema”. Através do sonho a nossa mente inconsciente, rica em sentimentos e fantasias, age, associando ideias. A etapa do *devaneio*, considerada como sonhar acordado, divagar e meditar em momentos que não exigem concentração, liberta a mente, ajuda a eliminar incentivos visuais ou outros que levam à distração, para produzir ideias novas. (p.32). Por último, a etapa mais desejada e gratificante do processo, *a iluminação* ou o “eureka”, (p.32): fez-se luz.

É possível encontrar diversas categorizações das fases do processo criativo, podendo ser constituídas pelos mesmos componentes, no entanto, não são estanques. Como é visível na divisão das fases apresentadas anteriormente, surgem variações de designação diferentes, porém, não interferem na confirmação de que as etapas do processo criativo não seguem uma sequência contínua e linear, podendo prosseguir ou recuar, estar presentes ou não no processo. As ideias novas resultam de um processo que passa por distintas fases, podendo até ser repetido várias vezes, seguindo o processo o decurso de uma espiral, até atingir a satisfação do resultado.

3.4 Criatividade como estratégia de ensino

“Educar para a criatividade é educar para ser pessoa em termos integrais: na óptica do ser, do agir, e do conhecer” (Carvalho & Castro 2007, p.74).

A escola, como o primeiro ambiente social onde o aluno se insere, é um veículo essencial onde a criatividade pode ser incentivada ou desenvolvida. Cabe ao professor estimular o potencial criativo dos alunos, transformando o ambiente num espaço acolhedor, de partilha e de exploração de novos caminhos. “Na realidade, com demasiada frequência, a escola contraria a criatividade ao não dar espaço à curiosidade, à livre expressão e à diversidade de respostas, antes incentivando o conformismo” (Miranda & Almeida, 2008, p.285).

Concordamos com Miranda e Almeida (2008) quando referem que as "práticas educativas, como os materiais que são usados no quotidiano escolar, reflectem um baixo incentivo ao desenvolvimento das habilidades criativas dos alunos" (pp.295,296).

É indispensável que o professor partilhe com os alunos estratégias que proporcionem a aquisição de habilidades específicas diversificadas, que saliente a capacidade de adaptação a novas situações, a originalidade, a organização dos pensamentos, a sensibilidade e a perceção

(Carvalho & Castro 2007, pp. 46,47). As práticas pedagógicas deverão encorajar os alunos a aumentar os seus conhecimentos, criando um suporte para expressar novas e diferentes ideias, estimulando a autoconfiança e a coragem para tentar o novo e o inusitado, e valorizando as vias alternativas de resolução de problemas (Miranda & Almeida, 2008, pp. 285,286).

Quando o aluno executa uma tarefa com entusiasmo, dedicação e paixão, o processo criativo alcança resultados excelentes. “A pessoa abstrai-se do espaço e do tempo e goza com a evolução do processo criativo, como algo que se auto-estimula e autorrecompensa” (Tschimmel, 2011, p. 20).

Em função do exposto, é importante voltar a referir que a motivação é um fator primordial no desenvolvimento da criatividade. Na opinião de Balancho (2005), a motivação, dá-se quando o aluno descobre uma razão satisfatória para realizar o seu trabalho, mas nem sempre consegue estar estimulado para tal interesse, se não houver esforço e motivo na sua vontade. A autora supracitada refere que existe uma separação na escola entre o interesse e a motivação, mas nem sempre o interesse é suficiente para a compreensão das atividades, “daí a necessidade de motivar o processo didático” (p.21). Ainda referente à motivação, estando esta relacionada diretamente com a produção criativa, sendo um dos seus fatores mais importantes, e que nós subscrevemos, Katja Tschimmel (2011) recorreu a um acrónimo para abordar alguns fatores implicados, considerados suficientes para uma nova abordagem ao fenómeno criativo, sabendo que nem sempre se conseguem estimular, mas, se estiverem ativados, mais fluidas serão as produções de ideias. Do acrónimo M.O.T.I.V.A.Ç.Ã.O. surgem os fatores: Objetivos alcançáveis; Tolerância ao erro, à ambiguidade e contradição; Inteligência específica; Vontade, dedicação e paixão; Atenção e energia disponível para a tarefa; Conhecimento específico e geral; Ativação da percepção com todos os sentidos e imaginação; Operações de processo e pensamento criativos (pp.16,17).

Se o professor apresentar o trabalho de uma forma interessante, que implique um fim relevante para o aluno, esta será uma boa forma de motivar.

Sternberg e Williams (2003), no livro *Como desenvolver a criatividade no aluno*, apresentam vinte e cinco estratégias e explicações que possibilitam o desenvolvimento da criatividade de qualquer pessoa, quer alunos quer docentes, ou qualquer pessoa que procure desenvolver a sua criatividade fora da área de ensino. Utilizam várias técnicas, desde o optar por ambientes criativos ao ultrapassar obstáculos à criatividade.

É evidente a dificuldade em descobrir modelos que teorizem e expliquem a criatividade de uma forma explícita como um padrão a seguir. Neste sentido, Sternberg e Williams (2003) afirmam que “não se pode seguir nenhuma receita para desenvolver a criatividade – primeiro

porque não há nenhuma; segundo, porque uma receita dessas determinaria um papel-modelo *não criativo*” (p.14). Cabe a cada educador usar o seu processo criativo consoante as especificidades e características dos alunos.

Por vezes, queremos que os alunos sejam criativos sem que lhes seja dado tempo suficiente para desencadear esse processo criativo. Começamos a “reprimi-los” desde criança para fazer as coisas de uma determinada forma, sem lhes dar a autonomia para agirem e se expressarem de outra maneira.

Cabe aqui referir as vinte e cinco estratégias descritas pelos autores referidos anteriormente: modelar a criatividade, pois cada aluno tem talento para criar, bastando ser encorajado e levado à motivação (p.13); construir a autoeficácia, contra a limitação de pensarem que não conseguem (p.14); questionar suposições para encorajar os alunos a optarem e questionarem as suas aspirações profissionais (p.17, 18); definir e redefinir problemas encorajando os alunos a desenvolverem o pensamento criativo dando alternativas de escolha (p.22); encorajar a geração de ideias, não criticando nem censurando mas valorizando a importância de produzir numerosas ideias (p.23); polinizar ideias através do cruzamento de ideias de outras áreas para melhorar uma área onde tem mais dificuldades (p.24); dar tempo para o pensamento criativo, o que pode levar a uma ideia criativa (p.27); instruir e avaliar a criatividade incluindo o pensamento criativo nas atividades. “Encoraje sempre que possa, os seus alunos a pensar criativamente, pedindo-lhes que imaginem, suponham, criem, inventem, construam hipóteses e especulem” (p.29); premiar ideias e produtos criativos (p.31); estimular riscos sensatos; tolerar a ambiguidade; permitir erros; identificar e ultrapassar obstáculos; estimular a autorresponsabilidade (p.41); promover a autorregulação; retardar as recompensas (p.44); utilizar perfis de pessoas criativas (p.47); estimular a colaboração criativa (p.49); imaginar outros pontos de vista (p.50); reconhecer a adaptação ambiental (p.53); encontrar entusiasmo (p.54); procurar ambientes estimulantes (p.55); jogar forças (p.56); crescer criativamente (p.59) e, por fim, converter-se à criatividade, porque os que são mais criativos são sempre mais motivados e empenham-se mais nos trabalhos. Estas estratégias poderão ser benéficas quer para alunos quer para professores.

Em síntese, na abordagem apresentada confirmando as reflexões dos investigadores, torna-se pertinente referir que “mais do que nunca necessitamos de condições favoráveis ao desenvolvimento criador” (Alencar 1986, p.15), implementar um ambiente de ensino aprendizagem positivo, de estímulo e incentivo à resolução de problemas com autonomia crescente, gerando novas explorações, conhecimentos e investigações adaptadas às novas exigências e circunstâncias. Sara Bahia (2008) refere que o ato criativo do “*saber fazer*” deverá

motivar o aluno para contornar e lidar com obstáculos, desenvolvendo as características pessoais, conduzindo assim ao “*saber ser*”. Os programas de intervenção da criatividade “incidem sobre a pessoa, o processo, o produto e o contexto” (p.236), todos os saberes, fazer, ser e ver, sendo fundamentais para o desenvolvimento da criatividade (*ibidem*).

É indispensável contribuir e ativar o desenvolvimento da criatividade no aluno, aumentando as suas potencialidades de expressão. Neste contexto, deve ser proporcionado ao aluno um vasto conjunto de experiências para que possa adquirir a autorrealização, através da sua persistência e concentração nas livres experimentações, não esquecendo que “a experiência é algo que não pode ser ensinado! tem que ser obtida, conseguida, conquistada pelo próprio” (Sousa, 2003a,p.139).

3.5 Técnicas de estímulo à criatividade

Para compreender a capacidade criativa de um aluno e para o incentivar, é necessário ter em conta a interação dos componentes que o abrangem, o conhecimento, a cultura, a motivação, o estado emocional, o ambiente de sala de aula, a sua atitude face à novidade e à mudança. Porém, “sem intenção, sem trabalho, sem dedicação e sem motivação, dificilmente emergem ideias novas” (Tschimmel, 2011, p.14).

No sentido de promover o desenvolvimento do pensamento criativo e da criatividade no ensino, é evidenciado por diversos investigadores que a prática de técnicas apropriadas influenciam as capacidades criativas de cada indivíduo.

A criatividade é cada vez mais considerada um ingrediente para a mudança e progresso, e começa a ser colocada acima do conhecimento e da técnica. Para usar a criatividade a pessoa tem de se libertar e encará-la como uma maneira de utilizar a mente e de tratar a informação.

Torrance e Torrance (1974) definiram o pensamento criativo como um processo natural dos seres humanos, contudo cada pessoa procura soluções na sua experiência de vida, formula hipóteses, testa soluções. Mas se a criatividade é um processo natural, como ensinar o pensamento criativo? (p.3)

Das diferentes técnicas de criatividade existentes, apresentamos o *brainstorming*, o mapa mental e o pensamento lateral ou divergente, as quais incrementamos em sala de aula ao longo do ano letivo 2012/2013.

Edward de Bono (2003) refere que vários investigadores que trabalham na área da criatividade dizem que toda a gente é criativa mas é inibida, com receio de cometer erros. No

entanto, acrescenta, se pudermos libertar as pessoas e remover as inibições, a criatividade natural poderá surgir, através de sessões de *brainstorming* ou outros processos similares (p. 24).

O *brainstorming* é um dos métodos de pensamento criativo desenvolvido por Alex Osborn e que significa “tempestade de ideias”. O objetivo desta técnica é produzir ideias em grupo, de forma intuitiva, excluir bloqueios mentais, estimular a comunicação. Cada associação, cada ideia pode ser fundamental para a produção de uma solução (Tschimmel, 2011, p.56). Estimular um pensamento mais criativo e imaginativo através da dinâmica do grupo, ignorando estereótipos ou modelos, possibilita a originalidade, ajuda a pensar com fluidez, pensar com flexibilidade e divergência, pensar em novas combinações (Tschimmel, 2011, p.54).

Apesar de ser utilizada esta técnica em sala de aula para que todos os alunos participem e surjam ideias novas, é um ponto de partida e um reforço ao trabalho individual introspectivo e autoconhecimento de cada aluno, que é válido quer nas artes, nas ciências, na psicologia ou nas mais diversas áreas. Neste sentido, também o autor Nuno Fadigas, num artigo reflexivo sobre *A Educação como Acontecimento*, diz-nos que o aluno necessita do silêncio e da solidão para refletir e meditar, sendo na permissão desses momentos que a criatividade nasce, é o «emergir do acontecimento» (Fadigas, 2002, p.211).

O termo *pensamento lateral*, criado por Edward de Bono em 1967, está relacionado também com o pensamento criativo. É uma alternativa às ideias existentes, permitindo encontrar e gerar novas ideias, percepções e melhores alternativas (Bono, 2003, p.204). “Pensamento lateral prende-se com a geração de ideias novas” (Bono, 2005, p.11), libertando-se de ideias conceptuais obsoletas para estimulação de ideias novas. Faz-nos ver coisas que sempre encarámos da mesma forma, de maneira diferente. O pensamento lateral está “ligado à percepção, criatividade e humor” (2005, p.9), mas enquanto a criatividade é a descrição do resultado, o pensamento lateral é a descrição do processo (2005, p.11).

Que relação existe entre o pensamento lateral e o pensamento criativo?

Sob esta perspetiva, Bono refere que o pensamento lateral é também a capacidade e a vontade que uma pessoa tem de mudar de esquema ou estratégia, ou de ver as coisas de outra forma, é um conjunto de métodos (*apud* Santos, 2006, p.20). O pensamento lateral aprofunda o que está a ser ensinado no pensamento vertical, e pode ser um método para o tornar mais eficaz, “acrescentando-lhe criatividade” (Bono, 2005, p.24). Mas devemos considerar o valor de ambos (o lateral e o criativo), pois não estão à parte um do outro. De Bono (1970) refere que o pensamento lateral poderá estar inserido no pensamento criativo, favorecendo novas ideias, e estando ligado à invenção e resolução de problemas. Criar também é expressividade, construção

de algo, e enquanto o pensamento lateral serve apenas para ver as coisas diretamente, o pensamento criativo está ligado à criação. (*apud* Moraes 2001, p.25).

Kolb e Miltner (2004) referem no livro *Aumente a sua Criatividade* que o pensamento divergente pode ser considerado a base da atividade criativa, movendo-se em vários sentidos de modo a apreender uma “multiplicidade de ideias” (p.15). Fazemos também referência, segundo os mesmos autores, ao pensamento convergente ou lógico, sendo este necessário para convergir no sentido de uma única solução para o problema. Contudo pode inviabilizar qualquer ideia criativa que exige mais do que uma resposta (p.16).

A técnica do *Mind Mapping*, criada por Tony Buzan em 1974, é uma espécie de «*brainstorming* imagético» ou mapa de ideias. “Mapa Mental é a expressão natural do modo de funcionamento (...) de qualquer cérebro humano” (Buzan, 2007, p.99) e utiliza os elementos da “Memória”, “Associação”, “Localização” e o “Excepcional” (*Ibidem*).

O mapa mental possibilita ordenar ideias, memorizar, tomar decisões, visualizar o pensamento, combinar palavras, imagens, usar cores e símbolos estimulando o cérebro (Tschimmel, 2011, p.62). A organização de ideias a partir de uma ideia central torna-se eficaz para a compreensão e visão do estudo devido ao ritmo visual, padrão visual, cor, imaginação, visualização, dimensão, especialização, globalização e associação (Santos, 2006, p.22), criando ramificações, culminando numa visão geral do tema de forma sintética e colorida que “encoraja o fluxo criativo e os pensamentos inovadores [e] permite ao cérebro da criança exprimir de maneira simples, embora intrincada, as infinitas expressões e expansões da sua própria individualidade” (Buzan, 2007, p.99).

Os mapas mentais facilitam ao cérebro ver imagens conhecidas, produzir associações sem a “interferência” da gramática e da semântica (Buzan, 2007, p.105), e “explorar os reinos da memória, aprendizagem, pensamento criativo, análise, preparação do trabalho escolar, revisão e auto-expressão” (Buzan 2007, p.105).

Através deste recurso, podem ser estimuladas as funções do lado direito do cérebro, que é o mais sensível às imagens. Tony Buzan defende a possibilidade de utilizar a parte mais significativa do potencial cerebral. Enfatiza as “caraterísticas dos dois hemisférios cerebrais considerando que o uso dos mapas mentais ajuda a equilibrar o potencial cerebral, induzindo cada uma das partes do cérebro a interagir com outra (Santos, 2006, p.22). Possibilita o desbloqueio do potencial do cérebro, estimulando a aprendizagem através da imagem central, organização das ideias, associação de imagens, palavras-chave ao tema, formando uma estrutura, enriquecendo com desenhos e cor. Todas estas associações apelam e possibilitam a criatividade e a memória (Santos, 2006, p.24).

Afirma Betty Edwards (1984), que ao fazer a transição mental do hemisfério esquerdo para o direito, permite experimentar uma modalidade de percepção, aprender a *ver* as coisas de um modo diferente, ajuda a desenhar melhor, conseguindo transmitir confiança e coragem na nossa capacidade criativa, explorando todos os tipos de arte que requerem o contributo de ambas as modalidades do cérebro (pp. 15-19).

Fica expresso que Buzan (2007) apela aos pais e educadores para encorajar o desenvolvimento tanto do hemisfério esquerdo como do direito da criança, evitando a unilateralidade (p.41). Devemos encorajar os alunos a apreciar as coisas mentais e práticas, e acentuar o valor de ser multifacetado nas diferentes disciplinas tão importantes nos dias e na sociedade de hoje, exigindo cada vez mais pessoas multifacetadas e criativas.

4. Desenho em Diário Gráfico

4.1 As capacidades do Desenho

O desenho é uma das mais antigas manifestações expressivas e artísticas do ser humano que se conhece, anteriores à escrita (Sousa, 2003b, p.193, Oliveira, 2010a, p.2). De acordo com Derdik (1989) o desenho como língua antiga, e tão permanente, serve a quaisquer ofícios, transversal a qualquer área, atravessa toda a história, fronteiras geográficas e temporais, fonte original de criação e invenção como exercício da inteligência humana (p.46).

Expande-se o elenco de ramificações em que o desenho se manifesta. Se pensarmos e olharmos à nossa volta, percebemos que o desenho está em todo o lado, em tudo o que nos rodeia, desde os nossos ambientes, utensílios diários até aos meios pelos quais nos deslocamos. Faz parte das exigências humanas desejar e alterar consoante as necessidades. Rodrigues (2003) afirma que o desenho está presente em diversas atividades humanas, e é importante para determinados desenvolvimentos do conhecimento e das artes (p.9).

Através de esboços e rascunhos, o desenho esteve, até ao séc. XVI, ao serviço da arquitetura, escultura e pintura, estando subjacente em todas as manifestações artísticas que permitem e envolvem a visibilidade (Sousa, 2003b, p.193, Oliveira 2010a, p.6).

Desde criança, e desde a pré-história, que nos servimos da representação gráfica do desenho como meio singular e privilegiado de expressão, para representar, comunicar e compreender a visão do espaço em que vivemos, a realidade, o que aspiramos ou idealizamos. O nosso pensamento visual vai-se estruturando através do desenho, é um processo de busca, de representação visual de compreensão, realização artística e estética que não se esgota e serve para entender a realidade exterior, permanecendo aberto à transformação interior.

Os termos e as designações são diversos. Derdik (1989) apresenta alguns significados do termo desenho, extraídos do dicionário da língua portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira: “Representação de formas sobre uma superfície, por meio de linhas, pontos e manchas, com objectivo lúdico, artístico, científico, ou técnico (...); Arte e técnica de representar com lápis, pincel, pena, etc., um tema real ou imaginário, expressando a forma; Versão preparatória de um desenho artístico (...), esboço, estudo” (p.32). Acrescenta a autora que o desenho “acompanha a rapidez do pensamento, responde às exigências expressivas” (p.42), para afirmar uma necessidade existencial, poética e estética. “O desenho é uma actividade perceptiva, algo que não se completa, mas que nos convida, sugere e evoca” (p.43).

Para Molina, o conceito de desenho, está sempre relacionado com “movimientos, conductas y comportamientos (...) a través de gestos que marcan direcciones (...) que sirven para establecer figuras sobre fondos diferenciados“ (Molina, 2011, p.17).

Para Bortolucci (2005), cada tipo de desenho em torno do desenvolvimento de ideias, auxilia a visualização daquilo que pensamos, “permite seleccionar, eliminar e sintetizar produtos de nossa imaginação criadora” (p.27). O desenho como forma de conhecimento e linguagem universal quer no espaço, quer no tempo dá suporte à capacidade de inventar e transformar o mundo.

De acordo com Ana Leonor Rodrigues (2003), “desenho” pode ser restrito ao registo de elementos gráficos delimitando formas ao carácter bidimensional, porém apresenta o movimento da mão através do instrumento riscador como ação determinada. Associar desenho a representação não é necessariamente a mão registar o movimento, mas a ligação dinâmica entre mão e mente que transfere o que os olhos vêem para o conjunto de linhas e manchas dando-lhe sentido (pp.20-24).

Analisando agora o termo “grafia”, uma significação do riscar, manchar e traçar, como questões técnicas, aproximam-nos do desenho como prática e experiência, que permitem o registo pessoal do modo de observação e imaginação. O termo “experiência” remete para a ação, cujos resultados dependem de fatores imprevisíveis e não apenas da intenção. O contato com as matérias, as ações, a agilidade e a percepção permitem experiências em desenho, mas nada prepara a mente e o corpo para o desenho a não ser as imagens figurativas sobre o processo de desenhar algo, e as experiências anteriores da prática, ou seja, a relação entre a percepção, a destreza, as formas e os meios materiais (Almeida, 2010, pp.55-57).

Atualmente, o desenho não é apenas compreendido como o resultado da representação gráfica expressiva, mas sim como uma interligação de ideias, de relações e métodos. Na visão de Oliveira (2010a), o desenho é também um instrumento de análise, concepção e comunicação,

propiciador de uma trajetória de aprendizagem estética. Através dele podemos transformar, criar, investigar construir e comunicar. “Quem sente e pensa o desenho, exprime-se pela organização dos espaços visíveis e pela dinâmica vivencial que constrói, reconstrói, transforma e cria” (p. 3).

O desenho é o reflexo da experiência construída, da prática adquirida, a partir de uma síntese de referências, cultura visual, percepção visual, conhecimento de técnicas e instrumentos impossíveis de imitar, tornando o indivíduo único. Desenho é pensamento, representação e expressão, é um processo de apropriação, de desenvolvimento e aprendizagem individual (Oliveira, 2010a, p.6).

Em cada indivíduo estão contidos registos do gesto da mão que trabalhados e desenvolvidos constroem na personalidade uma espécie de caligrafia pessoal que o define.

Luís Rodrigues entende que,

“o desenho tem um carácter imediatista, uma vez que conecta, com um grau de liberdade significativo, a mente, o intelecto, a sensibilidade, a motricidade e a criação. Essa sua potencialidade global é determinante na importância da aprendizagem do desenho, pois contribui para a formação de indivíduos capazes de relacionar harmoniosamente o sentir, o ver e o fazer, numa palavra, prepara-os para a acção criativa, onde se não dissocia a lógica, a intuição, a sensibilidade e a afectividade” (2005, p.32).

As considerações de Hallawell (2006) são pertinentes quando define desenho como a “interpretação de qualquer realidade visual, emocional, intelectual (...) através da representação gráfica” (p.9). O aluno deve conhecer e dominar os elementos utilizados na representação gráfica, a gramática e a sintaxe da linguagem visual. Segundo o autor supracitado, no desenho de observação deve-se adquirir o domínio sobre os seus fundamentos, percepção visual, o espaço da obra bi ou tridimensional, a linguagem visual gráfica, através da realidade plástica, proporcionando ao aluno a liberdade de exercer a sua criatividade de forma autónoma. Sem este domínio a criatividade torna-se limitada.

Deste modo, sublinhamos com Hallawell (2006) que:

“no exercício do desenho de observação desenvolve-se o pensamento analógico e concreto, o senso de proporção, espaço, volume e planos. A sensibilidade e a intuição são aguçadas enquanto se passa a apreciar melhor os outros elementos da linguagem gráfica: textura, linha, cor, estrutura e composição” (Hallawell, 2006, p.9).

Estas exposições revelam-nos o potencial meio pedagógico e ferramenta de acção do desenho, a sua utilidade prática e imaginativa apela aos diversos ramos do conhecimento justificando ao nosso estudo a necessidade de utilização do Diário Gráfico na disciplina de Educação Visual, suscitando nos alunos maior sensibilidade na reflexão e representação da realidade que o envolve, ampliando as suas capacidades criativas.

4.2 O Desenho e a fase da adolescência

“Não é o desenho que se desenvolve, nem a sua perfeição que evolui, mas a criança” (Sousa, 2003b, p.198).

Neste ponto interessa-nos conceder uma análise sobre a evolução do adolescente ao nível da prática do desenho. Não pretendemos focar todas as etapas do desenho infantil, apenas enquadrar a faixa etária dos alunos na qual o nosso estudo incidiu, entre os catorze e dezassete anos.

Consideramos relevante, para esta busca de clareza de pensamento sobre o desenho do adolescente, as contribuições de Read, Lowenfeld, Luquet, Vygotsky e Sousa.

Sousa (2003b) reflete que os desenhos da criança não são considerados uma forma de arte mas sim uma forma de aprendizagem. Através da quantidade e diversidade das explorações de desenho que ela realiza, os seus movimentos deixam de ser tão rígidos, tornando-se “mais fluidos e precisos, conseguindo fazer com que a mão efectue com cada vez maior precisão o que a mente ordena e a vista coordena” (p.196). Este autor acrescenta que são formas de expressão da criança a “movimentação, a força exercida nos traçados, a sua amplitude, as suas formas, o modo como sequencialmente se sucedem, a sua localização na superfície disponível e outros atributos na ação de desenhar” (*ibidem*), constituindo estas formas, modos de exprimir os afetos e outros estados emocionais e sentimentais.

“O que a criança desenha não são desenhos (representando a realidade visual), mas exteriorizações do seu ser” (Sousa 2003b, p. 198). O desenho é o reflexo do seu desenvolvimento e evolução, e não o contrário.

“O desenho é função, sobretudo, do desenvolvimento das capacidades neuromotoras (os movimentos da acção de desenhar), e cognitivas (criatividade e raciocínio lógico) da criança, estando também patentes as dimensões emocionais- sentimentais (expressão plástica) e socioculturais (materiais utilizados e relação social) (Sousa 2003b, pp.198, 199).

À medida que a criança se vai desenvolvendo, o desenho vai sendo cada vez mais visível. Lowenfeld (1954) sublinha que "cada desenho reflete os sentimentos, a capacidade intelectual, o desenvolvimento físico, a acuidade perceptiva, o envolvimento criador, o gosto estético, e até a evolução social da criança, como indivíduo" (p.35). Da mesma opinião é Montessori que, já no séc. XX, considerou que a criança deveria desenhar livremente de modo a evoluir para a criação artística, onde os sentimentos e as sensações só poderiam ser descobertos através da liberdade, satisfazendo a necessidade de expressão (Sousa, 2003b, p. 194).

Para compreender que o desenho da criança não é uma arte, mas uma atividade lúdico-expressiva-criativa e que através desta vai-se desenvolvendo e estimulando, seguimos a

evolução cognitiva estudada por Piaget, o qual enquadrou no *Estádio das Operações Formais* alunos a partir dos 12 anos. Segundo Piaget, a criança possui capacidade de pensar antes de tomar decisões sobre o que vai desenhar, a imaginação é usada com consciência e ponderação, estudando várias hipóteses antes da ação. “A sua expressão fica mais ocultada que nunca pelo conteúdo formal do desenho” (Sousa 2003, p.205). Neste estágio a representação do real e a procura de perfeição são intenções de comunicar com o outro. O perfil, os aspetos laterais e a tridimensionalidade são grandes preocupações nesta idade, surgindo alguns problemas pela falta de habilidade técnica para desenhar o que vê com realismo, perdendo frequentemente a criatividade, por falta de estímulo.

Kerschensteiner no estudo sobre os estádios de desenvolvimento do desenho infantil refere que no quarto estágio, idade adolescente, apenas são representadas partes dos objetos de modo expressivo, utilizando a luz e sombra, surgindo a perspectiva ou a impressão da tridimensionalidade (*apud* Vygotsky, 2012, p.129). Neste estágio, o desenho de observação, a representação do real é um estágio mais concluído do desenvolvimento infantil, apenas algumas crianças o alcançam se tiverem o hábito pela prática do desenho. O adolescente neste período representa de forma ilusória e naturalista, tentando fazer as coisas como são na realidade, uma vez que “o aparelho visual permite-lhe dominar os métodos da representação do espaço através do uso da perspectiva” (Vygotsky 2012, pp.131-134).

Interessa referir que Luquet (1979) caracteriza a última fase do desenho de “realismo visual”, correspondente à capacidade gradual de representar formas de acordo com o modelo real. Contudo, refere o autor, que a “evolução individual do desenho, como todas as modificações de actividades, está sujeita a regressão” (p.212). Quando uma criança deixa de desenhar determinados motivos durante algum tempo, esquece o tipo gráfico. Ao tentar recuperá-lo, os desenhos desse motivo são rudimentares e parecidos com os primeiros exemplares (p.213).

Segundo Vygotsky (2012) o desenho “é a forma preferencial da atividade criativa das crianças na idade precoce” (p.123). Segundo um estudo de Herman Lukens, à medida que a idade avança e chega ao período da adolescência esse interesse pelo desenho vai desvanecendo, entre os dez e os quinze anos, sendo retomado na idade entre os quinze e vinte anos apenas nos adolescentes que manifestem talento artístico (*apud* Vygotsky, 2012, p.123). Contudo, as alterações de comportamento que acontecem nesta fase alteram também a forma de desenhar, surgindo o desalento e a perda de interesse pela arte de desenhar, mesmo nas crianças talentosas em que todas as condições na escola e em casa são favoráveis ao desenvolvimento do desenho (Vygotsky, 2012, p.135).

Na fase da adolescência, é natural e frequente ouvir o aluno dizer, “não gosto de desenhar”, demonstrando inibição nas suas experiências de expressão criadora e espontânea. Se o aluno não se consegue expressar, algo deve ter interferido na sua autoconfiança e na sua liberdade de expressão. Lowenfeld (1954) refere que este facto provém de três causas. A intervenção dos adultos, manifesta através de críticas erradas, ensinando-a a desenhar, ou dizendo que não parece real; a incapacidade que a criança tem de se lembrar dos atributos dos objetos que tenciona representar, e que poderá não ter nada em mente naquele preciso momento; a última tem a ver com o costume que as crianças têm de copiar ou decalcar modelos, percebendo que quando esse apoio lhes falta sentem-se incapazes de produzir de forma autónoma (p.43).

Na realidade, uma criança consegue expressar-se de forma artística, sem motivação especial e com maior facilidade, se o educador ou os pais não interferirem no seu talento através de falsas críticas, prejudicando a espontaneidade. A criança no início da fase da adolescência tem a tendência para desenhar ou pintar de uma forma realista ou fotográfica. Esta representação realista faz com que dependa exclusivamente dela, pois sem esses objetos naturais sente-se perdida. A arte não é a representação das coisas, mas a expressão da experiência que elas nos proporcionam. Se apoiarmos essa vontade de representação da criança, podemos estar a desviá-la da sua verdadeira criação e a dificultar o desenvolvimento da sua imaginação, originalidade de pensamento (Lowenfeld, 1954, p.187).

O desinteresse vai surgindo até que a criança deixa de desenhar e de se interessar pelo desenho, donde, por vezes, os desenhos dos adultos que não desenhem habitualmente serem parecidos com os das crianças. Porém, Vygotsky (2012) adverte que o desenho na fase de transição (adolescência) não deverá ser imposto nem obrigatório. No desenvolvimento da criatividade artística nas artes visuais, a condição essencial da criação é a liberdade (p.136).

No início da etapa da adolescência, em que o aluno se encontra em formação da personalidade, Palma e Terrasêca (2011) evidenciam que na abordagem do processo de ensino aprendizagem sobre o desenho poderia surgir “uma forte possibilidade de o aluno desenvolver habilidades/astúcias, para contornar aquele que se entende ser um processo moroso de desenvolvimento de qualidades expressivas e singulares de cada um” (p.33).

Depois dos onze anos e para além da adolescência, a arte da criança é atacada em todas as direções. Se o nosso atual sistema de ensino se dedicar exclusivamente à aprendizagem lógica de pensamento, distorcendo e dissolvendo o espírito do adolescente com o nosso conhecimento e a ciência, as atividades criativas que poderiam tornar belo o nosso ambiente são banidas por serem consideradas irrelevantes e desnecessárias (Read, 2010, p.202).

4.3 Diário Gráfico – definições e dimensões

O Diário Gráfico apresenta designações diferentes consoante o contexto onde se insere ou onde atua. A diversidade de termos para este suporte, desde “cadernos gráficos”, “caderno de esboços”, “caderno de campo” – usado pela biologia e geologia, o “diário de viagem ou de bordo” – como o próprio nome indica usado pelas pessoas que viajam, o “diário visual” ou “sketchbook” em inglês, todas as conceções são indicações de funcionalidade. Foram vários os artistas que usaram os “Diários” ou “Cadernos de Esboços” como um instrumento para o seu trabalho, uma estrutura base da pintura, projetos ou processos de raciocínio, tais como Eugène Delacroix, Pablo Picasso, Dürer, Leonardo da Vinci, Le Corbusier, Gauguin, Cruzeiro Seixas, entre outros, cujos registos são transmitidos no tempo. Artistas mais recentes, como Eduardo Salavisa, usam também este instrumento como forma de exploração, de passar o tempo, de aliviar *tensões*, construir o processo criativo, ou também de carácter afetivo.

Cruzeiro Seixas divulga-nos que a ideia de ter um caderno onde se fazem desenhos é um costume antigo, do século XIX, usado pelos impressionistas, artistas ao “ar livre” (*apud* Salavisa, 2008, p.70).

Salavisa refere que no meio artístico o termo “Diário Gráfico” é o mais usado como forma de registo de desenho de observação, podendo também incorporar a escrita, usando técnicas variadas como a aguarela, a colagem de imagens ou fotografias, não sendo confundida esta designação com o género de “Diários de Viagem”. No entanto, este autor utiliza ambos os modelos para o mesmo significado (Salavisa, 2008, p14). São “um processo, um meio para, um percurso entre o pensar e o registar” (Salavisa, 2008, p17).

Nos diários de viagem, o criador regista as observações mais precisas e o seu contexto, quase como uma substituição da máquina fotográfica. Este ato obriga a olhar com mais atenção para tudo que o rodeia, é uma forma de justificar a sua presença naquele espaço. No “caderno de esboços” o desenho é praticado e exercitado de forma a aperfeiçoar esta prática. Sendo este suporte de extrema importância para artistas plásticos e outras áreas que têm o gosto pelo desenho, é certamente um recurso didático muito vantajoso para alunos que se relacionem também com esta área ou não, tornando-os mais concentrados, mais atentos e observadores para experimentar tudo o que os rodeia através dos mais variadas técnicas e materiais.

O Diário Gráfico serve as mais diversas atividades e profissões, cujos fins e funções podem ser variados. De dimensões transportáveis, um suporte de memorização, reflexão, visualização de ideias, desenvolve a observação, capacidade técnica, compreensão de determinados aspetos de objetos e situações, destreza manual, prazer de desenhar fomentando

a confiança, a imaginação e a criatividade. Todos os registos e intervenções são possíveis, permite colagens, arquivo de informações ou anotações escritas, fotografias ou imagens, esboços, esquemas, desenho ou ilustração, descrição de ideias e tudo que esteja ao alcance da criatividade.

Esta espécie de registos e representações gráficas é um convite, um desafio à descoberta de experiências e olhares quotidianos. A iniciativa do Diário Gráfico é um contributo para a compreensão da realidade, diversidade dos espaços, convidando os autores às sucessivas reedificações do imaginário. Cadernos são companheiros de quem desenvolve qualquer género de atividade criativa.

A intervenção do Diário Gráfico na turma requer orientações e sugestões aos alunos para que se sintam capazes de começar. Por vezes, a folha em branco intimida alguns alunos que não se identificam com a temática do desenho, salientando sempre que não têm jeito ou não gostam, ou ainda que não querem seguir nenhuma área que tenha como base o desenho. Por este motivo, dar pistas aos alunos e mostrar trabalhos de outros autores é sempre um bom princípio, salientando-se o trabalho de Le Corbusier, entre outros artistas de grande relevo e, mais tarde, Siza Vieira, que utilizavam o diário para fazer os registos no exterior, desenho de observação assinalando todos os pormenores gráficos e escritos. Outros artistas utilizam também este método, tentando tirar partido de todos os pormenores, movimentos e cores.

Segundo Lino Cabezas, os desenhos de Le Corbusier (cerca de 32000 que fazem parte da sua obra) eram a chave secreta de acesso a todo o trabalho que tinha realizado. Na sua atividade polifacetada como arquiteto, pintor, escultor, urbanista e teórico de arquitetura, o desenho foi-se ampliando nas suas numerosas viagens e a sua experiência, ao longo da sua vida, expressa nas quantidades incansáveis de “cuadernos de notas”, sempre com o mesmo formato (18x11cm), transmite a paixão vital da criação, das suas vivências e pensamentos (*apud* Molina 2006, p.100).

“De la capacidad de evocación sentimental de estos cuadernos de viaje era plenamente consciente Le Corbusier al escribir en las páginas de su *Viaje de Oriente*: « ¡ cuando veo en mi cuaderno de notas un croquis de Estambul, se me calienta otra vez el corazón!»” (*Cabezas apud* Molina, 2006, p.101).

Dada a atividade multifacetada de Le Corbusier, o conteúdo destes cadernos, gira à volta de uma síntese entre o homem, a máquina e a natureza, formas e leis da geometria, da estética e da tecnologia.

Lino Cabezas recorda que os cadernos de viagem “siguen una larga tradición romántica que representa el drama de la creación individual” (*apud* Molina 2006, p.101).

Podemos ainda salientar, com base no autor Lino Cabezas que os cadernos de Le Corbusier podem-se

“considerar românticos al ser la crónica de un autodidacta, el guión de una autobiografía creadora en la que se entrelazan las cuestiones profesionales de carácter técnico con datos y anécdotas personales, en ocasiones intrascendentes, todo ello aglutinado con sus abundantes opiniones y pensamientos” (*apud* Molina 2006, p.101).

Nos cadernos de Le Corbusier o que sobressai e o que chama mais à atenção é a extraordinária abundância de anotações escritas que acompanham os seus desenhos. No séc. XIX a “literatura artística” busca nos diários de artista, os “pensamentos” e as cartas, tradição herdada de Le Corbusier “y que señala sus primeras etapas de formación en las que los cuadernos de viajes van a ser un camino jamás abandonado hasta el final de su vida” (Cabezas *apud* Molina 2006, p.102).

Outro artista de grande relevo que fazia os seus desenhos em cadernos foi o anatomista, escultor, músico, arquiteto, engenheiro e inventor, Leonardo Da Vinci, na época do renascimento. Os cadernos anatómicos de Leonardo, influenciados pela engenharia e matemática, demonstram as proporções, os ângulos, formas geométricas com desenhos e anotações, um contributo fundamental para a compreensão do desenho como pensamento visual, uma ferramenta de construção de conhecimento.

Destaca-se o pintor Delacroix que, na sua viagem diplomática a Marrocos em 1832, fez registos em sete cadernos que mais tarde serviram de esboço para telas a óleo. Nas situações mais complexas, quando se tornava difícil de registar através do desenho, “socorria-se de palavras, ora denominando um objeto, ora registando um pensamento que lhe interessava fixar” (Salavisa 2008, p.40), escrevendo, por vezes, páginas inteiras. “Articulava as personagens e seus pormenores, os detalhes e os espaços arquitectónicos, com textos manuscritos, com uma escrita rápida para não deixar fugir aquele momento” (Salavisa 2008, p.40). Os registos, a memória das suas experiências visuais vividas que deslumbraram Delacroix, realizadas a lápis, bico de pena e aguarelas, os retratos de pessoas, cenas, costumes, vestuário e cores, travessias de várias cidades eram representadas como sequências desses acontecimentos (Guaraldo, 2011, pp.99,100). Através do Diário Gráfico, a cópia do desenho foi substituída pelo desenho ao ar livre.

Desenhador e pintor compulsivo, Pablo Picasso também utilizou os cadernos, o primeiro entre dezembro de 1899 e janeiro de 1900. Caderno dobrado em duas partes para caber no bolso, espelha Barcelona daquela época. Os estudos de execução rápida feitos no caderno serviram para os desenhos que expunha no bar /restaurante que frequentava. O lápis de cor, a grafite e o manchado eram os principais materiais usados nos seus cadernos, que serviam também para

anotações, contas, etc. Confirmados 175 cadernos, Picasso usava qualquer tipo de suporte para todos os seus registros nos cadernos. A espontaneidade dos seus estudos “foram vitais para o desenvolvimento da sua pintura” (Salavisa, 2008, pp.54,55). Podemos interpretar o seu processo criativo revelado nos seus cadernos, as soluções e apontamentos em cadernos de pequeno formato para as personagens e as várias composições para o quadro que revolucionou a arte ocidental, *Les Demoiselles d'Ávignon*.

Os projetos de pintura em cadernos de Leonardo da Vinci são também uma referência, uma ciência do saber e o desenho como um meio de conhecimento. As suas pesquisas basearam-se num método experimental em que os seus desenhos foram baseados na sua atitude direta. A sua curiosidade guiou-o para todos os domínios: anatomia, perspetiva, movimento, proporções, valores, cores, volumes. Para ele, o desenho era mais significativo que o texto, destacando a teoria visual.

Muitos outros exemplos de diários gráficos poderiam ser referidos, porém, os diários nem sempre estão relacionados com viagens ou projetos de caráter artísticos. Remetemos para o Diário de Frida Kahlo, um exemplo de registros de emoção, expressão de sentimentos íntimos, autorretratos, as cores chocantes, cartas e poemas colocados de forma aleatória. Realizado nos últimos dez anos de vida da artista, entre 1944-1954, as misturas de beleza, dor, e horror fazem parte da biografia de Frida Kahlo. Como refere Guaraldo (2012) talvez a principal função de um caderno seja estar próximo da vida, companheiro do quotidiano proporcionando “um território de possibilidade de armazenamento de estados brutos de sensibilidade e elaboração da subjetividade” (p.8).

Salienta-se o artista Henrique Pousão, o seu percurso académico na Europa no séc. XIX, cuja base de desenho alicerçou os cursos de pintura, arquitetura e escultura. As suas cadernetas permitiram seguir o desenvolvimento da sua aprendizagem, iniciando primeiramente o desenho da cópia, contorno, sombreados, volumes e a partir de modelos de gesso, os desenhos de memória, desenho do natural.

Neste tipo de suporte, o Diário Gráfico, refere Salavisa (2008) que os registros apelam ao desenho e à escrita sendo assim os mais usuais e que “neste espaço de liberdade e de criatividade, em que a experimentação é um dos fatores mais motivadores, não pode haver limites nas técnicas e nos materiais empregues” (p.27). O Diário Gráfico, ou caderno gráfico, pode ser local de diversificadas explorações podendo ser “tanto laboratório como arquivo” (Salavisa, 2011a, p.1) transmitindo também uma faceta lúdica e experimental que são fundamentais para enriquecer o processo criativo.

Hoje são várias as pessoas que demonstram o gosto pela prática do desenho ao ar livre, reunindo-se juntamente com artistas e pintores com grande experiência para explorar diferentes locais através do desenho no suporte Diário Gráfico.

Atualmente os sites e blogs na internet têm tido um papel importante na divulgação dos diários gráficos, uma forma dos artistas se conhecerem na troca de ideias e experiências do seu trabalho.

Os Diários Gráficos têm ainda auxiliado, pela sua portabilidade e suporte, os diversos artistas no campo da ilustração científica, possibilitando descobertas através da prática do desenho de campo, como é o caso do ilustrador e biólogo Pedro Salgado, pioneiro no ensino da ilustração científica pela técnica e rigor científicos.

4.4 Diário Gráfico como estímulo do Desenho

Contradizendo a expressão de que ‘desenhar é para quem tem talento’, podemos afirmar que o ensino e a experiência melhoram os resultados. “Não há pessoas incapazes de aprender a desenhar, da mesma forma que não há pessoas incapazes de aprender a escrever” (Rodrigues, 2003, p.10). Além de possibilitar a concretização do objeto desenhado, o ato de desenhar é útil em si mesmo, porque estimula “a capacidade de abstracção (...) permite guardar uma imensa quantidade de informação, como também uma fonte de prazer intelectual e artístico” (Rodrigues 2003, p.10).

O desenho deve ser estimulado e desenvolvido, não só com o objetivo de ensinar técnicas, mas por ser essencial no processo de ensino aprendizagem, oferecendo a oportunidade ao aluno de se expressar, organizando e concretizando os seus sentimentos e pensamentos.

O Diário Gráfico tem sido aplicado como modelo pedagógico no treino do desenho pelo seu carácter experimentalista, através do artista plástico e professor Eduardo Salavisa. Não há igualmente lugar para o certo ou errado, todas as práticas são estimuladas e pode ser um meio de diversificadas explorações, transmitindo também uma faceta lúdica, um campo privado e intimista, um laboratório singular e pessoal onde fluem abordagens e experimentações consideradas fundamentais para enriquecer o processo criativo.

Neste sentido, o Diário Gráfico, como instrumento de desenho, seria uma estratégia de incentivo, de estímulo e motivação aos alunos, cuja liberdade de expressão é ilimitada em cada experimentação visual, que se deverá desenvolver o mais cedo possível, em consequência de serem mais criativos e mais reflexivos nas suas práticas. Vygotsky (2012) revela-nos que não basta ao adolescente ter imaginação criativa, o desenho feito de qualquer maneira não o satisfaz,

necessita de adquirir hábitos e competências artísticas, dominar o material e os métodos específicos de expressão. Só através deste domínio do material se proporcionará o desenvolvimento do desenho no aluno. Cultivar a imaginação e o desenvolvimento de conhecimentos para o processo de imagens criadas pela imaginação levará o aluno à progressão de forma adequada (pp. 137,138).

Neste sentido, Gomes (2001) afirma que “é o conjunto de desenhos, produzidos pelo estudante que evidenciará o seu desempenho e desenvolvimento na aprendizagem de um dos ofícios ou de uma das especialidades do Desenho” (p.93).

Torna-se essencial referir que “a sensibilidade é construída, o talento pode ser formado, a inspiração adquirida, a emoção preparada...” (Porcher, 1982, pp. 14,15) e que o hábito pela prática do desenho está ao alcance de cada aluno, que sinta vontade em desenvolvê-lo. Não existe espontaneidade nem liberdade criativa, é necessário dar ao aluno as ferramentas adequadas e meios de acesso para a sua auto e livre expressão (Porcher, 1982, p.15).

Palma e Terrasêca (2011) evidenciam o conceito de *doctus* como a “subtileza gráfica”, uma ação física, imprescindível no exercício do desenho, expressa através do gesto e controlo da mão, que resulta da evolução da experiência prática de cada um, contudo, a atenção e a memória são funções que devem estar ativadas (pp.32, 41). O tempo e a prática e o controlo da mão e do braço vão adquirindo maior firmeza, proporcionando desenhos mais elaborados, com maior segurança.

Já nas aulas modernas, na década de 50, se exigia aos estudantes de desenho “«hay que soltar la mano». Cuando esto se logra finalmente, la recompensa inmediata es la sensación de placer. Se unifica la expresión gráfica del dibujo con una idea de expresión corporal que se ha desarrollado ampliamente en nuestro tiempo” (Cabezas, *apud* Molina 2006, p.103).

Através da utilização permanente do Diário Gráfico pretende-se que o *doctus* seja desenvolvido de forma gradual através da experiência e do conhecimento. O processo da prática de desenho é longo, difícil, exige tempo, esforço, dedicação e um apoio constante do professor, na adoção de estratégias, matérias e propostas de trabalho que ajudem a potenciar a aprendizagem do aluno. Se o aluno não se sentir forçado, a sua experiência, o conhecimento das técnicas e meios materiais e o envolvimento no desenho podem fluir, desaparecendo os bloqueios, levando o aluno a construir um percurso singular em desenho.

O Diário Gráfico, como ensaio visual que ajuda a educar o olhar, poderá funcionar como um processo de meditação, motivação e superação das dificuldades de representação e perceção através do envolvimento em propostas de trabalho diversificadas e instigantes para o amadurecimento constante do desenho, através do gesto e da espontaneidade. Porém, é

necessário valorizar a componente emocional, pois nem sempre o aluno se encontra motivado para realizar o trabalho, o medo de errar e de enfrentar os obstáculos faz com que desista facilmente. Os erros fazem parte do processo de desenho, ajudar o aluno a visualizar as falhas que lhe trazem insatisfação e encarar as atividades como desafios ajudará o aluno a entender as suas capacidades gerando experiências de satisfação que conduzirão a novos desafios que contribuirão para a sua formação intelectual e emocional.

Gomes (2001) diz-nos que, apesar da habilidade motora para representar os pensamentos, é necessário propor ao aluno, quando se encontra em fase de angústia, exercícios gráficos de ilusão, ou seja, de fantasia, humor, desenvolvimento de técnicas de representação gráfica por meio da composição, e de síntese (p.96). Neste sentido os vários exercícios de experimentação foram propostos aos alunos, tais como desenho de síntese ou nivelamento, desenho cego, desenho de contorno, desenho de observação, de imaginação e de memória, possibilitando ao aluno, escolher qual das criações atende melhor aos seus objetivos, ou seja à fase da iluminação na busca de soluções para o seu trabalho.

As habilidades do desenho, as capacidades de visualizar no espaço são adquiridas com a prática. Ao materializar no papel as ideias através da representação gráfica, alimenta-se a imaginação. Acumular as experiências (perceptivas, intelectuais e culturais) na mente é matéria que articula o procedimento imaginativo (Bortolucci, 2005, p.28).

Achamos conveniente trazer o contributo de alguns pensamentos de desenhadores em “Diários Gráficos”, atuais, simplesmente porque têm o hábito de desenhar de forma sistemática, não só porque viajam ou têm disponibilidade, ou porque lhes dá prazer, ou necessitam de “treinar a mão”, mas sobretudo porque são observadores e porque têm tendência para transportar o diário para registarem as ideias que vão surgindo.

A atitude fundamental nos diários gráficos é exposta através de uma examinação de olhar sob diferentes formas de fazer o desenho. Os registos de cada individuo são deliberados através da experiência de ver, expressa por olhares atentos. Essa ação repetitiva e inesgotável exprime “uma atitude de interrogar e descobrir as medições e modos de ver o mundo, materializa simultaneamente uma tomada de consciência dessas experiências e modos de olhar o real” (Carneiro *apud* Salavisa 2011b, p.12), cuja intenção é (re)encontrar o mundo através do desenho.

Interessa-nos reter a descoberta manifesta por Salavisa de que a experiência que o ato de desenhar proporciona é mais importante do que o resultado final, o desenho acabado em melhores condições concluído posteriormente, ou o desenho de fotografia (Salavisa 2011b, p.19). Os registos particulares de quem observa e desenha numa experimentação fiel ao que o

rodeia conduzem a um universo pictórico que divulgam a essência e o espelho do desenhador. Observar ou exteriorizar os pensamentos, ideias, estados de espírito, através do desenho e das experiências com os materiais é sinónimo de descoberta para quem começa esta atividade.

Para Fernandes, os seus registos “são uma possibilidade de continuar o desenho livre” (*apud* Salavisa 2011b, p.42), chama-lhe os “imaginários de bolso”. Procura ajustar o seu traço ao tipo de material, os registos mais rápidos são sempre mais espontâneos e expressivos, podendo haver equilíbrio através da mancha de cor na resolução de pequenos detalhes. Este desenhador encara estes registos como pequenas liberdades diárias, que “marcam a interpretação do real com reflexos do imaginário” (*ibidem*).

Cada desenhador vai descobrindo a sua forma de perceber, criando em si a oportunidade de reiniciar o desenho, e não como parte de exercícios de observação impostos na escola. Embora, o “vício” dos imensos desenhadores e o contágio em fixar as coisas, os lugares e as pessoas através do desenho, possa começar na escola, através dos primeiros ensaios.

Anã diz que “um caderno completo é um objeto com a sabedoria dos momentos que encerra, é um pequeno capítulo das vivências quotidianas” (*apud* Salavisa, 2011b, p.70), mas o que o move é o prazer em desenhar. O Diário Gráfico é uma espécie de libertação, espaço de experiências, tentativas, erros, fraquezas que servem todo o processo de desenho (*ibidem*).

Estes cadernos servem de treino, transformam, dão segurança ao sentido de análise e observação. São espaços de reflexão e de desenvolvimento de trabalhos que se transformam em peças tridimensionais. “O diário gráfico tem sido o palco para muitos desses momentos de inspiração” (Cid *apud* Salavisa, 2008, p.168).

Sobre a linguagem dos diários gráficos, existem diferenças entre a utilização de folhas soltas, que servem desenhos e anotações, e a utilização dos cadernos. Este é construído no tempo, como objeto.

No enorme mundo de possibilidades de registo, mergulhar na fantasia e no imaginário fundamentam e acumulam a experiência de quem desenha. O processo de modificação baseia-se nessa dinâmica de imagens que se deformam e se reelaboram no processo da imaginação. É neste sentido que a disciplina de Educação Visual funciona como um cenário onde a observação, a criatividade e a imaginação se materializam pela flexibilidade das formas num processo de experimentação pictórica e de resolução de problemas.

É durante todo o desenvolvimento expressivo que o aluno conhece e aperfeiçoa a sua formação intelectual, construindo desta forma a sua poética pessoal. É para essa construção/evolução que é necessária uma prática pedagógica desenvolvida pelo professor, através do auxílio de procedimentos instigantes e voltados para o desenvolvimento pessoal do

aluno. A reinvenção de práticas educativas, a mudança de situações e a orientação do professor, são necessárias na construção do conhecimento que permita a reflexão dos alunos, valorizando as especificidades e preservando as suas identidades. Novas propostas para o ensino da disciplina, envolvimento, ação, questionamento e reflexão no crescimento dos alunos, fazem parte da construção e intervenção no seu processo criativo e de conhecimento, ajudando-os a explorar novas extensões voltadas para o desenho.

Estando o desenho presente nos conteúdos programáticos da disciplina, uma vez que “é um exercício básico insubstituível de toda a linguagem plástica, bem como constitui uma ferramenta essencial na estruturação do pensamento visual” (Ajustamento do Programa de Educação Visual. s/d, p.3), torna-se justificável o título deste trabalho “Diário Gráfico- coleção de momentos na construção do processo criativo”. Todos os registros, ações, desenho/escrita, memorização de experiências gráficas, vivências, significados e pensamentos, são colecionados em momentos vivenciados pelos alunos, explorando o apreendido numa dimensão pessoal atualizada a cada momento, descobrindo a imaginação através do domínio do desenho, cujo processo criativo vai enriquecendo, evoluindo e modificando a identidade de cada um. Como espaço criativo, espaço de visualização de ideias, é também “um modo de retenção de memória de espaços, pessoas, sentimentos, momentos” (Salavisa, 2008, p.237).

Propor e incluir o Diário Gráfico nas práticas da disciplina de Educação Visual é preparar o aluno para a análise e reflexão do que o rodeia na tentativa de aproximar e envolver na arte do desenho.

Consideramos a par de outros professores do ensino das artes visuais, que “o Diário Gráfico é um instrumento essencial para o ensino/aprendizagem, particularmente na área do ensino artístico; a sua aplicação como estratégia deve ser o mais prematura possível. Há experiências bem-sucedidas em níveis etários baixos” (Salavisa, 2008, p.239). Como testemunho da experiência com o Diário Gráfico, além dos trabalhos desenvolvidos a turma registou as suas opiniões no Anexo XI.

4.5 O Desenho Expressivo

“É a intenção e a sensibilidade do artista juntamente com o médio e a técnica que dá um caráter expressivo ao desenho” (Corais, 2010, p.41).

A etimologia da palavra ‘expressão’ “indica que se trata de “prensar”, de forçar qualquer coisa a sair” (Aumont 2005, p.202).

Aumont (2005) diz-nos que não existe uma definição unificadora da noção de ‘expressão’, existem imensas definições contraditórias tornando-se utópico esse intuito. O autor

sustenta a título de definição funcional a opinião de que “a expressão visa o espectador (...) e que veicula significados exteriores à obra, mas mobilizando técnicas particulares, meios que afectam a aparência da obra” (p.206).

Os meios de expressão que Aumont se refere são a forma que se acentua ou o tratamento do material que é insistente e torna a forma visível. O meio para tornar a imagem expressiva será incluir “mais” material dando a impressão que na obra é o material que trabalha. Através da superfície e do material utilizado também podemos trabalhar a expressão. A prática demonstra que as formas como elementos expressivos, o material e os elementos da figuração ajudam a definir o estilo através das escolhas: “quanto mais novo for o estilo, mais expressivo” (Aumont 2005, p. 209). Isto é válido na procura dos efeitos individuais e da originalidade. As escolhas, o tratamento da matéria, o gosto por determinadas formas e cores ajudam a definir o estilo. Como nos diz Bortolucci (2005), expressar-se pelo desenho, o estilo pessoal e a forma de cada um se manifestar através desta prática, do traço, vai-se desenvolvendo, assim como a prática da letra que fomos desenvolvendo durante anos (p.34).

Arnheim (1997) defende que podem ser consideradas expressivas as manifestações da personalidade. No entanto, a expressão tem um alcance para além do corpo. «A palavra “expressão” implica uma ação, etimologicamente a de “pressionar para fora”» (p.60). Acrescenta ainda que:

“embora não haja provas que apoiem a hipótese de que o fenómeno da expressão baseia-se na aprendizagem, há que ter em conta que em muitos casos a interpretação da expressão percebida é influenciada pelo que se sabe da pessoa ou objeto em causa, ou do contexto onde ela ocorre” (p.73).

A aprendizagem de técnicas é essencial, mas as características expressivas que cada um dá a cada desenho, independentemente da forma, da proporção, dos elementos que caracterizam a representação gráfica, tais como o ponto, a linha, o traço, a mancha, o esboço, são individuais, próprios da singularidade de cada um.

Deste modo, Molina, Cabezas & Cópon (2005) dizem-nos que:

“El esbozo es el proceso germinal del pensamiento gráfico, en el que el trazo sale al encuentro de la idea desde un presentimiento que adquiere tintes deontológicos y en la que parece definirse la propia definición del ser, es una operación parecida a esa otra de carácter universal, que es la firma individual, la rúbrica que parece sellar la imagen del trazo con la identidad del escritor a través de un juego misterioso de analogías con la acción cinestésica del movimiento «libre» de la mano, a la búsqueda de una gráfica todavía inexistente que identificamos con la raíz fundamental de todos nuestros posibles trazados futuros” (p.18).

Através dos instrumentos riscadores de desenho mais simples, como o lápis de diferentes durezas ou do pincel, é possível conseguir obter diferentes graus de expressividade através do traçado ou da pincelada mais fluida, tudo depende da atitude e do gesto de quem desenha. Na

criação do desenho, a escolha dos materiais determina e propicia a espontaneidade ou a rigidez, podendo ser pensado e controlado consoante a firmeza da expressividade do autor em detrimento da necessidade da comunicação. As técnicas, materiais e processos utilizados ajudam também o aluno a refletir o seu ato de expressão gráfica, manifestando e expressando o que querem transmitir.

Como nos diz Molina (2011), a aprendizagem do desenho deve permitir ao aluno enfrentar e desenvolver capacidades gráficas antes das necessidades de cada projeto (p.35).

As capacidades expressivas e criativas não devem ser descuradas das artes visuais, devem ser fomentadas e exploradas para que os alunos manifestem a sua sensibilidade percetiva e exteriorizem as emoções através do desenho.

É necessário clarificar que o desenho é um fenómeno físico, como dimensão objetiva e subjetiva, por um lado como fenómeno físico, de origem mental, materializado num registo físico e por outro como produto do movimento do corpo (Rodrigues, 2005, p. 27).

Porém, o que dá significado ao desenho é a experiência e a aprendizagem de cada um. A ideia ou a imagem reproduzida depende da cognição, da emoção e da sensibilidade, fatores estes que exercem influência na perceção visual. O desenho começa na dimensão interior, espiritual, com base na influência exterior, realidade visível, dando forma à materialização das sensações, das emoções e dos pensamentos recorrendo às formas e aos materiais (Rodrigues, 2005, p. 28).

A este propósito, Rodrigues diz-nos ainda, que:

“o desenho como carácter livre implica, primeiro a aquisição disciplinada de experiências, com o propósito estruturador, para depois, ser possível a reestruturação ou a nova estrutura. Sem a primeira (experiência disciplinada) não existe a segunda (experiência criativa)” (2005, p. 27).

É fundamental dominar e aperfeiçoar as técnicas do desenho para possibilitar e facilitar o desenvolvimento da expressividade com maior fluidez, na transmissão das reações emocionais. Dar forma ao desenho através do sentir e do pensar, articulando e exteriorizando ideias, implica um autoconhecimento das habilidades internas de que o aluno se vai dotando, não só relativas ao domínio técnico mas também à forma de as exteriorizar. Neste campo, Corais (2010), afirma que “podemos considerar as linhas como expressivas quando sentimos num desenho, que a necessidade do artista em experimentar e partilhar sentimentos supera qualquer outro motivo para utilizar a linha” (p.40).

As linhas carregadas de força expressiva provêm da urgência de captar as emoções. “As circunstâncias ditam a atitude gráfica” (Corais, 2010, p.41).

“O desenho não consiste num processo mecânico e estável, exige pelo contrário, o *habitus* para se tornar expressão de autenticidade, de autonomia crítica, e de intencionalidade” (Rodrigues, 2005, p. 29).

Segundo Palma e Terrasêca (2011), as ações motoras do corpo têm interferência no desenho, a pressão exercida através dos materiais, a direção dos traçados, os movimentos compulsivos da mão, pulso, braço e do corpo, fazem parte da marca de cada um que o torna único. A relação corpo e mente constroem a aprendizagem do desenho de modo a “materializar as percepções visuais e/ou imaginário gráfico” (p.36) e a revelar a singularidade do traçado.

Os gestos espontâneos que caracterizam a matéria gráfica vão-se estimulando através dos exercícios. Contudo, a aquisição de conhecimentos e destrezas manuais representativas devem estar articuladas em prol do desenvolvimento de automatismos expressivos que permitam a materialização quase involuntária para uma prática do desenho mais frequente, sem receio de errar, desbloqueando assim a grafia. Torna-se imperativa a importância dos métodos e as estratégias utilizados pelo professor, relevantes para o desenvolvimento e construção do percurso de aprendizagem do desenho, assim como a sua orientação em termos de técnicas e conhecimentos para que o aluno revele autonomia para a autoformação da sua aprendizagem (Palma & Terrasêca, 2011, pp.38,39).

Neste sentido, Bortolucci (2005) refere-nos que o adolescente que se encontra na etapa de representar com realismo, desenhar tal como vê, está no “momento da maturidade quando precisa de aprimorar o seu olhar” (p.34). Por esse motivo, com o desenho de observação, o aluno vai aprender a ver em profundidade, vai sentir mais confiança nas suas capacidades expressivas e criativas. Este momento de aprendizagem poderá ser o início de uma constante procura, de reflexão através do desenho, considerando que “o senso crítico aumenta com o desenvolvimento da capacidade de visualização e expressão” (p.35).

É através da expressão gráfica e dos diversos caminhos que se vão abrindo com o desenho, que o interesse pelo mesmo vai surgindo. Ao longo desse processo o aluno vai-se construindo, distancia-se cada vez mais do princípio, deparando-se com a variedade de hipóteses de desenvolvimento. Azevedo (2009) refere que “o processo de desenho é também sinónimo de maneira de pensar do artista” (p. 67). Acrescenta ainda o mesmo autor que “o processo criativo é equacionado enquanto movimento, algo que sofre mutações, passível e sensível ao efeito do tempo” (*ibidem*). Concretamente, o desenho resulta do processo do percurso do desenhador, a sua transformação no tempo que se materializa no espaço, são momentos da “nossa história pessoal, ele é a sua expressão, é o reflexo do nosso ser” (Rodrigues, 2005, p.31).

Nesta perspectiva, citamos Molina (2011) que nos diz claramente que "La validez del dibujo no va a depender tanto de su valor autónomo como obra de arte, sino de su vinculación al proceso por el cual el artista lo transforma en una parte significativa de sí mismo" (p.34).

Acrescentamos também que,

“el auténtico dibujo no está en el «dibujo final», sino en la «estrategia» que «dibuja» la malla que articula los estratos de «dibujos» que componen el proyecto. Una acción que permite mantener la individualidad de cada uno de ellos, como un sistema contradictorio de posibles reconstrucciones, y como la clave de una reflexión diferenciada sobre la identidad de lo representado” (Molina 2011, p.188).

Rodrigues (2003) afirma que o desenho, começa por ser um prazer na infância, “provoca momentos dolorosos na aprendizagem e rapidamente se transforma de novo num prazer, agora mais completo, já que nos mobiliza (mente e corpo) totalmente” (p.87). Nesta realidade, mobilizando esta questão para a importância de uma prática do desenho, é possível inferir que, neste processo dinâmico e de articulação mente/corpo, o desenhar como ação e a sua materialização expressiva contribuem para a formação do aluno, gerando as experiências do ver, do sentir e do criar, aliando a sensibilidade, destreza manual e o autoconhecimento com a intenção de reflexão, expressão do eu e comunicação.

4.6 Criatividade, imaginação, fantasia e suas relações

“A criatividade é a imaginação aplicada” (Robinson, 2010, p.73).

“A fantasia, a invenção e a criatividade pensam, a imaginação vê” (Munari, 2007,p.17).

É possível, nas escolas, fundir os termos criatividade, imaginação e fantasia. Surgem muitas vezes as questões nos nossos alunos quando se mostra uma obra de arte de um grande artista, um desenho, ou uma ilustração, “como é que o autor fez aquilo”, “onde foi buscar as ideias” ou “como nasceram”. No nosso subconsciente, essas questões também se colocam. Mas será possível compreender de onde as ideias surgem?

À luz de vários autores como Lev Vygotsky, Bruno Munari, Ken Robinson, que abordaram estes fenómenos, tentaremos expô-los e compreendê-los, ainda que superficialmente, dada a natureza deste trabalho.

Vygotsky (2012) aborda alguns domínios relacionados com a imaginação e a criatividade, referindo que ambas se articulam com a experiência individual, estando em qualquer dos âmbitos da vida dos indivíduos. A imaginação pode seguir duas direções, a reprodutiva ligada à memória, e a criativa que ultrapassa a própria memória e possibilita ao indivíduo ir mais além do apreendido. A plasticidade cerebral e a memória são fatores determinantes entre a capacidade imaginativa e a criatividade (p.12).

Imaginação não é semelhante a criatividade, esta encaminha o processo imaginativo a outro nível. A criatividade, nas palavras de Robinson (2010), é o “processo pelo qual obtemos ideias originais e valiosas” (p.73). A imaginação pode ser só interna, se não criarmos nada em concreto, somos apenas imaginativos. Para criar novas soluções e refletirmos na resolução de problemas é necessário ativar a imaginação: “A criatividade é a imaginação aplicada” (Robinson, 2010, p.73).

Segundo Robinson (2010), uma das definições da imaginação, é “a capacidade de trazer à mente coisas que não estão ao alcance dos sentidos” (2010. p.65). A ação da imaginação é o processo de “ver na nossa cabeça”, coisas que experienciámos e não experienciámos, “podemos revisitar o passado, contemplar o presente e antecipar o futuro” (p.66). Para Munari (2007) a imaginação é o meio para tornar visível o que a fantasia, invenção e criatividade pensam. Esses meios poderão ser através do desenho, pintura, escultura, cinema, etc.(pp. 23,24).

À luz dos pensamentos de Vygotsky (2012), a imaginação e a fantasia referem-se a tudo o que é irreal, são os fundamentos da atividade criativa, “a cultura, a técnica e a ciência são produtos da imaginação e da criatividade” (p.13). A imaginação é elaborada a partir da combinação de elementos que vão surgindo na realidade. Quanto mais rica for a experiência de cada indivíduo, “mais abundante será a matéria disponível para a imaginação” (pp.31,32). Acrescenta ainda Vygotsky (2012) que “quantos mais elementos da realidade a criança tiver à disposição na sua experiência mais importante e produtiva, (...) será a sua atividade imaginativa”(p.33).

Sendo o cérebro um “órgão combinatório, que modifica criativamente e cria, a partir dos elementos e experiência passada, novas situações e novos comportamentos” (Vygotsky, 2012, p.23), ele retém a nossa experiência antecedente simplificando a sua repetição. As descobertas, antes de se consolidarem, estiveram na imaginação associadas a novas combinações no nosso cérebro. A criatividade é conduzida através do social, da troca simbólica entre indivíduos, que se vai modificando ao longo dos estádios do desenvolvimento do indivíduo (Vygotsky, 2012, pp. 24,25). “Sempre que o homem imagina, combina, altera e cria algo novo, existe criatividade”(Vygotsky, 2012, p.26).

O problema basilar do desenvolvimento da fantasia é o aumento do conhecimento e das relações que se criam com o que se conhece, podendo ser mais ou menos ativas. Relacionar várias coisas diferentes de modo a construir uma única coisa, alterando cores, a forma, a função, o lugar, o peso, a matéria, a dimensão, o movimento, os contrários, repetindo formas, são operações que acontecem na memória e que relacionam dados. Não querendo dizer que as pessoas cultas não produzem muita fantasia, se não forem criadas relações entre as coisas que

conhecem e sabem, se “não usarem a fantasia, não passarão de um maravilhoso armazém de dados inertes” (Munari, 2007, p. 37).

É comum pensar que as crianças têm grande fantasia, através dos seus desenhos, mas, na realidade, a criança projeta o que sabe sobre o que não conhece bem. Se a imaginação só se produz com elementos retirados da realidade, a criança, para sustentar a sua imaginação e utilizá-la nas atividades que fortifiquem as suas construções e ampliem as suas percepções, deverá desenvolver-se e progredir em ambientes de estímulo.

Se os alunos obtiverem um aumento de cultura visual e alargamento do conhecimento e memorização, ficarão mais dotados a criar fantasias e relações possibilitando-lhe a resolução de problemas.

Tomando como referência estas informações, apraz-nos dizer que o Diário Gráfico é o palco onde se materializam os desenhos da imaginação, ilustram os pensamentos e as ideias como espaço aberto que possibilita a libertação e desbloqueia a criatividade. “Os exercícios gráficos de ilusão são uma das formas de “criar” que mais resultados apresentam em sala-de-aula, porque a fantasia ajuda o processo de desenvolvimento de ideias” (Gomes, 2001, p.113).

Quando, paulatinamente por meio da fantasia, como elemento-chave se busca a motivação, a vontade a inspiração e o humor para a realização de algo, o ambiente torna-se mais descontraído para desenhar, as ideias fluem com mais naturalidade (Gomes, 2001, p.114).

4.7 Ilustração: desenho e texto em Diário Gráfico

Foi no séc. XIX que a palavra *illustration*, derivada do inglês com a mesma etimologia latina *lustrare* “esclarecer, dar brilho”, obteve o sentido de “figura que ilustra um texto impresso” e designa o género artístico de ilustração de textos. (Goliot-Leté, et al., 2011, p.208).

São linguagens distintas que contam uma história. No entanto, a ilustração é uma linguagem universal, não necessita de tradução em qualquer parte do mundo. Apesar das diversidades entre o desenho e a ilustração, o desenho está sempre na sua base.

A ilustração como imagem figurativa, que poderá ser abstrata ou não, aliada ao desenho e com estreita relação de diálogo entre a imagem que acompanha o texto, tem sido “tomada como arte menor, [no entanto, explora] igualmente todas as possibilidades gráficas, espaciais e cronológicas que o desenho” (Rodrigues, 2003, p.111).

Ao obedecer a um plano, contextualiza a comunicação visual da mensagem a transmitir. Interpretar um texto através de desenhos imaginativos, descrever com imagens, reunindo o desenho e a pintura, e ser capaz de abordar as mais variadas técnicas e materiais, exige do aluno

as habilidades e conhecimentos para aperfeiçoar a sua grafia e a técnica. A dedicação, o envolvimento e o tempo são fatores necessários e aliados ao fluir da prática constante do processo do desenho. Sendo uma habilidade que pode ser desenvolvida, o exercício da prática e a experiência do aluno, aliadas à intervenção adequada através de exercícios orientados pelo professor, permitem expandir a autonomia do aluno e desenvolver a sua expressão e o pensamento visual, resgatando a experiência vivida através da interpretação e criação, equilibrando a imaginação verbal e visual.

Fornecer ao aluno um tema para a prática do desenho foi, no estágio, um auxílio, não uma imposição, sempre que os alunos perguntavam qual o tema para ilustrar.

A experiência vivida e afetiva, a sua capacidade de percepção e o domínio dos materiais permitem que se evidenciem no desenho, são parte integrante dessa aprendizagem e experiência.

Na idade da adolescência, em que a maioria dos alunos que interromperam o desenho ou se recusam a desenhar, fornecer temas em forma de textos/poemas são apenas justificativas para estabelecer a dialética entre o desenho e a criatividade, conduzindo o pensamento visual a um caminho possível que soma as vivências e os momentos de cada aluno, um contributo para desenvolver o *habitus* do desenho.

Estimular os alunos para a descoberta das potencialidades do Diário Gráfico para as diversas técnicas é também ativar na sua memória a noção de que é possível amadurecer as ideias, ilustrar temas do imaginário, organizar desenhos com palavras ou colagens, esboços rápidos, são atitudes que devem ser tomadas por iniciativa própria, sem imposições.

O Diário Gráfico utilizado nas mais variadas explorações de desenho pode ser “tanto laboratório como arquivo” (Salavisa, 2011a, p.1). Utilizar a linguagem textual interage com o desenho de ilustração povoando as páginas de evasões imaginárias.

O papel da ilustração assume uma aproximação a diversas formas de representação, possibilitando “uma percepção activa, uma educação visual, que vai formando gostos e sensibilidades. Parte da subjetividade dos sentidos mas promete uma construção do conhecimento” (Silva, 2011, p.23).

Foi o início do séc. XX que marcou inúmeras influências que justificaram o interesse dos artistas pela ilustração, uma área de exploração produtiva para os projetos artísticos. Enquadrada pelo modernismo, a ilustração trouxe consigo o humor, a desconstrução, a fantasia (Silva, 2011, p.85).

O aluno, ao explorar o desenho de ilustração, com o recurso à inserção de palavras em que a tipografia ocupa o espaço de narrativa imagética como forma de ampliar as possibilidades

interpretativas e de expressão, aventurar-se-á a combinar influências das correntes artísticas contemporâneas, através do domínio de cores e composição, aproximando a poesia visual e a arte postal, conjugando o texto com a imagem na sua linguagem gráfica poética.

São vários os ilustradores que desenvolvem as narrativas visuais através do desenho e dos jogos tipográficos cuja diversidade de meios e materiais são multidisciplinares.

A ilustração começou a ter um estatuto de elogio na área científica na década de 80, merecedora de uma reflexão mais séria nos estudos académicos e científicos, publicações em revistas, congressos, dissertações, no entanto existe ainda a falta de apoios teóricos e editoriais (Silva 2011, p.399).

Ilustrações de como as de Maria Keil e Manuela Bacelar, entre outros, contribuíram para a criação de outros ilustradores. A cultura visual é, neste intuito, importante como forma de conhecimento de artistas ilustradores que farão parte do imaginário dos alunos lançando sementes para um novo imaginar.

4.8 A pertinência da Cultura Visual para o Diário Gráfico

Sendo a visão a principal componente da comunicação visual, é através dela que nos chegam as experiências e as mensagens visuais e que nos permite adquirir novos conhecimentos associados à imagem. A imagem tem, como sabemos, um grande impacto e poder na sociedade. Por este motivo Duncan (2010) diz-nos que a disciplina de Educação Visual deveria marcar no currículo o lugar central e não a periferia (p.6), e que os professores deveriam conectar o interesse dos alunos, os seus conhecimentos e as suas necessidades através de imagens sem distinção de natureza histórica, passado e presente, culturas diferentes, e considerar nas imagens, relações, associações, conhecimentos, vivências e interpretações para futuramente atender aos desafios do mundo visual em que todos nós vivemos atualmente (p.12).

Abordar a imagem na disciplina de E.V. é conquistar, conduzir e proporcionar ao aluno condições para o entendimento e compreensão da cultura, requisitos para ser crítico e um reforço à identidade de cada um. É neste sentido que a cultura visual, intersetada pelas diversas áreas do saber, não se deve circunscrever apenas a produção artística, mas, principalmente, à atitude crítica do aluno enquanto consumidor/espetador.

Pelo facto da turma onde o estágio decorreu apresentar uma reduzida cultura visual, achamos conveniente e necessário criar um blogue como forma de motivação e partilha de links de artistas importantes, vídeos de trabalhos e técnicas, imagens associadas às unidades temáticas, museus, exposições e a partilha das ilustrações realizadas pela turma com o intuito

de aumentar a experiência visual de cada aluno. Mais do que a fruição estética, a compreensão crítica, a interpretação e a associação de experiências são fundamentais, sendo que, “o importante é que o aluno chegue a uma produção que lhe tenha proporcionado harmonia interior/experiência estética” (Rodrigues 2011, p.16).

Tornar os alunos mais reflexivos através do desenho, explorar o blogue da turma, visualizar obras de arte na aula, ajuda os alunos a serem mais criativos e a adquirir competências para se adaptarem à cultura, aos valores, às ideias intervindo através do desenho, como meio de expressão pessoal no Diário Gráfico.

Dominar as técnicas e as habilidades de representação gráfica, alfabetizar os alunos visualmente, saber interpretar imagens, conhecer referências artísticas é a base para poder ser criativo, compreender e interpretar o mundo que o rodeia, é incitar a um pensamento mais crítico influenciando o seu processo de representação.

Todos os meios utilizados e permitidos em Diário Gráfico, a sua cultura visual, as referências servem para proporcionar ao aluno as possibilidades de expressão, estabelecer as suas relações afetivas e desenvolver as suas capacidades e habilidades. As marcas do tempo, a sua cronologia, a coleção de momentos e testemunhos são carregados no Diário Gráfico, diretrizes que constroem o processo criativo de cada aluno.

Parte II – Trabalho de Campo

5. Intervenção Pedagógica

5.1 Objetivos da intervenção pedagógica

Os objetivos principais deste estudo são analisar em que medida o Diário Gráfico contribui para o incremento da prática do desenho e para a evolução do processo criativo do aluno, ao nível do desenho expressivo e da criatividade.

Tendo em conta a pertinência do tema, o nosso trabalho de campo teve como objetivo específico descrever os processos de criatividade manifestos no domínio da competência da leitura e da “privacidade partilhada” do Diário Gráfico, que permitiram, através do fator lúdico e de experimentação das técnicas e materiais, desenvolver o desenho espontâneo e expressivo. O uso de registos gráficos como suporte possibilitou ampliar os limites do processo e ato criativos estruturados por mapas mentais.

Pretendeu-se com esta estratégia levar o aluno a desenvolver competências de observação do mundo exterior e empírico, através de um conjunto de registos, construindo assim uma linguagem gráfica. Desta forma, desejou-se, igualmente, uma crescente e continuada consciencialização de que o Diário Gráfico está ligado ao processo de imaginação, reflexão, criação, exploração, desenho/ilustração e criatividade, mais do que à ideia de desenho(s) como produto acabado - composição, organização de página e problemas de finalização.

Para além da utilização do Diário Gráfico foram dinamizadas um conjunto de atividades tais como: o projeto desenvolvido no âmbito do Plano Nacional de Leitura articulado com o Diário Gráfico, o Blogue da Turma, a Visita de Estudo à Fundação Cupertino de Miranda, em Vila Nova de Famalicão e, por fim, o Workshop de Ilustração dinamizado pela ilustradora Raquel Felgueiras. Estas atividades e vertentes de exploração pretenderam enriquecer e abarcar as diversas unidades temáticas desenvolvidas em contexto de sala de aula, disponibilizando uma fonte de recursos que pudessem servir aos alunos de experiência visual e prática.

Tendo estes objetivos como orientação principal do nosso trabalho, e tendo em conta a necessidade da sua ulterior validação empírica, o modelo pedagógico que implementámos procurou tornar possível não só o envolvimento dos alunos e o desenvolvimento de competências gráficas, mas também o surgimento de dados de análise com relevância.

Antes de passarmos à descrição mais pormenorizada das estratégias e atividades desenvolvidas no nosso modelo de intervenção pedagógica, e para melhor situarmos o contexto

em que desenvolvemos este modelo, começamos por fazer uma breve descrição do local onde o estágio decorreu, e a apresentação do grupo de alunos com quem trabalhamos. O seu conhecimento revelou-se, também, determinante na elaboração da nossa estratégia. Seguir-se-á a apresentação do nosso modelo de intervenção pedagógico (MIP) e, finalmente, a descrição dos instrumentos utilizados na recolha dos dados que serão objeto de análise tendo em vista a validação de todo este projeto.

5.2 Caracterização da escola

O estabelecimento de ensino Didáxis Cooperativa de Ensino, em Riba de Ave, onde o estágio decorreu, celebra Contrato de Associação com o Ministério da Educação, funciona em regime de autonomia pedagógica e insere-se no setor do Ensino Particular Cooperativo do Sistema Educativo.

A Cooperativa é proprietária de duas escolas, com sede no Concelho de Vila Nova de Famalicão: Didáxis, Cooperativa de Ensino – Riba de Ave e Escola Cooperativa do Vale S. Cosme.

Este estabelecimento de ensino enquadra-se num espírito e conceção de vida que pretende estimular para uma melhor educação e ensino, à luz dos princípios educativos específicos que procura seguir e que têm como finalidade formar os seus alunos ao nível das suas dimensões, interpessoal, intelectual, cultural, criativa, artística e estética, desenvolvendo, de uma forma harmoniosa, os aspetos ligados à sua formação.

É seu lema implementar a formação e vivência cooperativa de sentimentos, pensamentos e ações comuns, aconselhando, assim, o abandono do individualismo.

A Didáxis vive uma realidade virada para o cooperativismo dos seus alunos e para a sociedade onde se insere. É uma escola que investe em projetos de cooperação com universidades, escolas e outras instituições nacionais e europeias, cujo objetivo é descobrir novos mundos e partilhar novas experiências que enriqueçam o meio educativo, e, assim, prestar melhor educação aos jovens e melhores serviços a Portugal.

A missão da Didáxis é “promover a educação e formação escolar não superior nas diversas modalidades previstas no Sistema Educativo e noutros sistemas de formação e qualificação, desenvolvendo um ensino de excelência e qualidade” (Projeto Educativo, 2010, p.5).

O meio socioeconómico onde a escola está inserida revela uma tendência ao abandono escolar, que a Didáxis procura resolver, investindo “na recuperação dos défices de qualificação

escolar e profissional, veiculando a aquisição de competências escolares, técnicas, sociais e relacionais [que] permitam o ingresso cada vez maior no mercado de trabalho que se sabe exigente e competitivo” (Projeto Educativo, 2010).

Como forma de elevar os níveis de habilitação escolar e profissional da população, a escola apresenta uma oferta integrada de Educação e Formação de Adultos, potenciando condições de empregabilidade.

Para além do 1º, 2º e 3º ciclos de ensino, a Didáxis oferece formações profissionalizantes de nível três, nomeadamente, Gestão e Programação de Sistemas Informáticos, Energias Renováveis, Multimédia, Eletrotécnica, Técnico de Apoio Psicossocial, Técnico de Apoio à Gestão Desportiva. Enquadrados no nível dois, encontram-se os cursos de Eletricidade de Instalações, Serralharia Mecânica, Mecânica Automóvel, Eletromecânica, Equipamentos Industriais, Cabeleireiro, Manicura e Pedicura.

Oferece também Educação de Adultos em regime noturno de nível três, os cursos de Apoio à Gestão, Informática de Sistemas, Mecânica Automóvel, Instalação de Sistemas Fotovoltaicos, Ação Educativa, Técnicas Administrativas, Esteticista e Cosmetologista e Análises Laboratoriais e de nível dois EFA.

A escola acolhe cerca de 2238 alunos de todos os níveis de ensino, sendo 1957 dos 2º e 3º ciclos, secundário e cursos profissionais, os restantes referem-se ao 1º ciclo do ensino básico.

O número de docentes nesta escola é de 193, e o número de não docentes é de 94, perfazendo um total de 287.

5.3 Caracterização do grupo/turma

Este estudo englobou doze de vinte e cinco alunos de uma turma do 9º ano de escolaridade. A turma era maioritariamente de sexo masculino, sendo composta por nove alunos do sexo feminino e dezasseis do sexo masculino. Do grupo em análise, quatro eram raparigas e oito, rapazes, com idades compreendidas entre os 14 e os 17 anos. A seleção destes doze alunos deveu-se à correspondência existente entre as características dos alunos e os objetivos do estudo (“amostra por seleção racional”), (Flick, 2005, p. 184), nomeadamente o interesse demonstrado pelos alunos na realização do pré e do pós-teste, e pela disciplina. Para além disso foram selecionados também alunos que não tinham interesse nesta disciplina porque não gostavam de desenhar.

A caracterização familiar, cultural e socioeconómica dos alunos em causa, e da turma em geral, foi feita a partir de uma Ficha Biográfica (ver Anexo I) aplicada no início do ano letivo.

Verificou-se que a turma em geral demonstrava dificuldades às disciplinas de Matemática, História e Físico-Química, seguindo-se as línguas de Francês, Inglês e só depois Português. Existiam ainda três alunos que referiram ter dificuldades à disciplina de Educação Visual. A disciplina de Educação Física é a disciplina de maior preferência, com treze alunos, logo seguida pela disciplina de Matemática, com nove alunos, seguindo-se depois as disciplinas de Ciências, História e Inglês.

Nesta turma de vinte cinco alunos, apenas quatro alunos referem que Educação Visual é uma das disciplinas preferidas.

Na opinião dos alunos, as dificuldades sentidas na aprendizagem devem-se principalmente à pouca atenção nas aulas e às dificuldades em compreender as explicações dos professores. Existem alunos tímidos que não participam, nem pedem ao professor para explicar novamente. Seis dos alunos referem que não têm interesse nos estudos e dois referem que têm mau comportamento nas aulas. Um aluno refere que não se consegue integrar na turma, talvez pelo facto de ser muito tímido e a turma ser bastante barulhenta.

Esta turma, na sua grande maioria, referiu que gosta de aulas práticas, seguindo-se a escolha do parâmetro dos trabalhos de grupo. Dez dos alunos assinalaram, ainda, que gostariam de aulas em que os professores tivessem em conta os seus interesses e as suas preferências. Existem ainda dois géneros de aulas que os alunos referiram gostar, sendo eles a utilização de meios audiovisuais e quando os alunos participam ativamente. Apenas dois casos pontuais, por motivos de timidez, referiram gostar de trabalhos individuais e apenas que o professor exponha as matérias. Salientam-se dois alunos, que afirmam sentir cansaço e falta de tempo para estudar, dormindo pouco tempo.

Os alunos deram a sua opinião relativamente às características da turma, considerando, sobretudo, que é barulhenta e faladora.

Quanto às atividades de formação cultural e artística, existe uma situação de participação nula, sendo que apenas uma aluna frequentou a dança e outra aluna aprendeu a tocar viola, mas desistiu.

A respeito de visitas a espaços de arte, os alunos raramente visitam museus. Dado o contexto socioeconómico e as habilitações literárias dos pais, o nível artístico e cultural não é considerado importante para a construção do conhecimento do aluno.

Verifica-se que os alunos confundem museus com monumentos arquitetónicos, igrejas, conventos ou feiras. Apenas dois dos alunos visitaram a Casa da Memória, em Guimarães, e dois visitaram a Casa das Artes, em Vila Nova de Famalicão.

Ao longo dos 7º e 8º anos do 3º ciclo, a turma, na sua maioria, frequentou a disciplina de Teatro, seguindo-se Educação Tecnológica e Educação Visual. As disciplinas de Música e de Dança foram as menos escolhidas. Este ano letivo é exceção, uma vez que o currículo de Educação Visual se tornou obrigatório no 9º ano. Se os alunos tivessem que optar na seleção de uma disciplina de carácter artístico, catorze deles não optariam pela disciplina de Educação Visual.

É de salientar que apenas quatro dos alunos da amostra referiram que gostariam de seguir esta área, tendo, no entanto demonstrado lacunas na expressão e prática do desenho. Os restantes alunos, não tinham interesse por esta área. Doze alunos disseram não gostar da disciplina de Educação Visual, usando expressões como: “não, não gosto de desenhar, nem nada que se faz em E.V.”, “não tenho jeito para desenhar”, “não, porque não gosto de desenhar”, “não é das disciplinas que mais gosto”, “ não, não pela professora, mas pelo facto de não saber desenhar”.

A turma encontrou-se dividida quanto às suas opiniões, relativamente à importância da disciplina no currículo, utilizando algumas expressões como: “não tenciono seguir nenhuma área que tenha coisas em comum com esta disciplina”, “não é útil em várias profissões” “não, porque não vai ser útil no futuro”, “não preciso de saber desenhar para ser fisioterapeuta”, “não considero importante”. Dadas as expressões, parece que os alunos estão muito desmotivados, provavelmente pelo facto de ser obrigatório frequentar a disciplina de educação visual este ano, uma vez que anteriormente frequentaram na sua maioria a disciplina de teatro.

Os alunos que estão mais recetivos à disciplina referem nesta questão que: “podemos aprender a estar mais atentos e focados na disciplina”, “será bom para poder beneficiar no futuro”, “porque podemos aprender muita coisa com a disciplina”, “sim, porque em certas áreas temos que utilizar o que aprendemos em Educação Visual”, “sim, porque é bom ter no currículo a disciplina, neste tempo de crise”, “sim, Educação Visual tem muita saída, é algo que melhora as nossas capacidades”, “sim, porque quero seguir artes e acho que Educação Visual é uma disciplina importante para isso”. Estes alunos consideram a disciplina importante, independentemente de quererem seguir, no seu prosseguimento de estudos, vendo-a como um enriquecimento no seu currículo.

As áreas que os alunos pretendem seguir são variadas, relacionando-se com a multimédia, ciências e tecnologias, línguas e humanidades, eletrotécnica, desporto, mecânica, artes, direito, informática e cozinha. Apenas quatro alunos gostariam de seguir a área de artes.

Para além destas características, verificámos que esta turma não tem hábitos de leitura, os seus tempos sendo ocupados com outros *hobbies*. Neste sentido, a escola propôs que em

cada disciplina fossem utilizados dez minutos semanais para aumentar os níveis de literacia. Aproveitámos esta iniciativa para articular a leitura e a escrita com o desenho.

É, também, uma turma com um ritmo de trabalho lento, causado pela falta de interesse, dedicação, autonomia e motivação na realização das tarefas, agravado, no nosso entender, por não obterem conhecimentos suficientes e habilidades técnicas na disciplina de Educação Visual. Por exemplo, durante todo o ano letivo fomos verificando que a turma nem sempre se fazia acompanhar pelo material, razão pela qual tivemos de disponibilizar materiais e suportes para que nada faltasse na sua elaboração das ilustrações.

Por todas estas características, fomos levados a procurar definir um modelo de intervenção pedagógica que, prioritariamente, permitisse à turma desenvolver capacidades técnicas de expressão de criatividade e pensamento divergente na realização das atividades. A articulação entre o projeto do Plano Nacional de Leitura e a utilização de um Diário Gráfico pareceu-nos satisfazer o objetivo de possibilitar ao aluno representar graficamente e com intencionalidade mensagens visuais ancoradas na interpretação e análise pessoal de textos/poemas. Investiu-se, assim, também na promoção da leitura como fonte de ideias e temas, viabilizando a dualidade texto e desenho.

5.4 Modelo de Intervenção Pedagógico

O modelo pedagógico escolhido teve por base os modelos de intervenção desenvolvidos por Amabile, Alencar, Sternberg e Lubart.

A intervenção centrou-se, essencialmente, na promoção de fatores e estratégias que ajudassem a desenvolver a criatividade do aluno em sala de aula, com particular enfoque no fomentar a liberdade criativa, evitando bloqueios, e no libertar o potencial criativo dos alunos de forma autónoma. Para esse efeito, foram também utilizadas as técnicas do *brainstorming* de Osborn e o mapa mental proposto por Tony Buzan.

Neste sentido, as estratégias construídas a partir dos modelos destes autores, foram implementadas de forma a transmitir os conteúdos e os conhecimentos das temáticas abordadas, mas também para que cada aluno adquirisse esse conjunto de habilidades de orientação e de capacidade criativa através do exercício do desenho e ilustração em Diário Gráfico.

De forma sintética, apresentamos na Tabela 1 a interação dos modelos que nos serviram de referência e as componentes que cada um dos autores propõe na tentativa de desenvolver competências conducentes ao desenvolvimento da criatividade do aluno.

Num quadro seguinte (Tabela 2) apresentaremos a sua tradução/aplicação nas unidades temáticas trabalhadas em contexto de sala de aula, no âmbito do nosso modelo pedagógico.

Tabela 1 - Modelos de desenvolvimento da criatividade

Modelos	Componentes	
Amabile Modelo Componential de Criatividade	Habilidades de domínio	talento, habilidades técnicas numa área, conhecimento adquirido
	Processos criativos	estilo de trabalho criativo, estilo cognitivo, domínio de estratégias, traços de personalidade
	Motivação intrínseca	cultivada pelo ambiente social, satisfação, envolvimento na tarefa, interesse, autodeterminação
Alencar Modelo de desenvolvimento da Criatividade	Habilidades de pensamento criativo	fluência, flexibilidade, originalidade
	Atributo de personalidade	iniciativa, independência, autoconfiança, persistência, flexibilidade
	Promoção de um clima psicológico	reflete confiança na pessoa, apoio, incentivo, desafios
	Domínio de técnicas e bagagem de conhecimento	domínio de técnicas e conhecimento numa área específica
	Redução de bloqueios	clima adequado, sem crítica, sem medo de errar
Sternberg e Lubart Teoria do Investimento em Criatividade	Inteligência	habilidade de ver o problema de um novo ângulo, pensamento crítico, soluções criativas resultantes da consequência de <i>insights</i>
	Estilos intelectuais	forma como a pessoa explora a inteligência
	Conhecimento	conhecimento de uma determinada área
	Personalidade	alguns traços de personalidade contribuem para a expressão da criatividade: correr riscos, confiança em si, tolerância à ambiguidade, coragem e autoestima
	Motivação	energia no trabalho, mais atenção, desejo de dominar um problema e alcançar autoestima
	Contexto ambiental	ambiente familiar e escolar

Como demonstra a Tabela 1, as teorias dos diferentes autores que ajudam a promover a criatividade no aluno são coincidentes e complementam-se em várias componentes.

Amabile desenvolveu o Modelo Componencial de Criatividade, no qual refere que os fatores motivacionais, cognitivos, sociais e de personalidade têm influência no processo criativo do aluno (Alencar & Feith, 2003, p.4)

Este modelo foi adaptado às aulas dinamizadas e à implementação do Diário Gráfico na disciplina de Educação Visual do 9º ano, através de uma prática que promoveu o desenvolvimento do processo criativo dos alunos e da expressividade do desenho.

Consiste em três componentes essenciais em interação para desenvolver um trabalho criativo: “habilidades de domínio, processos criativos relevantes e motivação intrínseca”, (Amabile, 1983 *apud* Alencar & Feith, 2003, p.4).

A primeira componente, de habilidades de domínio, incluiu, o talento, o conhecimento, a experiência e as habilidades técnicas na área. A experiência não surge do vazio mas sim de um alicerce de conhecimento que permite adaptação e transformação em qualquer área (Amabile, 1983 *apud* Alencar & Feith, 2003, p.4).

Os processos criativos (a segunda componente) referem-se ao estilo de trabalho, estilo cognitivo, domínio de estratégias usadas na área que domina, à forma de trabalhar e aos traços de personalidade, favorecendo a produção de ideias. A dedicação ao trabalho, a persistência perante dificuldades e a busca de excelência, foram determinantes na evolução de cada aluno ao longo da prática pedagógica. Em relação ao estilo cognitivo, Amabile destaca “a quebra de padrões usuais de pensamento, quebra de hábitos (...) transferência de conteúdos de um contexto para outro e armazenagem e recordação de ideias” (Amabile, 1983 *apud* Alencar & Feith, 2003, p.4). Os traços de personalidade, também podem contribuir para desenvolver o processo criativo, salientando a “autodisciplina, persistência, independência, tolerância por ambiguidades, não conformismo, automotivação e desejo de correr riscos” (Amabile, 1989, *apud* Alencar & Feith, 2003, p.5).

O terceiro e último componente deste modelo é a motivação intrínseca que pode ser desenvolvida e cultivada pelo ambiente social. A motivação intrínseca, o envolvimento, a satisfação do indivíduo pela atividade, “engloba interesse competência e autodeterminação” (Amabile, 1989, *apud* Alencar & Feith, 2003, p.5). O indivíduo sente-se mais motivado quando é desafiador despertando o interesse por conta própria, levando-o a desenvolver sentimentos de autoeficácia (Amabile, 1989, *apud* Alencar & Feith, 2003, p.5).

O modelo de Eunice Alencar, que permite também desenvolver a criatividade, e parece-nos que vem complementar o modelo de Amabile. Foi também considerado na intervenção

pedagógica. Alencar (2007) refere, da mesma forma, “habilidades de pensamento criativo - fluência, flexibilidade, originalidade” os “atributos de personalidade que favorecem a expressão da capacidade de criar” a “promoção do clima psicológico” o “domínio de técnicas e bagagem de conhecimento” e a “redução de bloqueios” (p.46), conduzem e orientam o aluno a desenvolver o seu processo criativo.

A Teoria do Investimento em Criatividade, proposta pelos autores Sternberg e Lubart agrupa seis recursos que, interrelacionados formam um todo, e podem estimular a criatividade, sendo eles: a inteligência, estilos intelectuais, conhecimento, personalidade, motivação e contexto ambiental (Alencar & Feith, 2003, pp. 2-4). Inclui, deste modo, aspetos presentes no Modelo Componencial de Criatividade de Amabile, e ainda elementos comuns no Modelo de Desenvolvimento de Criatividade de Alencar. Assim, o modelo de intervenção pedagógico implementado por nós foi adaptado e ajustado aos três modelos, possibilitando a operacionalização de estratégias revelantes, implementadas nas aulas para satisfazer os modelos referidos.

Na Tabela 2 que se segue, apresentamos, de maneira sintética, a operacionalização das estratégias implementadas em sala de aula, tendo como base as componentes de Alencar, Amabile e Sternberg & Lubart, que, tal como acabamos de referir, nos serviram de referência.

Tabela 2 - Operacionalização dos modelos com a dinamização das aulas

Componentes dos modelos de: <ul style="list-style-type: none"> • Alencar • Amabile • Sternberg e Lubart 	Operacionalização das estratégias implementadas em sala de aula
Habilidades de domínio de técnicas	Exploração individual das diferentes técnicas e matérias nas propostas de trabalho desenvolvidas, quer em sala de aula quer no Diário Gráfico extra aula, tais como lápis grafite, lápis de cor, canetas de ponta fina, marcadores, sépia, sanguínea, aguarelas, tinta-da-china, café e aguarelas utilizadas nas diferentes áreas de desenho, pintura e colagem.
Habilidades de pensamento criativo	Desenvolvimento de trabalhos individuais e de grupo, com o objetivo de explorar e partilhar ideias com os colegas. Utilização das técnicas do brainstorming e mapa mental para fomentar o pensamento criativo através na seleção de ideias pertinentes sobre os poemas apresentados para cada aluno ilustrar em Diário Gráfico. As propostas de trabalho permitiram desenvolver o cruzamento de ideias, pensamento divergente, e expressão livre da criatividade e imaginação de cada aluno.

Processos criativos	Foi dado mais tempo de dedicação e concentração para desenvolverem as competências criativas, aumentando assim a qualidade do trabalho, buscando a excelência. Foi encorajada a persistência perante dificuldades, produzindo várias opções, analogias através de transferência de aprendizagens e conteúdos aprendidos.
Motivação intrínseca	Utilização, nas aulas, de métodos demonstrativos, recursos estimulantes de experimentação, tais como materiais e suportes diferenciados, apresentando autores como modelos criativos de grande relevo em cada unidade de trabalho. Foi criado o blogue da turma como alfabetização e promoção de cultura visual, fundamental auxílio nas ilustrações dos textos PNL. Os conteúdos foram abordados de modo a captar o interesse, a atenção, o envolvimento e o prazer em realizar as tarefas, desenvolvendo sentimentos de autoeficácia.
Atributos de personalidade	As diferentes identidades da turma foram encorajadas a explorar e expressar ideias, correr riscos, ter confiança em si, perseverança, persistência, diante de obstáculos do trabalho.
Conhecimento	Os conteúdos foram apresentados para que os alunos tivessem conhecimento teórico prático na área. Experimentar outras dimensões para além das realizadas na aula, transformando conhecimentos aprendidos.
Contexto ambiental	Como forma de estimular um clima favorável em sala de aula foram estimulados e valorizados aspetos criativos das ideias, sugerindo novas abordagens quando estas não respondiam ao problema. O ambiente isento de censura e críticas gera novas ideias, evitando a timidez de exposição do trabalho perante a turma.
Redução de bloqueios	Estímulo dos alunos a arriscar na concretização de ideias, entendendo que não existem modelos únicos de desenvolvimento de uma ideia, ajudando a libertar o potencial criativo.

A metodologia adotada permitiu facilitar a identificação da problemática, motivação, colaboração e responsabilização dos intervenientes, superação das dificuldades, progressão na qualidade e adequação das práticas pedagógicas na resolução de problemas, no questionamento e experimentação em contexto de sala de aula. Permitiu, finalmente, dinamizar nas aulas as diferentes unidades de trabalho, que apresentaremos a seguir.

5.4.1 Intervenção pedagógica desenvolvimento das Unidades de Trabalho

As unidades temáticas dinamizadas, os conteúdos e as estratégias, bem como os recursos utilizados (técnicas, materiais, suportes, ilustradores, desenhadores e autores de grande relevo) pretenderam explorar a temática do Diário Gráfico. Para além disso, dada a sua versatilidade, permitiu-nos utilizá-lo de maneira transversal e flexível em todas as aulas, tirando proveito de acordo com o programa da disciplina de Educação Visual e dos conteúdos explorados.

A experimentação técnica, evidente em todas as aulas de forma desigual, através dos diferentes materiais atuantes e aquosos, permitiu motivar para o desenvolvimento de uma linguagem gráfica própria de cada aluno.

Para uma compreensão mais pormenorizada da organização das aulas, apresentamos a sua operacionalização e sequência, nas Tabelas 3,4,5,6, e 7 ⁶, destacando-se para cada unidade temática a exploração dos conteúdos abordados, os materiais e as técnicas utilizadas, e as atividades realizadas.

⁶ Para melhor compreensão da organização e dinamização das aulas, estas encontram-se descritas de maneira mais desenvolvida e detalhada juntamente com alguns exemplos dos trabalhos desenvolvidos no Anexo IX e as respetivas planificações no Anexo X.

Tabela 3 - Unidade de trabalho - Desenho de Observação

Unidade de trabalho - Desenho de Observação – 4 aulas (1º período)	
Conteúdos	<ul style="list-style-type: none">. Perceção e Comunicação Visual. Representação e Expressão. Desenho de observação: desenho linear e volumétrico Linhas estruturantes e auxiliares <ul style="list-style-type: none">Sombras :claro / escuro<ul style="list-style-type: none">. Sombra própria. Sombra projetada. A Cor: Cores primárias, secundárias, complementares, quentes e frias, cores análogas, tom, valor e saturação
Técnicas e materiais	<ul style="list-style-type: none">.lápis de grafite de durezas variáveis.lápis sanguínea.lápis sépia.lápis de cor.lápis de cor aguareláveis
Recursos informáticos	Apresentações multimédia: <ul style="list-style-type: none">- Desenho volumétrico e expressivo- Poesia Visual- A Cor: efeitos cromáticos, tom, valor e saturação- Vídeos no blogue da turma: desenho expressivo
Atividades	Análise, observação (estrutura, proporção, forma geométrica envolvente, sombra própria e sombra projetada), representação de objetos de cerâmica e letras tridimensionais de madeira. Composição e sobreposição de objetos.

Tabela 4 - Unidade de trabalho - Educação Artística e Plástica

Unidade de trabalho - Educação Artística e Plástica - 3 aulas (2º período)	
Conteúdos	<p>Linguagem e Gramática Visual</p> <ul style="list-style-type: none"> -Elementos visuais -Organização formal: -Composição, forma e fundo, simetria / assimetria, proporção, equilíbrio, contraste, relação entre as formas <p>Representação e expressão</p> <ul style="list-style-type: none"> - Desenho de observação: desenho linear e desenho volumétrico . Comunicação . Pintura . Forma de expressão e comunicação das artes plásticas . A cor : harmonia monocromática - A criatividade - A imaginação
Técnicas e materiais	<p>Desenho: materiais riscadores de grafite de durezas variáveis, tinta-da-china, café e aguarelas</p> <ul style="list-style-type: none"> - Recorte e colagem
Recursos informáticos	<ul style="list-style-type: none"> ▫ Apresentação multimédia: .Surrealismo e pintor surrealista, Cruzeiro Seixas; .Visualização de vídeos sobre a pintura com café; .Cadávre Exquis – um jogo surrealista
Atividades	<ul style="list-style-type: none"> - Fragmentação e composição das formas das obras de Cruzeiro Seixas através do recorte; - Inserção de novos elementos e/ ou transformação das pré-existentes; - Utilização de tinta-da-china e café, na representação gráfica da composição das formas surrealistas. - Representação gráfica papel dobrado - Cadávre Exquis

Tabela 5 - Unidade de trabalho – Arte Postal

Unidade de trabalho – Arte Postal - 3 aulas		(2º período)
Conteúdos	<ul style="list-style-type: none">. Linguagem e Gramática Visual<ul style="list-style-type: none">- Elementos visuais: ponto, linha, plano, cor, volume e tamanho- Organização formal:- Composição, forma e fundo, simetria / assimetria, proporção, equilíbrio, contraste, relação entre as formas. Representação e expressão<ul style="list-style-type: none">. Desenho. Pintura. Comunicação Visual. A cor<ul style="list-style-type: none">- Forma de expressão e comunicação das artes plásticas- A criatividade- A imaginação	
Técnicas e materiais	Desenho, pintura, impressão, recorte e colagem – diferentes materiais riscadores;	
Recursos informáticos:	Apresentação multimédia: <ul style="list-style-type: none">- Conceitos sobre Arte Postal;- Visualização de imagens de postais, envelopes e carimbos;- Exploração do site “color sheme designer 3” sobre a combinação de cores.	
Atividades	<ul style="list-style-type: none">- Elaboração de postais e envelopes e selos em formato personalizado utilizando técnicas e materiais diversos;- Recorte e colagem de selos nos postais e envelopes;- Impressão de carimbos variados, recorte e colagem de motivos.	

Tabela 6 - Unidade de trabalho – Geometria no Plano

Unidade de trabalho – Geometria no Plano - 2 aulas		(3º período)
Conteúdos	-Desenho rigoroso .Representação e expressão - Geometria no plano: ponto, linha, reta, segmento de reta, polígonos triangulares, polígonos quadrangulares, divisão da circunferência em partes iguais e polígonos inscritos - Forma .Perceção Visual da Forma : qualidades formais, qualidades expressivas, qualidades geométricas	
Técnicas e materiais	Desenho rigoroso – lápis grafite	
Recursos informáticos	Apresentação multimédia: - Geometria no plano - Hexágonos e polígonos estrelados de seis pontas concêntricos - Composição visual e processo de simplificação geométrico.	
Atividades	- Traçados geométricos elementares - Traçado de hexágonos e polígonos estrelados de seis pontas concêntricos sobrepostos. - Elaboração de uma composição visual geométrica pelo processo de simplificação a partir de uma pintura de Amadeu de Souza-Cardoso.	

Tabela 7 - Unidade de trabalho – Geometria no Espaço

Unidade de trabalho – Geometria no Espaço - 1 aula		(3º período)
Conteúdos	- Desenho rigoroso .Axonometrias .Perspetiva Isométrica: escala e cotagem	
Técnicas e materiais	Desenho rigoroso: lápis grafite	
Recursos informáticos	Apresentação multimédia: - Axonometrias: Perspetiva isométrica	
Atividades	Exercícios de representação gráfica: à mão livre e rigorosa de um cubo modulado em perspetiva isométrica.	

A dinamização dos temas de cada aula, mencionados anteriormente, foram precedidos e acompanhados de apresentações multimédia, vídeos e propostas de trabalho, que incidiram sobre a prática de experimentação de materiais, numa abordagem que ambicionou alargar o desenvolvimento dos processos criativos de cada aluno, através da exploração e materialização de composições plásticas num ambiente de colaboração e cooperação entre todos os intervenientes.

5.4.2 Atividades complementares

Como já referido anteriormente, conjuntamente com as unidades de trabalho foram também desenvolvidas um conjunto de atividades que visaram constituir um leque de descobertas de experiências. Essas atividades consistiram em: um projeto desenvolvido no âmbito do Plano Nacional de Leitura articulado com o Diário Gráfico; construção de um Blogue da turma; uma Visita de Estudo à Fundação Cupertino de Miranda, em Vila Nova de Famalicão e, por fim, um Workshop de Ilustração dinamizado pela ilustradora Raquel Felgueiras.

Seguidamente, será apresentado o conjunto de atividades que enquadraram e complementaram as intervenções em contexto de sala de aula.

5.4.2.1. O projeto Diário Gráfico versus Plano Nacional de Leitura

A intervenção do suporte do Diário Gráfico iniciou-se logo no primeiro período. Em todas as aulas de 50 minutos foram utilizados dez minutos para o Plano Nacional de Leitura. Na 1ª aula – 17 de Outubro, foi feita uma apresentação multimédia do projeto Diário Gráfico *versus* Plano Nacional de Leitura, que se encontra nos Anexos IV e V. Esta articulação visou desenvolver a leitura e a expressão escrita, partindo da construção de mensagens visuais e escritas interpretadas nos textos fornecidos; explorar o desenho fazendo uso da palavra escrita como elemento visual criando composições gráficas com base na interpretação dos textos.

Tendo em consideração que o conceito de Diário Gráfico era desconhecido dos alunos, foi feito, conjuntamente com os alunos, durante a aula, e recorrendo às técnicas do brainstorming e do mapa mental, uma construção de significados de Diário Gráfico, associando ainda as vantagens, dificuldades, cuidados e caminhos a percorrer na elaboração de um Diário Gráfico.

A premissa deste projeto foi a prática do desenho, exercida com satisfação, com vontade e com atitude. O Plano Nacional de Leitura foi o mote para fornecer dados à imaginação e difundir criações pessoais de cada aluno, dando pistas, ideias e informações no âmbito da

disciplina de Educação Visual. Em cada texto, o aluno pode selecionar através do exercício do mapa mental, palavras que o ajudassem a criar um palco de imagens mentais reproduzindo as que melhor ilustrassem cada texto. Ilustrar página sobre página ganhou vida, tornou-se pessoal e singular, funcionou como uma memória de registos espontâneos, culminando num processo de evolução criativo observado ao longo do ano.

Semanalmente, foram fornecidos aos alunos poemas, excertos e citações de autores que, depois de lidos e interpretados na aula e salientadas algumas palavras-chave, serviram de base para o alunos elaborarem ilustrações numa folha (páginas do Diário Gráfico) em formato personalizado (12X21cm). Esta proposta pretendia, sobretudo, desenvolver a compreensão e interpretação da leitura, ilustrando e desenhando. Cada página de cada Diário Gráfico foi preenchida com palavras, frases, poemas ou textos, a representação de cada elemento visual tendo obedecido à apreciação e experiência sentida por cada aluno, que pôde refletir e explorar ideias do texto através do desenho de ilustração, observação, colagens, e técnicas de pintura.

A relação entre o Plano Nacional de Leitura e o desenho de ilustração foi um modo para descobrir formas de agir e experienciar potências de desenho descobertas por cada um dos alunos, na qual a procura constante de meios, técnicas e instrumentos foram permitidos na produção de autoconhecimento e na comunicação intersubjetiva. A prática do desenho e o desenvolvimento do processo criativo do aluno passaram pela experiência da ilustração da letra, da palavra e do texto, enquanto meios relevantes e paralelos entre a comunicação, a grafia, a expressão e a criatividade em suporte de Diário Gráfico. O desenho da letra, utilizado pelos alunos com mais dificuldades ao nível do desenho, foi desenvolvido como imagem gráfica nas ilustrações dos textos.

Durante o 3º período foi aplicado um método desenvolvido por Betty Edwards que permite desenvolver técnicas que estimularam a utilização do hemisfério direito do cérebro, provocando o desbloqueio do ato criativo através do desenho. Este método está interligado com a capacidade de ver com maior perceção.

Parafraseando Edwards (1984), através deste método, a pessoa aprende a desenhar usando o lado direito do cérebro, vence obstáculos à criatividade e ajuda a desenvolver os talentos. O potencial do lado criativo e imaginativo do cérebro que predomina no lado direito é quase ilimitado, e, através do desenho, cada pessoa pode conhecer e libertar esse potencial (p.17), tendo “acesso, a um nível consciente, à sua capacidade inventiva, intuitiva e imaginativa”, capacidade que tem permanecido desconhecida no sistema educacional (p.16).

No âmbito do projeto do Plano Nacional de Leitura e Diário Gráfico foi apresentado ainda um método que desenvolve a criatividade e ajuda à memorização, o mapa mental de Tony

Buzan (1970). Através da técnica do Brainstorming de Alex Osborn, um método de pensamento divergente, os alunos registraram através de um mapa mental palavras associadas ao termo Diário Gráfico, o objetivo deste suporte, permitiu aos alunos expressarem as ideias de uma forma “intuitiva e emocional” a partir da experiência de cada um (Tschimmel, 2011, pp.55,56), relacionadas com uma área qualquer, de modo a memorizar determinados termos ou matérias em estudo através da utilização do desenho expressivo, ilustrativo, cor, entre outros à escolha. Este exercício foi realizado nos últimos momentos de intervenção do PNL/DG conduzindo a turma à utilização do pensamento verbal e visual associando palavras e imagens refletindo a exploração de temas anteriormente propostos no âmbito do projeto, permitindo à turma enfrentar obstáculos juntos, fazendo-os pensar em várias palavras de forma fluida. Alguns exemplos encontram-se no Anexo VIII. A quantidade originou qualidade.

Este método fez com que os alunos entendessem a amplitude deste instrumento enquanto registo de ideias, associações mentais, incentivando a flexibilidade de pensamento (Tschimmel 2011, p. 62). Apesar destes métodos serem utilizados também no início do ano letivo, não tiveram sucesso uma vez que os alunos não tinham quaisquer conhecimentos sobre o conceito de Diário Gráfico.

Este projeto sendo implementado pela primeira vez na turma, requerendo de cada um empenho, dedicação e motivação intrínseca, exigiu que fosse necessário dar tempo para o aluno pensar criativamente. “Ideias criativas dependem do fomento de pequenos indícios que conduzem a tais ideias, e fomentar ideias criativas requer tempo” (Sternberg & Williams, 2003, p.28). Sabendo que as perceções criativas não acontecem de forma momentânea, à semelhança do Diário Gráfico, também o Blogue da Turma foi um instrumento que necessitou de tempo para exploração e espaço para imaginação e experimentação.

O projeto Diário Gráfico versus Plano Nacional de Leitura decorreu ao longo de catorze aulas dinamizadas no âmbito da intervenção pedagógica, além da aula de apresentação do projeto. Considero que o impacto do projeto seria mais vantajoso se a intervenção fosse constante em cada unidade temática. Além disso, a inflexibilidade da planificação anual da turma, delineada anteriormente pela escola, provocou algum desalento na articulação entre o tema do relatório e as aulas dinamizadas, como já referi anteriormente. Contudo, as aulas conseguiram fornecer à turma instrumentos, conteúdos, técnicas e meios que pudessem ser explorados no Diário Gráfico, estimulando os alunos a intervirem neste suporte, extra aula.

Desenvolver no aluno aptidões para selecionar as formas de expressão mais adequadas às suas ideias, e criar capacidades de expressão e comunicação artística dominando as técnicas e os materiais, foi fundamental para a evolução do processo criativo.

5.4.2.2. O Blogue

Sendo o tema deste trabalho o “Diário Gráfico – Coleção de momentos na construção do processo criativo”, a utilização do blogue, com o mesmo nome, contribui para a prossecução dos objetivos, pois, além de estimular os alunos para o uso do Diário Gráfico, como forma de melhorarem os seus resultados na disciplina, foi também um auxílio visual para melhoria das atividades dinamizadas por eles.

Porquê a iniciativa do blogue?

Adotámos este método como recurso pedagógico por ser um espaço de acesso aos alunos onde a informação poderia ser especializada e disponibilizada pelo professor, e, ao mesmo tempo, servir como estratégia pedagógica por ser um “portfólio digital” e um “espaço de intercâmbio e colaboração” (Gomes, 2005, p.313) na partilha visual da produção dos trabalhos dos alunos, dando “voz” às ideias e pensamentos de cada um.

Dadas as dificuldades verificadas no decorrer do 1º período ao nível do desenho, esta iniciativa permitia-nos apresentar à turma links que pudessem estimulá-los para a disciplina de Educação Visual. As diferentes atividades da turma, relacionadas com o Plano Nacional de Leitura e com as unidades temáticas, foram colocadas neste blogue, com o intuito de incentivar, motivar e valorizar os seus trabalhos.

Partindo do pressuposto que os recursos e ferramentas dominados pelas novas tecnologias constituem uma prática de uso corrente, e uma vez que toda a turma tinha acesso à internet em casa, a utilização de recursos audiovisuais, com o intuito de estimular os alunos para o hábito do desenho, ilustração, pintura e colagem entre outros, permitia-nos não só explorar técnicas e materiais, mas também prestar auxílio e clarificar os conceitos e práticas de desenho, considerando que os alunos “desenvolvem a criatividade não quando lhes é pedido, mas quando lhes é mostrado” (Sternberg & Williams, 2003, p.13).

Com a cultura visual e a partilha das experiências de ilustradores introduzidos no blogue, pretendemos guiar a turma ao exercício da imaginação, autoexpressão, invenção, descoberta de experiências perceptivas, dando a oportunidade a manifestações artísticas e outras possibilidades de expressão desenvolvidas pelos alunos e divulgadas no blogue.

A nível estatístico, verifiquei que o blogue contou com mais de 1667 visitas da turma.

Para apurar resultados mais precisos, apliquei um questionário à turma sobre a importância desta ferramenta, constatando que a maioria considerou o blogue bom ou muito bom, e uma minoria de excelente. Os alunos que referiram o blogue como satisfatório eram alunos com bastantes lacunas na disciplina de Educação Visual, mencionando várias vezes que

não gostavam de desenhar. Na generalidade, a turma referenciou que se sentiram motivados, satisfeitos, mais criativos, dando-lhes inspiração para continuar a realizar experiências de ilustração.

5.4.2.3. Visita de estudo à Fundação Cupertino de Miranda

Na tentativa de estimular os alunos para a unidade de trabalho Expressão Artística e Plástica – Surrealismo, foi promovida uma visita de estudo com as três turmas do Núcleo de Estágio à Fundação Cupertino de Miranda - Centro de Estudos do Surrealismo, para visitar a obra de Carlos Calvet e algumas obras de Mário Cesariny e Cruzeiro Seixas. Suscitar o interesse por este movimento artístico contemporâneo e permitir aos alunos o contacto direto com a obra de arte constituiu um fator de enriquecimento para as competências estéticas e artísticas, promovendo a cultura, a arte e a memória cultural, a motivação e a criatividade. Os museus são essenciais para a educação artística, procuram estimular os sentidos. Observar a arte é uma fonte de inspiração artística que desafia os alunos para a experiência de aprendizagem. A interação entre a escola e o museu pretendeu despertar a curiosidade, cruzar conteúdos, valorizar temáticas e refletir sobre o processo criativo como ponto de partida para a experiência gráfica a realizar no museu.

A realização de uma atividade denominada de “Aquamoto” criada por Mário Cesariny possibilitou a experimentação com liberdade de expressão e autodomínio de um desenho e mancha realizados através da técnica da tinta-da-china e pincel utilizando o processo de submersão em água. Adquirir novos significados e sentidos acerca deste movimento artístico foi um fio condutor para desenvolver experiências na unidade de trabalho relacionada com o surrealismo. Os alunos puderam também partilhar esta técnica posteriormente em sala de aula com os colegas ausentes na exposição.

O facto de a visita ser realizada em horário não letivo fez com que a turma não aderisse na totalidade a esta iniciativa, argumentando que tinham de aproveitar a tarde para estudar para outras disciplinas. Como foi referido na análise da ficha biográfica, a turma e os pais não têm por hábito visitar museus nem conhecer exposições, denotando um nível inferior de curiosidade. Talvez o fator família tenha contribuído para influenciar este comportamento, dando menor importância às artes.

5.4.2.4. Workshop de Ilustração

Estando o Plano Nacional de Leitura (PNL) integrado num projeto do grupo de estágio, o Workshop de Ilustração, realizado no dia 15 de maio, apresentou-se como uma estratégia de consolidação de múltiplas experiências de aprendizagem proporcionadas ao longo do ano, referentes às capacidades comunicativa e expressiva e de pensamento visual e divergente, através da área do desenho. Sendo o PNL um projeto interdisciplinar com intuito de elevar os níveis de literacia, foi possível desencadear processos mentais de leitura, interpretação e escrita, possíveis de se expandirem através da utilização das metodologias de desenho como ferramentas de comunicação de pensamentos e ideias.

Estando a ilustração enquadrada nesta vertente de desenho que pretende “designar ainda [a] relação entre Imagem e Texto, ou a imagem como o complemento explícito de um tema e de uma ideia” (Almeida, 2012, p.3), procurou-se articular o projeto PNL com processos artísticos de expressão e comunicação.

Este Workshop foi orientado pela Ilustradora Raquel Felgueiras, tendo a mesma exposto visualmente, a sua obra, o que permitiu enriquecer a cultura visual dos alunos, a capacidade imaginativa e contactar com novas formas do fazer artístico. Através da análise de palavras soltas, pretendeu-se que os grupos de trabalho analisassem e estruturassem as suas ideias e pensamentos, utilizando métodos como o brainstorming e o mapa mental (no caso da minha turma, uma vez que, estas técnicas, foram exploradas em sala de aula), criando uma mensagem poética ilustrada. O pensamento divergente e a dinâmica de grupo foram determinantes na representação gráfica imaginativa e expressiva, explorando realidades possíveis e impossíveis através do envolvimento poético e das imagens associadas.

Através da partilha de ideias de cada um “enriquecemos as experiências ao ampliar esse universo de conhecimento artístico, nas propostas de produção de significado à experiência do viver, que contribuem para a humanização e atitude crítica diante do mundo” (Panozzo, 2011, p.3).

6. Tratamento e Análise de dados

6.1 Metodologia de Investigação

Para o desenrolar deste estudo propõe-se uma abordagem que se insere no campo da pesquisa qualitativa⁷ e interpretativa, por ser a mais adequada à natureza do trabalho, tendo em conta o contexto, a problemática e os objetivos da investigação.

Assim, a análise qualitativa realizada teve por base os dados recolhidos através da ficha biográfica da turma, que nos permitiu também conhecer inicialmente a turma, seguidos, ainda no 1º período, de um pré-teste associado ao desenho de ilustração de um poema fornecido (Anexo VI). No 2º período aplicou-se um segundo questionário (Anexo II) destinado a inquirir o nível de satisfação da turma com a ilustração e as técnicas a ela associadas, bem como com a utilização do Blogue da Turma. Por fim, no 3º período (isto é, 6 meses depois), foi aplicado um pós-teste a partir do mesmo poema para ilustrar utilizado no pré-teste, e que nos permitiu proceder a uma análise comparativa dos dois resultados.

A abordagem qualitativa/interpretativa, apoiada no entendimento e descrição de dados, justifica-se pelo facto nos permitir ampliar as diversas possibilidades interpretativas.

Como refere Flick (2005), os critérios da investigação qualitativa são “a fundamentação dos resultados obtidos no material empírico, e uma escolha e aplicação de métodos adequados ao objeto de estudo” (p.5).

Nesta pesquisa qualitativa através da descrição e interpretação dos dados, supõe-se sempre que estes refletem um grau de subjetividade e implicação do investigador, os mesmos, vindo a constituir dados que fazem parte da interpretação (Flick, 2005, p.6), permitindo deste modo uma diversidade nos procedimentos metodológicos utilizados.

6.2 Instrumentos e procedimentos de recolha de dados

Tendo em vista a validação da intervenção realizada, utilizámos, ao longo de todo o procedimento, dois instrumentos que nos permitiram recolher os dados necessários para a caracterização não só dos processos em curso, mas também dos resultados que íamos atingindo, tendo em conta os objetivos que nos tínhamos proposto inicialmente. Esses instrumentos foram

⁷ Bogdan e Biklen consideram que esta “metodologia de investigação (...) enfatiza a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais” (1994, p.11). Segundo estes autores, “a *investigação qualitativa é descritiva*. Os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números”. Os resultados escritos da investigação contêm citações feitas com base nos dados para ilustrar e sustentar a apresentação (1994, p. 48).

um desenho ilustrativo de um texto-poema, que foi produzido pelos alunos duas vezes: uma, no início da nossa intervenção pedagógica outra no seu final. Procurámos, deste modo, analisar a as suas capacidades de interpretação, expressão gráfica e criativa *antes e depois* da nossa intervenção. No início do 2º período foi também aplicado um questionário, a fim de conhecer o grau de satisfação da turma relativamente à metodologia pedagógica utilizada, nomeadamente, em relação aos textos/poemas fornecidos para ilustração, técnicas e materiais experienciados no Diário Gráfico, dificuldades e estímulos sentidos nas ilustrações e a importância do Blogue como estímulo de motivação. Este instrumento foi constituído por algumas questões fechadas, cujas respostas preestabelecidas pretendiam dar alternativas que mais se ajustassem às características e ideias do aluno, e também por questões abertas, nas situações que requeriam uma opinião.

Para analisar as ilustrações realizadas nos dois momentos (pré-teste e pós-teste) utilizamos os critérios do TTCT (Torrance Test of Creative Thinking) de Torrance, referidos mais em detalhe no ponto seguinte e no Anexo III. Optámos por estes critérios por nos parecerem os mais adequados ao nosso objeto de estudo e por terem sido já utilizados por diversos autores, nomeadamente, portugueses. Com base no programa da disciplina de Educação Visual foram também criados critérios, utilizados para analisar o desenho expressivo em si, de forma a compreender se o aluno dominou os meios riscadores para expressar o seu imaginário com base no texto, e se desenvolveu com criatividade as destrezas manuais através da representação gráfica expressiva.

6.3 Análise e tratamento de dados: critérios

Para analisar as ilustrações dos poemas produzidas no âmbito do pré e pós-teste, construímos grelhas de análise (Tabelas 8, 9 e 10) que reúnem um conjunto de critérios específicos ao desenho expressivo, baseados no programa da disciplina de Educação Visual, e um conjunto de critérios para analisar a criatividade das mesmas ilustrações, definidos com base num instrumento da autoria de Torrance e dos seus colegas Ball, Runsinan e Rungsinan, produzido em 1977. Esta versão foi melhorada em 1990, por Torrance e Ball (*apud* Azevedo & Morais, 2012, p.44), a qual nós adotámos.

Em relação aos critérios do desenho expressivo (Tabela 8), foram utilizados como critérios: o domínio dos materiais e dos meios atuantes, o domínio do desenho expressivo na representação gráfica de elementos visuais, o domínio de conceitos como a expressividade e a

cor no registro de formas, e a capacidade comunicativa e imaginativa através da interpretação do texto.

A avaliação das competências criativas dos alunos é ainda complexa. Segundo Ivete Azevedo e Maria de Fátima Morais, não existe ainda uma aferição nacional de um teste que possa ajudar nas necessidades de identificação e de promoção da criatividade (2012, p. 2). No seu estudo, as autoras referidas procuraram validar para o nosso país uma ferramenta de avaliação tomando a versão figurativa de Torrance (TTCT). Esta versão do teste avalia seis dimensões de âmbito cognitivo: Fluência, Originalidade, a Elaboração, a Abstração de Títulos e a Resistência ao Fechamento. Para além destes critérios, foram acrescentados indicadores emocionais no critério Vigor Criativo que reúne treze parâmetros (Ashton, 1974, Hauck e Thomas, 1972, Hersher e Kearnes, 1979, *apud* Azevedo & Morais, 2012, p.3).

Sendo a criatividade um conceito amplo e subjetivo (Nakano & Whechsler, 2006, p.104), o que torna difícil definir critérios de cotação, os parâmetros do teste de Torrance serão utilizados para analisar as ilustrações de uma forma qualitativa.

Sara Bahia (2007), ao analisar e refletir sobre o teste de Torrance, aponta alguns pressupostos fundamentais:

“1º - A criatividade é multifacetada e conseqüentemente difícil de definir. Pela dificuldade de definição e impossibilidade de capturar o “todo”, a sua avaliação torna-se inevitavelmente complexa.

2º - Apesar de paradoxal, complexa, limitada, necessariamente reducionista, a avaliação da criatividade é necessária em diversos contextos quer de investigação quer de intervenção.

3º - O Torrance Test of Creative Thinking (TTCT) é um indicador credível de criatividade que ao longo de décadas ter servido a investigação e a intervenção em todo o mundo” (pp.92,93).

A autora refere ainda que os critérios de cotação utilizados por Torrance apenas desvendam uma pequena parte de um “todo”, podendo camuflar a riqueza da criatividade, e empobrecendo a sua apreensão.

A avaliação holística “depende da relevância atribuída à criatividade [assim como a] importância dada a cada um dos critérios depende da subjetividade da concepção de criatividade” (Bahia, 2007, p.115).

Para clarificar as seis dimensões da criatividade, apresentamos os critérios cognitivos e emocionais reunidos em cada critério, tal como fundamentados por Azevedo e Morais. No que se refere aos critérios cognitivos (Tabela 9), “a Fluência refere-se ao número de ideias interpretáveis, e a Elaboração consiste na adição de detalhes pertinentes à resposta, os quais se apresentam como não essenciais mas relevantes”. “A Originalidade avalia a capacidade do sujeito produzir ideias raras e que se afastam do óbvio. (Morais e Azevedo, 2012, p.44). Quanto

à Abstração dos Títulos, “estes devem refletir a essência da figura ou ajudar a contar uma história que se relacione com a mesma” (*ibidem*). A Resistência ao Fechamento “pode ser definida como a avaliação da tendência natural a completar um estímulo da forma mais simples, sendo o indivíduo criativo aquele que controla esta tensão e que por isso, mantém aberta a questão o tempo necessário para que possa surgir uma resposta original” (Rungsinan, 1977, *apud* Azevedo & Morais, 2012, p.44)

No que se refere aos critérios emocionais (Tabela 10), estão agrupadas no Vigor Criativo, treze forças criativas:

“a expressão de emoções através dos títulos ou das figuras (Expressão Emocional); o poder de comunicar uma ideia com detalhe e contextualização (Contando uma História); a expressão de Movimento; a transformação da resposta figurativa em expressões verbais imbuídas de emoções (Expressividade dos Títulos); a descoberta de relações entre elementos aparentemente desconexos (Síntese de Figuras Incompletas e Combinação de Linhas ou Círculos); a capacidade de observar um objecto por uma perspectiva invulgar (Perspectiva Invulgar); a possibilidade de Visualização Interna do que é desenhado; a capacidade de ir além dos elementos estabelecidos pelos estímulos (Extensão dos Limites); a capacidade de surpreender com os títulos ou as figuras através do Humor; a expressão com diversidade e intensidade, tornando a mensagem apelativa (Riqueza de Imaginário); a invocação dos cinco sentidos e da imaginação (Coloração do Imaginário), assim como da Fantasia” (Torrance, Ball e Safter, 1992; Torrance e Safter, 1999, *apud* Azevedo & Morais, 2012, p.44).

Em relação ao desenho expressivo, Sousa (2003a) considera que a “expressão tem valor apenas enquanto dura a sua acção e apenas para quem se expressa. Tentar avaliá-la ou interpretá-la, sob qualquer juízo técnico ou estético, é procurar criar complicações onde não deverão existir” (p.184).

É com base nestes pressupostos que será utilizado cada critério das tabelas relativas ao desenho e à criatividade, distribuídos em cinco níveis, definidos empiricamente por nós, a saber: *demonstrou bastante, demonstrou, demonstrou pouco e não demonstrou*.

Consideramos o critério não demonstrou sempre que cada critério foi manifesto entre 0% a 44 %; demonstrou pouco entre 45% a 55%; demonstrou de 56% a 75%, e demonstrou bastante de 76% a 100%.

Em relação ao questionário, os dados obtidos foram todos reunidos numa grelha que será posteriormente apresentada.

6.3.1 Pré e pós-teste: Desenho expressivo - critérios técnicos

Relativamente à análise das ilustrações do texto/poema referentes ao pré e pós-teste foi possível realizar uma análise comparativa conforme demonstra na Tabela 8. Os critérios seleccionados permitiram apurar se o aluno dominou ou não os materiais e os meios atuantes na

representação gráfica dos elementos visuais, domínio de conceitos como a cor e desenho expressivo e capacidade comunicativa na interpretação do texto/poema. No quadro abaixo, indicamos, para cada critério, o número de alunos e respectiva percentagem, que correspondeu a cada nível de realização desse critério. Foram colocados, lado a lado, os resultados obtidos na 1ª ilustração (pré-teste) e na 2ª ilustração (pós-teste) o que nos permite melhor visualizar a comparação pretendida entre os dois grupos de resultados.

Tabela 8- Desenho Expressivo – critérios técnicos

Critérios técnicos	Pr - Teste					Pós - Teste				
	Demonstrou bastante	Demonstrou	Demonstrou pouco	Não demonstrou	Nº de manifestações observadas	Demonstrou bastante	Demonstrou	Demonstrou pouco	Não demonstrou	Nº de manifestações observadas
Domínio dos materiais e dos meios atuantes %	0	3	4	6	13	9	4	0	0	13
	0%	23%	31%	46%	100%	69%	31%	0%	0%	100%
Domínio do desenho expressivo na representação gráfica de elementos visuais %	0	4	3	6	13	7	6	0	0	13
	0%	31%	23%	46%	100%	54%	46%	0%	0%	100%
Domínio de conceitos como a expressividade e a cor no registo de formas %	2	0	5	6	13	9	4	0	0	13
	15%	0%	39%	46%	100%	69%	31%	0%	0%	100%
Capacidade comunicativa e imaginativa através da interpretação do texto %	2	3	3	5	13	11	2	0	0	13
	15%	23%	23%	39%	100%	85%	15%	0%	0%	100%
Média	8%	19%	29%	44%	100%	69%	31%	0%	0%	100%

Segundo os dados referidos na Tabela 8, verifica-se que no pré-teste três alunos demonstraram, quatro demonstraram pouco e seis não demonstraram ter domínio dos materiais e meios atuantes, enquanto no pós-teste nove alunos demonstraram bastante, e quatro demonstraram ter este domínio adquirido.

No critério do domínio do desenho expressivo na representação gráfica de elementos visuais, verifica-se que no pré-teste quatro alunos demonstraram, três demonstraram pouco e

seis não demonstraram possuir este domínio. No pós-teste foram sete alunos que demonstraram bastante e seis demonstraram.

Em relação ao domínio de conceitos como a expressividade e a cor no registo de formas, confirma-se nas ilustrações do pré-teste que apenas dois alunos demonstraram bastante, cinco demonstraram pouco e seis não demonstraram dominar estes conceitos. No pós-teste foram nove os alunos que demonstraram bastante e quatro demonstraram dominar estas técnicas.

No que concerne à capacidade comunicativa e imaginativa através da interpretação do texto/poema ilustrado, o pré-teste indica que apenas dois alunos demonstraram bastante, três demonstraram, três demonstraram pouco e cinco não demonstraram ter capacidade de comunicar visualmente as ideias do texto. Já no pós-teste foram onze os alunos que demonstraram bastante e apenas dois demonstraram ter esta capacidade comunicativa e imaginativa. Em termos de média e percentagem podemos concluir que no pré-teste o critério demonstra bastante equivale apenas de 8% dos alunos, enquanto no pós-teste é de 69%. No pré-teste, somente 19% dos alunos ocupam o critério demonstra, e, no pós-teste 31% dos alunos. Em relação aos critérios demonstra pouco e não demonstra do pré-teste, as percentagens são de 31% e 46% respetivamente, enquanto no pós-teste é de 0%.

6.3.2 Pré e pós-teste: Criatividade - critérios cognitivos e emocionais

A análise e tratamento de dados das Tabelas 9 e 10 referem-se aos critérios cognitivos e emocionais relativos à criatividade, utilizados para verificar se os alunos desenvolveram a criatividade a partir da elaboração das ilustrações alusivas ao poema/texto. Os critérios de colocação dos dados foram os mesmos que os utilizados na Tabela 8.

Tabela 9- Criatividade – Critérios cognitivos

Criatividade Critérios cognitivos		Pré - Teste					Pós - Teste				
		Demonstrou bastante	Demonstrou	Demonstrou pouco	Não demonstrou	Nº de manifestações observadas	Demonstrou bastante	Demonstrou	Demonstrou pouco	Não demonstrou	Nº de manifestações observadas
Fluência %	Nº de ideias interpretáveis	0 0%	5 39%	6 46%	2 15%	13 100%	7 54%	6 46%	0 0%	0 0%	13 100%
Originalidade %	Ideias raras que se afastam do óbvio Combinação de figuras	1 8%	4 31%	6 46%	2 15%	13 100%	6 46%	7 54%	0 0%	0 0%	13 100%
Elaboração %	Adição de detalhes, relevantes	2 15%	1 8%	7 54%	3 23%	13 100%	10 77%	3 23%	0 0%	0 0%	13 100%
Abstração dos Títulos %	Referem a essência da história. Ajudam a contar	1 8%	4 31%	6 46%	2 15%	13 100%	10 77%	3 23%	0 0%	0 0%	13 100%
Resistência ao Fechamento %	Indivíduo criativo que mantém aberta a questão do tempo necessário para que possa surgir a resposta original	0 0%	6 46%	7 54%	0 0%	13 100%	8 62%	5 39%	0 0%	0 0%	13 100%
Média		6%	31%	49%	14%	100%	63%	37%	0%	0%	100%

Em relação aos critérios cognitivos, no parâmetro *Fluência* do pós-teste, sete alunos demonstraram bastante interpretar as ideias do texto através do desenho, enquanto no pré-teste nenhum aluno tinha conseguido fazê-lo. No pré-teste, cinco alunos demonstraram nas suas ilustrações várias ideias relacionadas com a interpretação do texto, enquanto no pós-teste foram contabilizados seis alunos. Verificou-se ainda, que no pré-teste seis alunos demonstraram pouco e dois não demonstram essa representação de ideias na ilustração.

Quanto aos critérios *Originalidade*, *Elaboração* e *Abstração dos Títulos*, no pré-teste verifica-se que a média de alunos centra-se mais no critério demonstrou pouco, com 49%, enquanto no pós-teste a maioria dos alunos centra-se no critério demonstrou bastante com 63%.

Em relação ao critério *Resistência ao Fechamento*, no pré-teste a amostra divide-se pelos critérios demonstrou e demonstrou pouco, com seis e sete alunos respetivamente. No pós-teste a amostra já se centra mais no critério demonstrou bastante com oito alunos, ficando o critério demonstrou com cinco alunos.

Tabela 10 - Criatividade - Critérios Emocionais

Vigor Criativo	Critérios Emocionais	Pré - Teste					Pós - Teste				
		Demonstrou bastante	Demonstrou	Demonstrou pouco	Não demonstrou	Nº de manifestações observadas	Demonstrou bastante	Demonstrou	Demonstrou pouco	Não demonstrou	Nº de manifestações observadas
Vigor Criativo	Expressão emocional - títulos ou figuras	1 8%	4 31%	7 54%	1 8%	13 100%	9 69%	4 31%	0 0%	0 0%	13 100%
	Contar uma História – Comunicar uma ideia com detalhe e contextualização	1 8%	4 31%	4 31%	4 31%	13 100%	9 69%	4 31%	0 0%	0 0%	13 100%
	Expressão do Movimento	0 0%	4 31%	5 39%	4 31%	13 100%	4 31%	9 69%	0 0%	0 0%	13 100%
	Expressividade dos títulos					x					x
	Síntese de figuras incompletas e combinação de linhas ou círculos	0 0%	3 23%	4 31%	6 46%	13 100%	4 31%	6 46%	3 23%	0 0%	13 100%
	Perspetiva Invulgar	0 0%	5 39%	3 23%	5 39%	13 100%	7 54%	6 46%	0 0%	0 0%	13 100%
	Visualização interna do que é desenhado					x					x
	Extensão dos limites	0 0%	4 31%	3 23%	6 46%	13 100%	4 31%	9 69%	0 0%	0 0%	13 100%
	Humor	1 8%	2 15%	3 23%	7 54%	13 100%	3 23%	9 69%	1 8%	0 0%	13 100%
	Riqueza de Imaginário	2 15%	2 15%	4 31%	5 39%	13 100%	10 77%	3 23%	0 0%	0 0%	13 100%
	Coloração do Imaginário	1 8%	4 31%	3 23%	5 39%	13 100%	12 92%	1 8%	0 0%	0 0%	13 100%
	Média	5%	27%	31%	37%	100%	53%	44%	3%	0%	100%

Quanto aos critérios emocionais do *Vigor Criativo* que constam na Tabela 10, os critérios Expressividade dos títulos e Visualização interna do que é desenhado, não foram analisados, por não conseguirmos perceber nas ilustrações características referentes a este critério, uma vez que não foram dados títulos às ilustrações e por não ser explícito o desenho interno dos motivos desenhados.

Podemos, no entanto, referir que, nos seus totais, no pós-teste os critérios do Vigor Criativo envolvem 53% dos alunos no nível demonstra bastante, seguindo-se o nível demonstra com 44%, evidenciando apenas 3% dos alunos no nível demonstrou pouco. O pré-teste reuniu maior percentagem de respostas no nível não demonstra, com 37%, seguindo-se o demonstra pouco com 31%, o demonstra com 27% e apenas com uma média de 5% o nível demonstra bastante.

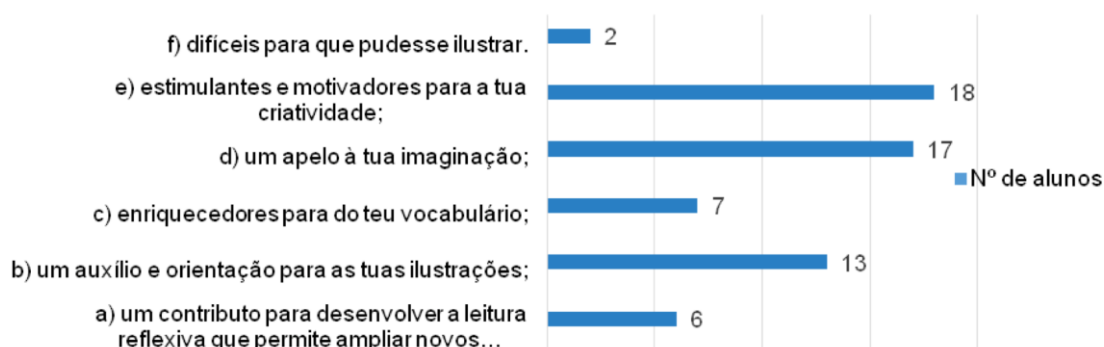
Mais adiante, neste Relatório, iremos comentar estes resultados.

6.3.3 Questionário

Para uma análise global sobre o grau de satisfação e as expectativas dos alunos em relação ao projeto Diário Gráfico/ Plano Nacional de Leitura foi pedido que respondessem a um questionário no início do 2º período após a realização de algumas ilustrações no 1º período. Este instrumento de recolha de informação permitiu-nos saber se a orientação do projeto estaria a surtir efeito, motivou os alunos durante o 1º período ou se seriam necessárias alterações no nosso procedimento. Foi aplicado à totalidade da turma e apresenta diversas modalidades de perguntas: abertas, fechadas e de escolha múltipla (Pardal & Correia, 1995, p.54). Encontra-se dividido em três partes, referentes ao Plano Nacional de Leitura (PNL) /Ilustrações, Diário Gráfico e Blogue da Turma.

A partir das respostas dadas em relação aos textos fornecidos no âmbito do Plano Nacional de Leitura («*Os textos fornecidos no âmbito do PNL foram:*») dezoito alunos referiram que os mesmos foram estimulantes e motivadores para a criatividade, dezassete referiram ser um apelo à imaginação, treze referiram serem um auxílio e orientação nas ilustrações, sete alunos indicaram que foram enriquecedores para o vocabulário, apenas seis alunos assinalaram que os textos foram um contributo para desenvolver a leitura reflexiva, e, por fim, somente dois alunos referiram que os textos fornecidos eram difíceis de ilustrar. Os gráficos que se seguem ilustram estes resultados.

1- Os textos fornecidos no âmbito do PNL foram:



Em relação à segunda questão 2.1 («*Quais os textos PNL que mais gostaste de ilustrar?*»), as respostas foram muito variadas, tendo cada aluno referido preferências diferentes consoante a interpretação visual do poema que mais gostaram de explorar em termos de ideias e técnicas.

Saliente-se que três alunos pediram para fazer só uma ilustração, tendo, no entanto, pedido mais tempo para entregar por não terem ideias. Sendo a “Primavera” o tema do poema do pré e pós-teste, verifica-se que apenas três alunos o referiram como poema preferido, por reconhecerem que as suas primeiras ilustrações não foram criativas. No entanto, à medida que foram praticando cada vez mais o desenho, a satisfação foi surgindo face aos resultados obtidos nas posteriores ilustrações.

2.1- Quais os textos PNL que mais gostaste de ilustrar?



Na questão 2.2 («*A imagem gráfica e a imagem escrita são elementos fundamentais nas ilustrações. Com qual te identificas mais?*») doze dos alunos preferiram a imagem escrita, nove a imagem gráfica e quatro gostaram de ilustrar com ambas.

Podemos ainda salientar que os alunos que utilizaram mais a imagem escrita justificaram ser mais fácil desenvolver a ilustração, por não terem jeito para desenhar, ou não gostarem de desenhar. Os alunos que preferiram a imagem gráfica responderam que ainda não tinham

experimentado a escrita como desenho em si, pois identificaram-se melhor com a imagem gráfica. Os quatro alunos que gostaram de utilizar ambas as imagens, gráfica e escrita justificaram que melhoraram a forma de desenhar combinando as palavras e as imagens.

Apesar das dificuldades sentidas na representação gráfica, foi proposto aos alunos que utilizassem a imagem gráfica e a escrita como elementos fundamentais nas ilustrações. O facto de ser apresentada uma aula alusiva à Poesia Visual possibilitava o arranjo gráfico do poema, utilizando a caligrafia, com as palavras do texto, com formas e cores, produzindo uma conjugação em forma de mensagem visual. Neste sentido, é manifesta a preferência dos alunos na utilização da palavra como imagem para ilustrar o poema.

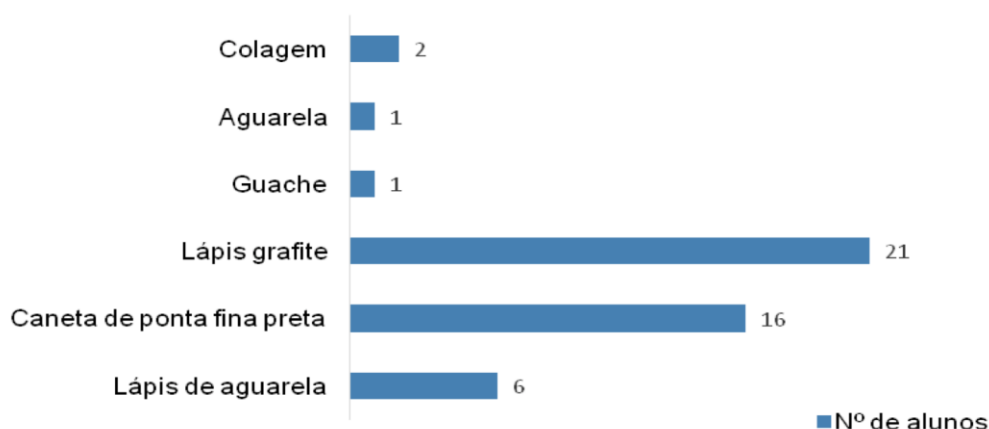
As respostas dos alunos à questão aberta 2.3 («*Quais as principais dificuldades que sentiste nas ilustrações das páginas do DG?*») foram muito variadas, verificando-se que se prendem com a dificuldade em ter ideias, em desenhar, juntamente com falta de imaginação e criatividade. Nesta pergunta não será feito um gráfico, apenas serão registadas as respostas em forma de grelha para melhor perceber as diferentes opiniões de cada aluno.

2.3 - Quais as principais dificuldades que sentiste nas ilustrações das páginas do DG?	
<ul style="list-style-type: none"> -A minha dificuldade é o desenho -Tenho dificuldades em expressar-me -Não ter ideias para desenhar -Dificuldade em desenhar -Penso que o mais difícil é ilustrar as ideias -Não gosto de desenhar -Foram o facto de muitas vezes ter falta de ideias e outras ter ideias mas não saber como passá-las para o papel -A minha dificuldade foi a utilização de cores -Interpretar os textos PNL -Falta-me criatividade -As minhas principais dificuldades foram fazer os primeiros porque não sabia muito bem, outra dificuldade é a falta de tempo, com os testes, às vezes não consigo entregar a tempo -Tive algumas dificuldades, pois não sabia como começar, mas consegui após ter várias ideias 	<ul style="list-style-type: none"> -Tentar desenhar coisas mais difíceis. -Na pintura -Criatividade no desenho -Desenhar e enganar-me -O uso de novas técnicas, tive medo de arriscar -Criatividade, penso que não a sei usar -Ter ideias -Acho que não tenho jeito para desenho, tenho imaginação e imagino o que quero fazer mas não consigo passar para papel. -Usar cores -Eu ideias tenho e quando as exprimo para o papel acho sempre que não está bem, faço sempre algo para tentar melhorar. -A imaginação para fazer o trabalho -As principais dificuldades foram a ilustração e o que fazer -Foram a falta de imaginação e criatividade para poder fazer trabalhos

Na questão 2.4 («*Que suportes, materiais e técnicas gostaste mais de utilizar nas tuas ilustrações?*»), consegue-se perceber que a preferência de vinte e um alunos incidiu sobre o lápis de grafite de diferentes durezas, sendo também a caneta de ponta fina preta o material

eleito por dezasseis alunos, seguindo-se a técnica do lápis de aguarela preferido seis alunos. Ressalvo que, nesta questão quatro alunos tentaram arriscar mais na utilização de técnicas e materiais, sendo que duas alunas gostavam de utilizar a técnica da colagem, uma aluna as aguarelas e um aluno o guache.

2.4- Que suportes , materiais e técnicas gostaste mais de explorar nas tuas ilustrações?

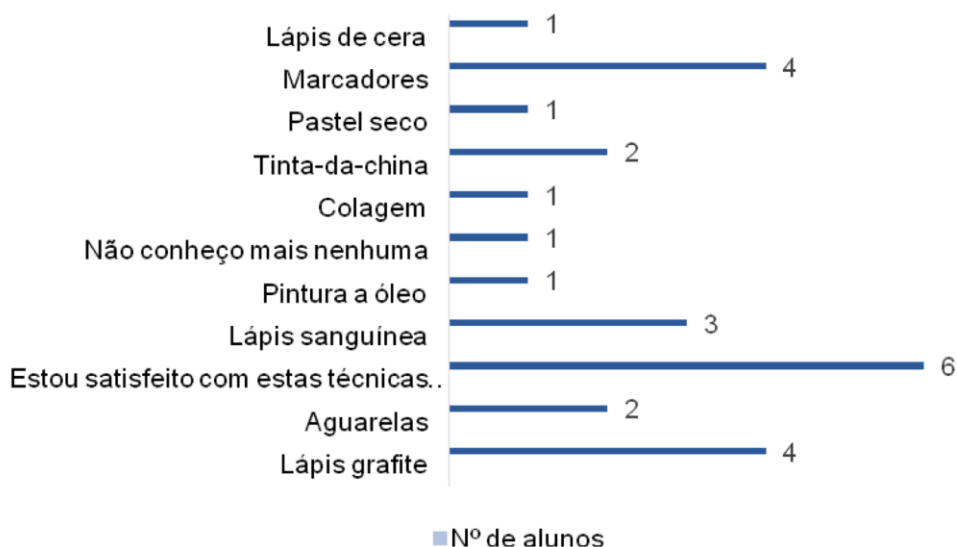


Na questão 2.5 («*Que outros materiais e técnicas diferentes gostarias de experimentar além dos mencionados acima?*»), seis alunos parecem estar satisfeitos com as técnicas utilizadas nas suas ilustrações. O lápis de grafite, a caneta de ponta fina preta e o lápis de aguarela foram os mais utilizados. Três alunos referiram querer experimentar o lápis sanguínea uma vez que este material foi dado a conhecer e a experimentar nas aulas de desenho de observação, e quatro alunos preferem manter a técnica de lápis grafite por se identificarem mais e por conseguirem melhores resultados. Quatro alunos manifestaram interesse em utilizar a técnica do marcador de forma adequada e dois alunos gostariam de experimentar o material e a técnica da tinta-da-china.

As técnicas do lápis de cera, pastel seco, colagem e pintura a óleo, foram mencionadas por um aluno em cada técnica.

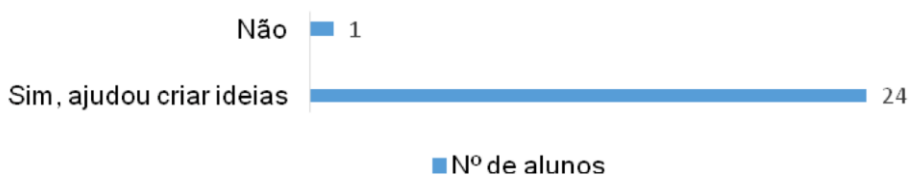
Saliente-se que um aluno referiu não conhecer mais nenhuma técnica, para além das que experimentou.

2.5 - Que outros materiais e técnicas diferentes gostarias de experimentar além dos mencionados acima?



Em relação à questão aberta 3.1 («*Consideras que os links facultados no Blogue da Turma foram fundamentais enquanto motivação para seres mais criativo?*»), todos os alunos responderam por unanimidade que sim, referindo que ajudaram a encontrar ideias, estimularam a criatividade e a imaginação, deram a conhecer novas técnicas, diferentes estilos de diários gráficos, tendo motivado para explorar ideias quer para o PNL quer para os trabalhos da aula. Com exceção de um aluno, que achou que o Blogue não deveria ter as ilustrações de todos os colegas, mas apenas as melhores.

3.1 - Consideras que os links facultados no Blogue da Turma foram fundamentais enquanto motivação para seres mais criativo?

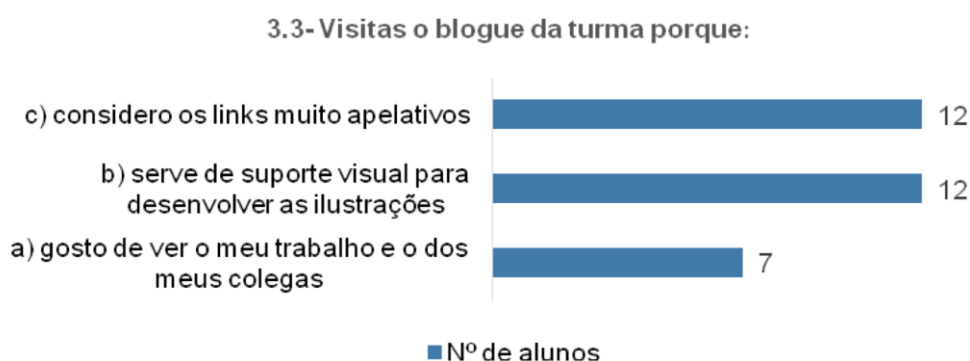


Uma das sugestões sugeridas pela turma, no decorrer do 1º período, foi publicar no blogue as ilustrações realizadas. É interessante verificar que em relação à questão 3.2 («*Como te sentes ao ver as tuas ilustrações partilhadas no Blogue da Turma?*»), esta foi unanime na sua opinião, referindo que se sentiram motivados, muito satisfeitos, no entanto, também manifestaram que

deveriam fazer mais experiências para melhorar. Foram três os alunos que se sentiram pouco satisfeitos ao ver as suas ilustrações no blogue, revelando que deveriam fazer mais experiências para obter melhores resultados, conforme demonstra o gráfico.



Quanto à questão de escolha múltipla, 3.3 («*Visitas o blogue da turma porque: a) gosto de ver o meu trabalho e o dos meus colegas; b) serve de suporte visual para desenvolver as ilustrações; e c) considero os links muito apelativos*»), os alunos registaram as suas respostas consoante o grau de importância, verificando-se que metade da turma referiu a alínea b) como a mais importante, e a outra metade da turma visita o blogue porque considera a resposta c) muito importante. Sete alunos referiram também a resposta a).

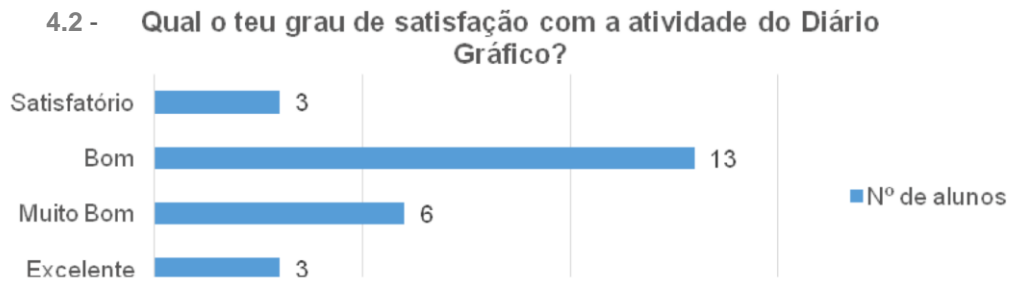


No que concerne às mudanças que a turma considera necessárias para melhorar o gosto pela prática do desenho, as respostas foram muito variadas. Por este motivo foram apresentadas em grelha.

Apesar de ser dada uma semana para cada aluno ilustrar o referido texto, confirma-se que são vários os alunos que referem a questão da falta de tempo para a entrega da ilustração para poderem amadurecer as ideias e praticar mais as técnicas de desenho. Vários alunos referiram que gostariam de desenhar temas livres, enquanto outros não mudariam nada nesta atividade.

4.1 - Que mudanças consideras necessárias nesta atividade para melhorar o teu gosto pela prática do desenho? Sugere temas/atividades que gostarias de desenvolver no DG.	
<ul style="list-style-type: none"> - Eu gosto do trabalho que estamos a fazer, mas achei muito interessante o trabalho do "Dunas" por termos uma música como inspiração. Gostaria de fazer mais trabalhos assim. - Deveríamos ter mais tempo para realizar a atividade. - Apenas a prática, para melhorar o desenho, e o gosto. - Eu acho que deveríamos ter mais tempo para fazer as ilustrações. - Necessidade de mais tempo para entregar. Um tema que sugiro é desenhos animados - Não é necessário mudar nada. - Acho que o diário gráfico deveria ter, não 1 mas 2 textos. Uns deveriam ser alegres e outros tristes. - As mudanças foram que eu antes não sabia desenhar e agora já vou fazendo várias coisas. Gostaria de continuar a utilizar os textos. - Acho que era necessário termos mais tempo para entregar o trabalho para aprofundar a nossa imaginação. - Sugiro fazermos uma atividade relacionada com o retrato físico de alguém. - Deveríamos ter mais tempo para desenhar. Os temas que eu gostava de desenvolver era o retrato. 	<ul style="list-style-type: none"> - Penso que está muito bem como está e que não é preciso melhorar nada. O desporto como tema. - Acho que está bem, não é preciso mudar. O tema que queria explorar era a música. - Explorar e praticar mais técnicas. - A mudança que considero necessário é o gosto por desenhar que não é o meu caso, porque eu não gosto de desenhar. - Um tema que sugiro são desenhos animados - Aprender técnicas que desenvolvam a criatividade e que nos ajudem a desenhar cada vez melhor. - Não tremer quando desenho. - Eu acho que não é necessário mudar nada, eu gosto de desenhar, seja qual for o tema. - Preciso de mais prática. - Aprender técnicas novas. - Preciso de mais tempo para desenvolver e praticar a minha maneira de desenhar. - Acho que nenhuma. Os temas que gostaria de praticar são as estações, jogos, explorar um objeto muito especial para nós, um desenho, música, a vida ou desenho livre. - Sair da sala para desenhar outra coisa que existe pela escola.

Quanto à última questão, («Qual o teu grau de satisfação com a atividade do Diário Gráfico?») foram treze os alunos que referiram que o grau de satisfação tido com a atividade do Diário Gráfico foi de Bom, seis dos alunos tendo referido Muito bom, e três Excelente. Apenas três alunos consideraram que estavam apenas satisfeitos.



6.4 Interpretação dos resultados

O principal enfoque deste estudo foi motivar a turma para a utilização do Diário Gráfico como um campo de exercícios e registos gráficos, revelador de experiências, pensamentos e ideias, e promotor da prática do desenho expressivo e da ilustração neste suporte. Tal permitiria aumentar a criatividade e a imaginação, contribuindo, deste modo, para a evolução do processo criativo do aluno. Através desta ferramenta, a turma pode criar o hábito de explorar técnicas e materiais, ampliar conhecimentos e processos de aprendizagem aproximando-se e envolvendo-se mais na disciplina de Educação Visual.

O desenho é a expressão artística que está mais próxima do pensamento. A ilustração, ao estabelecer uma relação com o poema, não tendo o objetivo de o substituir mas de o complementar e de convergir com as ideias do texto, permitiu explorar as diferentes possibilidades da linguagem visual, e do desenho expressivo e comunicativo. Deste modo, verificou-se que a intervenção da turma nas folhas do Diário Gráfico demonstrou um aperfeiçoamento de técnicas de desenho e pintura e de domínio dos materiais, incorporando novas técnicas nas suas ilustrações e apresentando soluções plausíveis para o nível etário da turma.

Praticar o que se aprendeu, seja desenho de objetos, desenho de imaginação, memórias visuais ou divagações da mão ou da mente, apenas existem em desenho pelo prazer e satisfação que provocam (Rodrigues 2003, pp.51-53) e pelas competências que se atingem. Na opinião desta autora, “o desenho educa o olhar, ordena a sensibilidade, exponencia a imaginação criadora e estabelece a possibilidade de comunicação e entendimento, ao autor, das suas próprias ideias” (p.50). Esta observação foi notória nas ilustrações do pós-teste, verificando-se um grande crescimento ao nível do trabalho gráfico. Os resultados sugerem que, através das experiências de observação e ilustração realizadas ao longo do ano, os alunos conseguiram respostas gráficas mais expressivas, enriqueceram a capacidade de registo de observação e a

própria memória, ultrapassando a falta de persistência e a insatisfação face ao ato de desenhar, obtendo maior satisfação entre as ilustrações do pré-teste e as do pós-teste.

Relativamente aos critérios do desenho expressivo, a percentagem média dos alunos no nível demonstra bastante do pós-teste é de 69% enquanto no pré-teste é de 8%. É notável a evolução bastante significativa do desenho expressivo e dos elementos visuais nas ilustrações do pós-teste, dotado de significações, sentidos e abordagens diferentes através do pensamento visual da interpretação do texto, construindo diversas conotações figurativas de representação da realidade e da imaginação.

No que respeita à criatividade, os resultados obtidos relativamente ao critério Fluência, revelaram obter um maior número de ideias interpretáveis no pós-teste, havendo maior desinibição na comunicação e na representação. A experimentação das técnicas do “mapa mental” e do “brainstorming”, utilizadas na interpretação dos textos em sala de aula, podem estar associadas à ampliação e estimulação da atividade do pensamento e da percepção de ideias, criando analogias entre o texto e as imagens mentais. De forma a permitir melhor visualizar os procedimentos ao longo de cada trabalho, no que respeita à sistematização das principais ideias dos textos, os alunos revelaram que compreenderam esta técnica, sendo evidente em várias ilustrações, como organização do pensamento. Foram demonstrando um trabalho de introspeção no decorrer da sua experiência através de pequenos apontamentos gráficos em Diário Gráfico para responder às propostas dos textos.

O facto de serem registadas as principais ideias do texto através da escrita e do desenho, fez com que cada aluno fizesse a fusão desta dualidade nas suas ilustrações, gerando ideias. Oscilando entre a imagem e a palavra, o Diário Gráfico pressupõe um processo regular de desenho e destreza do traço, desenvolvendo a percepção e a interpretação pessoal de cada momento narrativo.

De acordo com J.Curtis, G. Demos y E. Torrance (1976) os indivíduos criativos pensariam com maior fluidez, flexibilidade e originalidade, a qualidade não conta, mas sim as respostas adequadas. A originalidade significa a produção de respostas inusitadas ou incomuns, inteligentes conseguidas a partir de premissas distantes ou remotas. Uma ideia não é original a menos que nenhum ser humano tenha pensado nela antes, não havendo forma de saber se a ideia tenha existido antes, vale mais dizer que a ideia é nova em relação com o indivíduo particular que a produziu, por esta razão não podemos aplicar com segurança este critério (p.115).

No entanto, considerando esta teoria, verificamos que a turma demonstrou mais originalidade no pós-teste, uma vez que produziu diferentes e novas ideias das criadas

anteriormente na primeira ilustração. Por este motivo foi escolhido o primeiro texto para que os alunos verificassem a evolução do seu processo criativo.

No critério Elaboração, considerado como adição de detalhes relevantes, constatou-se que no pré-teste apenas dois alunos demonstram bastante o registo gráfico de detalhes e pormenores nas ilustrações, enquanto no pós-teste dez alunos evidenciaram nesta característica uma maior extensão da interpretação do texto, um complemento de todas as partes. Foi manifesto o interesse e a dedicação na composição visual da ilustração, a interação de conhecimentos, modos, processos e instrumentos, e a capacidade de desenvolver a identidade gráfica e estética.

A Abstração dos Títulos deve refletir a essência da história e ajudar a contá-la, clarificar as ideias do texto utilizando os elementos gráficos, poesia visual, escrita e imagem. A palavra utilizada como imagem visual na ilustração, numa ligação material escrita-desenho, ajudou os alunos com mais dificuldades a explorar diferentes linguagens gráficas na construção da comunicação visual do poema.

Apesar de, no pré-teste, apenas 8% dos alunos se terem situado no demonstra bastante em explorar o título da ilustração, combinando os vários componentes visuais, no pós-teste a evolução foi bastante significativa, a média dos alunos a desenvolver esta característica foi de 77%.

Em relação ao critério Resistência ao Fechamento - indivíduo criativo que mantém aberta a questão do tempo necessário para que possa surgir a resposta original, demonstra que os alunos nas ilustrações do pós-teste necessitaram de mais tempo para amadurecer as suas ideias, tiveram maior abertura à experiência, implicando uma perda de rigidez na experimentação de técnicas, tolerância à ambiguidade, maior destreza em utilizar ideias espontâneas ou pensadas, cores e formas, combinando os elementos de forma mais natural e combinada.

O tempo necessário foi dado para a atividade de cada aluno, uma vez que com o produto final pretendia-se originar uma reação de satisfação. Cada ilustração foi entregue pelo aluno quando este sentisse que as suas associações, percepções e significações a partir do texto respondessem à proposta do texto. Este comportamento dos alunos demonstrou confiança nas suas ideias, considerando várias opções ou rumos até encontrar a solução adequada. O facto de acompanhar os alunos nas suas atitudes e comentários, relacionados com a elaboração das ilustrações, foi preponderante para entender que estes foram revelando que necessitavam de mais tempo para apresentar melhores resultados.

Quanto ao critério do Vigor Criativo, correspondendo a treze características emocionais que refletem aspetos de uma personalidade criativa, pode-se dizer que as características riqueza do imaginário e coloração do imaginário aumentaram significativamente no pós-teste,

verificando-se que em todos os critérios os alunos demonstraram ou demonstraram bastante evolução e desempenho na representação gráfica das suas ideias. Ao observar os dados das tabelas, podemos afirmar que os resultados obtidos apontam, de uma forma geral, comparando o pré com o pós-teste, para uma evolução do processo criativo dos alunos, pois demonstraram maior expressividade nas suas ilustrações, e as características criativas apresentam maior evidência no pós-teste.

O potencial expressivo e comunicativo de cada aluno foi reforçado através da função poética e dos signos linguísticos e gráficos, facilitando as variadas possibilidades combinatórias.

Constatamos que, de um modo geral, existe melhoria de desempenho dos alunos, tornando-se pertinente afirmar que fomos conseguindo responder ao longo do estudo às questões levantadas antes da intervenção, reconhecendo que, através da prática constante do desenho expressivo está subjacente a relação entre o Diário Gráfico, o material, as técnicas, a imagem e o ato em si de desenhar, a vontade e a dedicação.

A justificação para o aumento das características criativas, apontam para o facto de os alunos serem alvo de maior motivação e atenção por parte dos professores. Podemos afirmar que o trabalho continuado do projeto PNL articulado com o DG realizado semanalmente ao longo do ano letivo, estimulando a prática de desenho constante, variando os modos e meios de representação, ajudou a desenvolver a criatividade. Através das estratégias apresentadas anteriormente nas atividades desenvolvidas nas aulas, no projeto PNL/DG, na dinamização do Blogue da Turma, na Visita de Estudo e no Workshop de Ilustração, conseguimos motivar os alunos para a importância da prática do desenho expressivo e de ilustração com imaginação e criatividade. Destacamos também a importância do modelo de intervenção pedagógico adotado, baseado nos modelos de Amabile, Alencar, Sternberg e Lubart, que ajudaram a refletir e a implementar condições e estratégias favoráveis ao desenvolvimento e expressão da criatividade. Através da análise das ilustrações, podemos referir que o modelo de intervenção surtiu efeito, os objetivos foram atingidos, as atividades foram realizadas com um olhar mais demorado, objetivo, minucioso, cuidado e com mais imaginação, permitindo ser exploradas com um pensamento e sensibilidade refletidos, adquiridos e experienciados ao longo do ano, no Diário Gráfico e na intervenção pedagógica.

Da análise às respostas ao questionário podemos inferir que a dinamização e atualização do Blogue da Turma procurou auxiliar os conteúdos abordados nas aulas, disponibilizando ligações a sites pertinentes, vídeos sobre técnicas e materiais, incentivando a sua consulta.

Face à falta de hábito na prática do desenho, às dificuldades sentidas na ilustração dos textos e à falta de imaginação e criatividade manifestadas por parte da turma, poderemos afirmar que a iniciativa do Blogue levou os alunos a compreenderem que deveriam desenvolver mais a prática do desenho e realizar diversas experiências gráficas.

Através da cultura visual promovida no blogue, as experiências visuais dos alunos foram enriquecidas, influenciados os modos de ver e pensar, e as identidades desafiadas (Iung & Portugal, 2012, pp.30-32) no cenário da representação gráfica, dando sentido à interpretação através da imaginação.

O Blogue, como estratégia pedagógica, serviu de suporte visual para ilustrar, pois, na opinião dos alunos, os links eram muito apelativos. A imaginação foi despontando, a criatividade foi surgindo e as ideias foram-se materializando nas ilustrações, os alunos sentiram-se motivados ao vê-las publicadas, aumentando o interesse e a curiosidade para aquisição de significados e conhecimentos. Promover nos alunos a cultura visual através do blogue influencia a prática do desenho expressivo, imaginação e mais criatividade.

Verificou-se, ainda, que a turma preferia explorar os materiais e as técnicas mais simples como o lápis de grafite e/ou sanguínea, por estarem ainda a aprender a usá-las na unidade temática do desenho de observação. No entanto, durante o 2º período, foram experienciadas as técnicas de tinta-da-china, café e aguarelas na unidade temática relacionada com o surrealismo, e, a técnica da impressão e colagem na unidade temática da arte postal, de modo a alargar os seus conhecimentos e explorarem nas suas ilustrações novas linguagens artísticas.

Ao salientar que os alunos da turma, na generalidade, demonstraram um grau de satisfação com a atividade do Diário Gráfico e Plano Nacional de Leitura de Bom e Muito Bom e que nas ilustrações do pós-teste houve melhorias significativas, torna-se pertinente afirmar que a promoção de estratégias, atividades e recursos variados nas aulas dinamizadas influenciam positivamente o desempenho dos alunos ao nível do desenho expressivo, da imaginação e da criatividade, sendo prova disso as ilustrações e os trabalhos realizados ao longo do estágio pedagógico.

7. Conclusões

O estudo empírico realizado neste relatório permitiu-nos encontrar respostas para as questões de partida, ajudando-nos a resumir algumas conclusões finais do ponto de vista teórico-prático.

O facto de ser dado a conhecer aos alunos diferentes técnicas e formas de criação artística, através da exploração do Blogue da Turma e das aulas dinamizadas em termos de experiências de aprendizagem, fortaleceu e deu resposta ao programa da disciplina no que concerne aos modos de estruturar o pensamento através do desenho de ilustração, promovendo a capacidade expressiva através da exploração plástica das diferentes técnicas e materiais riscadores, facilitando a interpretação e comunicação de ideias, criando composições a partir das realidades imaginadas, utilizando os elementos e meios de expressão visual (Currículo do Ensino Básico de Educação Visual, p.158-163).

No âmbito deste estudo, implica referir a importância da prática reflexiva como um meio de conquistar, conservar, desenvolver competências e autonomia, permitindo adquirir experiências exercidas sobre um conjunto de saberes e de formação (Perrenoud, 2001, pp.98, 99). Mais do que pensar sobre os conteúdos, estratégias e atividades das aulas, o essencial é o diálogo interativo entre alunos e professor na estruturação de um ensino-aprendizagem mais flexível e promotor de processos criativos, com abertura à experiência e envolvimento.

Os resultados obtidos são o culminar de uma reflexão diária, tornando possível estimular e desenvolver a criatividade, o desenho expressivo e a ilustração, visando a realização pessoal do aluno e da personalidade, a autoconfiança e a autoestima através da utilização do Diário Gráfico como meio e instrumento de registo gráfico. Assim, torna-se pertinente afirmar que as questões levantadas neste estudo foram adequadas. Promover condições e um ambiente estimulador na sala de aula, exercitar as habilidades técnicas e o conhecimento da disciplina, aumentou a motivação, reduziu bloqueios à criatividade e à prática do desenho. Contudo, é também visível a satisfação que a turma demonstrou, através das frases escritas sobre o Diário Gráfico no Anexo XI, por terem utilizado este instrumento pedagógico, revelando grandes progressos ao nível da prática do desenho.

8. Bibliografia referenciada

- Alencar, E. M. (1986). Criatividade e ensino. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, vol.6, n.1, pp. 13-16.
- Alencar, E. M., & Martinez, A. M. (1998). Barreiras à expressão da criatividade entre profissionais brasileiros, cubanos e portugueses. *Psicologia Escolar e Educacional*, Campinas, Vol.1, n.2, pp. 1-11.
- Alencar, E. S. (2007). Criatividade no Contexto Educacional - Três décadas de pesquisa. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Vol.23, n.especial, pp. 45- 49.
- Almeida, P. F. (2010). "Do Desenho como Material e Acção Prática". pp. 55-58. In *Psiax nº 1- Estudos e reflexões sobre Desenho e Imagem*. Edição conjunta da UM e da FAUP.
- Antão, N. (2010). "Algumas linhas de cor". pp. 45-48. In *Psiax nº 1- Estudos e reflexões sobre Desenho e Imagem..* Edição conjunta da UM e da FAUP.
- Arnheim, R. (1997). *Para uma psicologia da arte - Arte e Entropia*. Lisboa: Dinalivro.
- Assembleia da República - Decreto-Lei nº 139/2012 de 5 de Julho. *Diário da República*, 1ª série N. 129. Portugal: ME
- Aumont, J. (2005). *A Imagem*. Lisboa: Texto Grafia.
- Azevedo, A. A. (2009). *A afirmação do Desenho desde a Segunda metade do séc. XX - Dissertação de Mestrado*. Universidade de Aveiro- Departamento de Comunicação e Arte.
- Azevedo, I., & Morais, M. F. (2012). Avaliação da Criatividade como Condição para o Seu Desenvolvimento: Um Estudo Português do Teste de Pensamento Criativo de Torrance em Contexto Escola. REICE. *Revista Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación*, Vol.10, nº2, pp. 41-55.
- Bahia, S. (2008). "Promoção de *Ethos* criativos". Cap. VIII, pp.229-252. In Morais, M. d., & Bahia, S. (Coord.) *Criatividade: Conceito, Necessidade e Intervenção*. Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Balancho, M. J. (2005). *Motivar os Alunos - Criatividade na Relação Pedagógica: conceitos e práticas*. Lisboa: Texto Editores.
- Barbosa, J., M. (2010b). "Associação e articulação das imagens do desenho no projecto. A linguagem do desenho artístico na organização, planificação e comunicação das ideias". pp.42-44. In *Psiax nº 1- Estudos e reflexões sobre Desenho e Imagem*. Edição conjunta da UM e da FAUP.

- Best, D. (1996). *Racionalidade do Sentimento - O papel das artes na educação*. Lisboa: Edições Asa.
- Boavida, J., & Amado, J. (2008), 2ª edição. *Ciências da Educação - Epistemologias, Identidade e Perspectivas*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação - Uma Introdução á Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.
- Bono, E. d. (2003). *Ensine os seus filhos a pensar..* Cascais: Pergaminho.
- Bono, E. d. (2005). *Pensamento lateral - Um manual de criatividade*. Cascais: Pergaminho.
- Bortolucci, M. A. (2005). *Desenho - Teoria & Prática*. São Carlos: SAP/ EESC-USP - REENGE.
- Buzan, T. (2007). *A Criança Inteligente - Pais brilhantes formam crianças brilhantes*. Cruz Quebrada: Oficina do livro.
- Carvalho, M., Castro, G.(2007). *Actas do colóquio - A Criatividade na Educação*. Universidade dos Açores - Centro de Estudos Filosóficos: Universidade dos Açores.
- Castilho, S. (2011). *O ensino passado a limpo*. Porto: Porto Editora.
- Castro, G., Carvalho, M. (2007). *Actas do colóquio – A Criatividade na Educação*. Universidade dos Açores – Centro de Estudos Filosóficos
- Corais, C. C. (2010). “O tema do devaneio nos retratos de Kamilla Swoboda por Oskar Kokoschka”. pp.39-41. In *Psiax nº 1 - Estudos e Reflexões sobre Desenho e Imagem*. Porto: Edição conjunta da UM e da FAUP.
- Cunha, R. M. (1977). *Criatividade e processos cognitivos - Um estudo teórico*. Petrópolis: Vozes.
- Curtis, J., Demos, G. e Torrance, E.(1976). *Implicaciones Educativas de la Creatividad*. Edições Anaya: Salamanca
- Delors, J. (1997). “Educação - Um Tesouro a Descobrir” (*Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o séc. XXI*). São Paulo: UNESCO - Edições ASA/Cortez
- Derdik, E. (1989). *Formas de Pensar o Desenho: Desenvolvimento do grafismo infantil*. São Paulo: Scipione.
- Duarte, M. B., & Almeida, P. F. (2013). “ Entre a observação e a imaginação”. In : *Encontros UM – Temas e Objetos do Desenho*. Braga: UM – Escola de Arquitetura.

- Duncan, P. (Janeiro de 2010). “Conceitos Chave da Educação para a Cultura Visual”. pp.6-13. In *Revista Imaginar* 52. Porto: APECV - Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual.
- Edwards, B. (1984). *Desenhando com o lado direito do cérebro* - Tradução de Roberto Raposo. Brasil: Tecnoprint S.A.
- Esteve, J. M. (1999). “Mudanças Sociais e Função Docente”. pp. 93-124. In Nóvoa, A. (Org.) *Profissão Professor*. 2ª Edição Porto: Porto Editora.
- Fadigas, N. (2002). “A educação como acontecimento: entre a socialização e a personalização, a samplagem educativa ou a tradição transplantada”. In: Adalberto Dias de Carvalho (Org.), *Sentidos Contemporâneos da Educação*. Porto: Ed. Afrontamento.
- Ferraz, H. (s.d.). *Arte/Educação: O pensamento de Ana Mae Barbosa*. *Artes na Educação*, pp. 22-23.
- Flick, U. (2005). *Métodos Qualitativos na Investigação Científica 1ª Edição*. Lisboa: Monitor.
- Goliot-Leté, N., Joly, M., Lancien, T., Le Mée, I.-C., & Vanoye, F. (2011). *Dicionário de Imagem*. Lisboa: Edições 70.
- Gomes, L. V. (2001). *Criatividade: projeto, desenho, produto*. Santa Maria, Brasil: Editora sCHDs.
- Gomes, L. V., & Steiner, A. A. (1997). *Artes do Desenho - Debuxo*. Santa Maria: UFSM.
- Guaraldo, L. (2011). “Delacroix no Marrocos e a inversão do exótico”. In: *Projeto História* nº 42. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, Jan./Jun. Viagens, Viajantes e Deslocamentos
- Hallawell, P. (2006). *À Mão Livre*. São Paulo: Editora Melhoramentos.
- Iung, E. J., & Portugal, C. (2012). “Cultura Visual e o cenário das narrativas e memórias”. In: *Cultura Visual* nº 18, Dez., Salvador: EDUFBA, pp. 27-39.
- Keil, M. (2007). *A Arte de Maria Keil*. Porto: Greca Artes Gráficas.
- Kneller, G. F. (1994). *Arte e Ciência da Criatividade*. São Paulo: Ibrasa.
- Kolb, K., & Miltner, F. (2004). *Aumente a Sua Criatividade*. Lisboa: Circulo de Leitores.
- Lowenfeld, V. (1954). *A criança e a sua Arte*. São Paulo: Editora Meste Jou.
- Luquet, G. H. (1979). *O Desenho Infantil -3ª Edição*. Porto: Editora Livraria Civilização.
- M., E. (s.d.). *Ajustamento do Programa de Educação Visual 3º Ciclo*. Lisboa : Direção Geral do Ensino Básico e Secundário.
- M., E. (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais*. Lisboa: Ministério da Educação–Departamento da Educação Básica.

- M., E. (1991). *Organização Curricular e Programas - Programa de Educação Visual 3º ciclo*. Lisboa: Direção Geral do Ensino Básico e Secundário.
- Martins, V. M. (2000). *Para uma pedagogia da criatividade - Propostas de trabalho*. Porto: Asa.
- Massironi, M. (2010). *Ver pelo Desenho*. Lisboa: Edições 70
- Matos, F., & Ferraz, H. (s.d.). *As Artes na Educação - Questões e razões*.
- Miranda, L. & Almeida, L. S. (2008). «Estimular a criatividade: O programa de enriquecimento escolar “Odisseia”». Cap. X, pp.279- 299. In Morais, M. d., & Bahia, S. (Coord.) *Criatividade: Conceito, Necessidade e Intervenção*. Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Molina, J. J. (2006). *Estratégias del Dibujo - En el Arte Contemporáneo*. Madrid: Cátedra.
- Molina, J. J., (2011). *Las Lecciones del Dibujo*. Madria: Cátedra.
- Molina, J. J., Cabezas, L., & Copón, M. (2005). *Los Nombres Del Dibujo*. Madrid: Cátedra.
- Morais, M. d. (2001). *Definição e avaliação da criatividade - Uma abordagem cognitiva*. Braga: Universidade do Minho.
- Munari, B. (2007). *Fantasia*. Lisboa: Edições 70.
- Nóvoa, A. (Org.) (1999). “O Passado e o Presente dos Professores”. In *Profissão Professor*. 2ª Edição Porto: Porto Editora.
- Oliveira, R. M. (2010a). *Para Além do Risco - Contributo para um entendimento da importância do Desenho nas Artes, hoje*. Universidade de Aveiro: Departamento de Comunicação e Arte - Instituto de Design, Média e Cultura.
- Oliveira, Z. M. (2010b). “*Alguns instrumentos para se medir a criatividade*” in *Avaliação Psicológica*, Vol. 9, nº3, pp. 495-497.
- Ostrower, F. (1977). *Criatividade e Processos de Criação*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- Paiva, J.(2007). *O Fascínio de ser Professor*. Lisboa: Texto Editores
- Palma, A. I., & Terrasêca, M. (2011). “O despertar do Doctus no Ensino e na Prática do Desenho”. In *European Review of Studies*, Vol. 2, nº 2, pp. 31-57.
- Panozzo, N. S. (2011). “Quando se ensina ou não o desenho?” . In *Arte na Escola - Boletim* 62: Jun./Jul.
- Pardal, L., & Correia, E. (1995). *Métodos e Técnicas de Investigação Social*. Porto: Areal Editores.
- Psycheaux. L. (2003). *Acessando o Hemisfério Direito do Cérebro- A arte como ferramenta para desenvolver a criatividade*. Rio de Janeiro: Papel Virtual.
- Perrenoud, P. (2001). *Porquê construir competências a partir da escola?* Porto: CRIAPASA.
- Porcher, L. (1982). *Educação Artística: luxo ou necessidade*. São Paulo - 7ª edição: Summus.

- Quintás, A. L. (1999). *Inteligencia Creativa - El descubrimiento personal de los valores*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos.
- Read, H. (2010). *Educação pela Arte*. Lisboa: Edições 70.
- Robinson, K. (2010). *O Elemento*. Porto: Porto Editora.
- Rodrigues, A. L. (2003). *O que é Desenho*. Lisboa: Quimera Editores.
- Rodrigues, L. F. (2005). “O desenho para a construção do eu numa dialética interior/esterior”. pp. 27-32. In *Psiax nº 4 - Estudos e Reflexões sobre Desenho e Imagem*. Porto: Edição conjunta da UM e da FAUP.
- Rodrigues, L. F. (2011). “Educação artística e cultura visual”. pp. 12-24. In *Imaginar 53 - Revista da Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual - APECV*
- Salavisa, E. (2008). *Diários de Viagem*. Lisboa: Quimera Editores.
- Salavisa, E. (2011a). *Diário de Viagem em Cabo Verde*. Lisboa: Quimera Editores.
- Santos, M. A. (2006). *O Arco-Íris das Ideias - As Teorias e as Práticas da Criatividade*. Porto: Edições Asa.
- Sousa, A. B. (2003a). *Educação pela Arte e Artes na Educação - 1º volume: Bases Psicopedagógicas*. Lisboa- Instituto Piaget : Stória Editores.
- Sousa, A. B. (2003b). *Educação pela Arte e Artes na Educação - 3º volume - Música e Artes Plásticas*. Instituto Piaget - Lisboa: Stória Editores.
- Sternberg, R. J., & Williams, W. M. (2003). *Como desenvolver a criatividade no aluno*. Porto: Asa.
- Torrance, E. P., & Torrance, J. P. (1974). *Pode-se Ensinar Criatividade?* São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária São Paulo.
- Tschimmel, K. (2011). *Processos Criativos*. Porto: ESAD.
- Vygotsky, L. S. (2012). *Imaginação e Criatividade na Infância - Tradução de João Pedro Fróis*. Lisboa: Editora Dinalivro.
- Woods P. (1999). “ Aspectos Sociais da Criatividade do Professor”. pp.125-154. In Nóvoa, A. (Org.) (1999). *Profissão Professor*. 2ª Edição Porto: Porto Editora.

9. Webgrafia referenciada

- Alencar, E. M., & Fleith, D. d. (2003). “Contribuições teóricas recentes ao estudo da criatividade”. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, Vol. 19, n. 1, pp. 1-8*. Acedido a 17 de Abril de 2013 em <http://repositorio.ucb.br/jspui/handle/10869/316>
- Almeida, P. F. (2012). "Ilustração" in *Encontros Estúdio UM - Temas e Objetos do Desenho - Ilustração*. Acedido a 12 de Janeiro de 2014 em http://www.estudioum.org/descarregar/encontros_estudioum_IV_2013.pdf
- Assembleia da República – Decreto-Lei nº 49/2005 de 30 de Agosto. (Agosto de 2005). *Diário da República - I Série A*.
- Aznar, G. (2009). *Préciser Le sens du mot «créativité»*. Obtido de Synergies Europe n.4. Acedido a 9 de Dezembro de 2012 em <http://gerflint.fr/Base/Europe4/aznar.pdf>
- Bahia, S. (2007). *Quadros que compõe a criatividade: Uma análise do teste de Torrance*. pp. 1-30, Acedido a 21 de Novembro de 2013 em <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/2728>
- Bahia, S., & Nogueira, S. I. (2006). Dez vezes duas avaliações da criatividade. *Revisita Recrearte Nº 6*, pp. 1- 10. Acedido a 12 de Novembro de 2013 em <http://hdl.handle.net/10451/2756>
- Barbosa, A. M. (2010a). *Mudanças na Arte/Educação*. Acedido a 5 de Fevereiro de 2014 em <http://texsituras.files.wordpress.com/2010/04/anamae.pdf>:
texsituras.files.wordpress.com
- David, A. P., & Morais, M. d. (2012). *Pensando a Criatividade: apontamentos sobre o percurso explicativo do conceito*. Acedido a 18 de Novembro de 2013 em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/20475>
- Didáxis, C. E. (s/d). *Projecto Educativo*. Acedido a 8 de Dezembro de 2012 em http://www.didaxisra.net/pdf/PE_RA.pdf
- Eisner, E. (2008). “O que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação?” Obtido de *Currículo sem Fronteiras*, v.8, n.2, pp.5-17, Jul/Dez 2008. Acedido a 8 de Novembro de 2013 em <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol8iss2articles/eisner.pdf>
- Gomes, M. J. (2005). *Blogs: Um recurso e uma estratégia pedagógica*. Acedido a 23 de Novembro de 2012 em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4499/1/Blogs-final.pdf>

- Guaraldo, L. (2012). *A diversidade de processos nos cadernos de criação*. Acedido a 5 de Março de 2014 em <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/apcg/edicao10/Lais.Guaraldo.pdf>
- M. E. C. (2012). *Revisão da Estrutura Curricular*. Acedido a 15 de Dezembro de 2012 em http://www.portugal.gov.pt/media/550035/20120326__revisao_estrutura_curricular.pdf.
- M., E., C., (s.d.) *Plano Nacional de Leitura*. Acedido a 13 de Outubro de 2012 em <http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/index1.php>
- Matos, F., & Ferraz, H. (s.d.). *Questões e Razões - Roteiro de Educação Artística*. Acedido a 22 de Janeiro de 2014 em www.dgicd.min-edu.pt:www.dgicd.min-edu.pt/data/dgicd/.../dossier_questoes_razoes67.pdf
- Morais, M. d. (2012). *Criatividade : investimento pessoal e organizacional para o séc. XXI?* pp. 1-18. Acedido a 12 de Janeiro de 2014 em repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/20369
- Nakano, T. d., & Wechsler, S. M. (2006). *Teste Brasileiro de Criatividade Figural: Proposta de Instrumento* - Journal of psychol. [online], vol.40, n.1, pp. 103-110. Acedido a 20 Maio, 2013 em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rip/v40n1/v40n1a11.pdf>
- Salavisa, E. (Coord.) (2011b) *Diários Gráficos em Almada*. Acedido a 10 de Maio de 2013 de <http://issuu.com/gomadesign/docs/diariosgraficos>
- Silva, S. M. (2011). *A Ilustração Portuguesa para a Infância no Século XX e Movimentos Artísticos: Influências Mútuas, Convergências Estéticas* (Tese de Doutoramento em Estudos da Criança na especialidade de Comunicação Visual e Expressão Plástica). Universidade do Minho. Acedido a 11 Fevereiro, 2014 em repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/19682/1/teseFINAL.pdf
- Tschimmel, K. C. (2010). *Sapiens e Demens no Pensamento Criativo do Design*. (Tese de doutoramento: Universidade de Aveiro, Departamento de Comunicação e Arte). Acedido a 14 de Junho de 2013 em <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/1270/1/2010000838.pdf>
- Wechsler, S. M. (s.d.). *Criatividade e Inovação: O impacto de uma educação estimuladora*. pp. 1-23. Acedido a 25 de Outubro de 2013 em http://www.criabrasilis.org.br/arquivos/pdfs/100_criatividade.pdf

ANEXOS

1. Anexo I - Ficha biográfica do aluno

DIDÁXIS Cooperativa de Ensino – Riba de Ave
Disciplina : Educação Visual – 9º ano

Ano Letivo 2012|2013

Ficha Biográfica do Aluno

1- Identificação do aluno

Nome _____	Nº _____	Turma _____
Data de nascimento ____/____/____ Freguesia _____		
Morada _____ Localidade _____		
Código postal _____ - _____ Telefone _____ E-mail _____		

2- Agregado Familiar

Nome do Pai _____	Idade _____		
Profissão _____	Habilitações Académicas _____		
Situação profissional			
<input type="checkbox"/> Efetivo <input type="checkbox"/> Contratado <input type="checkbox"/> Desempregado <input type="checkbox"/> Reformado <input type="checkbox"/> Outro _____			
Nome da Mãe _____	Idade _____		
Profissão _____	Habilitações Académicas _____		
Situação profissional			
<input type="checkbox"/> Efetivo <input type="checkbox"/> Contratado <input type="checkbox"/> Desempregado <input type="checkbox"/> Reformado <input type="checkbox"/> Outro _____			
Número de irmãos _____	Idade(s) _____	Sexo: Masculino _____	Feminino _____
Com quem vives ? _____			

3- Encarregado de educação

Nome _____	Idade _____	Parentesco _____
Morada _____		
Localidade _____ Código Postal _____ - _____		
Telefones : Casa _____ Emprego _____ Telemóvel _____		

4- Situação Familiar

Alterações recentes (menos de 1 ano) verificadas no agregado familiar do aluno

Falecimento de familiar próximo: Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	Grau de parentesco _____
Separação dos pais: Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	
Nascimento de irmão(s): Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	
Outros dados importantes: _____	

9- Aprendizagem

9.1 -Disciplina(s) preferidas: _____

9.2 -Disciplina(s) com mais dificuldades: _____

9.3 -Beneficiaste de apoio educativo no ano letivo anterior? Sim Não

Se respondeste sim, refere a que disciplina(s) _____

9.4 -Na tua opinião, as dificuldades que às vezes sentes na aprendizagem devem-se a:

- 1- Pouca atenção nas aulas;
- 2- Pouco interesse nos estudos;
- 3-Pouco tempo para estudar;
- 4- Falta de apoio em casa;
- 5-Dificuldades em compreender as explicações;
- 6-Timidez em expor as dúvidas;
- 7-Falta de acompanhamento do professor;
- 8-Mau comportamento nas aulas;
- 9-Incapacidade de integração na turma;
- 10-Outro motivo. Qual?

9.5 -Que género de aulas gostas mais?

- 1-De aulas práticas;
- 2-De aulas teóricas;
- 3-De trabalhos individuais;
- 4-De trabalhos em grupo;
- 5-Quando o professor expõe os assuntos;
- 6-Quando os alunos participam ativamente;
- 7-Quando o professor tem em atenção os interesses dos alunos;
- 8-Quando os alunos dinamizam as atividades da aula;
- 9-Quando são utilizados meios audiovisuais.

9.5.1 - Que outro género de aulas propões, que poderiam ajudar no teu caso, a desenvolver melhor a aprendizagem? _____

9.6 -O que consideras mais importante num professor? _____

9.7 -Costumas conversar em casa sobre o teu desempenho na escola? Sim Não

9.8 -As conversas são: frequentes raras apenas no final do período

9.9 -Os teus pais costumam:

	Nunca	Poucas vezes	Algumas vezes	Sempre
Ver as tuas fichas de avaliação				
Assinar as fichas e testes				
Conversar contigo sobre os teus resultados escolares				

10-Turma

10.1- Como te relacionas com a turma?

10.2- Quais as características da tua turma?

10.3- Em relação ao comportamento da turma, refere algumas sugestões que poderão ser benéficas para que todos se respeitem contribuindo para um bom ambiente de sala de aula.

10.4 Como te vês?

10.4.1 Aspetos positivos

<input type="checkbox"/> Atento	<input type="checkbox"/> Responsável
<input type="checkbox"/> Honesto	<input type="checkbox"/> Educado
<input type="checkbox"/> Compreensivo	<input type="checkbox"/> Participativo
<input type="checkbox"/> Organizado	<input type="checkbox"/> Colaborador

10.4.2 – Aspetos negativos

<input type="checkbox"/> Distraído	<input type="checkbox"/> Desleixado
<input type="checkbox"/> Agressivo	<input type="checkbox"/> Nervoso
<input type="checkbox"/> Desorganizado	<input type="checkbox"/> Tímido
<input type="checkbox"/> Egoísta	<input type="checkbox"/> Individualista

11-Ocupação dos tempos livres

11.1. O que mais gostas de fazer nos teus tempos livres?

<input type="checkbox"/> Ouvir música	<input type="checkbox"/> Navegar na net
<input type="checkbox"/> Ver televisão	<input type="checkbox"/> Estar só
<input type="checkbox"/> Ir ao cinema	<input type="checkbox"/> Sair com amigos
<input type="checkbox"/> Praticar desporto	<input type="checkbox"/> Passear
<input type="checkbox"/> Ler	<input type="checkbox"/> Jogar computador

12- Formação Cultural/Artística

12.1. Desenvolves alguma atividade de formação artística fora da escola? Sim Não

Qual/Onde? _____

12.2. Com que regularidade visitas espaços de arte (museus, galerias, workshops, centros de exposição)?

Nenhuma Raramente Poucas vezes Muitas vezes

12.2.1. Refere qual o espaço ou título da exposição, que te recordes, que visitaste pela última vez.

12.3. No 3º ciclo quais as disciplinas de carácter artístico que frequentaste? _____

Refere em que ano(s) de escolaridade: _____

12.4. Se pudesses escolher, terias optado pela disciplina de Educação Visual? Sim Não

Outra/ Qual? _____

12.5. Gostas da disciplina de Educação Visual? Sim Não

Porquê? _____

12.6. Que nota tiveste a última vez que frequentaste a disciplina de Educação Visual? _____

12.7. Consideras importante ter no currículo escolar uma disciplina como a Educação Visual? Porquê?

12.8- Gostarias de realizar algum projeto artístico relacionado com a disciplina de Educação Visual nos espaços exteriores da Escola? Que espaço utilizarias e o que farias?

13- Expectativas profissionais

13.1. Que área gostarias de seguir no ensino secundário? _____

13.2. Que profissão gostarias de vir a ter no futuro? _____

14- Opinião pessoal

Escreve, livremente, sobre o que entendes ser importante sobre ti, a escola, o ano escolar, o que julgues ser relevante e que ainda não tenhas abordado neste inquérito.

Obrigado pela colaboração!

Riba de Ave, _____ de _____ de 2012

2. Anexo II - Questionário - Diário Gráfico

Questionário - Diário Gráfico

Nome _____ Nº ____ Turma | 8 Ano | 9º

Com este questionário pretende-se conhecer o grau de satisfação da turma relativamente à aplicação do Diário Gráfico, assim como as dificuldades e estímulos sentidos.

É apresentado um conjunto de questões para serem valorizadas de acordo com a tua própria experiência. Deves ser o mais objetivo e realista possível, respondendo sempre com sinceridade. Ao fazê-lo estás a dar um contributo muito importante para que me seja possível identificar e desenvolver novas práticas pedagógicas.

1- Plano Nacional de Leitura

Assinala com x as tuas opções.

1.1-Os textos fornecidos no âmbito do Plano Nacional de Leitura foram:

- a) _____ um contributo para desenvolver a leitura reflexiva que permite ampliar novos conhecimentos;
- b) _____ um auxílio e orientação para as tuas ilustrações;
- c) _____ enriquecedores para do teu vocabulário;
- d) _____ um apelo à tua imaginação;
- e) _____ estimulantes e motivadores para a tua criatividade;
- f) _____ difíceis para que pudesse ilustrar.

2- Ilustrações

2.1- Quais os textos PNL que mais gostaste de ilustrar?

2.2 – A imagem gráfica e a imagem escrita são elementos fundamentais nas ilustrações. Com qual te identificas mais?

imagem gráfica

imagem escrita

Justifica a tua resposta?

2.3- Quais as principais dificuldades que sentiste para a ilustração das páginas do Diário Gráfico.

2.4- Que suportes, materiais e técnicas gostaste mais de explorar nas tuas ilustrações?

lápis grafite lápis de aguarela colagem guache caneta de ponta fina preta

2.5- Que outros materiais e técnicas diferentes gostarias de experimentar além dos mencionados acima?

3- Blogue

3.1- Consideras que os links facultados no Blogue da turma foram fundamentais enquanto motivação para seres mais criativo?

Sim Não Porquê?

3.2- Como te sentes ao ver as tuas ilustrações partilhadas no blogue da turma?

Motivado Tímido Devo fazer mais experiências para melhorar
 Criativo Muito satisfeito Pouco satisfeito
 Outras.

Quais? _____

3.3- Visitas o blogue da turma porque:

Assinala de 1 a 3 as respostas, sendo que o 1 é o de maior importância e o 3 é menor importância.

a) ___ gosto de ver o meu trabalho e o dos meus colegas

a) ___ serve de suporte visual para desenvolver as ilustrações

b) ___ considero os links muito apelativos

c) Outro motivo: _____

4- Diário Gráfico

4.1- Que mudanças consideras necessárias nesta atividade para melhorar o teu gosto pela prática do desenho? Sugere temas/atividades que gostarias de desenvolver no Diário Gráfico.

4.2- Qual o teu grau de satisfação com a atividade do Diário Gráfico?

Insatisfatório Satisfatório Bom Muito Bom Excelente

Obrigada pela tua colaboração!

3. Anexo III - Tabela do Teste de TTCT de Torrance

Critérios Cognitivos		Pré - Teste					Pós -Teste				
		Demonstrou bastante	Demonstrou	Demonstrou pouco	Não demonstrou	Não observável	Demonstrou bastante	Demonstrou	Demonstrou pouco	Não demonstrou	Não observável
Fluência	Nº de ideias interpretáveis										
Originalidade	Ideias raras que se afastam do óbvio .Combinação de figuras										
Elaboração	Adição de detalhes, relevantes										
Abstração dos Títulos	Referem a essência da história. Ajudam a contar a história										
Resistência ao Fechamento	Indivíduo criativo que mantém aberta a questão do tempo necessário para que possa surgir a resposta original										
Critérios emocionais		Demonstrou bastante	Demonstrou	Demonstrou pouco	Não demonstrou	Não observável	Demonstrou bastante	Demonstrou	Demonstrou pouco	Não demonstrou	Não observável
Vigor Criativo	Expressão emocional- títulos ou figuras										
	Contar uma História – Comunicar uma ideia com detalhe e contextualização										
	Expressão do Movimento										

Expressividade dos títulos – transformação da resposta figurativa em expressões verbais imbuídas de emoções										
Síntese de figuras incompletas e combinação de linhas ou círculos – descoberta de relações entre elementos aparentemente desconexos										
Perspetiva Invulgar – capacidade de observar um objeto por uma perspetiva invulgar										
Visualização interna do que é desenhado										
Extensão dos limites – capacidade de ir além dos elementos										
Humor – Capacidade de surpreender com títulos e figuras										
Riqueza de Imaginário- a expressão com diversidade e intensidade, tornando a mensagem apelativa										
Coloração do Imaginário - invocação dos cinco sentidos e da imaginação e fantasia										

4. Anexo IV - Planificação – Projeto Diário Gráfico - Plano Nacional de Leitura



<p>Prof. Orientadora Cooperante: Cristina Anjo Prof. Estagiária: Ana Maria Alves</p>		<p>Tempo letivo 50 mins. Data 17-10-2012</p>		<p>Sumário _Apresentação multimédia sobre a atividade anual "PNL";_articulação com o conceito de "Diário Gráfico"; _Leitura e interpretação de um texto no âmbito do "PNL" _ Proposta de trabalho "Páginas de um Diário Gráfico": debate interativo.</p>		<p>Recursos/ Materiais</p> <p>. Computador; . Projetor, .Quadro interativo; . Proposta de trabalho nº1; . Texto (PNL): - Página do diário gráfico em formato personalizado como TPC.</p>		<p>Avaliação</p> <p>- Avaliação formativa (função reguladora e metacognitiva) (observação direta) - Avaliação contínua observação direta dos trabalhos elaborados, modo de participação, empenho, autonomia, progressão e capacidade de análise.</p>					
<p>Metas de Aprendizagem</p> <p>Pretenda-se que o aluno: Domínio da técnica ↓ - Desenvolva ações orientadas para a prática de técnicas de desenho, que transformam os resultados numa parte ativa do conhecimento. Domínio da representação ↓ - Desenvolva ações orientadas para a compreensão de informação adquirida de forma intuitiva, que desenvolve padrões representativos, através de imagens percecionadas/sentidas. Domínio do projeto ↓ - Desenvolva ações orientadas para a investigação e para atividades de projeto, que interpretam sinais e exploram hipóteses. -Desenvolva capacidades de relacionar ações e resultados, que condicionam o desenvolvimento do projeto.</p>		<p>Conteúdos</p> <p>. Comunicação visual -elementos visuais na comunicação . Perceção visual Qualidades formais e qualidades expressivas . Linguagem visual . Representação e expressão - Desenho de observação . Materiais e técnicas de expressão</p>		<p>Competências</p> <p>PNL: - Promover a leitura, assumindo-a como fator de desenvolvimento individual; - Criar instrumentos que permitam definir metas cada vez mais precisas para o desenvolvimento da leitura; - Articular o PNL com o Desenho de modo que estimule o prazer de ler e interpretar construindo mensagens visuais. - Desenvolver a criatividade e imaginação na seleção e criação de mensagens visuais. Comunicação Visual: - Ler e interpretar narrativas de diferentes linguagens visuais; -Compreender e interpretar mensagens visuais; - Entender o desenho como um meio para a representação expressiva do Diário Gráfico. Elementos da forma: Ser capaz de elaborar composições a partir de observações diretas e de realidades imaginadas, utilizando os elementos e os meios de expressão visual.</p>		<p>Estratégias /Atividades</p> <p>- Entrada na sala de aula, verificação das presenças / ausências e distribuição do material; - Explicação temática > apresentação da proposta de trabalho "PNL versus Diário Gráfico"; - Apresentação multimédia ↓ "Diário Gráfico" - Debate interativo 1 "PNL" versus "Diário Gráfico" ↓ - Entrega e leitura de poemas sobre o Desenho - ↓ Debate interativo</p> <p>- Entrega da proposta de trabalho semanal no âmbito da atividade "PNL versus Diário Gráfico"; - Suporte de papel: escolha de um formato e tipo de papel para a realização da atividade como trabalho de ateliê; - Reflexão sobre a proposta de trabalho; - Recolha de material (capas); - Sumário E_Schooling (realizado pela Professora Orientadora).</p>		<p>Duração</p> <p>07 mins. 02 mins. 15 mins. 05 mins. 05 mins.</p>		<p>Recursos/ Materiais</p> <p>. Computador; . Projetor, .Quadro interativo; . Proposta de trabalho nº1; . Texto (PNL): - Página do diário gráfico em formato personalizado como TPC.</p>		<p>Avaliação</p> <p>- Avaliação formativa (função reguladora e metacognitiva) (observação direta) - Avaliação contínua observação direta dos trabalhos elaborados, modo de participação, empenho, autonomia, progressão e capacidade de análise.</p>	
<p>Articulação Horizontal</p>		<p>Plano Nacional de Leitura</p>											

5. Anexo V - Apresentação visual em power point – Diário Gráfico

Didáxis- Cooperativa de Ensino - Riba de Ave



Educação Visual
Turma 9^ªB
ano letivo 2012|2013

Apresentação do projeto

- Plano Nacional de Leitura
- Diário Gráfico

17-10-2012

Professora Orientadora Cooperante: Cristina Anjo
Mestranda | Professora Estagiária: Ana Maria Alves

O que é um diário gráfico?



COLIAGE

march 10

2

- Desenvolver a capacidade e o hábito de desenhar;
- Praticar o desenho;
- Registrar mensagens, ideias e pensamentos visuais e escritos;
- Representar o que é mais importante no momento;
- Expressar livremente a criatividade e imaginação;
- Enriquecer a atividade de desenhar;
- Reinventar algo novo e pessoal;
- Criar histórias ou pensamentos espontâneos;
- Produzir desenhos, pinturas ou colagens.



5

Despertar a Leitura



PNL

Praticar o Desenho



DIÁRIO GRÁFICO





A informação visual é o registo mais antigo da nossa história.

Procuramos sistematicamente a informação e o conhecimento através do reforço e da experiência visual, para compreender o meio envolvente.

A linguagem, como uma das formas de comunicar, suscita o sentir e o pensar e permite utilizar combinações além de ler e escrever.

Promover e valorizar a leitura é um fator relevante para desenvolver o hábito de desenhar, fazer registos visuais de palavras envolvendo e transformando a leitura em Comunicação visual.

7



Plano Nacional de Leitura - Diário Gráfico Como desenvolver a ideia?

- Selecionar a informação mais importante do texto oferecido;
- Esboçar, ou colar letras, palavras ou frases, continuando com desenhos;
- Conjuguar a palavra com o desenho ou a imagem;
- Passar da palavra lida, à palavra escrita e à palavra desenhada;

8



- Desenvolver desenhos lineares, de traço solto, e expressivos;
- Utilizar diferentes tipos de caligrafia;
- Esboçar palavras, mensagens importantes, aplicar diferentes técnicas;
- Inventar histórias, situações, registos gráficos;
- Transmitir uma mensagem visual.

9

Podemos utilizar no
Diário Gráfico vários
materiais e técnicas



10

Podemos ser criativos
com as palavras!

LETRAS
RECORADAS

A IMPOR-
TANTE DAS
PALAVRAS
ORDEM É



11

“O **Diário Gráfico** acontece, não deve ser uma obrigação, deve ser uma necessidade, deve ser qualquer coisa que faz parte da nossa própria existência.”

www.diariografico.com

<http://go.webvideoplayer.com/atell/rjFXD24ts1mpPGcBa6Z/review13>

 115536933.mp3

 120671868.mp3



12

6. Anexo VI - Texto para ilustração - pré-teste e pós-teste

“Literatura: arte de desenhar e pintar com palavras”

E. Pásqua

“ Se me pedissem pra desenhar a vida, faria um jardim.
Pessoas brotando, de todas as cores, em vastos caminhos.

Seria eu, a Primavera.

No meu jardim, as minhas flores seriam sempre vivas.

De vez em quando, colheria algumas...

Andariam comigo as que eu sentisse maior amor.

E nunca, nunca lhe faltaria mais nada!”

Patty Vicensotti

“Desenhar é, antes de mais, ver com os olhos,
observar, descobrir.

Desenhar é aprender a ver, a ver nascer,
crescer, expandir-se, morrer, a ver as coisas
e as pessoas.

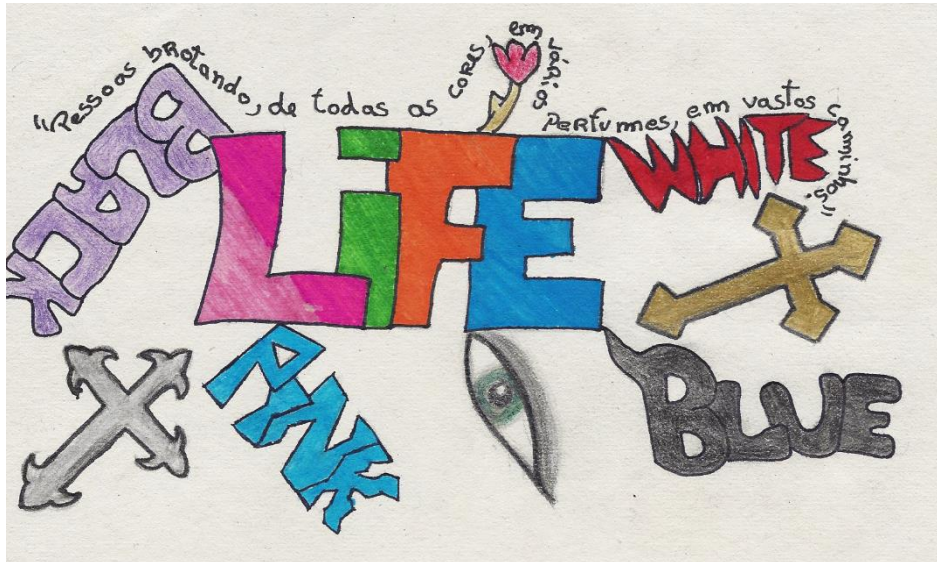
É preciso desenhar para
interiorizar aquilo que foi visto,
e que permanecerá escrito
na nossa memória
para o resto da vida”.

Le Corbusier

“Eu não sei desenhar, mas brincando com lápis de cores que encontrei numa
mesa, desenhei um lindo lugar e transportei-me para lá... É de lá que vos
escrevo!”

Charles Canela

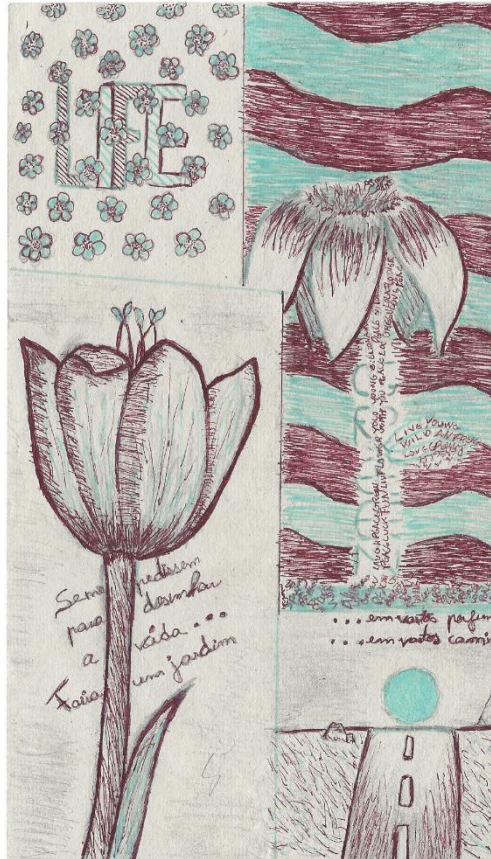
7. Anexo VII - Ilustrações no âmbito do pré e pós-teste



Aluno A – Pré-teste



Aluno A – Pós-teste



Aluno B – Pré-teste



Aluno B – Pós-teste



Aluno D – Pré-teste



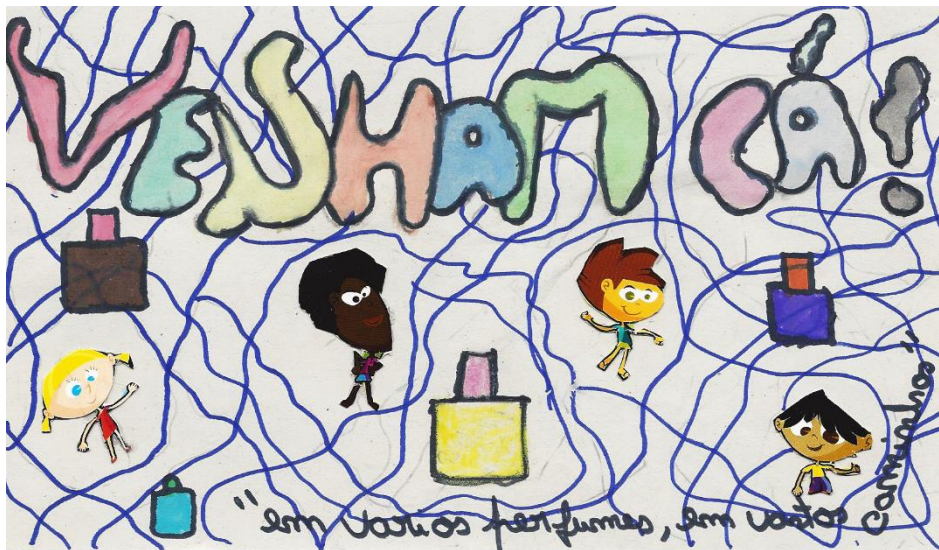
Aluno D – Pós-teste



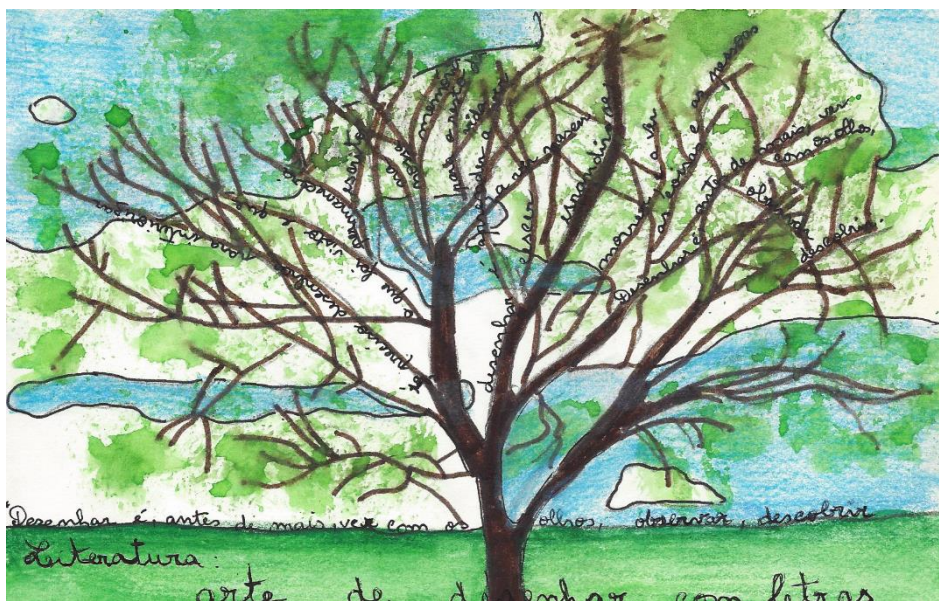
Aluno E – Pré-teste



Aluno E – Pós-teste



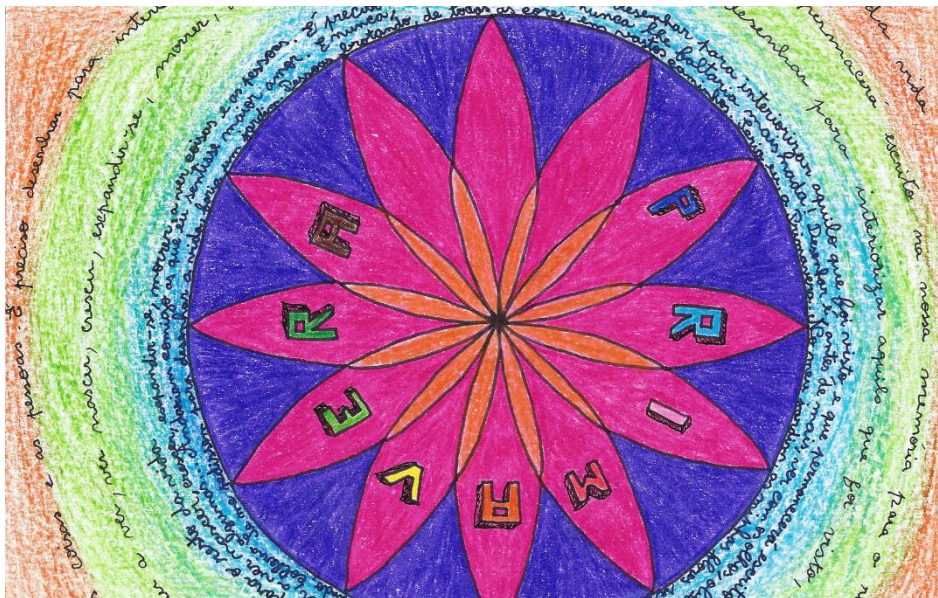
Aluno F – Pré-teste



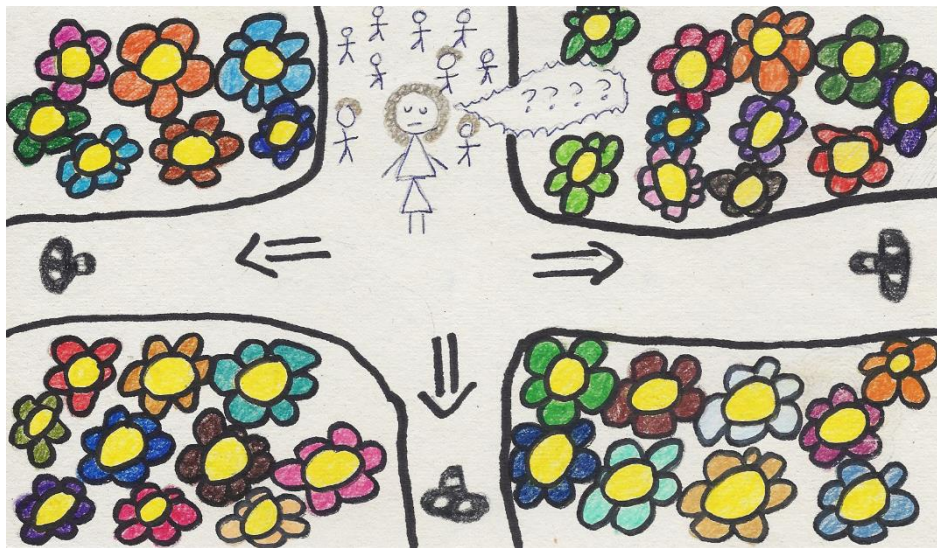
Aluno F – Pós-teste



Aluno G – Pré-teste



Aluno G – Pós-teste



Aluno H – Pré-teste



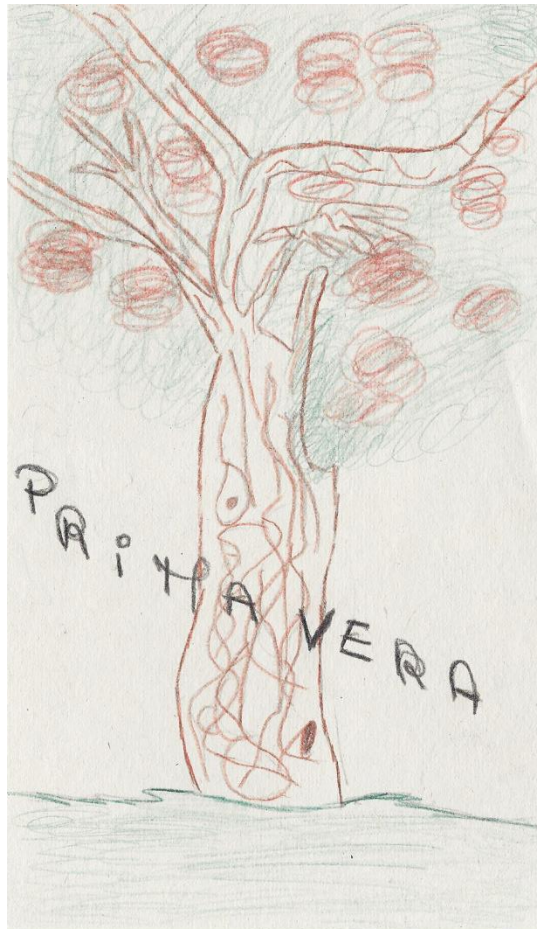
Aluno H – Pós-teste



Aluno I – Pré-teste



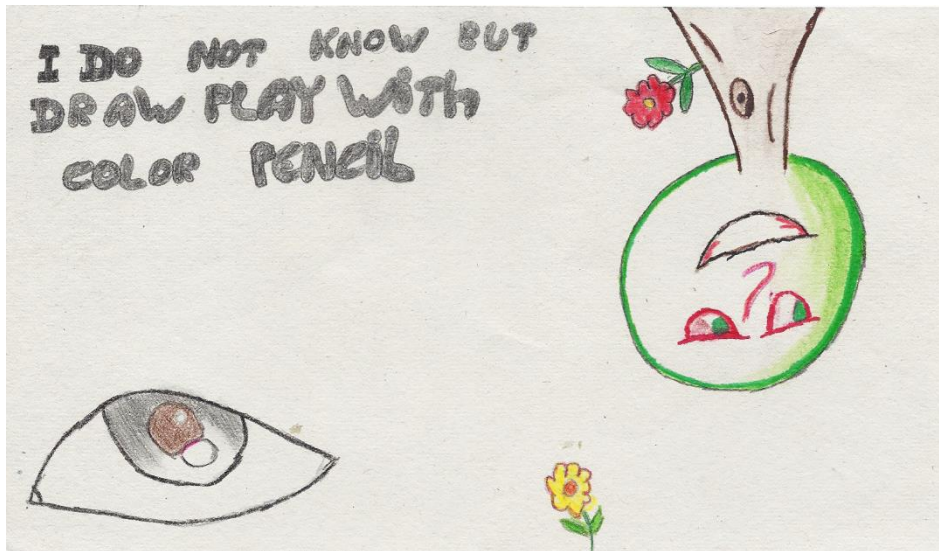
Aluno I – Pós-teste



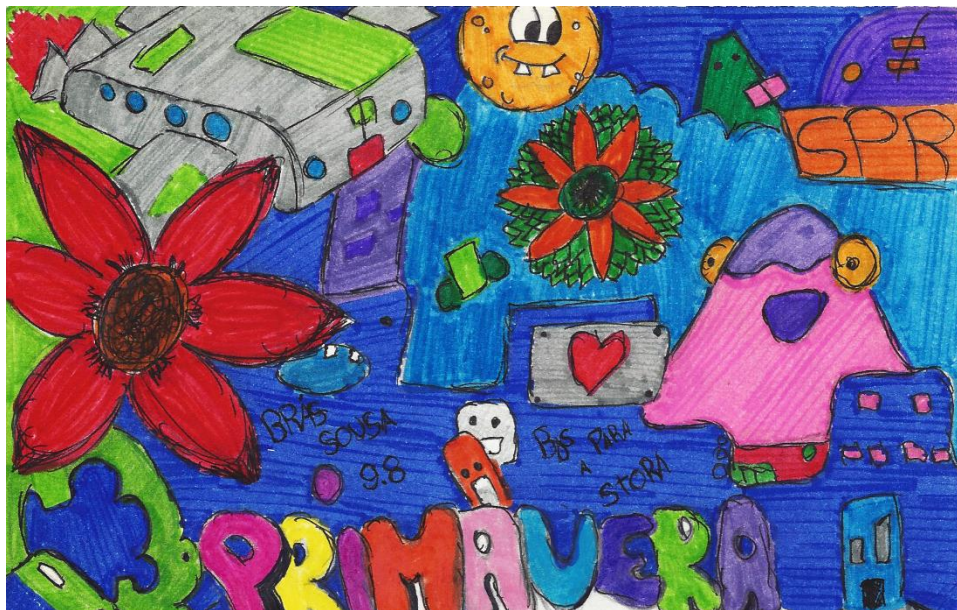
Aluno K- Pré-teste



Aluno K- Pós-teste



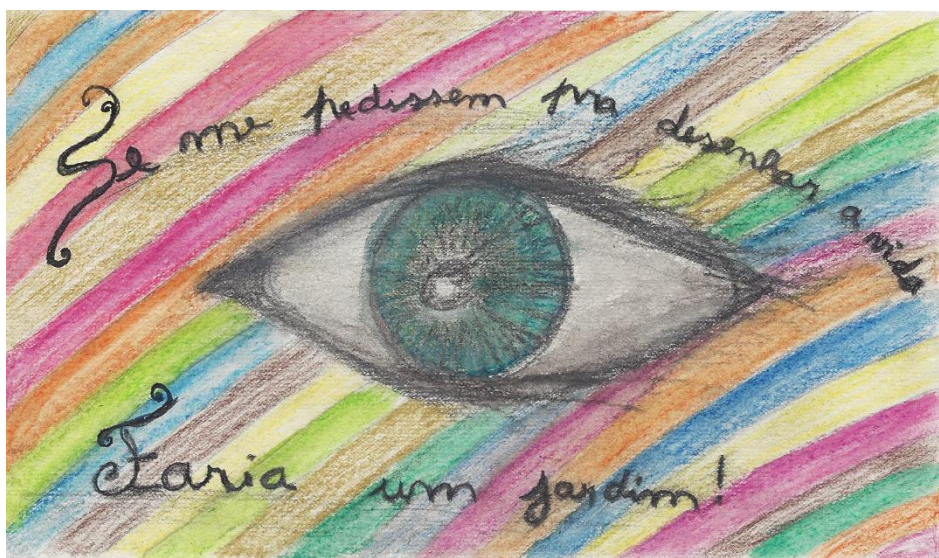
Aluno L- Pré-teste



Aluno L- Pós-teste



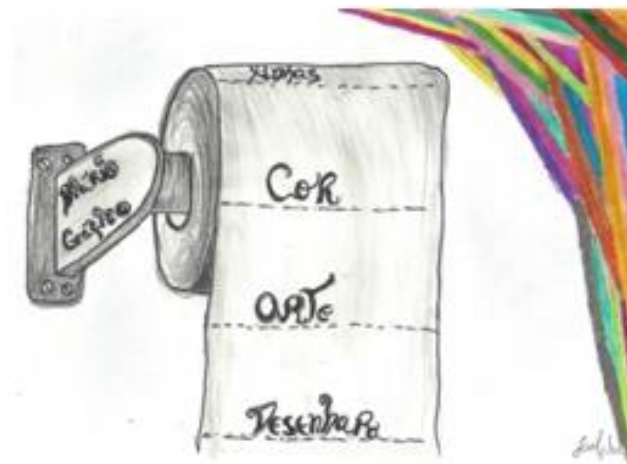
Aluno M- Pré-teste



Aluno M- Pós-teste

8. Anexo VIII - Ilustrações – Mapa mental: Diário Gráfico





9. Anexo IX - Unidades temáticas - Dinamização das aulas e respetivos trabalhos práticos

Unidade Temática: Desenho de Observação – 1º Período

Nesta unidade temática foram dinamizadas quatro aulas de sequência.

O desenho como meio de comunicação e expressão é um processo que desenvolve a linguagem visual. A partir de exercícios orientados, pode ser uma habilidade que se vai fortalecendo com o treino, assim como uma ferramenta que pode também desenvolver a criatividade.

Confrontar o aluno com a perceção da realidade ajudou-o a expulsar imagens estereotipadas adquiridas até então, surgindo uma linguagem e pensamento visual na expressividade do desenho.

Read refere que "a observação é quase inteiramente uma faculdade adquirida [e que] alguns indivíduos nascem com uma maior capacidade para concentrarem a atenção e para a coordenação da mão e do olhar, envolvidos no acto de registar o que é observado" (2010, p.253).

Aula 1 - 26 /11/2012 – 100 mins.

Na primeira aula da unidade de trabalho, desenho de observação, foi apresentada uma mostra visual valorizando a importância da perceção visual, exercitando os alunos a observar e a registar, dando especial enfoque à estrutura geométrica na representação gráfica das formas, a importância dos conceitos de enquadramento, composição, perspectiva e proporção. Foram apresentadas ainda, noções de luz e sombra, sendo ela própria e projetada, desenho volumétrico e desenho expressivo, assim como a variada aplicação de materiais riscadores.

Nesta aula as competências ligadas aos elementos da linguagem visual, à sua gramática, à capacidade de representação e de expressão através do desenho de técnicas e materiais, e da criatividade foram exploradas de uma forma mais aprofundada.

Foi apresentado um vídeo sobre o desenho de um objeto para que aprendessem a técnica utilizada, podendo ser revisto através do blogue da turma. Além deste vídeo, outros foram disponibilizados no blogue para que pudessem praticar e aprender com mais facilidade.

Nesta aula pretendeu-se que o aluno fosse confrontado com a realidade que está diante dos seus olhos, forçando-o a ver com mais intensidade e persistência todos os pormenores do objeto, de forma a desenvolver a percepção visual e a expressão gráfica, “esta técnica essencial e primária, baseada nos processos da visão, encontra meios e matizes para se adaptar às mais variadas exigências” (Massironi, 2010, p.17). Desenhar à vista desenvolve e afina o olhar, e permite entender com mais detalhe as formas, no entanto, numa primeira fase dessa aprendizagem, foi necessário “aprender, praticar e exercitar” (Rodrigues, 2003, p.16).

Rodrigues (2003) refere que o desenho, sendo um conjunto de linhas feitas no papel resultando objetos comuns, está presente em variadas atividades humanas sendo de grande importância para o desenvolvimento das artes, o que necessita de mais atenção do que um primeiro olhar (p.9). Nos primeiros desenhos de observação de objetos realizados no início do ano, verifiquei que o olhar de vários alunos ainda não estava educado e que o movimento da mão ainda se encontrava inerte. Desejou-se então, uma abordagem mais aprofundada nesta unidade, adquirindo uma aprendizagem dos aspetos principais do desenho de observação. A necessidade de aprender a ver o objeto, observando a relação entre as linhas estruturantes e auxiliares, a proporção, a volumetria, aplicação dos claros e escuros, a luz, a sombra própria e a sombra projetada, surgiu como guia e elementos estruturais na representação gráfica dos objetos.

Vários alunos desistem de desenhar porque a visão espacial não é estimulada, têm dificuldades na aprendizagem de conteúdos como a percepção de formas, habilidades essas, originárias do hemisfério direito. O método desenvolvido por Betty Edwards, referido anteriormente, aplicado nesta temática ajudou o aluno a interpretar as formas através da luz e da sombra. O hemisfério esquerdo examina-a, mas não a reconhece como imagem, transferindo-a para o hemisfério direito para a constituir como uma forma, podendo ser desenhada no papel (Edwards, 1984, p.194). Esta técnica auxiliou os alunos na prática do desenho de tonalidades de luz e sombra dos objetos.

Contudo, na utilização da técnica de grafite, sanguínea e sépia, os alunos puderam experimentar várias possibilidades de tratamento da representação dos objetos, os valores tonais, os traços largos, espontâneos e macios dos materiais ajudaram à expressividade do desenho.

Com a utilização dos materiais riscadores sanguínea e a sépia, ideais para o desenho do natural, os alunos superaram a linha de contorno substituindo os traços contidos e presos, pela espontaneidade e rapidez de traçado, abrindo novos estilos de expressão. A versatilidade da

sanguínea permitiu a mistura com outros materiais como a grafite. “A harmonia entre o controlo da mão e o que o cérebro vê resulta o saber desenhar” (Rodrigues, 2003 p.52).

Apesar das dificuldades sentidas na representação do objeto de cerâmica fornecido a cada aluno, depois de aprenderem alguns princípios e técnicas, foi fundamental praticar e exercitar esta prática extra aula, como trabalho de ateliê.

Aula 2 – 28/11/2012 – 50 mins.

Como referido anteriormente, nas aulas de 50 minutos foram apresentados momentos do Plano Nacional de Leitura (PNL), associados ao Diário Gráfico. Nesta aula, foi apresentada uma mostra multimédia sobre “Poesia Visual” para que a turma pudesse compreender que o texto e a imagem são formas de comunicação que se complementam e se encontram justapostas num diário gráfico.

A apresentação da Poesia Visual e caligramas de Guillaume Apollinaire, Ana Hatherly e Melo e Castro, entre outros autores menos conhecidos e também anónimos, permitiu elucidar a turma através da fusão de texto e de imagem organizando composições tipografias, no sentido de se autorrealizarem e estimularem, evoluindo o potencial criativo.

Nesta faixa etária o bloqueio à criatividade é notório. Sendo a tipografia a arte de desenhar letras e compor textos de modo a lerem-se de forma agradável, a inserção e criação desta, e da poesia visual nas ilustrações, poderia desenvolver a própria expressão e organização do pensamento visual. As combinações com outros elementos visuais, frases e palavras permitiriam dar sentido às imagens criadas a partir de fragmentos visuais.

Nesta aula, foi entregue um Diário Gráfico a cada aluno (realizado por mim), para iniciarem e praticarem o desenho. Salavisa (2010) refere que “há alguma relutância inicial na sua adoção e, quanto menor é o nível de ensino ou nível etário, maior essa recusa em compreender a importância e a aquisição do hábito de o transportarem e, na mesma ordem de ideias, maior dificuldade em inovar a sua linguagem gráfica devido ao facto de estarem mais «presos» a estereótipos” (p.239). Por este motivo a apresentação do conceito de poesia visual poderia ser um desbloqueio à criatividade, trabalhando a letra como imagem, baseando-se no texto (PNL).

Como forma de articular a poesia visual na elaboração das ilustrações para o projeto PNL-DG, foram expostas na sala de aula, letras tridimensionais (A-R-T), para que a turma pudesse representar graficamente através da observação, vários registos desses objetos, com técnica de grafite de diferentes durezas, lápis sanguínea e sépia. Além de desfrutarem de um primeiro

contato com este suporte, verifiquei que o uso de diferentes materiais estimulou a experimentação.

A entrega de um Diário Gráfico foi uma forma de incentivar os alunos a praticar e experimentar frequentemente o exercício do desenho como trabalho de ateliê. Os exercícios realizados em páginas do Diário serão complementares aos exercícios realizados em aula, originando um Diário Gráfico a partir de todos os textos ilustrados por cada aluno. O objetivo foi envolver vários conteúdos e utilizar diversificados materiais e técnicas no Diário Gráfico.

Como habitualmente, foi lido e interpretado um texto/poema “Letra N” para que cada aluno ilustrasse a página fornecida, associando e organizando elementos como a imagem e a palavra relativos ao poema entregue. A articulação do Diário Gráfico e PNL permitia tornar o processo constante na evolução do desenho, apropriando-se da observação de realidades e do imaginário.

Tendo o texto como auxiliar, a capacidade simbólica de cada aluno envolveu a capacidade de criar, exercitando assim o traço, a linha, a expressividade e a aplicação da cor. Tendo já algumas noções do conceito *mapa mental*, o objetivo foi facilitar o aluno a criar mentalmente a ideia do texto associando a letra à ilustração de modo a facilitar e desbloquear o potencial criativo.

Aula 3 – 3/12/2012 – 100 mins.

Na aula três, foi dada a continuidade da exploração do desenho de observação. Através desta temática, o aluno foi desenvolvendo a capacidade de visão e percepção, e a capacidade imaginativa e inventiva, uma forma de expressão que fomenta a criatividade. Ao oferecer oportunidades, condições e meios aos alunos para que explorassem o desenho, denotou-se nos mesmos um estímulo para o gosto desta prática.

Nesta aula, foi apresentada a temática da cor, cores primárias, secundárias, quentes e frias, tom, valor e saturação, para que os alunos pudessem explorá-la no desenho de observação de objetos.

Depois de analisados os dois objetos cerâmicos em termos de estrutura, proporção, forma geométrica, foram criadas composições e sobreposições, um cenário simples, reproduzindo graficamente os efeitos de volume, espaço, profundidade, luz e sombra própria e projetada, brilho e opacidade, aplicando os diversos efeitos cromáticos, tom, valor e saturação.

Aula 4 – 5/12/12 – 50 mins.

Para concluir a unidade temática do desenho de observação, na aula quatro a turma explorou a cor na sobreposição e composição de objetos, aplicando os efeitos cromáticos: luz, sombra, valor e saturação, utilizando apenas duas cores análogas na representação gráfica dos objetos.

Assegurados dez minutos para o Plano Nacional de Leitura, coincidentes com esta aula, foi entregue um poema alusivo à época natalícia, denominado de “Anjo” de António Variações. Foram recebidas as ilustrações do poema da aula anterior, verificando que os alunos usaram os mais variados materiais ao seu alcance, surgindo resultados interessantes.

Foi lembrado à turma que a prática do Diário Gráfico deverá ser uma constante, a partir do qual cada um deveria desenvolver registos pessoais, experiências gráficas, esboços de uso quotidiano aplicando as técnicas aprendidas nesta unidade temática.

Após a representação dos vários objetos, nas quatro aulas determinadas para o desenho de observação, verifiquei que os alunos captaram e entenderam as formas através da percepção, utilizando traços mais leves e rápidos para as linhas auxiliares e enquadramento geométrico. Os movimentos da mão tornaram-se mais leves, rápidos e mais expressivos. A expressão própria de cada aluno e o processo utilizado foi-se desinibindo a partir do gesto e dos materiais utilizados, numa confirmação de que a “expressão mais evidente num desenho é a que advém da libertação da mão ao desenhar” (Graça, C. C., Forjaz, R., & Ferreira, S. , 2012, p.159).

Os resultados obtidos, na representação gráfica dos objetos de cerâmica, pelos alunos, originaram desenhos expressivos usando os suportes, materiais e técnicas mais usuais. Cada um torna-o pessoal e único. “A capacidade de perceber uma determinada realidade ultrapassa a mera receção de estímulos sensoriais, tendo em conta que exige a activação de funções complexas como a atenção e a memória” (Palma & Terrasêca, 2011, 32). Além desta pessoalidade do trabalho desenvolvido, ao ativar estas funções complexas, a capacidade de perceber, induz e prepara para a aprendizagem. Em verdade, o “desenho de observação pode ser um elemento facilitador na aprendizagem, auxiliando o aluno a desenvolver a visão espacial e a capacidade inventiva, intuitiva e imaginativa” (Andrade, Arsie, et al., 2007, p.5).

Tendo em atenção as necessidades e dificuldades sentidas pelos alunos nesta área e considerando que o desenho é a primeira representação gráfica que a criança utiliza, é um ato de representação que dá forma e sentido ao pensamento e ao que foi aprendendo como técnica, para que o aluno desenvolvesse outras unidades temáticas foi necessário dinamizar as aulas relacionadas com o desenho de observação ajudando o aluno a encontrar a própria expressão.

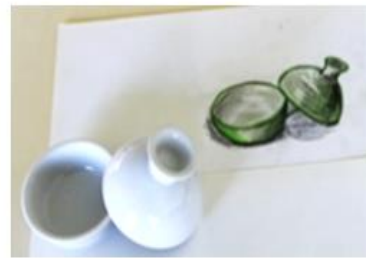
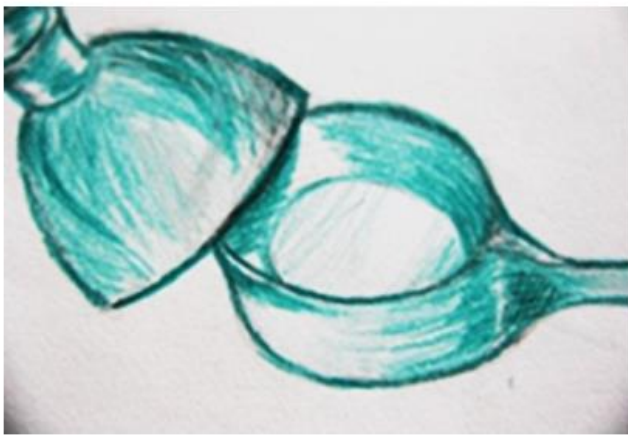
A utilização de técnicas, materiais e métodos permitia desbloquear o “talento” para desenhar, abrindo um vasto campo de possibilidades. Através da prática do desenho criativo e expressivo, o aluno poderia explorar o desenho de memória e de imaginação através das várias técnicas de desenho.

O exercício do desenho de observação “permite ao aluno adquirir um domínio de todos os elementos da linguagem visual e gráfica, que é essencial para a interpretação da realidade com total liberdade” (Hallawell, 2006, p.9).

Através do domínio do desenho de observação, o aluno exerce com liberdade e confiança criatividade para experimentar diferentes linguagens, desenvolvendo trabalhos expressivos de satisfação pessoal.

- Trabalhos desenvolvidos na Unidade Temática: Desenho de Observação⁸

- Desenho de observação de objetos de cerâmica a lápis grafite e de cor.



⁸ Os exercícios práticos que ilustram cada unidade temática exemplificam o trabalho desenvolvido em cada unidade temática. Apenas apresentamos alguns exemplos para ilustrar as aulas dinamizadas, o trabalho mais completo encontra-se no Dossiê de Estágio.

Unidade Temática: Educação Artística e Plástica – Surrealismo - 2º Período

Aula 5 – 28/01/2013 – 100 mins.

A Unidade Temática – Educação Artística e Plástica, permitiu o estudo e análise das diferentes correntes artísticas contemporâneas, como o cubismo, arte abstrata, arte pop e surrealismo surgidas no século XX. Iniciada esta temática no 2º período, pela Professora Orientadora, a turma foi organizada em grupos, cabendo a cada um estudar uma corrente artística diferente.

Familiarizar a turma com as correntes artísticas referidas que marcaram a época moderna foi a premissa para sensibilizar, compreender e interpretar as distintas linguagens artísticas inculcando nos alunos experiências novas e sensibilidade estética.

Nesta aula, a corrente artística do Surrealismo foi a selecionada, por saber que muitos alunos se identificaram, com a mesma, na pesquisa realizada nas aulas anteriores. Por este motivo, foi agendada uma visita de estudo à Fundação Cupertino de Miranda – Vila Nova de Famalicão onde decorria uma exposição do pintor surrealista Carlos Calvet, possuindo também uma rica e variada coleção de quadros surrealistas.

A atividade desenvolvida foi de caráter individual e de grupo, os alunos formaram o mesmo grupo da aula anterior, sendo informados de seguida dos objetivos da aula, no âmbito da temática Movimentos Artísticos Contemporâneos – Surrealismo: Cruzeiro Seixas.

A aula iniciou com uma abordagem teórica, através de uma apresentação multimédia, sobre as origens e características do Surrealismo, assim como, alguns dos principais seguidores desta corrente artística, fazendo o enquadramento do poeta e pintor surrealista Cruzeiro Seixas. Foram apresentadas as características das obras do surrealista e dos seus Diários Gráficos, procedendo-se à análise e interpretação de algumas pinturas que estiveram na base do trabalho dos alunos. Este pintor e poeta refere que os seus desenhos são coisas que pensa, tanto de escrita como de desenho, tendo o hábito de usar cadernos, no seu quotidiano. Aliás, este costume não é novidade, é um “costume muito antigo que vem do passado, sobretudo do século XIX, usado pelos artistas do “ar livre”, [que] (foram os nossos impressionistas)” (Seixas, *apud* Salavisa, 2010, p.70). Cruzeiro Seixas refere ainda que os diários são o testemunho da sua vida, são desenhos que não são pensados, são do imaginário, parece que a mão se torna independente, são desenhos automáticos.

Estes pensamentos partilhados com os alunos tiveram a intenção de dar a conhecer a importância de criar formas imaginárias desenvolvendo o desenho espontâneo expressivo e

criativo. As imagens apresentadas e a imaginação do aluno foram pré-requisitos para pensar de forma criativa utilizando o desenho como meio.

Relativamente à proposta da atividade prática, o objetivo foi a realização de uma pintura surrealista. A atividade iniciou com a distribuição de uma imagem em formato A3 a cada aluno, assim como uma imagem a cores da mesma obra em formato de postal, para que pudessem ter uma referência do original.

Após a explicação e diálogo interativo com a turma, procedeu-se à fragmentação das formas, através do recorte e colagem, tendo em mente a imagem que iriam representar. Seguidamente, os alunos fizeram uma composição, utilizando a colagem, tendo em conta os parâmetros da organização formal, equilíbrio, forma-fundo, posição no campo visual, a dimensão e a orientação dos elementos da obra. Após a seleção das formas, iniciaram a representação na composição criada, segundo a interpretação de cada um, inserindo formas imaginativas, irrealis, sem lógica aparente, consolidando as características apresentadas do movimento surrealista, pondo à prova a imaginação e a criatividade patentes na evolução do processo criativo de cada aluno. Este movimento surrealista representa o subconsciente e a irracionalidade, onde a criatividade e a imaginação se deve manifestar de uma forma livre sem espírito crítico.

Como referi, os alunos formaram os grupos de acordo com as suas afinidades. O facto de desenvolver as duas vertentes na atividade, individual e de grupo, foi conveniente que os alunos aprendessem a fazer um trabalho colaborativo, dentro ou fora da sala de aula, as relações de interajuda foram importantes porque permitiram que o aluno partilhasse as suas ideias e desenvolvesse a sua personalidade, através de um envolvimento mais afetivo com o grupo.

Nesta atividade, o objetivo do trabalho de grupo foi que, cada aluno facultasse algumas formas que não se enquadrassem no seu trabalho, assim como a partilha mútua de ideias ou sugestões, cooperando com os colegas na composição surrealista.

Apesar de surgir algum barulho neste tipo de atividade, provocado pela partilha de formas surreais e pelo diálogo de interajuda, foi conveniente aventurar-me e desenvolver nos alunos a capacidade de trabalhar em grupo. Como refere João Paiva, “ (...) talvez possamos arriscar dizer que o mundo, hoje, mais do que ontem, carece de trabalhadores capazes de trabalhar em grupo. E onde aprender isso senão na escola?” (2007,p.38) Este autor referencia ainda, que paradoxalmente, se a dinâmica de grupo não funciona, então há necessidade de trabalhar em grupo. Neste sentido, considero que esta experiência foi mais produtiva pela capacidade de comunicar e partilhar ideias.

Sendo uma atividade que apela à imaginação e à criatividade, esta “não advém só das nossas reservas pessoais, mas também do amplo mundo de ideias e valores dos outros” (Robinson, 2010, p.84).

Além do trabalho ser individual, o contributo do grupo permitiu que o processo de criação conjunto oferecesse mais prazer, e motivação. Através da dinâmica de grupo, a procura mental de composições e associações foi incentivada, permitindo novas conexões que conduziram a resultados originais.

Nesta experiência artística a criatividade teve um papel importante. O fator ambiente criado pela existência de condições que estimulem o potencial criativo foi gerado pela partilha do trabalho de grupo, a exploração de ideias, a motivação, a sensibilidade, a fluência de pensamento e a originalidade - enunciadas por Eunice Alencar - promoveram e ajudaram a facilitar o desenvolvimento e a manifestação da criatividade. Esta autora refere que, se “traços associados à criatividade, como a espontaneidade, curiosidade, independência, iniciativa, forem cultivados e reforçados no meio social, onde o indivíduo se acha inserido, produções criativas terão [maior probabilidade] de ocorrer ” (Alencar, 1986, p.15). Acrescenta ainda, que, o desenvolvimento da criatividade não depende só do próprio indivíduo, tanto os fatores intrapessoais e interpessoais e de natureza social poderão desenvolver ou dificultar o processo criativo. Neste sentido, a experiência de cada aluno foi marcada pela oportunidade de partilhar ideias, encorajando à abertura e a experiências com o grupo, sem limitar a liberdade do outro, apenas centrando a ação no atuar, criar e vivenciar a situação.

Relativamente à essência do objetivo da aula, imaginação partilhada e desenvolvida através da criatividade, é essencial referir que o termo imaginação no pensamento referido por Guy Aznar é a capacidade de produzir imagens na ausência do modelo, a capacidade de explorar a memória, o incomunicável, o efémero, é o baú da infância combinado com imagens, fragmentos de ideias misturadas com as dos outros (Aznar, 2009. pp.25, 26). Promover o imaginário em sala de aula é permitir a liberdade de expressão, é usar mecanismos de livre associação.

Aula 6 – 04/02/2013 – 100 mins.

Relativamente à atividade prática iniciada na aula anterior, os alunos concluíram a colagem das formas das imagens do surrealista Cruzeiro Seixas e a inserção de desenhos expressivos surrealistas.

A aplicação da cor foi a atividade realizada nesta aula. Os materiais e as técnicas, que escolhi e forneci para esta experiência surrealista, foram: a tinta-da-china, pelo facto de alguns alunos conhecerem pela primeira vez este género de tinta na atividade “aquamoto”, realizada na visita de estudo à Fundação Cupertino de Miranda, e outros nunca terem experimentado; a técnica com café, por permitir diferentes tonalidades de castanhos, para que os alunos experimentassem no Diário Gráfico extra aula; aguarelas, por serem solúveis e permitirem sobreposições de cores, e poucos alunos trabalharem com elas. Foram apresentados dois vídeos alusivos à pintura com café, disponíveis em <http://www.youtube.com/watch?v=OT1KxsGjEj0>, e <http://www.youtube.com/watch?v=QHslG8rbl3E>

Tendo a cor um papel fundamental na arte, por produzir um efeito direto sobre os sentidos (Read, 2010, p.37), a gama de tonalidades utilizadas, através das técnicas de pintura, como a tinta-da-china, aguarelas e café, foram por cada um selecionadas e experienciadas, permitindo gradações e intensidades de cor, descobrindo os percursos da autoexpressão, dando forma às suas ideias. Esta unidade permitiu proporcionar ao aluno a sensação de liberdade e experimentação criativa de técnicas e materiais que pudessem ser também utilizados no Diário Gráfico.

Como recompensa e motivação e para reconhecimento social dos trabalhos finais, vinte e cinco quadros surrealistas em formato A3, foram expostos na sala de aula.

As diversas oportunidades e momentos proporcionados aos alunos nesta unidade temática e nas posteriores, foram articulados com o Diário Gráfico e envolveram o seu processo criativo através do ambiente motivador intrínseco e extrínseco, necessário à experimentação de técnicas de pintura pela descoberta na resolução de problemas visuais.

Aula 7 – 06/02/2013 – 50 mins.

A atividade proposta para esta aula, na continuidade da unidade de trabalho, refere-se à representação gráfica de um jogo coletivo surrealista, o Cadáver Exquis - o desenho do imaginário, surreal, apelou à liberdade de expressão e estimulou a capacidade imaginativa e criativa de cada aluno. No início da aula foi feita uma abordagem histórica sobre este jogo surrealista, apresentando os principais autores e vários exemplos visuais.

Nesta atividade colaborativa foi utilizada uma folha de Diário Gráfico dobrada em duas partes, cada aluno elaborou o seu desenho surreal, deixando pistas através de traços na segunda parte da folha, ocultando o desenho precedente, para que outro aluno o continue, apenas conhecendo as terminações do desenho.

No final da atividade os alunos desvendaram os resultados, verificando que surgiram imagens fora do contexto habitual, suscitando na turma surpresa na relação inesperada entre os desenhos figurativos. Para que cada desenho surrealista ficasse com um tom uniforme cada aluno ficou com um Cadáver Exquis para aplicar a cor, utilizando diversos materiais, desde lápis de cor, grafite, lápis de aguarela e marcadores.

Este exercício/jogo lúdico e de descoberta permitiu desenvolver a fluidez das ideias, a liberdade de expressão, a imaginação e a criatividade, assim como a autonomia nos alunos.

Através dos conteúdos inerentes à unidade temática, procurei apresentar diferentes formas de expressão, facilitando o acesso às diversas manifestações artísticas estimulando a imaginação e a criatividade.

Sendo a turma constituída por vários alunos com bom desempenho ao nível do desenho e representação, outro grupo, apresentou um tipo de desenho inexpressivo e estereotipado. A dificuldade de serem criativos foi manifesta mais neste grupo, pelo que indiquei vários modelos de autores e links colocados no blogue estimulando-os para a prática do desenho expressivo e do imaginário.

Por ser uma aula de 50 minutos, 10 foram destinados ao projeto PNL *versus* Diário Gráfico, onde se apresentou e interpretou um texto/poema sobre o Desenho.

À semelhança dos textos anteriores, o poema ajudou na inspiração de cada aluno para criar diversos tipos de registos gráficos, sendo entregues os resultados na semana seguinte. Pretendia-se desenvolver o desenho de observação e do imaginário através da utilização do Diário Gráfico, funcionar como um arquivo de ideias e apontamentos aplicando os conceitos adquiridos sobre esta prática, assim como algumas técnicas de pintura experienciadas nas aulas anteriores.

Como forma de motivação, foi apresentado um vídeo de João Catarino, sobre o seu Diário Gráfico “EN2” realizado durante a viagem de norte a sul do país, uma espécie de “novela gráfica”. Foi importante verificarem as imagens do seu diário, assim como o traço expressivo que este professor utiliza. O vídeo foi colocado no Blogue da Turma para que os alunos conseguissem entender e explorar ideias através da prática do desenho como um meio expressivo.

Vídeo disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=zsiE2qIHfAs>

- Trabalhos desenvolvidos na Unidade Temática: Educação Artística e Plástica – Surrealismo

- Fragmentação de obras do pintor surrealista Cruzeiro Seixas – Pintura a tinta-da-china, café e aguarelas



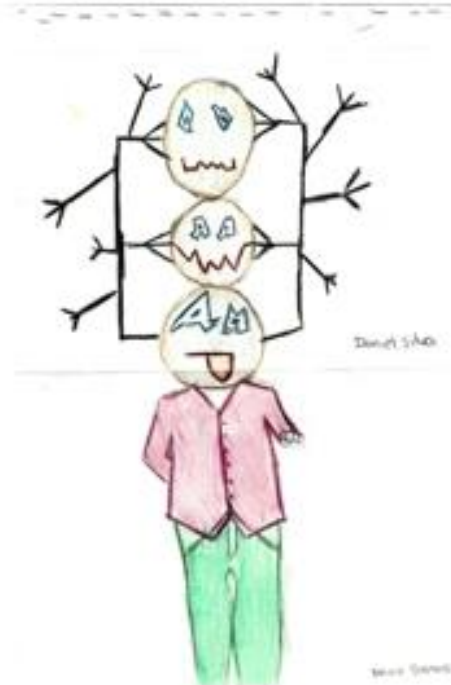


- Exposição dos trabalhos na sala de aula



- Desenho: Cadávre-Esquis

- Técnicas: lápis de cor, grafite, marcador, aguarela, caneta de ponta fina preta



Unidade Temática: Arte Postal – 2º Período

Aula 8 – 25/02/2013 – 100 mins.

No dia 25 de fevereiro, na aula oito, de 100 minutos, enfatizei práticas exploradas na arte postal - numa apresentação multimídia sobre a “Arte Postal”, dando especial enfoque a alguns conceitos sobre postais e carimbos, assim como a utilização da poesia visual, desejando suscitar nos alunos o fascínio pela imagem e um entendimento maior sobre as múltiplas possibilidades de desenvolverem trabalhos criativos.

Foi seguidamente apresentada a proposta de trabalho a desenvolver individualmente - elaboração de um postal, cujo destinatário seria a turma 9º10 ou alunos de outra turma à escolha. Os recursos utilizados foram variados, tais como: postais personalizados e carimbo oficial da turma (elaborados por mim), carimbos e marcas personalizados pelos alunos, selos, diferentes tipos de letra, carimbos com o alfabeto, bem como outros trazidos pelos alunos, para que pudessem tornar mais apelativo o seu postal. A comunicação em forma de mensagem e poesia visual teve especial relevância.

A livre expressão através dos diferentes materiais permitiu maior liberdade de expressão emocional, um sustentáculo para futuras aprendizagens.

O entusiasmo de quererem experimentar todos os recursos disponíveis provocou algum “barulho”, ao que também não é alheio o elevado número de alunos da turma. Como trabalho de ateliê, foi proposta a conclusão do postal para posterior colocação na caixa de correio personalizada pelo meu grupo de estágio, e que se encontrava à entrada da sala de aula.

Pude confirmar que os destinatários da maioria dos postais foram colegas da própria turma. Penso que, existiu um motivador espírito de amizade e união que não foi verificada no início do 1º período, aquando do preenchimento da ficha biográfica. Esta temática veio tornar maior companheirismo e espírito de amizade entre todos.

Aula 9 – 06/03/2013 – 50 mins.

Na aula nove, foi proposto um trabalho num postal (foram elaborados os respetivos critérios de avaliação e correção), cujo tema foi “Da minha janela imagino um mundo...”. O objetivo foi desenvolver a criatividade num trabalho de desenho expressivo e de aplicação harmoniosa da cor.

Apesar de verificar, nas atividades anteriores que os alunos utilizavam a cor de modo sensitivo, achei pertinente apresentar um site interativo, uma ferramenta online, que permite a seleção de um conjunto de cores de auxílio na combinação harmoniosa, provocando um efeito visual agradável dos trabalhos. Para melhor acesso deste site, o mesmo foi colocado no blogue da turma, estando também disponível em <http://colorshemedesigner.com/>.

Aula 10 – 11/03/2013 – 100 mins.

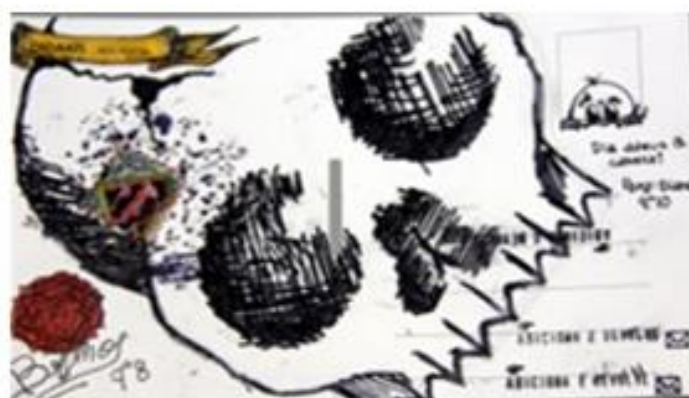
Esta aula, tal como as outras dividiu-se em momentos devidamente articulados, sendo que, num primeiro momento, foi feita uma breve apresentação multimédia sobre o selo de artista e o envelope postal. De seguida, foram fornecidos aos alunos materiais como envelopes planificados, para que fossem construídos posteriormente selos das ilustrações realizadas no âmbito do Plano Nacional de Leitura, funcionando como selos de artista personalizados, assim como outros selos relativos à escola e ao impulsionador da “Arte Postal” Ray Johnson.

Sendo o conteúdo da cor um elemento importante nesta temática optei por fornecer um círculo cromático a cada aluno, para que pudessem utilizar de forma adequada uma combinação harmoniosa de cores no seu envelope postal.

Sendo a “Arte Postal” uma temática bastante poética, foram facultados aos alunos meios e recursos materiais necessários para que pudessem enriquecer as suas propostas artísticas, cujos destinatários seriam de escolha pessoal. Algumas propostas foram concluídas em trabalho de ateliê e apresentadas na última aula da unidade para posterior colocação na caixa de correio existente.

No último momento da aula, foi feita uma reflexão das atividades desenvolvidas nesta temática. Apesar da conclusão da unidade temática estar agendada para o término do 2º período, sugeri aos alunos que a sua prática se desenvolva no decurso do 3º período, permitindo a troca de comunicação por correspondência, que já se evidencia como uma mais-valia nas relações interpessoais.

- Trabalhos desenvolvidos no âmbito da Unidade Temática: Arte Postal
- Ilustração de Postais





- Ilustração de envelopes



Unidade Temática: Desenho Rigoroso – Geometria Plana - 3º Período

Aula 11- 08/04/2013 – 100 mins.

As aulas referentes à Unidade Temática “Desenho Rigoroso” decorreram desde o dia três de Abril, primeira aula do 3º período, sendo lecionadas cinco aulas, três dinamizadas por mim.

Esta aula, dinamizada por mim, foi de componente teórico-prática, iniciando com revisões sobre noções de ponto, linha, plano, reta, semirreta, segmento de reta, círculo, circunferência, polígonos regulares e irregulares, sucedendo-se uma mostra visual de alguns exercícios, tais como a divisão do segmento de reta em duas e cinco partes iguais e a divisão da circunferência em três, quatro, cinco e seis partes iguais.

No nono ano de escolaridade a aprendizagem desta unidade incide sobretudo no amadurecimento dos conhecimentos dos conceitos geométricos bidimensionais que foram abordados no 2º ciclo. Como tal, estudar esta unidade temática apresentou inúmeras vantagens para o ensino da disciplina, essencial para alunos que pretendiam seguir a área das artes artísticas como a disciplina de Geometria Descritiva.

Uma vez que vários alunos não tiveram a disciplina desde o 6º ano de escolaridade, foi essencial serem confrontados com exercícios de representação geométrica de estímulo ao pensamento e raciocínio lógico e abstrato. Para facilitar a aprendizagem e recordar este conteúdo, os exercícios foram projetados e esclarecidos no quadro branco para que todos acompanhassem os passos.

Saliento que vários foram os alunos que apresentaram falta de rigor geométrico na representação das figuras planas, no entanto, verifiquei que alguns ainda tinham presentes conceitos importantes da geometria no plano.

Aula 12 – 10/04/2013 – 50 mins.

Na aula doze foi feita uma pequena contextualização da geometria, enquanto processo natural ligada ao nosso dia a dia. Foi a partir da observação da natureza e da capacidade de abstração humana que surgiu a geometria plana. Os próprios alunos identificaram formas geométricas variadas, fazendo associações visuais entre a geometria e as formas da natureza, da arquitetura, do design, da arte, objetos do quotidiano, etc.

Sendo uma aula de geometria, foi importante contextualizar a temática fazendo analogias e ampliando os conceitos para que o aluno compreendesse e adquirisse os conhecimentos apresentados e desenvolvesse o pensamento através da experiência prática.

Pretendeu-se nesta atividade, dominar a representação gráfica rigorosa de uma figura geométrica - hexágono regular, a partir da divisão da circunferência em seis partes iguais, associando a forma natural ao polígono, utilizando corretamente os instrumentos métricos.

Após a realização do polígono, procedeu-se à construção de polígonos estrelados de seis pontas concêntricos ao hexágono, sendo reconhecíveis seis espirais convergindo para o centro através do contorno a grafite. Foi explicado sucintamente o que se pretendia no exercício através da projeção de todos os passos da construção geométrica, para melhor perceberem o resultado final.

Neste exercício verifiquei que a turma apresentou mais rigor do que na aula anterior, aquando da divisão da circunferência em várias partes, alcançando os objetivos com resultados excelentes. Houve alunos que superaram as minhas expectativas ao nível do rigor, por ser um trabalho mais objetivo e concreto.

O interesse pelo exercício foi claramente manifesto pela turma. A necessidade de aplicar nas construções geométricas novas elaborações ofereceu aos alunos um desafio que promoveu o pensamento divergente, pois através da construção do polígono regular, os alunos compreenderam outras construções, polígonos estrelados e espirais concêntricas. Estimular o interesse para os conteúdos abordados foi o principal objetivo, instigando-os a pensar, criar, descobrir, permitindo-lhes investigar, imaginar e representar novas construções para o mesmo polígono através da geometria.

Nas aulas referidas sobre a geometria foi dado apoio pedagógico personalizado ao aluno com PEI. Sendo um aluno com Plano Educativo Individual, nunca necessitou de adaptações curriculares nas unidades de trabalho anteriores. Na presente unidade de trabalho, o aluno necessitou de apoio individualizado, no entanto realizou as mesmas atividades que a turma.

Uma vez que nesta disciplina se tem desenvolvido um trabalho em articulação com o PNL, este exercício foi o mote para apresentar um vídeo sobre a construção de uma “Mandala Geométrica”, disponível no blogue da turma e em <http://www.youtube.com/watch?v=igKrEtNOf0>

Como refere Lidia Psychaux, no livro *Acessando o Hemisfério Direito do Cérebro*, realizar uma mandala é como um exercício e um instrumento de relaxamento. Depois do aluno se concentrar ficará mais calmo, e o lado direito do cérebro cria as imagens e as ideias que vêm

à mente. O hemisfério direito poderá criar formas e visualizar a imagem como um todo (2003, p.171, 175).

Como trabalho de ateliê, foi solicitado à turma uma construção de uma mandala no seu Diário Gráfico, fornecido por mim na primeira aula do período. Por ser um caderno de formato personalizado de dimensões reduzidas, poderá tornar-se difícil a utilização dos instrumentos geométricos. Apesar do conceito de diário gráfico ser um suporte de expressão ilimitada quanto à utilização de materiais e meios atuantes, verifiquei que os instrumentos métricos como o compasso e a régua puderam ser utilizados na realização de mandalas.

Incentivar e fomentar a criatividade e imaginação nos alunos para a geometria criativa, através da transformação de figuras planas em composições geométricas, foi o fator fundamental da realização do exercício.

O facto desta faixa etária apresentar ainda desenhos estereotipados, dada a frequência em outras áreas artísticas no decorrer do 3º ciclo, a construção da mandala geométrica foi uma forma dos alunos serem criativos, abdicando da representação figurativa.

Aula 13 – 22/04/2013 – 100 mins.

Na aula treze foram utilizadas várias estratégias de ensino de forma integrada, o método expositivo e demonstrativo e a exploração de recursos exigiram da parte dos alunos a capacidade de percepção, rigor e criatividade.

A aula dividiu-se em vários momentos de seguimento articulado. Após o diálogo com a turma sobre os objetivos da aula, foi apresentada uma mostra visual sobre os principais elementos de uma composição visual através de exemplos de obras de pintores ligados ao abstracionismo, assim como processos de simplificação por acentuação e nivelamento de uma imagem.

Esta estratégia pretendeu fazer uma abordagem lúdica e criativa dos conteúdos, permitindo a aquisição de técnicas e conhecimentos passíveis de serem aplicados nesta atividade. Educar para a “sensibilidade estética”, envolvendo os alunos em experiências visuais através da prática do desenho, trabalhando as sensações, os sentimentos e o pensamento (Read, 2010, p. 22), foi a premissa das experiências desenvolvidas no processo ensino-aprendizagem.

Assim, considerou-se apresentar algumas obras do pintor português Amadeo de Souza-Cardoso, destacando algumas das suas características para contextualizar o trabalho a realizar, permitindo ao aluno um conhecimento mais aprofundado sobre o pintor modernista de grande relevo. Sendo um pintor que se enquadra entre o cubismo e o futurismo caminhando para o

abstracionismo, foi apresentada uma ficha informativa para os alunos conhecerem algumas das obras.

Foram selecionadas duas obras do referido pintor, “Vilota Pato Insecto” de 1916, e “Parto da Viola” de 1916, para que surgissem distintas composições visuais geométricas de cada uma das obras. Cada aluno selecionou alguns elementos de maior destaque, simplificando-os (síntese geométrica), com o auxílio dos instrumentos de geometria, realizando uma composição visual geométrica numa folha A4, iniciando a pintura a lápis de cor.

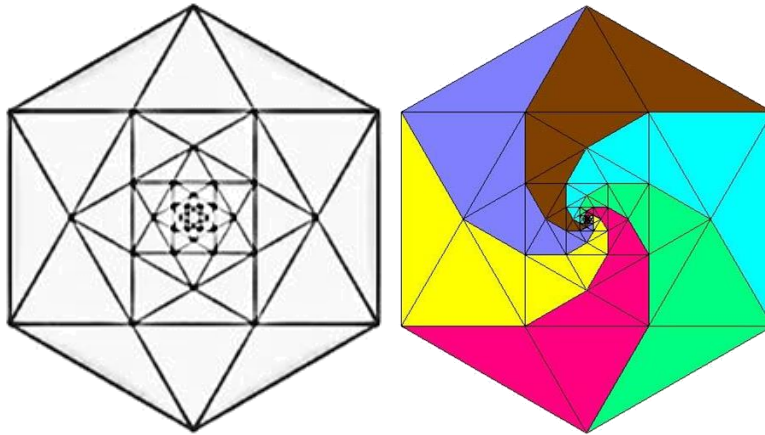
Na opinião de Natacha Antão, a cor como elemento perceptível, deve ser procurada ao desenhar, tanto na observação e percepção do real tanto na composição, não omitindo este fenómeno visual. A cor pode explicar características no desenho como os brilhos, as sombras e os reflexos valorizando a qualidade do desenho e a quantidade de informação (Antão, 2010, pp.44-46).

Sendo a primeira experiência de composição visual geométrica que a turma elaborou, as propostas foram terminadas em trabalho de ateliê, por não haver tempo suficiente para a sua conclusão.

No último momento da aula foi feita uma reflexão do trabalho desenvolvido, dificuldades sentidas na composição visual, interesse e empenho revelado na atividade.

Em todas as aulas da unidade, houve a preocupação de dar destaque às reflexões críticas individuais de desempenho na aula para reforçar a consciência da relevância do espírito crítico de cada um. Foi recomendado ainda à turma a realização de uma experiência de composição visual geométrica, aplicando a cor no Diário Gráfico como trabalho de ateliê.

- Trabalhos desenvolvidos no âmbito da Unidade de Trabalho: Geometria no plano
- Construção de hexágonos e polígonos estrelados de seis pontas



- Composição visual geométrica – síntese geométrica das obras de Amadeo de Souza Cardoso: “Viola Pato Insecto” e “Parto da Viola”



Unidade Temática: Axonometrias – Geometria no espaço - 3º Período

Aula 14 – 06/05/2013

Na aula catorze, pretendeu-se ser um prolongamento da aula anterior, suprimindo dificuldades detetadas na representação do cubo em perspectiva isométrica à mão livre e rigorosa e na visualização de um objeto real.

Após a distribuição do material de trabalho necessário para a aula e apresentados os objetivos delineados, seguiu-se uma apresentação multimédia reforçando os conteúdos lecionados na primeira aula. Esta apresentação incidiu principalmente, na perspectiva isométrica, com o propósito de cada aluno adquirir e reforçar as competências conducentes a esta representação gráfica.

Sendo uma perspectiva que dá uma ideia menos deformada do objeto, por manter as mesmas proporções do comprimento, altura e largura, não necessitando de reduções, seria mais simples para a primeira experiência com representações rigorosas.

Uma vez que os alunos iniciaram a unidade com a perspectiva isométrica de um cubo, optei por fornecer a cada aluno um modelo de um cubo em poliestireno extrudido, composto por três módulos. A disposição da sala estava composta por cinco filas com cinco alunos em cada, assim, foi distribuído um modelo diferente em cada uma das filas, para que posteriormente, nas aulas seguintes pudessem fazer trocas de cubos realizando assim vários modelos diferentes, praticando as perspectivas isométrica e cavaleira.

Na apresentação multimédia as imagens dos cubos modulados foram projetadas para que cada aluno entendesse as combinações através dos módulos e respetiva cotagem. Pretendeu-se que a turma conseguisse visualizar o objeto no espaço, representando-o no plano sem dificuldades. No início desta aprendizagem foi benéfico e interessante observar e analisar um modelo real para compreender e comparar os resultados obtidos.

O primeiro exercício a desenvolver foi a representação gráfica à mão livre do cubo constituído por módulos, usando uma grelha isométrica fornecida com uma rede de linhas que formavam ângulos de 120° entre si. O objetivo deste método foi facilitar o traçado de paralelas aos eixos, auxiliando cada aluno na representação do cubo.

Cada aluno escolheu os eixos isométricos, marcando o comprimento, largura e altura do cubo, definindo assim, a face com mais informações (mais cortes), traçando de seguida as faces laterais do modelo.

Consoante as dificuldades ou as facilidades de cada um, puderam retirar um ou dois dos módulos do cubo para o representar novamente.

Ficando evidenciado na apresentação multimédia que o traçado de perspectivas de objetos são realizados através de esboços à mão livre, partindo de um sólido geométrico simples, e compreendendo também que as linhas auxiliares servem de guia para orientar o traçado de qualquer tipo de objeto, foram fomentadas as técnicas e metodologias de desenho como referência, explorando através do Diário Gráfico o potencial expressivo e criativo na representação gráfica de objetos.

Após a compreensão e realização dos exercícios, dos alunos representaram com o auxílio dos instrumentos métricos em perspectiva isométrica, as mesmas ou outras composições do cubo que oferecessem maior informação sobre as suas formas, utilizando folha de papel de cavalinho A4. O número de exercícios realizados dependeu do grau de dificuldade ou facilidade demonstrada por cada aluno, contando com o meu apoio individualizado.

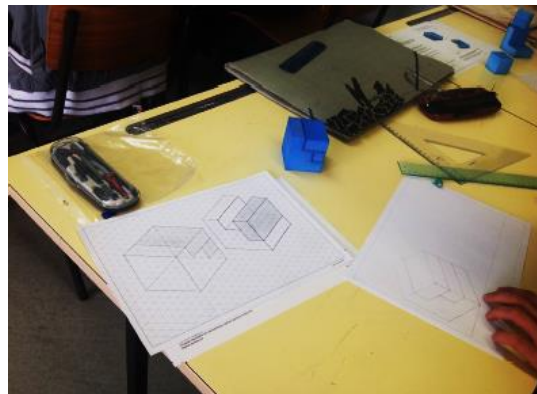
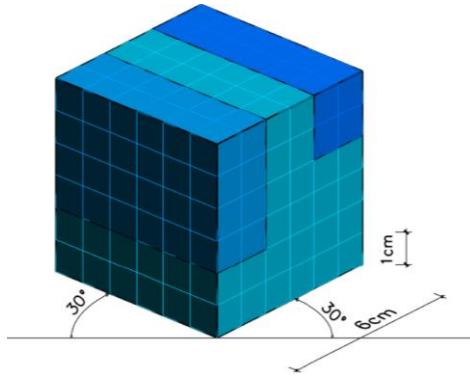
O último momento da aula foi aproveitado para refletir sobre o trabalho realizado, dificuldades sentidas, ao nível da representação gráfica à mão livre e rigorosa do cubo, interesse e motivação.

Relativamente ao aluno com PEI, necessitou de algumas explicações suplementares e auxílio na colocação dos instrumentos métricos para representar o cubo em perspectiva isométrica. Além de lhe dar apoio individualizado sistematicamente, o próprio também solicitou essa ajuda ao nível da compreensão e representação.

Através desta unidade, pretendeu-se aprofundar a geometria no espaço, para que os alunos compreendessem os princípios geométricos e modos de perceção espacial através das perspectivas. É através dela que nos aproximámos da realidade visual, permite aproximações e ensaios de objetos, onde se articula o real e o imaginário, recorrendo a processos auxiliares para definir as ideias e as imagens, “o desenho nunca se esgota na sua representação mas, ao invés, abre-se para uma diversidade de interpretações”(Barbosa, 2010b, p.44)

Esta aplicação prática teve o objetivo de desenvolver o desenho do imaginário através do uso da perspectiva, permitindo construir imaginários e pensamento visual utilizando estratégias de representação expressiva, passíveis de serem praticados em Diário Gráfico.

- Unidade de Trabalho: Axonometrias - Perspetiva Isométrica de um cubo
- Desenho à mão livre de um cubo numa grelha isométrica
- Desenho rigoroso de um cubo em perspetiva isométrica



10. Anexo X - Planificações das aulas – 1 a 14 (1º, 2º e 3º períodos)



Prof. Orientadora Cooperante: Cristina Anjo Prof. Estagiária: Ana Maria Alves		Aula 1 Proposta de trabalho 1 100 mins. Data 3-12-2012	Sumário: Desenho de Observação - Proposta de trabalho 1; Apresentação multimédia sobre desenho linear, volumétrico e expressivo; Trabalho gráfico individual – desenho de observação de um objeto (taça cerâmica); (Aula supervisionada pela professora orientadora Cristina Anjo).			
Metas de Aprendizagem	Conteúdos	Competências	Estratégias /Atividades	Duração	Recursos Materiais	Avaliação
Pretende-se que o aluno: . Reconheça a importância do sentido da visão. . Compreenda que ver não significa perceber. . Conheça alguns dos fatores que influenciam a percepção das formas. . Entenda o desenho como um processo de observação, registo e comunicação. . Identifique e distinga os elementos básicos da comunicação visual: ponto, linha, plano, volume, textura e tamanho. . Aprenda metodologias para a representação, através do	Perceção e Comunicação visual . A visão . A percepção .Representação e expressão Desenho de observação: - Desenho linear e desenho volumétrico ▫ Linhas estruturantes ▫ Linhas auxiliares ▫ Sombras ▫ Claro /escuro ▫ Sombra própria ▫ Sombra projetada	INFORMAÇÃO E UTILIZAÇÃO DE FONTES . Recolher e registar diferentes tipos de informação. . Selecionar, pesquisar e explorar recursos disponíveis. . Ser capaz de interpretar situações novas, mediante a associação e comparação com situações já conhecidas. COMUNICAÇÃO VISUAL . Compreender e interpretar corretamente o enunciado de um trabalho simples; . Compreender como se processa a comunicação visual; . Desenvolver uma posição de recetor consciente e crítico no sistema de comunicação em que está inserido.	- Entrada ordenada e preparação dos materiais e do espaço de trabalho; -Registo da pontualidade e assiduidade dos alunos e distribuição do material. - Diálogo com os alunos - objetivos da aula] ▫ Apresentação multimédia sobre o desenho volumétrico e expressivo: ▫ Sombra própria ▫ Sombra projetada - Explicação temática > apresentação da proposta de trabalho 1 v Trabalho gráfico individual v Diálogo interativo v - Análise/observação dos objetos colocados em cada mesa - características, forma geométrica envolvente, estrutura e proporções;	08 mins. 20 mins. 10 mins. 50 mins.	- Computador - Projetor-Quadro interativo - Proposta de trabalho 1 - Papel cavalete A4 . Lápis de grafite de durezas variáveis . Lápis sanguínea . Lápis de cor . Borracha branca	- Avaliação formativa (função reguladora e metacognitiva) (observação direta) - Avaliação contínua - observação direta dos trabalhos elaborados, modo de participação, interesse, empenho, autonomia, organização, rigor, limpeza, progressão e capacidade de análise

<p>desenho, de formas simples e complexas.</p> <p>. Entenda a utilidade das linhas estruturantes e das linhas auxiliares no desenho.</p> <p>. Compreenda os processos de desenho linear e volumétrico.</p> <p>. Reconheça as qualidades da cor: tom, valor e saturação.</p> <p>. Utilize técnicas, processos e instrumentos para estimular e desenvolver a imaginação e a criatividade.</p> <p>. Compreender que a linguagem visual é uma aprendizagem.</p>		<p>LINGUAGEM VISUAL</p> <p>. Identificar e estudar a linguagem visual, os seus elementos e a sua gramática;</p> <p>. Reconhecer a influência dos elementos visuais e usá-los com intencionalidade;</p> <p>. Expressar ideias através da linguagem visual;</p> <p>. Ser capaz de desenvolver respostas individualizadas e criativas.</p> <p>REPRESENTAÇÃO E EXPRESSÃO</p> <p>. Desenvolver a capacidade de representação e de expressão através do desenho de técnicas e materiais e da criatividade.</p>	<p>- Correta otimização da ocupação da folha de trabalho de formato A4;</p> <p>- Considerações finais da aula feitas pela docente;</p> <p>- Recolha do material (capas);</p> <p>- Sumário E-Schooling (realizado pela professora orientadora).</p>	<p>05 mins</p> <p>05 mins.</p> <p>02 mins.</p>	<p>. Afia</p> <p>. Objetos (taça cerâmica com formas redondas)</p>	
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------	--



Prof. Orientadora Cooperante: Cristina Anjo Prof. Estagiária: Ana Maria Alves		Aula 2 Proposta de trabalho 2 50 mins. Data 28-11-2012	Sumário: Desenho de Observação - Proposta de trabalho 2; Apresentação multimédia sobre Poesia Visual; Trabalho gráfico individual – desenho de observação das letras A-R-T; PNL – Leitura e interpretação de um poema de Mário Castrim “Letra N”. (Aula supervisionada pela professora orientadora Cristina Anjo).			
Metas de Aprendizagem	Conteúdos	Competências	Estratégias /Atividades	Duração	Recursos Materiais	Avaliação
<p>Pretende-se que o aluno:</p> <ul style="list-style-type: none"> . Conheça alguns dos fatores que influenciam a percepção das formas. . Entenda o desenho como um processo de observação, registo e comunicação. . Identifique e distinga os elementos básicos da comunicação visual: ponto, linha, plano, volume, textura e tamanho. . Aprenda metodologias para a representação, através do desenho, de formas simples e complexas. . Entenda a utilidade das linhas estruturantes e das linhas auxiliares no desenho. 	<p>Perceção e Comunicação visual</p> <ul style="list-style-type: none"> . A visão . A percepção <p>.Representação e expressão</p> <p>Desenho de observação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Desenho linear, desenho volumétrico e desenho expressivo <p>A Cor:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Cores primárias e secundárias; - Cores frias e cores quentes <p>.Materiais e técnicas de expressão</p>	<p>INFORMAÇÃO E UTILIZAÇÃO DE FONTES</p> <ul style="list-style-type: none"> . Recolher e registar diferentes tipos de informação; . Selecionar, pesquisar e explorar recursos disponíveis; . Ser capaz de interpretar situações novas, mediante a associação e comparação com situações já conhecidas; <p>COMUNICAÇÃO VISUAL</p> <ul style="list-style-type: none"> . Ler e interpretar narrativas de diferentes linguagens visuais; . Compreender como se processa a comunicação visual; . Desenvolver uma posição de recetor consciente e crítico no sistema de comunicação em que está inserido; . Entender o desenho como um meio para a representação expressiva do Diário Gráfico. 	<ul style="list-style-type: none"> . Entrada ordenada e preparação dos materiais e do espaço de trabalho; . Registo da pontualidade e assiduidade dos alunos e distribuição do material. <p>. Feedback positivo da proposta de trabalho da aula 1</p> <p style="text-align: center;">Debate interativo</p> <p style="text-align: center;">v</p> <p>. Apresentação multimédia sobre a Poesia Visual</p> <p style="text-align: center;">v</p> <p>. Explicação temática > apresentação da proposta de trabalho 2</p> <p style="text-align: center;">Trabalho gráfico individual</p> <p style="text-align: center;">v</p> <ul style="list-style-type: none"> . Entrega de um Diário Gráfico (de 12 páginas em formato personalizado) para os alunos elaborarem os respetivos esboços; <p style="text-align: center;">v</p> <p style="text-align: center;">Desenho de esboços</p> <p style="text-align: center;">v</p> <p style="text-align: center;">Modelo- letras tridimensionais. (A-R-T)</p>	<p>06 mins.</p> <p>02 mins</p> <p>6 mins.</p> <p>2 mins.</p> <p>18 mins</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Computador - Projetor- Quadro interativo - Proposta de trabalho 2 Objeto (letras tridimensionais em madeira > A-R-T) . Lápis de grafite de durezas variáveis .Lápis sanguínea . Borracha branca . Afia .Diário Gráfico (12 folhas em formato personalizado). 	<ul style="list-style-type: none"> - Avaliação formativa (função reguladora e metacognitiva) (observação direta) - Avaliação contínua - observação direta dos trabalhos elaborados, modo de participação, interesse, empenho, autonomia, organização, rigor, limpeza, progressão e capacidade de análise.

<p>. Compreenda os processos de desenho linear e volumétrico.</p> <p>. Reconheça a importância da cor e dos seus significados na percepção do mundo envolvente.</p> <p>. Reconheça as qualidades da cor: tom, valor e saturação.</p> <p>. Utilize técnicas, processos e instrumentos para estimular e desenvolver a imaginação e a criatividade.</p> <p>. Compreenda que a linguagem visual é uma aprendizagem.</p> <p>. Entenda que a leitura é um fator de desenvolvimento individual.</p> <p>. Interprete e reflita cada mensagem verbal transformando-a em mensagem visual.</p>		<p>LINGUAGEM VISUAL</p> <p>. Identificar e estudar a linguagem visual, os seus elementos e a sua gramática^A;</p> <p>. Reconhecer a influência dos elementos visuais e usá-los com intencionalidade;</p> <p>. Expressar ideias através da linguagem visual;</p> <p>. Ser capaz de desenvolver respostas individualizadas e criativas.</p> <p>ELEMENTOS DA FORMA</p> <p>Ser capaz de elaborar composições a partir de observações diretas e de realidades imaginadas, utilizando os elementos e os meios de expressão visual.</p> <p>REPRESENTAÇÃO E EXPRESSÃO</p> <p>. Desenvolver a capacidade de representação e de expressão através do desenho de técnicas e materiais e da criatividade;</p> <p>PNL:</p> <p>- Promover a leitura, assumindo-a como fator de desenvolvimento individual;</p> <p>- Articular o PNL com o Desenho de modo que estimule o prazer de ler e interpretar construindo mensagens visuais.</p> <p>- Desenvolver a criatividade e imaginação na seleção e criação de mensagens visuais.</p>	<p>. Leitura e interpretação do poema “Letra N” -poema retirado da obra “Estas São As Letras” de Mário Castrim;</p> <p>. Distribuição do suporte de papel para a realização da atividade como trabalho de atelier;</p> <p>. Recolha dos trabalhos realizados com base no texto nº 6, “Auto-retrato” de Mário Quintana;</p> <p>. Recolha do material (capas)</p> <p>. Sumário E-Schooling (realizado pela professora orientadora).</p>	<p>10 mins</p> <p>02 mins.</p> <p>02 mins.</p> <p>02 mins</p>		
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------	--	--



PLANO DE AULA

Prof. Orientadora Cooperante: Cristina Anjo Prof. Estagiária: Ana Maria Alves		Aula 3 100 minutos	Proposta de trabalho 3 Data 3-12-2012	Sumário: Desenho de Observação Apresentação multimédia: A cor – debate interativo; Proposta de trabalho3: desenho de observação de objetos de cerâmica (composição/ desenho de sobreposição); (Aula supervisionada pela professora orientadora Cristina Anjo).		
Metas de Aprendizagem	Conteúdos	Competências	Estratégias /Atividades	Duração	Recursos Materiais	Avaliação
<p>Pretende-se que o aluno:</p> <ul style="list-style-type: none"> . Reconheça a importância do sentido da visão. . Compreenda que ver não significa perceber. . Conheça alguns dos fatores que influenciam a percepção das formas. . Entenda o desenho como um processo de observação, registo e comunicação. . Identifique e distinga os elementos básicos da comunicação visual: ponto, linha, plano, volume, textura e tamanho. 	<p>Perceção e Comunicação visual</p> <ul style="list-style-type: none"> . A visão . A perceção <p>.Representação e expressão</p> <p>Desenho de observação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Desenho linear e desenho volumétrico ▫ Linhas estruturantes ▫ Linhas auxiliares ▫ Sombras ▫ Claro /escuro ▫ Sombra própria ▫ Sombra projetada 	<p>INFORMAÇÃO – UTILIZAÇÃO DE FONTES</p> <ul style="list-style-type: none"> . Ser capaz de interpretar situações novas, mediante a associação e comparação com situações já conhecidas de objetos cerâmicos. <p>COMUNICAÇÃO VISUAL</p> <ul style="list-style-type: none"> . Compreender e interpretar corretamente o enunciado de um trabalho simples; . Compreender como se processa a comunicação visual; . Desenvolver uma posição de recetor consciente e crítico no sistema de comunicação em que está inserido. . Reconhecer através da experimentação plástica, a arte como expressão do sentimento e do conhecimento. 	<ul style="list-style-type: none"> - Entrada ordenada e preparação dos materiais e do espaço de trabalho; -Registo da pontualidade e assiduidade dos alunos e distribuição do material. <p>- Diálogo com os alunos - conteúdos da aula ↓</p> <ul style="list-style-type: none"> ▫ Apresentação multimédia A cor – efeitos cromáticos ▫ tom, valor e saturação <p>- Explicação temática > apresentação da proposta de trabalho 3</p> <p style="text-align: center;">v</p> <p style="text-align: center;">Trabalho gráfico individual</p> <p style="text-align: center;">v</p> <p style="text-align: center;">Diálogo interativo</p> <p style="text-align: center;">v</p>	<p>08 mins.</p> <p>20 mins.</p> <p>10 mins.</p> <p>50 mins.</p>	<ul style="list-style-type: none"> . Computador . Projetor- Quadro interativo . Proposta de trabalho 3 . Papel cavalinho A4 com gramagem diferente . Lápis de grafite de durezas variáveis . Lápis de cor . Lápis sanguínea . Borracha branca 	<ul style="list-style-type: none"> - Avaliação formativa (função reguladora e metacognitiva) (observação direta) - Avaliação contínua - observação direta dos trabalhos elaborados, modo de participação, interesse, empenho, autonomia, organização, rigor, limpeza, progressão e capacidade de análise.

<p>. Aprenda metodologias para a representação, através do desenho, de formas simples e complexas.</p> <p>. Compreenda a geometria como princípio organizador das formas.</p> <p>. Entenda a utilidade das linhas estruturantes e das linhas auxiliares no desenho.</p> <p>. Compreenda os processos de desenho linear e volumétrico.</p> <p>. Reconheça a importância da cor e dos seus significados na percepção do mundo envolvente.</p> <p>. Reconheça as qualidades da cor: tom, valor e saturação.</p> <p>. Utilize técnicas, processos e instrumentos para estimular e desenvolver a imaginação e a criatividade.</p> <p>. Compreenda que a linguagem visual é uma aprendizagem.</p>	<p>A Cor:</p> <p>. Cores primárias e secundárias, . Cores frias e cores quentes, . Tom, valor e saturação</p> <p>.Materiais e técnicas de expressão</p> <p>. Lápis grafite . Lápis de cor . Lápis sanguínea</p>	<p>LINGUAGEM VISUAL</p> <p>. Identificar e estudar a linguagem visual, os seus elementos e a sua gramática; . Reconhecer a influência dos elementos visuais e usá-los com intencionalidade; Identificar e estudar a linguagem visual, os seus elementos e a sua gramática; . Expressar ideias através da linguagem visual; . Ser capaz de desenvolver respostas individualizadas e criativas.</p> <p>REPRESENTAÇÃO E EXPRESSÃO</p> <p>. Desenvolver a capacidade de representação e de expressão através do desenho de técnicas e materiais e da criatividade.</p>	<p>. Análise/observação dos objetos colocados em cada mesa – estrutura, proporção, forma geométrica envolvente, claro/escuro;</p> <p>. Composição / sobreposição dos objetos;</p> <p>. Correta otimização da ocupação da folha de trabalho de formato A4;</p> <p>. Utilização da cor na representação gráfica da composição dos objetos, aplicando os diversos efeitos cromáticos: tom, valor e saturação;</p> <p>. Debate interativo, considerações sobre as dificuldades mais relevantes;</p> <p>. Recolha do material (capas);</p> <p>. Sumário E-Schooling (realizado pela professora orientadora).</p>	<p>05 mins 05 mins. 02 mins.</p>	<p>. Afia</p> <p>. 2 objetos em cerâmica com formas redondas</p>	
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------	------------------------------------------------------------------	--



Prof. Orientadora Cooperante: Cristina Anjo Prof. Estagiária: Ana Maria Alves		Aula 4 50 minutos	Proposta de trabalho 4 Data 05 -12-2012	Sumário: Desenho de Observação - Proposta de trabalho 4; Trabalho gráfico individual – desenho de observação de objetos de cerâmica (composição/ desenho de sobreposição); Técnica do lápis de cor – cores análogas; PNL – Leitura e interpretação de um poema “Anjo” de António Variações. (Aula supervisionada pela professora orientadora Cristina Anjo).		
Metas de Aprendizagem	Conteúdos	Competências	Estratégias /Atividades	Duração	Recursos Materiais	Avaliação
<p>Pretende-se que o aluno:</p> <ul style="list-style-type: none"> . Reconheça a importância do sentido da visão. . Compreenda que ver não significa perceber. . Conheça alguns dos fatores que influenciam a percepção das formas. . Entenda o desenho como um processo de observação, registo e comunicação. . Identifique e distinga os elementos básicos da comunicação visual: ponto, linha, plano, volume, textura e tamanho. . Aprenda metodologias para a representação, através do desenho, de formas simples e complexas. 	<p>Perceção e Comunicação visual</p> <ul style="list-style-type: none"> . A visão . A percepção <p>.Representação e expressão</p> <p>Desenho de observação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Desenho linear e desenho volumétrico <ul style="list-style-type: none"> ▫ Linhas estruturantes ▫ Linhas auxiliares ▫ Sombras <ul style="list-style-type: none"> ▫ Claro /escuro ▫ Sombra própria ▫ Sombra projetada <p>A Cor:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Cores primárias e secundárias; - Cores frias e cores quentes - Cores análogas 	<p>INFORMAÇÃO E UTILIZAÇÃO DE FONTES</p> <ul style="list-style-type: none"> . Recolher e registar diferentes tipos de informação; . Selecionar, pesquisar e explorar recursos disponíveis; . Ser capaz de interpretar situações novas, mediante a associação e comparação com situações já conhecidas; <p>COMUNICAÇÃO VISUAL</p> <ul style="list-style-type: none"> . Ler e interpretar narrativas de diferentes linguagens visuais; . Compreender como se processa a comunicação visual; . Desenvolver uma posição de recetor consciente e crítico no sistema de comunicação em que está inserido; . Entender o desenho como um meio para a representação expressiva do Diário Gráfico. <p>LINGUAGEM VISUAL</p>	<ul style="list-style-type: none"> . Entrada ordenada e preparação dos materiais e do espaço de trabalho; . Registo da pontualidade e assiduidade dos alunos e distribuição do material. <p>. Feedback positivo da proposta de trabalho da aula 3</p> <p style="text-align: center;">Debate interativo</p> <p style="text-align: center;">v</p> <p>. Explanção temática > apresentação da proposta de trabalho 4</p> <p style="text-align: center;">Trabalho gráfico individual</p> <p style="text-align: center;">v</p> <p style="text-align: center;">Desenho de esboços</p> <p style="text-align: center;">v</p> <ul style="list-style-type: none"> . Composição / sobreposição dos objetos da aula anterior - estrutura, proporção, forma geométrica envolvente, claro/escuro; . Correta otimização da ocupação da folha de trabalho de formato A4; . Utilização de duas cores análogas na representação gráfica da composição dos objetos, 	<p>05 mins.</p> <p>02 mins</p> <p>4 mins.</p> <p>15 mins.</p>	<ul style="list-style-type: none"> . Proposta de trabalho 4 . Papel cavalinho A4 . Lápis de grafite de durezas variáveis . Lápis de cor . Borracha branca . Afia . 2 objetos em cerâmica com formas redondas 	<ul style="list-style-type: none"> - Avaliação formativa (função reguladora e metacognitiva) (observação direta) - Avaliação contínua - observação direta dos trabalhos elaborados, modo de participação, interesse, empenho, autonomia, organização, rigor, limpeza, progressão e capacidade de análise.

<p>. Compreenda a geometria como princípio organizador das formas.</p> <p>. Entenda a utilidade das linhas estruturantes e das linhas auxiliares no desenho.</p> <p>. Compreenda os processos de desenho linear e volumétrico.</p> <p>. Reconheça a importância da cor e dos seus significados na percepção do mundo envolvente.</p> <p>. Reconheça as qualidades da cor: tom, valor e saturação.</p> <p>. Utilize técnicas, processos e instrumentos para estimular e desenvolver a imaginação e a criatividade.</p> <p>. Entenda que a leitura é um fator de desenvolvimento individual.</p> <p>. Interprete e reflita cada mensagem verbal transformando-a em mensagem visual.</p> <p>. Compreenda que a linguagem visual é uma aprendizagem.</p>	<p>.Materiais e técnicas de expressão</p> <p>. Lápis grafite</p> <p>. Lápis de cor</p>	<p>. Identificar e estudar a linguagem visual, os seus elementos e a sua gramática;</p> <p>. Reconhecer a influência dos elementos visuais e usá-los com intencionalidade;</p> <p>. Expressar ideias através da linguagem visual;</p> <p>. Ser capaz de desenvolver respostas individualizadas e criativas.</p> <p>ELEMENTOS DA FORMA</p> <p>Ser capaz de elaborar composições a partir de observações diretas e de realidades imaginadas, utilizando os elementos e os meios de expressão visual.</p> <p>REPRESENTAÇÃO E EXPRESSÃO</p> <p>. Desenvolver a capacidade de representação e de expressão através do desenho de técnicas e materiais e da criatividade;</p> <p>PNL:</p> <p>- Promover a leitura, assumindo-a como fator de desenvolvimento individual;</p> <p>- Articular o PNL com o Desenho de modo que estimule o prazer de ler e interpretar construindo mensagens visuais.</p> <p>- Desenvolver a criatividade e imaginação na seleção e criação de mensagens visuais.</p>	<p>aplicando os diversos efeitos cromáticos: luz, sombra, tom, valor e saturação;</p> <p>Debate interativo</p> <p>v</p> <p>Considerações sobre as dificuldades mais relevantes;</p> <p>. Leitura e interpretação do poema "Anjo" de António Variações;</p> <p>. Divulgação e apresentação de novos links adicionados ao Blogue da turma, assim como as ilustrações mais recentes.</p> <p>. Distribuição do suporte de papel para a realização da atividade como trabalho de atelier;</p> <p>. Recolha das ilustrações realizadas relativas aos poemas anteriores;</p> <p>. Recolha do material (capas)</p> <p>. Sumário E-Schooling (realizado pela professora orientadora).</p>	<p>02 mins.</p> <p>10 mins.</p> <p>04 mins.</p> <p>02 mins.</p> <p>04 mins.</p> <p>02 mins.</p>		
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--



Prof. Orientadora Cooperante: Cristina Anjo Prof. Estagiária: Ana Maria Alves		Aula 5 Proposta de trabalho 5 100 mins. Data 28-01-2013	Sumário: Educação Artística e Plástica - movimento artístico - Surrealismo Apresentação multimédia sobre: Surrealismo Cruzeiro Seixas; Proposta de trabalho nº 5: trabalho gráfico de grupo – reinterpretação gráfica de obras do surrealista Cruzeiro Seixas. (Aula supervisionada pela professora orientadora Cristina Anjo).			
Metas de Aprendizagem	Conteúdos	Competências	Estratégias / Atividades	Duração	Recursos Materiais	Avaliação
<p>Pretende-se que o aluno:</p> <p>.Reconheça o papel da análise e da interpretação no desenvolvimento do projeto.</p> <p>. Compreenda e distinga a arte contemporânea no âmbito da expressão (tom provocativo e crítico, experiências físicas e emocionais fortes, ausência de regras pré-estabelecidas).</p> <p>. Aplicar conceitos de obra de arte abstrata e figurativa, em criações plásticas bi e/ou tridimensionais .</p>	<p>EDUCACAO ARTÍSTICA E PLÁSTICA</p> <p>. Linguagem e Gramática Visual</p> <p>▫ Elementos visuais</p> <p>_ Organização formal</p> <p>- Composição</p> <p>- Forma e fundo</p> <p>- Simetria / assimetria</p> <p>- Proporção</p> <p>- Equilíbrio</p> <p>- Contraste</p> <p>- Relação entre as formas</p> <p>.Representação e expressão</p> <p>Desenho de observação:</p>	<p>INFORMAÇÃO E UTILIZAÇÃO DE FONTES</p> <p>. Recolher e registar diferentes tipos de informação.</p> <p>. Selecionar, pesquisar e explorar recursos disponíveis.</p> <p>. Ser capaz de interpretar situações novas, mediante a associação e comparação com situações já conhecidas.</p> <p>COMUNICAÇÃO VISUAL</p> <p>. Compreender e interpretar corretamente o enunciado de um trabalho simples;</p> <p>. Compreender como se processa a comunicação visual;</p> <p>. Desenvolver uma posição de recetor consciente e crítico no sistema de comunicação em que está inserido.</p>	<p>- Entrada ordenada e preparação dos materiais e do espaço de trabalho;</p> <p>-Registo da pontualidade e assiduidade dos alunos e distribuição do material;</p> <p>- Disposição da turma por grupos anteriormente formados;</p> <p>- Diálogo com os alunos - objetivos da aula</p> <p style="text-align: center;">v</p> <p>▫ Apresentação multimédia sobre as características do Surrealismo e pintor surrealista, Cruzeiro Seixas;</p> <p>- Explicação temática > apresentação da proposta de trabalho 5.</p> <p style="text-align: center;">v</p> <p style="text-align: center;">Diálogo interativo</p> <p style="text-align: center;">v</p> <p>Entrega de uma cópia a preto e branco de pinturas do surrealista Cruzeiro Seixas, em formato A3, a cada aluno e uma cópia a cores em formato A6;</p>	<p>08 mins.</p> <p>02 mins.</p> <p>20 mins.</p> <p>04 mins.</p>	<p>- Computador</p> <p>- Projetor-Quadro interativo</p> <p>- Proposta de trabalho 5</p> <p>. Lápis de grafite HB</p> <p>. Borracha branca</p> <p>. Afia</p> <p>. Papel Cavalinho A3</p> <p>. Papel Vegetal A3</p>	<p>- Avaliação formativa (função reguladora e metacognitiva) (observação direta)</p> <p>- Avaliação contínua - observação direta dos trabalhos elaborados, modo de participação, interesse, empenho, autonomia, organização, rigor, limpeza, progressão e capacidade de análise.</p>

<p>. Conheça alguns dos fatores que influenciam a percepção das formas.</p> <p>. Entenda o desenho como um processo de observação, registo e comunicação.</p> <p>. Aprenda metodologias para a representação, através do desenho, de formas simples e complexas.</p> <p>. Utilize técnicas, processos e instrumentos para estimular e desenvolver a imaginação e a criatividade.</p> <p>. Compreenda que a linguagem visual é uma aprendizagem.</p>	<p>- Desenho linear e desenho volumétrico</p> <ul style="list-style-type: none"> ▫ Linhas estruturantes ▫ Linhas auxiliares ▫ Proporções ▫ Sombras <p>- A criatividade</p> <p>Comunicação</p> <p>_ Pintura 7</p> <p>_ Forma de expressão e comunicação das artes plásticas</p> <p style="text-align: center;">▼</p> <p>Movimento Artístico do século XX _ Surrealismo</p>	<p>LINGUAGEM VISUAL</p> <p>. Identificar e estudar a linguagem visual, os seus elementos e a sua gramática;</p> <p>. Reconhecer a influência dos elementos visuais e usá-los com intencionalidade;</p> <p>. Expressar ideias através da linguagem visual;</p> <p>. Ser capaz de desenvolver respostas individualizadas e criativas.</p> <p>REPRESENTAÇÃO E EXPRESSÃO</p> <p>. Desenvolver a capacidade de representação e de expressão através do desenho de técnicas e materiais e da criatividade.</p>	<p>- Análise/observação das obras distribuídas do pintor Cruzeiro Seixas - características, formas, estruturas e proporções;</p> <p style="text-align: center;">Trabalho gráfico de grupo</p> <p style="text-align: center;">v</p> <p>- Distribuição de uma folha de papel cavalinho A3..</p> <p>- Trabalho colaborativo - partilha de formas e ideias de forma a enriquecer o trabalho do grupo;</p> <p>- Fragmentação das formas das obras, através do recorte;</p> <p>- Composição das formas no suporte de papel cavalinho A3;</p> <p>- Inserção de novos elementos e/ ou transformação das pré-existentes;</p> <p>- Preenchimento de uma ficha de autoavaliação;</p> <p>- Considerações finais da aula feitas pela docente;</p> <p>- Recolha do material (capas);</p> <p>- Diálogo com os alunos sobre a visita de estudo a realizar no dia seguinte.</p> <p>- Entrega de um panfleto informativo sobre a visita de estudo à Fundação Cupertino de Miranda.</p> <p>- Sumário E-Schooling (realizado pela professora orientadora).</p>	<p>10 mins.</p> <p>05 mins.</p> <p>30 mins.</p> <p>05 mins.</p> <p>02 mins.</p> <p>05 mins.</p> <p>05 mins.</p> <p>02 mins.</p> <p>02 mins.</p>	<p>. Cópias a preto e branco em formato A3, das pinturas do surrealista Cruzeiro Seixas</p> <p>. Cópias a cores das pinturas em formato A6</p> <p>. Tesoura</p> <p>. Cola</p>	
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--



Prof. Orientadora Cooperante: Cristina Anjo Prof. Estagiária: Ana Maria Alves		Aula 6 Proposta de trabalho 6 100 mins. Data 04-02-2013	Sumário: Educação Artística e Plástica - movimento artístico - Surrealismo Surrealismo Cruzeiro Seixas; Apresentação de dois vídeos sobre a pintura com café; trabalho gráfico individual –conclusão da reinterpretação gráfica de obras do surrealista Cruzeiro Seixas; Pintura com café e tinta-da-china. (Aula supervisionada pela professora orientadora Cristina Anjo).			
Metas de Aprendizagem	Conteúdos	Competências	Estratégias / Atividades	Duração	Recursos Materiais	Avaliação
<p>Pretende-se que o aluno:</p> <ul style="list-style-type: none"> .Reconheça o papel da análise e da interpretação no desenvolvimento do projeto. . Compreenda e distinga a arte contemporânea no âmbito da expressão (tom provocativo e crítico, experiências físicas e emocionais fortes, ausência de regras pré-estabelecidas). . Aplicar conceitos de obra de arte abstrata e figurativa, em criações plásticas bi e/ou tridimensionais . . Conheça alguns dos fatores que influenciam a percepção das formas. 	<p>EDUCACAO ARTÍSTICA E PLÁSTICA</p> <ul style="list-style-type: none"> . Linguagem e Gramática Visual <ul style="list-style-type: none"> ▫ Elementos visuais _ Organização formal <ul style="list-style-type: none"> - Composição - Forma e fundo - Simetria / assimetria - Proporção - Equilíbrio - Contraste - Relação entre as formas - A criatividade - A imaginação .Representação e expressão 	<p>INFORMAÇÃO E UTILIZAÇÃO DE FONTES</p> <ul style="list-style-type: none"> . Recolher e registar diferentes tipos de informação. . Selecionar, pesquisar e explorar recursos disponíveis. . Ser capaz de interpretar situações novas, mediante a associação e comparação com situações já conhecidas. <p>COMUNICAÇÃO VISUAL</p> <ul style="list-style-type: none"> . Compreender e interpretar corretamente o enunciado de um trabalho simples; . Compreender como se processa a comunicação visual; . Desenvolver uma posição de recetor consciente e crítico no sistema de comunicação em que está inserido. 	<ul style="list-style-type: none"> - Entrada ordenada e preparação dos materiais e do espaço de trabalho; -Registo da pontualidade e assiduidade dos alunos e distribuição do material; - Diálogo com os alunos - objetivos da aula ↓ Apresentação multimédia de dois vídeos sobre pintura com café. ↓ Diálogo interativo ↓ Trabalho gráfico individual ∩ ↓ - Distribuição dos trabalhos iniciados na aula anterior, sobre algumas obras do surrealista Cruzeiro Seixas; - Correta otimização da ocupação da folha de trabalho. - Continuação/conclusão da inserção de novas formas e/ ou transformação das pré-existentes da obra do surrealista ; 	<ul style="list-style-type: none"> 07 mins. 02 mins. 06 mins. 05 mins. 10 mins. 60 mins. 	<ul style="list-style-type: none"> - Computador - Projetor- Quadro interativo . Lápis de grafite de diferentes durezas . Caneta de ponta fina preta . Borracha branca . Afia . Papel Cavalinho A3 . Projeto de trabalho . Cópias a cores das pinturas em formato A6 	<ul style="list-style-type: none"> - Avaliação formativa (função reguladora e metacognitiva) (observação direta) - Avaliação contínua - observação direta dos trabalhos elaborados, modo de participação, interesse, empenho, autonomia, organização, rigor, limpeza, progressão e capacidade de análise.

<p>. Entenda o desenho como um processo de observação, registo e comunicação.</p> <p>. Aprenda metodologias para a representação, através do desenho, de formas simples e complexas.</p> <p>. Utilize técnicas, processos e instrumentos para estimular e desenvolver a imaginação e a criatividade.</p> <p>. Compreenda que a linguagem visual é uma aprendizagem.</p>	<p>Desenho de observação:</p> <p>- Desenho linear e desenho volumétrico</p> <ul style="list-style-type: none"> ▫ Linhas estruturantes ▫ Linhas auxiliares ▫ Proporções ▫ Sombras <p>A Cor: harmonia monocromática</p> <p>Comunicação</p> <p>_ Pintura 7</p> <p>_ Forma de expressão e comunicação das artes plásticas</p> <p style="text-align: center;">▼</p> <p>Movimento Artístico do século XX _ Surrealismo</p>	<p>LINGUAGEM VISUAL</p> <p>. Identificar e estudar a linguagem visual, os seus elementos e a sua gramática;</p> <p>. Reconhecer a influência dos elementos visuais e usá-los com intencionalidade;</p> <p>. Expressar ideias através da linguagem visual;</p> <p>. Ser capaz de desenvolver respostas individualizadas e criativas.</p> <p>REPRESENTAÇÃO E EXPRESSÃO</p> <p>. Desenvolver a capacidade de representação e de expressão através do desenho de técnicas e materiais e da criatividade.</p>	<p>- Explicação e experimentação da técnica de pintura com café e tinta-da-china.</p> <p>- Utilização de tinta-da-china e café, na representação gráfica da composição das formas surrealistas, aplicando os diversos efeitos monocromáticos.</p> <p>- Limpeza e arrumação do local de trabalho.</p> <p>- Considerações finais da aula feitas pela docente;</p> <p>- Recolha dos trabalhos;</p> <p>- Sumário E-Schooling (realizado pela professora orientadora).</p>	<p>04 mins.</p> <p>02 mins.</p> <p>02 mins.</p> <p>02 mins.</p>	<p>. Tesoura</p> <p>. Cola</p> <p>. Copos e pratos e tigelas de plástico</p> <p>. Café</p> <p>. Tinta-da-china</p> <p>. Água</p> <p>. Guardanapos</p> <p>. Pincéis</p> <p>. Algodão</p> <p>. Máscara líquida para proteger superfícies brancas da cor</p>	
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--



Prof. Orientadora Cooperante: Cristina Anjo Prof. Estagiária: Ana Maria Alves		Aula 7 Proposta de trabalho 7 50 mins. Data 06-02-2013	Sumário: Educação Artística e Plástica - movimento artístico – Surrealismo Apresentação multimédia sobre o jogo surrealista – Cadavre Exquis; Trabalho gráfico de pares: jogo gráfico sobre papel dobrado; Leitura e interpretação do poema “Desenho” de Clarice Meireles e visualização de um vídeo de João Catarino, sobre o Diário Gráfico. (Aula supervisionada pela professora orientadora Cristina Anjo).			
Metas de Aprendizagem	Conteúdos	Competências	Estratégias / Atividades	Duração	Recursos Materiais	Avaliação
<p>Pretende-se que o aluno:</p> <ul style="list-style-type: none"> . Reconheça o papel da análise e da interpretação no desenvolvimento do projeto. . Compreenda e distinga a arte contemporânea no âmbito da expressão (tom provocativo e crítico, experiências físicas e emocionais fortes, ausência de regras pré-estabelecidas). . Aplicar conceitos de obra de arte abstrata e figurativa, em criações plásticas bi e/ou tridimensionais . . Conheça alguns dos fatores que influenciam a percepção das formas. . Entenda o desenho como um processo de observação, registo e comunicação. 	<p>EDUCACAO ARTÍSTICA E PLÁSTICA</p> <ul style="list-style-type: none"> . Linguagem e Gramática Visual <ul style="list-style-type: none"> ▫ Elementos visuais . Organização formal <ul style="list-style-type: none"> - Composição - Forma e fundo - Simetria / assimetria - Proporção - Equilíbrio - Contraste - Relação entre as formas . A criatividade . A imaginação . Representação e expressão . Desenho de observação: <ul style="list-style-type: none"> - Desenho linear e desenho volumétrico <ul style="list-style-type: none"> ▫ Linhas estruturantes ▫ Linhas auxiliares ▫ Proporções ▫ Sombras 	<p>INFORMAÇÃO E UTILIZAÇÃO DE FONTES</p> <ul style="list-style-type: none"> . Recolher e registar diferentes tipos de informação. . Selecionar, pesquisar e explorar recursos disponíveis. . Ser capaz de interpretar situações novas, mediante a associação e comparação com situações já conhecidas. <p>COMUNICAÇÃO VISUAL</p> <ul style="list-style-type: none"> . Ler e interpretar narrativas de diferentes linguagens visuais; . Compreender e interpretar corretamente o enunciado de um trabalho simples; . Compreender como se processa a comunicação visual; . Desenvolver uma posição de recetor consciente e crítico no sistema de comunicação em que está inserido. . Entender o desenho como um meio para a representação expressiva do Diário Gráfico. 	<ul style="list-style-type: none"> - Entrada ordenada e preparação dos materiais e do espaço de trabalho; - Registo da pontualidade e assiduidade dos alunos e distribuição do material; - Diálogo com os alunos - objetivos da aula <ul style="list-style-type: none"> ▾ Apresentação multimédia sobre Cadavre Exquis – um jogo surrealista. <ul style="list-style-type: none"> ▾ Diálogo interativo <ul style="list-style-type: none"> ▾ Trabalho gráfico de pares <ul style="list-style-type: none"> ▾ . Jogo gráfico sobre papel dobrado - Cadavre Exquis; . Distribuição de uma folha de tamanho A5; . Desenho figurativo espontâneo –em metade da folha; . Correta otimização da ocupação da folha de trabalho. . Permuta do desenho com outro colega, sem que este conheça o trabalho feito, apenas continue o jogo gráfico através das marcas deixadas na dobra da folha; . Mostra à turma dos cadáveres exquis realizados; 	<ul style="list-style-type: none"> 06 mins. 02 mins. 05 mins. 02 mins. 10 mins. 10 mins. 	<ul style="list-style-type: none"> - Computador - Projetor- Quadro interativo . Lápis de grafite de diferentes durezas . Caneta de ponta fina preta . Borracha branca . Afia . Papel Cavalinho A5 . Texto (PNL): . Página do diário gráfico em formato personalizado como TPC. 	<ul style="list-style-type: none"> - Avaliação formativa (função reguladora e metacognitiva) (observação direta) - Avaliação contínua - observação direta dos trabalhos elaborados, modo de participação, interesse, empenho, autonomia, organização, rigor, limpeza, progressão e capacidade de análise.

<p>. Aprenda metodologias para a representação, através do desenho, de formas simples e complexas.</p> <p>. Utilize técnicas, processos e instrumentos para estimular e desenvolver a imaginação e a criatividade.</p> <p>. Compreenda que a linguagem visual é uma aprendizagem.</p> <p>. Entenda que a leitura é um fator de desenvolvimento individual.</p> <p>. Interprete e reflita cada mensagem verbal transformando-a em mensagem visual.</p>	<p>Comunicação _ Pintura _ _ Forma de expressão e comunicação das artes plásticas ▼ Movimento Artístico do século XX _ Surrealismo</p>	<p>LINGUAGEM VISUAL</p> <p>. Identificar e estudar a linguagem visual, os seus elementos e a sua gramática; . Reconhecer a influência dos elementos visuais e usá-los com intencionalidade;</p> <p>. Expressar ideias através da linguagem visual; . Ser capaz de desenvolver respostas individualizadas e criativas.</p> <p>ELEMENTOS DA FORMA</p> <p>Ser capaz de elaborar composições a partir de observações diretas e de realidades imaginadas, utilizando os elementos e os meios de expressão visual.</p> <p>REPRESENTAÇÃO E EXPRESSÃO</p> <p>. Desenvolver a capacidade de representação e de expressão através do desenho de técnicas e materiais e da criatividade.</p> <p>PNL: - Promover a leitura, assumindo-a como fator de desenvolvimento individual; - Articular o PNL com o Desenho de modo que estimule o prazer de ler e interpretar construindo mensagens visuais. - Desenvolver a criatividade e imaginação na seleção e criação de mensagens visuais.</p>	<p>. Entregue a cada aluno um Cadáver Exquisito para aplicar uma técnica de pintura como trabalho de atelier.</p> <p>. Leitura e interpretação do poema "Desenho" – de Clarice Meireles;</p> <p>. Visualização de um vídeo de João Catarino, sobre Diário Gráfico</p> <p>. Distribuição do suporte de papel para a realização da atividade como trabalho de atelier;</p> <p>. Considerações finais da aula feitas pela docente;</p> <p>. Sumário E-Schooling (realizado pela professora orientadora).</p>	<p>06 mins.</p> <p>04 mins.</p> <p>01 mins.</p> <p>02 mins.</p> <p>02 mins.</p>		
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------	--	--



Prof.ª Orientadora Cooperante: Cristina Anjo		Aula 8	Proposta de trabalho 8	Sumário: Arte Postal – Proposta de trabalho nº 8; Visualização de imagens alusivas à temática; Trabalho gráfico- elaboração de um postal com várias técnicas para intercâmbio postal; Debate interativo.		
Prof.ª Estagiária: Ana Maria Alves		100 mins.	Data 25-02-2013	(Aula supervisionada pela professora orientadora Cristina Anjo).		
Metas de Aprendizagem	Conteúdos	Competências	Estratégias / Atividades	Duração	Recursos Materiais	Avaliação
<p>Pretende-se que o aluno:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Compreenda que a linguagem visual e uma aprendizagem. - Identifique e distinga os elementos básicos da linguagem visual. - Reconheça e aplique os elementos visuais como meios expressivos. - Entenda o desenho como processo de observação, registo e comunicação. - Entenda a utilidade das linhas estruturantes e das linhas auxiliares no desenho. - Entenda que a forma é constituída por um vários elementos visuais. - Distinga forma e fundo e perceba a importância da relação entre estes dois elementos numa composição. - Entenda e aplique com correção o conceito de proporção. - Aplique formas de equilíbrio e de contraste numa composição. - Reconheça a importância da cor. - Reconheça e aplique diferentes harmonias da cor. 	<p>UNIDADE TEMÁTICA 3 ARTE POSTAL</p> <ul style="list-style-type: none"> • LINGUAGEM E GRAMÁTICA VISUAL <ul style="list-style-type: none"> _ Elementos visuais <ul style="list-style-type: none"> _ Ponto, linha, plano, cor, volume e tamanho _ Organização formal <ul style="list-style-type: none"> _ Composição _ Forma e fundo _ Simetria/ assimetria _ Proporção _ Equilíbrio _ Contraste _ Relação entre as formas • REPRESENTAÇÃO E EXPRESSÃO <ul style="list-style-type: none"> _ Desenhar _ Desenho de observação _ Desenho linear e desenho geométrico <ul style="list-style-type: none"> _ Linhas estruturantes e linhas auxiliares _ Sombras _ Proporções 	<p>INFORMAÇÃO E UTILIZAÇÃO DE FONTES</p> <ul style="list-style-type: none"> . Saber localizar fontes de informação. . Identificar fontes de informação. . Recolher e registar diferentes tipos de informação. . Selecionar, pesquisar e explorar recursos disponíveis. . Ser capaz de interpretar situações novas, mediante a associação e comparação com situações já conhecidas. <p>COMUNICAÇÃO VISUAL</p> <ul style="list-style-type: none"> . Ler e interpretar narrativas de diferentes linguagens visuais; . Compreender como se processa a comunicação visual; . Reconhecer, através da experimentação plástica, a arte como expressão do sentimento e do conhecimento. . Compreender e interpretar corretamente o enunciado de um trabalho simples; . Entender o desenho como um meio para a representação expressiva de um postal. 	<ul style="list-style-type: none"> - Entrada ordenada e preparação dos materiais e do espaço de trabalho; - Registo da assiduidade dos alunos e distribuição do material; - Diálogo com os alunos - objetivos da aula <ul style="list-style-type: none"> v - Apresentação de alguns conceitos sobre Arte Postal; <ul style="list-style-type: none"> - Visualização de imagens de postais, envelopes e carimbos; v - Explicação temática > apresentação da proposta de trabalho 8] - Algumas sugestões temáticas para a arte postal; - Intercâmbio de postais criativos com a turma 9º10; - Carimbo oficial da turma; - Carimbo/marca “adiciona e devolve”; <p>Trabalho gráfico individual</p> <ul style="list-style-type: none"> v <p>Diálogo interativo</p> <ul style="list-style-type: none"> v 	<ul style="list-style-type: none"> 06 mins. 03 mins. 12 mins. 05 mins. 60 mins. 	<ul style="list-style-type: none"> - Computador - Projetor- Quadro interativo . Lápis de grafite de variáveis durezas; . Caneta de ponta fina preta; . Borracha branca; . Afia; . Marcadores; . Lápis de cor; . Lápis de cera; . Pastel seco; . Carimbo da turma; . Carimbos artesanais feitos pelos alunos e pela professora estagiária; 	<ul style="list-style-type: none"> - Avaliação formativa (função reguladora e metacognitiva) (observação direta) - Avaliação contínua - observação direta dos trabalhos elaborados, modo de participação, interesse, empenho, autonomia, organização, rigor, limpeza, progressão e capacidade de análise.

<p>- Identifique cores quentes e cores frias e compreenda que estas transmitem sensações.</p> <p>- Entenda o conceito de composição e identifique diferentes tipos de composição.</p> <p>- Conheça e domine um conjunto de técnicas e materiais e seja capaz de os aplicar, com correção na representação, na comunicação e na expressão.</p> <p>- Compreenda como se processa a comunicação visual.</p> <p>- Reconheça as artes plásticas como expressão das emoções e do conhecimento.</p> <p>- Perceba e valorize a importância, da criatividade na Educação Visual.</p>	<p>• A COR _ Cores primárias e secundárias. _ Cores frias e cores quentes. _ Harmonias cromáticas.</p> <p>• COMUNICACAO VISUAL</p> <p>• TÉCNICAS E MATERIAIS _ Técnicas de desenho, pintura: colagem e impressão;</p> <p>_ Diferentes materiais riscadores: lápis de cor, marcadores, lápis de cor aguareláveis, lápis de cera;</p> <p>• CRIATIVIDADE _ Reinterpretação _ Transferência de linguagens</p>	<p>_ Desenvolver uma posição de recetor consciente e crítico no sistema de comunicação em que esta inserido.</p> <p>LINGUAGEM VISUAL</p> <p>. Expressar ideias através da linguagem visual; . Reconhecer a influência dos elementos visuais e usá-los com intencionalidade; . Identificar e estudar a linguagem visual, os seus elementos e a sua gramática; . Ser capaz de desenvolver respostas individualizadas e criativas.</p> <p>. Compreender o valor das diferenças culturais, expressas nas manifestações artísticas (eruditas e populares da realidade envolvente).</p> <p>ELEMENTOS DA FORMA</p> <p>. Ser capaz de elaborar composições a partir de observações diretas e de realidades imaginadas, utilizando os elementos e os meios de expressão visual.</p> <p>REPRESENTAÇÃO E EXPRESSÃO</p> <p>. Desenvolver a capacidade de representação e de expressão através do desenho, de técnicas e materiais. . Conhecer e dominar um conjunto de técnicas e materiais e ser capaz de os aplicar com correção.</p>	<p>- Distribuição e elaboração de postais em formato personalizado, aplicando técnicas e materiais riscadores variados;</p> <p>- Utilização de um carimbo oficial da turma (entre outros carimbos) no postal;</p> <p>- Recorte e uso de selos no postal;</p> <p>- Aplicação de uma marca “adiciona e devolve” no suporte;</p> <p>- Aplicação de carimbos em forma de letras e selos cortados em figuras de revistas;</p> <p>- Correta otimização da ocupação do envelope;</p> <p>Trabalho de Atelier v</p> <p>- Conclusão da elaboração do postal para intercâmbio postal;</p> <p>- Debate interativo, considerações sobre as dificuldades mais relevantes;</p> <p>- Autoavaliação;</p> <p>- Arrumação dos materiais e limpeza do local de trabalho;</p> <p>. Sumário E-Schooling (realizado pela professora orientadora).</p>	<p>05 mins.</p> <p>02 mins.</p> <p>05 mins.</p> <p>02 mins..</p>	<p>.Esponjas para carimbos: preto, azul e vermelho;</p> <p>.Furador corta selos;</p> <p>. Marcadores de palavras: Info e urgente;</p> <p>. Postais;</p> <p>. Revistas para colagem;</p> <p>. Cola;</p> <p>. Tesoura;</p>	
<p>Articulação transversal</p>	<p>Todas as disciplinas serão transversais nesta unidade temática. Os alunos poderão escolher temas tendo em conta qualquer área.</p>					



UNIDADE TEMÁTICA: Arte Postal
PLANO DE AULA

Disciplina: **Educação Visual** | 3º ciclo do ensino básico | Ano 9º - Turma 82º Período | 2012|2013

Prof. Orientadora Cooperante: Cristina Anjo Prof. Estagiária: Ana Maria Alves		Aula 9 50 mins.	Proposta de trabalho 9 Data 06-03-2013	Sumário: Arte Postal – Proposta de trabalho nº 9; Trabalho gráfico- elaboração de um postal com o tema: “Da minha janela imagino um mundo...”; Preenchimento de uma ficha de autoavaliação. (Aula supervisionada pela professora orientadora Cristina Anjo).		
Metas de Aprendizagem	Conteúdos	Competências	Estratégias / Atividades	Duração	Recursos Materiais	Avaliação
<p>Pretende-se que o aluno:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Compreenda que a linguagem visual e uma aprendizagem. - Identifique e distinga os elementos básicos da linguagem visual. - Reconheça e aplique os elementos visuais como meios expressivos. - Entenda o desenho como processo de observação, registo e comunicação. - Entenda a utilidade das linhas estruturantes e das linhas auxiliares no desenho. - Entenda que a forma é constituída por um vários elementos visuais. - Distinga forma e fundo e perceba a importância da relação entre estes dois elementos numa composição. - Entenda e aplique com correção o conceito de proporção. - Aplique formas de equilíbrio e de contraste numa composição. - Reconheça a importância da cor. - Reconheça e aplique diferentes harmonias da cor. 	<p>UNIDADE TEMÁTICA 3 ARTE POSTAL</p> <ul style="list-style-type: none"> • LINGUAGEM E GRAMÁTICA VISUAL <ul style="list-style-type: none"> _ Elementos visuais _ Ponto, linha, plano, cor, volume e tamanho • Organização formal <ul style="list-style-type: none"> _ Composição _ Forma e fundo _ Simetria/ assimetria _ Proporção _ Equilíbrio _ Contraste _ Relação entre as formas • REPRESENTAÇÃO E EXPRESSÃO <ul style="list-style-type: none"> _ Desenhar _ Desenho de observação _ Desenho linear e desenho geométrico _ Linhas estruturantes e linhas auxiliares _ Sombras _ Proporções 	<p>INFORMAÇÃO E UTILIZAÇÃO DE FONTES</p> <ul style="list-style-type: none"> . Saber localizar fontes de informação. . Identificar fontes de informação. . Recolher e registar diferentes tipos de informação. . Selecionar, pesquisar e explorar recursos disponíveis. . Ser capaz de interpretar situações novas, mediante a associação e comparação com situações já conhecidas. <p>COMUNICAÇÃO VISUAL</p> <ul style="list-style-type: none"> . Ler e interpretar narrativas de diferentes linguagens visuais; . Compreender como se processa a comunicação visual; . Reconhecer, através da experimentação plástica, a arte como expressão do sentimento e do conhecimento. . Compreender e interpretar corretamente o enunciado de um trabalho simples; . Entender o desenho como um meio para a representação expressiva de um postal. 	<ul style="list-style-type: none"> - Entrada ordenada e preparação dos materiais e do espaço de trabalho; -Registo da assiduidade dos alunos e distribuição do material; - Diálogo com os alunos - objetivos da aula - Explicação temática > apresentação da proposta de trabalho 9 J Mostra de um site interativo “color sheme designer 3” sobre a cor, disponível no blogue da turma Distribuição de materiais: Postal Trabalho gráfico individual - Representação e expressão gráfica de um postal com o tema “De uma janela imagino o mundo...”, aplicando o conceito de poesia visual; - Aplicação das várias harmonias cromáticas no postal utilizando a técnica do lápis de cor; - Debate interativo, considerações sobre as dificuldades mais relevantes; 	<p>06 mins.</p> <p>02 mins.</p> <p>5 mins.</p> <p>27 mins.</p> <p>05mins.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Computador - Projetor- Quadro interativo . Lápis de grafite de diferentes durezas . Borracha branca . Afia; . Lápis de cor; . Postal em papel de aguarela, formato 10x15 cm (fornecido pela professora estagiária) 	<ul style="list-style-type: none"> - Avaliação formativa (função reguladora e metacognitiva) (observação direta) Avaliação através de uma grelha com critérios de avaliação: <ul style="list-style-type: none"> - domínio e uso dos materiais e técnicas; - domínio do desenho expressivo na representação de elementos visuais - domínio de conceitos como a expressividade e a cor no registo de formas; - ocupação gráfica do postal; - Apresentação do postal (limpeza)

<p>- Identifique cores quentes e cores frias e compreenda que estas transmitem sensações.</p> <p>- Entenda o conceito de composição e identifique diferentes tipos de composição.</p> <p>- Conheça e domine um conjunto de técnicas e materiais e seja capaz de os aplicar, com correção, na representação, na comunicação e na expressão.</p> <p>- Compreenda como se processa a comunicação visual.</p> <p>- Reconheça as artes plásticas como expressão das emoções e do conhecimento.</p> <p>- Perceba e valorize a importância da criatividade na Educação Visual.</p> <p>- Interprete e reflita cada mensagem verbal transformando-a em mensagem visual.</p>	<p>• A COR _ Cores primárias e secundárias. _ Cores frias e cores quentes. _ Harmonias cromáticas.</p> <p>• COMUNICACAO VISUAL</p> <p>• TÉCNICAS E MATERIAIS _ Técnicas de desenho e pintura: lápis de cor</p> <p>• CRIATIVIDADE _ Reinterpretação _ Transferência de linguagens</p>	<p>_ Desenvolver uma posição de recetor consciente e crítico no sistema de comunicação em que esta inserido.</p> <p>LINGUAGEM VISUAL</p> <p>. Expressar ideias através da linguagem visual; . Reconhecer a influência dos elementos visuais e usá-los com intencionalidade; . Identificar e estudar a linguagem visual, os seus elementos e a sua gramática; . Ser capaz de desenvolver respostas individualizadas e criativas.</p> <p>ELEMENTOS DA FORMA</p> <p>. Ser capaz de elaborar composições a partir de observações diretas e de realidades imaginadas, utilizando os elementos e meios de expressão visual.</p> <p>REPRESENTAÇÃO E EXPRESSÃO</p> <p>. Desenvolver a capacidade de representação e de expressão através do desenho, de técnicas e materiais. . Conhecer e dominar um conjunto de técnicas e materiais e ser capaz de os aplicar com correção.</p>	<p>- Preenchimento de uma ficha de autoavaliação da atividade;</p> <p>- Arrumação dos materiais e limpeza do local de trabalho;</p> <p>- Sumário E-Schooling (realizado pela professora orientadora).</p>	<p>03 mins.</p> <p>02 mins.</p>		
<p>Articulação transversal</p>	<p>Todas as disciplinas serão transversais nesta unidade temática. Os alunos poderão escolher temas tendo em conta qualquer área.</p>					



Prof.ª Orientadora Cooperante: Cristina Anjo Prof.ª Estagiária: Ana Maria Alves		Aula10 Proposta de trabalho 10 100 mins. Data 11-03-2013	Sumário: “Arte Postal “– Proposta de trabalho nº 10; Apresentação multimédia sobre o selo e envelope postal; Trabalho gráfico individual - elaboração gráfica de um envelope. (Aula supervisionada pela Professora Arq.ª Sofia Thenaisie e Professora Orientadora Cristina Anjo).			
Metas de Aprendizagem	Conteúdos	Competências	Estratégias / Atividades	Duração	Recursos Materiais	Avaliação
<p>Pretende-se que o aluno:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Compreenda que a linguagem visual e uma aprendizagem. - Identifique e distinga os elementos básicos da linguagem visual. - Reconheça e aplique os elementos visuais como meios expressivos. - Entenda o desenho como processo de observação, registo e comunicação. - Entenda a utilidade das linhas estruturantes e das linhas auxiliares no desenho. - Entenda que a forma e constituída por um vários elementos visuais. - Distinga forma e fundo e perceba a importância da relação entre estes dois elementos numa composição. - Entenda e aplique com correção o conceito de proporção. - Aplique formas de equilíbrio e de contraste numa composição. - Reconheça a importância da cor. - Reconheça e aplique diferentes harmonias da cor. 	<p>UNIDADE TEMÁTICA 3 ARTE POSTAL</p> <ul style="list-style-type: none"> • LINGUAGEM E GRAMÁTICA VISUAL <ul style="list-style-type: none"> _ Elementos visuais _ Ponto, linha, plano, cor, volume e tamanho. _ Organização formal _ Composição _ Forma e fundo _ Simetria / assimetria _ Proporção _ Equilíbrio _ Contraste _ Relação entre as formas <ul style="list-style-type: none"> • REPRESENTAÇÃO E EXPRESSÃO <ul style="list-style-type: none"> _ Desenhar _ Desenho de observação _ Desenho linear e desenho geométrico _ Linhas estruturantes e linhas auxiliares _ Sombras _ Proporções 	<p>INFORMAÇÃO E UTILIZAÇÃO DE FONTES</p> <ul style="list-style-type: none"> . Saber localizar fontes de informação; . Identificar fontes de informação; . Recolher e registar diferentes tipos de informação; . Selecionar, pesquisar e explorar recursos disponíveis; . Ser capaz de interpretar situações novas, mediante a associação e comparação com situações já conhecidas. <p>COMUNICAÇÃO VISUAL</p> <ul style="list-style-type: none"> . Ler e interpretar narrativas de diferentes linguagens visuais; . Compreender como se processa a comunicação visual; . Reconhecer, através da experimentação plástica, a arte como expressão do sentimento e do conhecimento; . Compreender e interpretar corretamente, o enunciado de um trabalho simples; . Entender o desenho como um meio para a representação expressiva de um envelope; 	<ul style="list-style-type: none"> - Entrada (ordenada) e preparação dos materiais e do espaço de trabalho; - Registo da assiduidade dos alunos e distribuição do material. <p>- Diálogo com os alunos - objetivos da aula</p> <ul style="list-style-type: none"> - Mostras multimédia: - Arte Postal; - Selo e envelope postal; - Temática da cor; > círculo cromático <p>- Breves conceitos sobre a organização formal;</p> <p>- Explicação temática> apresentação da proposta de trabalho nº 10</p> <p>Diálogo interativo</p> <p>Trabalho gráfico individual</p> <ul style="list-style-type: none"> - Elaboração da composição gráfica de um envelope, utilizando diferentes materiais e técnicas desenvolvidas anteriormente: - aplicação da cor 	<p>06 mins.</p> <p>15 mins.</p> <p>08 mins.</p> <p>55 mins.</p>	<ul style="list-style-type: none"> . Computador . Projetor- Quadro interativo . Lápis de grafite de diferentes durezas . Caneta de ponta fina preta . Borracha branca . Afia . Marcadores . Lápis de cor . Lápis de cera . Círculo cromático . Envelopes tamanho A5 . Carimbo da turma 	<ul style="list-style-type: none"> - Avaliação formativa (função reguladora e metacognitiva) (observação direta) - Avaliação contínua - observação direta dos trabalhos elaborados, modo de participação, interesse, empenho, autonomia, organização, rigor, limpeza, progressão e capacidade de análise.

<p>- Identifique cores quentes e cores frias e compreenda que estas transmitem sensações.</p> <p>- Entenda o conceito de composição e identifique diferentes tipos de composição.</p> <p>- Conheça e domine um conjunto de técnicas e materiais e seja capaz de os aplicar, com correção, na representação, na comunicação e na expressão.</p> <p>- Compreenda como se processa a comunicação visual.</p> <p>- Reconheça as artes plásticas como expressão das emoções e do conhecimento.</p> <p>- Interprete e reflita cada mensagem verbal transformando-a em mensagem visual.</p> <p>- Perceba e valorize a importância da criatividade na Educação Visual.</p>	<p>• A COR _ Cores primárias e secundárias _ Cores frias e cores quentes _ Harmonias cromáticas</p> <p>• COMUNICAÇÃO _ Comunicação visual: modos e agentes da comunicação</p> <p>• TÉCNICAS E MATERIAIS _ Técnicas de desenho, pintura: colagem, impressão e outras.</p> <p>• CRIATIVIDADE _ Reinterpretação _ Transferência de linguagens</p>	<p>. Desenvolver uma posição de recetor consciente e crítico no sistema de comunicação em que esta inserido.</p> <p>LINGUAGEM VISUAL</p> <p>. Expressar ideias através da linguagem visual; . Reconhecer a influência dos elementos visuais e usá-los com intencionalidade; . Identificar e estudar a linguagem visual, os seus elementos e a sua gramática; . Ser capaz de desenvolver respostas individualizadas e criativas;</p> <p>. Compreender o valor das diferenças culturais, expressas nas manifestações artísticas (eruditas e populares da realidade envolvente).</p> <p>ELEMENTOS DA FORMA</p> <p>. Ser capaz de elaborar composições a partir de observações diretas e de realidades imaginadas, utilizando os elementos e meios de expressão visual.</p> <p>REPRESENTAÇÃO E EXPRESSÃO</p> <p>. Desenvolver a capacidade de representação e de expressão através do desenho, de técnicas e materiais; . Conhecer e dominar um conjunto de técnicas e materiais e ser capaz de os aplicar com correção.</p>	<p>Trabalho de Atelier v (algumas considerações a dar aos alunos)</p> <p>- Conclusão da elaboração do envelope para intercâmbio postal</p> <p>Nota:O destinatário deverá interferir no envelope recebido, reenviando-o através da caixa de correio.</p> <p>- Debate interativo > considerações sobre as dificuldades relevantes;</p> <p>- Autoavaliação da atividade.</p> <p>- Arrumação dos materiais e limpeza do local de trabalho;</p> <p>- Sumário E-Schooling (realizado pela professora orientadora).</p>	<p>03 mins.</p> <p>06 mins.</p> <p>05 mins.</p> <p>02 mins.</p>	<p>. Carimbo "adiciona e devolve"</p> <p>. Carimbos artesanais feitos pelos alunos e pela professora estagiária</p> <p>. Esponjas para carimbos: preto, azul e vermelho</p> <p>. Furador corta selos</p> <p>. Selos personalizados pelos alunos (Ilustrações PNL)</p> <p>. Marcadores de palavras: info e urgente</p> <p>. Cola</p> <p>. Tesoura</p>	
<p>Articulação transversal</p>	<p>Todas as disciplinas serão transversais nesta unidade temática. Os alunos poderão escolher temas tendo em conta qualquer área.</p>					



Prof.ª Orientadora Cooperante: Cristina Anjo Prof.ª Estagiária: Ana Maria Alves		Aula11 Proposta de trabalho 11 100 mins. Data 08-04-2013	Sumário: - "Desenho Rigoroso"- Geometria no plano: revisões; - Apresentação multimédia: Geometria no plano; - Trabalho gráfico individual: elaboração de traçados geométricos elementares. (Aula supervisionada pela Professora Orientadora Cristina Anjo).			
Metas de Aprendizagem	Conteúdos	Competências	Estratégias / Atividades	Duração	Recursos Materiais	Avaliação
<p>Pretende-se que o aluno:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Compreenda a importância do desenho rigoroso em determinados tipos de representação. - Conheça e aplique técnicas básicas do desenho rigoroso na geometria plana. - Conheça e domine um conjunto de técnicas e materiais e seja capaz de os aplicar com correção na representação, na comunicação e na expressão. - Utilize técnicas, processos e instrumentos de medição. - Perceba e valorize a importância da criatividade na Educação Visual. 	<p>UNIDADE TEMÁTICA 4 DESENHO RIGOROSO</p> <ul style="list-style-type: none"> • REPRESENTAÇÃO E EXPRESSÃO - Geometria no plano <ul style="list-style-type: none"> - Ponto - Linha - Reta - Segmento de reta - Divisão de um segmento de reta em partes iguais - Polígonos triangulares - Polígonos quadrangulares - Divisão da circunferência em partes iguais - Polígonos regulares inscritos na circunferência 	<p>INFORMAÇÃO – UTILIZAÇÃO DE FONTES</p> <ul style="list-style-type: none"> - Saber localizar fontes de informação. - Identificar fontes de informação. - Recolher e registar diferentes tipos de informação. - Selecionar, pesquisar e explorar recursos disponíveis. - Ser capaz de interpretar situações novas, mediante a associação e comparação com situações já conhecidas. <p>COMUNICAÇÃO VISUAL</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ler e interpretar narrativas nas diferentes linguagens visuais. - Compreender e interpretar corretamente o enunciado de um trabalho simples. - Desenvolver uma posição de recetor consciente e crítico no sistema de comunicação em que esta inserido. 	<ul style="list-style-type: none"> - Entrada (ordenada) e preparação dos materiais e do espaço de trabalho; - Registo da assiduidade dos alunos e distribuição do material. - Diálogo com os alunos - objetivos da aula <ul style="list-style-type: none"> - Mostra multimédia: - Geometria no plano - Explicação temática > apresentação da proposta de trabalho nº 11 <ul style="list-style-type: none"> - Trabalho gráfico individual - Elaboração de exercícios propostos: - Revisões dos traçados geométricos elementares - Debate interativo > considerações sobre as dificuldades relevantes; - Autoavaliação da atividade. 	<p>05 mins.</p> <p>15 mins.</p> <p>10 mins.</p> <p>60 mins.</p> <p>10 mins.</p>	<ul style="list-style-type: none"> . Computador . Projetor- Quadro interativo . Lápis de grafite 2HB . Borracha branca . Afia . Régua . Esquadros . Transferidor . Compasso . Papel cavalinho A4 	<ul style="list-style-type: none"> - Avaliação formativa (função reguladora e metacognitiva) (observação direta) - Avaliação contínua - observação direta dos trabalhos elaborados, modo de participação, interesse, empenho, autonomia, organização, rigor, limpeza, progressão e capacidade de análise

		<p>REPRESENTAÇÃO E EXPRESSÃO</p> <ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver a capacidade de representação e de expressão através do desenho, de técnicas e materiais. - Conhecer e dominar um conjunto de técnicas e materiais e ser capaz de os aplicar com correção. <p>LINGUAGEM VISUAL</p> <ul style="list-style-type: none"> - Expressar ideias através da linguagem visual. - Reconhecer a influência dos elementos visuais e usá-los com intencionalidade. - Identificar e estudar a linguagem visual, os seus elementos e a sua gramática. - Ser capaz de desenvolver respostas individualizadas e criativas. 	<p>Trabalho de ateliê</p> <p>Realização de exercícios de geometria plana com base no site www.geométricas.net disponível no blogue da turma.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Arrumação dos materiais e limpeza do local de trabalho; - Sumário E-Schooling (realizado pela professora orientadora). 			
Articulação transversal	Matemática - Polígono regular inscrito numa circunferência					

Adequações Curriculares:

Aluno com PEI - Ao abrigo do artigo 8º do Decreto-Lei nº 3/2008

Competências	Estratégias
<ul style="list-style-type: none"> - Compreenda a importância do desenho rigoroso em determinados tipos de representação. - Conheça e aplique técnicas básicas do desenho rigoroso na geometria plana. - Conheça e domine um conjunto de técnicas e materiais e seja capaz de os aplicar com correção na representação, na comunicação e na expressão. - Utilize técnicas, processos e instrumentos de medição. - Perceba e valorize a importância da criatividade na Educação Visual. 	<p>Apoio Pedagógico Personalizado:</p> <p>O reforço das estratégias utilizadas aos níveis da organização, do espaço e das actividades; Intervir diretamente junto do aluno, na realização dos exercícios, reforçando o desenvolvimento das competências.</p>



Prof.ª Orientadora Cooperante: Cristina Anjo Prof.ª Estagiária: Ana Maria Alves		Aula12 Proposta de trabalho 12 50 mins. Data 10-04-2013	Sumário: -“Desenho Rigoroso” - Proposta de trabalho nº 12; - Apresentação multimédia: Geometria no plano - construção de hexágono e polígono estrelado de seis pontas concêntricas sobrepostos. (Aula supervisionada pela Professora Orientadora Cristina Anjo).			
Metas de Aprendizagem	Conteúdos	Competências	Estratégias / Atividades	Duração	Recursos Materiais	Avaliação
<p>Pretende-se que o aluno:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Perceba e valorize a importância da criatividade na Educação Visual. - Entenda o desenho como um processo de observação, registo e comunicação. - Compreenda a importância do desenho rigoroso em determinados tipos de representação. - Compreenda a geometria plana como possíveis interpretações da natureza e princípios organizadores das formas. - Conheça e aplique técnicas básicas do desenho rigoroso na geometria plana. - Conheça e domine um conjunto de técnicas e materiais e seja capaz de os aplicar com correção na representação, na comunicação e na expressão. 	<p>UNIDADE TEMÁTICA 4 DESENHO RIGOROSO</p> <ul style="list-style-type: none"> • REPRESENTAÇÃO E EXPRESSÃO - Geometria no plano <ul style="list-style-type: none"> - Ponto - Linha - Reta - Segmento de reta - Polígonos triangulares - Polígonos quadrangulares - Divisão da circunferência em partes iguais - Polígonos regulares inscritos na circunferência - Forma <ul style="list-style-type: none"> • Perceção Visual da Forma Qualidades formais Qualidades expressivas Qualidades geométricas 	<p>INFORMAÇÃO – UTILIZAÇÃO DE FONTES</p> <ul style="list-style-type: none"> - Saber localizar fontes de informação. - Identificar fontes de informação. - Recolher e registar diferentes tipos de informação. - Selecionar, pesquisar e explorar recursos disponíveis. - Ser capaz de interpretar situações novas, mediante a associação e comparação com situações já conhecidas. <p>COMUNICAÇÃO VISUAL</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ler e interpretar narrativas nas diferentes linguagens visuais. - Compreender e interpretar corretamente o enunciado de um trabalho simples. - Desenvolver uma posição de recetor consciente e crítico no sistema de comunicação em que esta inserido. 	<ul style="list-style-type: none"> - Entrada (ordenada) e preparação dos materiais e do espaço de trabalho; - Registo da assiduidade dos alunos e distribuição do material. - Diálogo com os alunos - objetivos da aula - Apresentação multimédia: Construção de hexágono e polígono estrelado de seis pontas concêntricas. - Explanção temática> apresentação da proposta de trabalho nº 12 - Trabalho gráfico individual - Divisão da circunferência em seis partes iguais: <ul style="list-style-type: none"> - traçado de hexágonos e polígonos estrelados de seis pontas concêntricas sobrepostos. - Reconhecimento de seis espirais na construção através do contorno (lápiz 2HB). - Debate interativo > considerações sobre as dificuldades relevantes. 	<p>06 mins.</p> <p>10 mins.</p> <p>20 mins.</p> <p>04 mins.</p>	<ul style="list-style-type: none"> . Computador . Projetor- Quadro interativo . Papel cavalete A4 . Lápis de grafite 2HB . Borracha branca . Afia . Régua . Esquadro . Compasso . Proposta de trabalho nº 12 	<p>Avaliação através de uma grelha com critérios:</p> <ul style="list-style-type: none"> . domínio correto dos instrumentos de desenho rigoroso; . domínio da representação dos traçados geométricos simples - hexágono; . domínio do traçado na construção dos polígonos estrelados de seis pontas concêntricas; . interesse e envolvimento na atividade; . autonomia; . limpeza da folha.

		<p>REPRESENTAÇÃO E EXPRESSÃO</p> <ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver a capacidade de representação e de expressão através do desenho, de técnicas e materiais. - Conhecer e dominar um conjunto de técnicas e materiais e ser capaz de os aplicar com correção. <p>LINGUAGEM VISUAL</p> <ul style="list-style-type: none"> - Expressar ideias através da linguagem visual. - Reconhecer a influência dos elementos visuais e usá-los com intencionalidade. - Identificar e estudar a linguagem visual, os seus elementos e a sua gramática. - Ser capaz de desenvolver respostas individualizadas e criativas. 	<p>- Autoavaliação da atividade.</p> <p>Trabalho de Ateliê (algumas considerações a dar aos alunos)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Mostra de um vídeo “mandala geométrica” - Elaboração de uma mandala geométrica no Diário Gráfico. <p>- Arrumação dos materiais e limpeza do local de trabalho; - Sumário E-Schooling (realizado pela professora orientadora).</p>	10 mins.		
Articulação transversal	Matemática: Polígonos regulares inscritos numa circunferência					

Adequações Curriculares

Aluno com PEI - Ao abrigo do artigo 8º do Decreto-Lei nº 3/2008

Competências	Atividades
<ul style="list-style-type: none"> - Perceba e valorize a importância da criatividade na Educação Visual. - Entenda o desenho como um processo de observação, registo e comunicação. - Compreenda a importância do desenho rigoroso em determinados tipos de representação. - Compreenda a geometria plana como possíveis interpretações da natureza e princípios organizadores das formas. - Conheça e aplique técnicas básicas do desenho rigoroso na geometria plana. - Conheça e domine um conjunto de técnicas e materiais e seja capaz de os aplicar com correção na representação, na comunicação e na expressão. 	<p>Apoio Pedagógico Personalizado: O reforço das estratégias aos níveis da organização, do espaço nas atividades; Intervir diretamente junto do aluno, na realização dos exercícios, reforçando o desenvolvimento das competências.</p>



Prof.ª Orientadora Cooperante: Cristina Anjo Prof.ª Estagiária: Ana Maria Alves		Aula13 Proposta de trabalho nº13 100 mins. Data 22-04-2013	Sumário: - Unidade Temática - “Desenho Rigoroso” - Proposta de trabalho nº 13; - Mostra Visual: Composição visual e processo de simplificação; - Trabalho gráfico individual: elaboração de uma composição visual geométrica simplificada de uma pintura de Amadeu de Souza-Cardoso. (Aula supervisionada pela Professora Arq.ª Sofia Thenaisie e Professora Orientadora Cristina Anjo).			
Metas de Aprendizagem	Conteúdos	Competências	Estratégias / Atividades	Duração	Recursos Materiais	Avaliação
<p>Pretende-se que o aluno:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Entenda o desenho como um processo de observação, registo e comunicação. - Aprenda metodologias para a representação, através do desenho, de formas simples e complexas. - Entenda a utilidade das linhas estruturantes e das linhas auxiliares no desenho. - Compreenda a importância do desenho rigoroso em determinados tipos de representação. - Conheça e aplique técnicas básicas do desenho rigoroso na geometria plana. - Conheça e domine um conjunto de técnicas e materiais e seja capaz de os aplicar com correção na representação, na comunicação e na expressão. - Aplique conceitos de abstracionismo numa composição visual geométrica. - Identifique e aplique cores quentes e cores frias e compreenda que estas transmitem sensações. 	<p>UNIDADE TEMÁTICA 4 DESENHO RIGOROSO</p> <ul style="list-style-type: none"> • REPRESENTAÇÃO EXPRESSÃO - Geometria no plano <ul style="list-style-type: none"> - Ponto, linha, reta - Segmento de reta - Polígonos triangulares - Polígonos quadrangulares - Divisão da circunferência em partes iguais e polígonos inscritos - Forma <ul style="list-style-type: none"> . Percepção Visual da Forma <ul style="list-style-type: none"> . Qualidades formais . Qualidades expressivas . Qualidades geométricas - Cor <ul style="list-style-type: none"> . Cores primárias e secundárias . Cores frias e cores quentes . Harmonias cromáticas 	<p>INFORMAÇÃO – UTILIZAÇÃO DE FONTES</p> <ul style="list-style-type: none"> - Saber localizar fontes de informação. - Identificar fontes de informação. - Recolher e registar diferentes tipos de informação. - Selecionar, pesquisar e explorar recursos disponíveis. - Ser capaz de interpretar situações novas, mediante a associação e comparação com situações já conhecidas. <p>COMUNICAÇÃO VISUAL</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ler e interpretar narrativas nas diferentes linguagens visuais. - Compreender e interpretar corretamente o enunciado de um trabalho simples. - Desenvolver uma posição de recetor consciente e crítico no sistema de comunicação em que esta inserido. - Conceber organizações espaciais, dominando regras elementares da composição. 	<ul style="list-style-type: none"> - Entrada (ordenada) e preparação dos materiais e do espaço de trabalho; - Registo da assiduidade dos alunos e distribuição do material. <p style="text-align: center;">Diálogo interativo v</p> <ul style="list-style-type: none"> - Mostra multimédia: - Composição visual - Processo de simplificação <p style="text-align: center;">Explanação temática > apresentação da proposta de trabalho nº 13 v</p> <p style="text-align: center;">Trabalho gráfico individual v</p> <ul style="list-style-type: none"> - Elaboração de uma composição visual geométrica a partir de uma pintura de Amadeu de Souza-Cardoso, (processo de simplificação) v . Início da aplicação da cor. <ul style="list-style-type: none"> - Auto e heteroavaliação - debate <ul style="list-style-type: none"> - Arrumação dos materiais e limpeza do local de trabalho; - Sumário E-Schooling (realizado pela professora orientadora). 	<p>06 mins.</p> <p>05 mins.</p> <p>20 mins.</p> <p>05 mins</p> <p>50 mins.</p> <p>08 mins.</p> <p>06 mins.</p>	<ul style="list-style-type: none"> . Computador . Projetor- Quadro interativo . Ipad . Papel cavalinho A4 . Lápis de grafite 2HB . Borracha branca . Afia . Régua . Esquadro . Compasso . Lápis de cor . Ficha informativa – Amadeu de Souza Cardoso . Proposta de trabalho nº 13 	<ul style="list-style-type: none"> - Avaliação formativa (função reguladora e metacognitiva) (observação direta) - Avaliação contínua - observação direta dos trabalhos elaborados, modo de participação, interesse, empenho, autonomia, organização, rigor, limpeza, progressão e capacidade de análise.

<ul style="list-style-type: none"> - Reconheça e aplique diferentes harmonias de cor. - Utilize técnicas, processos e instrumentos para estimular e desenvolver a imaginação e a criatividade. - Perceba e valorize a importância da criatividade na Educação Visual. 		<p>REPRESENTAÇÃO E EXPRESSÃO</p> <ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver a capacidade de representação e de expressão através do desenho, de técnicas e materiais. - Conhecer e dominar um conjunto de técnicas e materiais e ser capaz de os aplicar com correção. <p>LINGUAGEM VISUAL</p> <ul style="list-style-type: none"> - Exprimir ideias através da linguagem visual. - Reconhecer a influência dos elementos visuais e usá-los com intencionalidade. - Identificar e estudar a linguagem visual, os seus elementos e a sua gramática. - Ser capaz de desenvolver respostas individualizadas e criativas. 				
Articulação transversal	Matemática: Polígonos geométricos					

Adequações Curriculares

Aluno com PEI - Ao abrigo do artigo 8º do Decreto-Lei nº 3/2008

Competências	Atividades
<ul style="list-style-type: none"> - Entenda o desenho como um processo de observação, registo e comunicação. - Aprenda metodologias para a representação, através do desenho, de formas simples e complexas. - Entenda a utilidade das linhas estruturantes e das linhas auxiliares no desenho. - Compreenda a importância do desenho rigoroso em determinados tipos de representação. - Conheça e aplique técnicas básicas do desenho rigoroso na geometria plana. - Conheça e domine um conjunto de técnicas e materiais e seja capaz de os aplicar com correção na representação, na comunicação e na expressão. - Aplique conceitos de abstracionismo numa composição visual geométrica. - Identifique e aplique cores quentes e cores frias e compreenda que estas transmitem sensações. - Reconheça e aplique diferentes harmonias de cor. - Utilize técnicas, processos e instrumentos para estimular e desenvolver a imaginação e a criatividade. - Perceba e valorize a importância da criatividade na Educação Visual. 	<p>Apoio Pedagógico Personalizado: O reforço das estratégias ao nível da organização e experimentação das atividades. Intervir diretamente junto do aluno, na realização da atividade, reforçando o desenvolvimento das competências.</p>



Prof.ª Orientadora Cooperante: Cristina Anjo Prof.ª Estagiária: Ana Maria Alves		Aula14 Proposta de trabalho nº14 100 mins. Data 06-05-2013	Sumário: - Unidade Temática -Axonometrias - Proposta de trabalho nº 14; - Mostra Visual: Axonometrias - Perspetiva Isométrica - Trabalho gráfico individual: Exercícios de representação gráfica (à mão livre e rigorosa) de um cubo modulado em perspetiva isométrica . (Aula supervisionada pela Professora Arq.ª Sofia Thenaisie e Professora Orientadora Cristina Anjo).			
Metas de Aprendizagem	Conteúdos	Competências	Estratégias / Atividades	Duração	Recursos Materiais	Avaliação
<p>. Pretende-se que o aluno:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Entenda o desenho como um processo de observação, registo e comunicação. - Compreenda a importância do desenho rigoroso em determinados tipos de representação. - Compreenda, através da representação rigorosa das formas, os processos subjacentes à perceção do volume. - Conheça e aplique as técnicas básicas do desenho rigoroso na geometria plana e na geometria no espaço. - Utilize algumas convenções ou normalizações: escalas, traçados e cotagem. - Entenda a utilidade das linhas estruturantes e das linhas auxiliares na representação rigorosa. 	<p>UNIDADE TEMÁTICA 5</p> <ul style="list-style-type: none"> • REPRESENTAÇÃO E EXPRESSÃO <ul style="list-style-type: none"> - Desenho Rigoroso <ul style="list-style-type: none"> . Axonometrias □ . Isométrica - Representação no espaço - Forma <ul style="list-style-type: none"> . Perceção Visual da Forma <ul style="list-style-type: none"> . Qualidades formais . Qualidades expressivas . Qualidades geométricas 	<p>INFORMAÇÃO – UTILIZAÇÃO DE FONTES</p> <ul style="list-style-type: none"> - Saber localizar fontes de informação; - Identificar fontes de informação; - Recolher e registar diferentes tipos de informação; - Selecionar, pesquisar e explorar recursos disponíveis; - Ser capaz de interpretar situações novas, mediante a associação e comparação com situações já conhecidas. <p>COMUNICAÇÃO VISUAL</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ler e interpretar narrativas nas diferentes linguagens visuais; - Compreender e interpretar corretamente o enunciado de um trabalho simples; - Desenvolver uma posição de recetor consciente e crítico no sistema de comunicação em que está inserido. <p>REPRESENTAÇÃO E EXPRESSÃO</p> <ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver a capacidade de representação e de expressão 	<ul style="list-style-type: none"> - Entrada (ordenada) e preparação dos materiais e do espaço de trabalho; - Registo da assiduidade dos alunos e distribuição do material. <p style="text-align: center;">Diálogo interativo</p> <p style="text-align: center;">v</p> <ul style="list-style-type: none"> - Mostra multimédia: - Axonometrias □ <ul style="list-style-type: none"> - Perspetiva Isométrica <ul style="list-style-type: none"> - A escala - A cotagem <p style="text-align: center;">v</p> <ul style="list-style-type: none"> - Explicação temática > apresentação da proposta de trabalho nº 14 <p style="text-align: center;">v</p> <p style="text-align: center;">Trabalho gráfico individual</p> <p style="text-align: center;">v</p> <ul style="list-style-type: none"> - Exercícios de representação gráfica: à mão livre (grelha isométrica) e rigorosa de um cubo modulado em perspetiva isométrica. <ul style="list-style-type: none"> - Auto e heteroavaliação - debate 	<p>06 mins.</p> <p>05 mins.</p> <p>15 mins.</p> <p>08 mins.</p> <p>55 mins.</p> <p>05 mins.</p>	<ul style="list-style-type: none"> . Computador . Projetor - Quadro interativo . Ipad . Proposta de trabalho nº 14 . Papel cavalinho A4 . Papel Cavalinho A4 -grelha isométrica . Cubos modulados em poliestireno extrudido . Lápis de grafite 2HB . Régua . Esquadros . Transferidor 	<ul style="list-style-type: none"> - Avaliação formativa (função reguladora e metacognitiva) (observação direta) - Avaliação contínua - observação direta dos trabalhos elaborados, modo de participação, interesse, empenho, autonomia, organização, rigor, limpeza, progressão e capacidade de análise.

<ul style="list-style-type: none"> - Conheça e domine um conjunto de técnicas e materiais e seja capaz de os aplicar com adequação na representação, na comunicação e na expressão, usando o suporte de desenho – Diário Gráfico. - Utilize técnicas, processos e instrumentos para estimular e desenvolver a imaginação e a criatividade. - Perceba e valorize a importância da criatividade na Educação Visual. 		<p>através do desenho, de técnicas e materiais;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conhecer e dominar um conjunto de técnicas e materiais e ser capaz de os aplicar com correção. <p>LINGUAGEM VISUAL</p> <ul style="list-style-type: none"> - Expressar ideias através da linguagem visual; - Reconhecer a influência dos elementos visuais e usá-los com intencionalidade. - Identificar e estudar a linguagem visual, os seus elementos e a sua gramática; - Ser capaz de desenvolver respostas individualizadas e criativas . 	<ul style="list-style-type: none"> - Arrumação dos materiais e limpeza do local de trabalho; - Sumário E-Schooling (realizado pela professora orientadora). 	06 mins.	<ul style="list-style-type: none"> . Borracha branca . Afia 	
Articulação transversal		Matemática: Sólidos geométricos				

Adequações Curriculares

Aluno com PEI- Ao abrigo do artigo 8º do Decreto-Lei nº 3/200

Competências	Atividades
<ul style="list-style-type: none"> - Entenda o desenho como um processo de observação, registo e comunicação. - Compreenda a importância do desenho rigoroso em determinados tipos de representação. - Compreenda através da representação rigorosa das formas, os processos subjacentes à perceção do volume. - Conheça e aplique as técnicas básicas do desenho rigoroso na geometria plana e na geometria no espaço. - Utilize algumas convenções ou normalizações: escalas, traçados e cotagem. - Conheça e domine um conjunto de técnicas e materiais e seja capaz de os aplicar com correção na representação, na comunicação e na expressão. - Entenda a utilidade das linhas estruturantes e das linhas auxiliares na representação rigorosa. - Conheça e domine um conjunto de técnicas e materiais e seja capaz de os aplicar na representação, na comunicação e na expressão, usando o suporte de desenho – Diário Gráfico. - Utilize técnicas, processos e instrumentos para estimular e desenvolver a imaginação e a criatividade. - Perceba e valorize a importância da criatividade na Educação Visual. 	<p>Apoio Pedagógico Personalizado:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Intervir diretamente junto do aluno, na representação gráfica à mão livre e rigorosa do cubo (modulado), reforçando o desenvolvimento das competências. - O reforço das estratégias ao nível da organização e experimentação das atividades.

11. Anexo XI – Frases dos alunos sobre o Diário Gráfico

No final do ano letivo foi questionada a turma sobre a importância que o Diário Gráfico teve ao longo do ano letivo para o aumento da prática do desenho, e se sentiram que o seu processo criativo foi evoluindo.

As suas frases ilustram as respostas.

